



thief

PARTE UM

A VERY WELL DESIGNED PLAN

"O QUE DEVERIA SER APENAS UM ROUBO SE TORNOU
ALGO QUENTE, CONFUSO E TOTALMENTE PERIGOSO
PARA ELA".

UM ROMANCE DE
LARISSA CHAGAS



PERIGOSAS

um romance de
LARISSA CHAGAS

Thief

LIVRO UM

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Copyright © 2018 Larissa Chagas

DIAGRAMAÇÃO |

CRIAÇÃO E EDITORAÇÃO DA CAPA

Larissa Chagas

REVISÃO

Carla Pietro

É proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer forma ou quaisquer meio eletrônico, mecânico e processo xerográfico, sem a permissão da autora. (Lei 9.610/98)

Essa é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos na obra são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes e acontecimentos reais é mera coincidência.

Dedico essa história as meninas do wattpad, que acompanharam desde o primeiro capítulo e sempre me incentivaram a continuar escrevendo.

Obrigada pelo amor!

Sumário

<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Parte Um

.

um plano muito bem elaborado

Capítulo 1

ANTES QUE ESSA HISTÓRIA fique confusa para você, vou lhe contar um pouco da minha vida nada interessante.

Sempre dizem que os *fins justificam os meios*. E por mais que eu concorde com o *Aldous Huxley*, que os fins não podem justificar os meios, porque os meios usados determinam a natureza do fim que é alcançado, eu não via alternativa, sem ser essa, para alcançar o meu *fim*.

Meu pai... Bom, não sei se posso chamá-lo de pai, já que dele só recebo uma ligação por mês para me perguntar se estou bem.

Ok. Ele é meu pai! Mas não é presente!

Também não o culpo muito por isso, já que minha mãe — *que provavelmente deve está no estacionamento da Hell's ganhando 100£ por boquete bem sucedido* — fez questão de dar o *rabo* para o vizinho, e quando ele voltou do serviço pegou ela no flagra. Eu tinha cinco anos na época, mas ainda me lembro dos gritos eufóricos dela e da cama se chocando contra parece.

Cristo! Melhor nem entrar em detalhes.

Meu pai, claro, foi embora. Ele sabia que minha mãe era uma péssima *mãe*, porém não podia me levar. Servia as Forças Armadas dos Estados Unidos da América, passava maior parte do tempo fora. Não teria condições de me criar. Eu não tinha meus avós vivos e ambos eram filhos únicos. Resumindo, ficar com a minha mãe era a minha única opção.

Tenho um irmão de dois anos chamado Luckian. Infelizmente ele tem

uma doença no sangue. E, novamente resumindo, o tratamento é muito caro. E se a senhora, que eu ainda tenho a consideração de chamar de mãe, se importasse com ele e recorresse a justiça, talvez tivéssemos conseguido o tratamento bancado pelo governo.

Eu faço o possível para conseguir o dinheiro. Trabalho em um hotel como camareira de oito às dezesseis horas. À noite eu faço o que chamamos de bico. Sou conhecida virtualmente como *Sr Hacker* — sim, uso o *senhor*, porquê o mundo está cheio de babaca machista que acha que mulher não entende dessas coisas.

Maldita hora que fizeram a série Mr Robot!

Eu ofereço meus conhecimentos em tecnologia da informação para pessoas que... Bom, maior parte são bandidos, então eu não ligo. O que me importa é o dinheiro.

E antes que você pense que sou uma bandida de merda, lembre-se que eu mencionei o meu irmão ali. Eu faço isso por ele. São os *meios*.

Entretanto, ainda não era o suficiente. Tinha quase um ano fazendo isso e não consegui juntar nem a metade da metade que precisava.

Teria que tomar medidas extremas.

E foi aí que montei meu plano perfeito.

Invadir a *Health Hall*.

Não, você não entendeu errado.

Essa é aquela mansão que fica na The Bishops Avenue, que tem vinte e sete mil metros quadrados, um jardim de dois hectares e meio. Tem quatorze suítes, seis salas de recepção, uma sala de desenho, sala de jantar, sala da família, sala de sol, sala de jogos, sala de ginástica, biblioteca, cinema, sauna, adega... Acho que você entendeu qual é.

Ela pertence ao empresário Zedekiah Marshall.

E eu iria pegar um pouco do que é dele.

PERIGOSAS

Ele nem sentiria falta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 2

CERTO, CERTO. ACHO QUE DEIXEI VOCÊS bastante impressionados e com uma dúvida tremenda.

Como eu, uma simples camareira irei assaltar uma mansão? E por que eu vou assaltar logo uma mansão?

Por que não começar por uma loja? Um restaurante?

Pois bem, meus caros, eu respondo. Isso será de grande valia no meu julgamento.

1. Tudo nessa vida vicia. E eu não quero ser uma viciada em assalto. Preciso fazer um único ato criminoso.

2. Você acha mesmo que esses restaurantes aqui terão 2,5 milhões de libras no caixa?

2-1. Essa é a quantia exata que eu preciso para pagar todo o tratamento do meu irmão. E o Zedekiah Marshall tem muito, muito mesmo, mais que isso no cofre 06 atrás do *Vieux guitariste aveugle*, Pintura de Pablo Picasso.

Como sei disso?

Por favor, sem muitas perguntas. Há coisas na vida que é melhor não saber a verdade.

Faltava apenas três dias para colocar meu grande plano em ação. Eu já podia sentir a adrenalina tomar o meu corpo.

Isso seria mais emocionante do que transar na roda gigante em movimento — *meu ex-namorado conhecia o segurança do Parque, pagamos 500 libras por 30 minutos lá*. Só durou três minutos. E bom, pelos 3 minutos

dá pra saber porquê eu terminei com ele.

Rápido demais.

Eu estava terminando de arrumar minhas coisas na mochila, quando escutei um grito da minha mãe, seguido do choro do meu irmão. Saí rápido do quarto, indo para sala.

— Tira ele daqui! — ela gritou.

— Ele estava dormindo. Não tinha necessidade de gritar.

— Irei receber uma visita, preciso da casa vazia.

— Não vou ficar saindo de casa toda vez que você quiser *dar*!

— Olha como fala comigo, garota.

— Com a boca! Essa casa é minha, meu pai fez questão de deixá-la no meu nome, caso você tenha esquecido.

— Com você me lembrando a cada dez minutos, impossível!

— Ótimo.

— Irei receber a visita com você aqui ou não. Não me incomode com plateia.

— *Argh!* Como eu te odeio! — peguei meu irmão no berço. — Volto às dez horas, se a porra da sua ilustre visita ainda estiver aqui, amanhã mesmo eu vendo essa casa e você vai morar na rua.

— Assim como seu irmão. Acha mesmo que vou deixar ele com você? Eu sou a mãe.

— Ah, claro! Exemplo de mãe, que cheira a nicotina e álcool todo dia. Duvido que algum juiz seja mais desnaturado que você.

— Seu pai deveria ter te levado. Seria a única coisa de bom que aquele merda faria.

— Não fala assim do meu pai!

— Senão o que, Hayden? Se eu não sou o exemplo de mãe ele é o de

pai? Só liga pra você uma vez no mês.

— Pelo menos ele faz alguma coisa! — disse antes de pegar meu celular e minha bolsa no sofá e saí de casa com meu irmão no colo, batendo a porta com força.

Todo dia era sempre o mesmo inferno. E eu não podia fazer nada. Não deixaria essa cópia malfeita de *Britney Spears misturada com Madonna* levar o meu irmão caso saísse de casa.

— Não fica assim, Luck, meu plano vai funcionar. Vou denunciar nossa mãe por maus tratos e você vai poder iniciar seu tratamento.

— Mamãe! — aumentou o choro apontando para casa.

— Ah, não. Ela não presta! — coloquei-o no chão e me abaixei. — Eu vou cuidar de você, não se preocupe. Você não ama a *Hay* aqui?

Ele assentiu, coçando os olhos, mas cessando o choro.

— Ótimo. Agora vamos andar por aí... Quem sabe comer uma pizza.

— Pode?

— Hoje é seu dia de sorte, claro que pode. Mas só depois do seu remédio. — levantei, segurando a mão dele.

Ele assentiu ainda mais, agora estava sorrindo.

Obrigado senhor por dar a capacidade ao ser humano que criou a pizza.

Começamos a andar e meu celular tocou, era a Stephanie.

— Me diga que tem notícia boa! — disse assim que atendi.

— Onde você está?

— Andando por aí.

— Brigou com sua mãe de novo?

— Ste, quando é que eu não brigo com a minha mãe?

— Realmente.

— Alegre o coração dessa garota aqui.

— Tudo bem, eu consegui a vaga de garçonzete para você na festa do

Zedekiah.

— Isso! — soltei um *gritinho* comemorando.

— Eu sou a pior amiga do mundo, não acredito que estou te ajudando nessa loucura...

— Você é a melhor! Parte um do plano já está completa.

— Se você morrer eu te mato, Hayden!

— Eu não vou morrer, *tá* legal?

— Acho bom! — ela suspirou forte. — Tem certeza disso mesmo?

— É minha única opção. — olhei para o Luckian, que brincava com um pequeno dinossauro de plástico. Deveria ter adormecido com ele em mãos. — Não posso ficar parada enquanto meu irmão... — era difícil completar aquela frase.

— Aí, droga. Às vezes dá vontade de *socar* a sua mãe, desculpa por isso.

— Ah, nada novo para mim. Se pelo menos eu soubesse quem é o pai... Deixa isso pra lá. Então, o que tenho que fazer?

— Amanhã irão te ligar para maiores informações. E por Deus, Hayden, fique longe desse Marshall, ouvi dizer que pessoas milionárias são perigosas. Comecei a rir.

— Perigosas... Esse Marshall parece mais que sofre de transtorno de personalidade, toda semana está diferente...

— Só fique longe dele, *tá* legal. Vai que ele te reconhece, vê que você é uma das garçonetes, aí vai ser super fácil de te encontrar.

— Eu vou tomar cuidado, Ste. Vai estar lotado de pessoas lá, nem se ele quisesse iria me ver.

— Tome cuidado com os seguranças também! — ela disse. E não duvido nada que estava com uma listinha de coisas perigosas que eu deveria evitar.

— Calma, mãe, o roubo não é agora.

— Eu sei, mas estou muito nervosa. E com medo de alguma coisa dar errado.

— Pare com esses pensamentos negativos! Tudo vai sair como o planejado... e depois você vai poder escrever uma linda *fanfic* da minha história. Caso inclua um romance, quero o Cole Sprouse.

Ela deu risada.

— Você é muito idiota... Pare de zoar com minhas *fanfic*.

— Você sabe que não estou fazendo isso. Eu adoro o que você escreve. Talvez eu até abra uma editora só para você... Para quem vai roubar dois milhões, o que são cem mil a mais, não é mesmo?

— Obrigado, mas eu dispenso. Melhor se focar no seu irmão mesmo... Devo inscrever-me para ser jurada voluntaria caso você seja presa e vá a júri popular?

— Será de grande valia um voto ao meu favor.

— Lembre-se de apelar para o emocional.

— Claro, claro. Vou consegui... Tenho que terminar alguns aparelhos e conseguir uma arma.

— Uma arma?! Você vai matar o Zedd? — perguntou exasperada.

— Claro que não! Eu não quero ser uma assassina.

— Então?

— É apenas para segurança, ameaçá-lo para que não venha atrás de mim, caso me pegue, é claro. Esse vai ser o meu plano C.

— E qual é o B?

— Correr. — rir, meu irmão me acompanhou, mesmo não entendendo nada. — Eu não gosto de armas.

— Seu pai é um fuzileiro.

— Por isso mesmo. A qualquer momento uma arma pode ser a responsável por eu perder a única pessoa que liga para mim a cada mês para

certificar-se de que não estou debaixo de uma ponte, ou andando pelas ruas pedindo esmola.

— Você gosta dele. — ela disse brando, sabia que estava sorrindo.

— Eu sinto falta... — minha voz saiu um pouco abatida.

— Tudo bem, sem assunto triste antes do... Certo, preciso de um adjetivo para esse acontecimento, recuso-me chamar de assalto... Até amanhã, Hayden.

— Obrigado pela ajuda, é importante para mim.

— Eu sei.

— Até, Ste — desliguei a chamada.

Três dias.

Apenas três dias.

Capítulo 3

VOCÊS JÁ TIVERAM UM ORGASMO?

Tudo bem, a pergunta é pouco constrangedora para quem não teve. Mas tente entender minha metáfora.

Quando estamos lá, absorvendo toda aquela sensação maravilhosa e avassaladora, como se sua alma tivesse prestes a sair do seu corpo e você não tivesse dando a mínima para isso pois está tendo, de fato, a melhor sensação carnal que a vida pode lhe oferecer. E de repente, *BUM!*

Você chegou *lá*.

Então. É assim que eu estou me sentindo em relação a esse assalto. Ainda na primeira parte, é claro. O *bum* virá quando abrir o cofre e der de *cara* com os milhões.

Enquanto isso, estou absorvendo toda essa adrenalina maravilhosa.

Nunca pensei que três dias demorariam tanto para passar como esses. Eu estava prestes a enlouquecer de tanta ansiedade.

— Senhor, tenha pena da alma da minha amiga... — cochichou a Ste ao meu lado.

— Eu já falei para você que não vou morrer... E nem ser presa! — disse antes que ela me contestasse.

— Ainda dá pra desistir, vamos pensar em outra coisa.

— Não. Eu já estou aqui, já gastei dinheiro com os equipamentos... Não vou desistir agora. Mas juro pra você que se eu ver que não vou conseguir, eu vou embora.

— Jura mesmo? — ela estava com cara de choro. Parecia até criança.

— Juro pelo *Rio Estige*.

— É um juramento muito sério, você não pode quebrar!

— Eu sei. Agora se me der licença, tenho trabalho para fazer...
Definitivamente, *né*. Terei que servir esses ricos idiotas.

— Certo. Vou levar o Luckian na lanchonete, quando precisar de mim, me ligue.

— Ok. — olhei para meu irmão que estava distraído brincando com os dinossauros de plástico no chão. — Luck! — me abaixei para ficar do tamanho dele. — Não dê trabalho a tia Ste, ok? — ele assentiu, mas ainda estava distraído com os dinossauros. — Se sentir alguma dor você avisa a ela. Qualquer dorzinha... qualquer mesmo...

— Irei ficar de olho nele, Hay.

— Tudo bem. Obrigado.

Dei um beijo em meu irmão e peguei minhas coisas no porta malas do carro.

Não iria desistir. Estava quase lá.

Eles entraram no carro e eu acenei dando tchau até que se afastassem.

Lentamente, fui caminhando para a *Health Hall*. Estava tudo tão iluminado, movimentado e barulhento. Previsível, era uma festa. *Uma festa numa mansão.*

Me dirigir até a entrada dos fundos, o que demorou um pouco. — *Vocês já deram a volta em 2,5 hectares? Creio que não. Afirmo que é cansativo.* — Era por lá que os funcionários entravam. Um segurança, que parecia mais uma muralha humana, me parou na porta.

Eu nem preciso dizer que nessa hora o meu *cu* travou. Sei que deveria parecer a pessoa mais tranquila da face da terra para que não denunciasse nada, mas se vocês vissem esse homem também ficaram como eu.

— Onde está? — perguntou ele.

— O-o quê? — quase tremi.

— Sua carta de apresentação, garota.

— Ah, sim! Claro. A carta. A que me deram... A carta... — parei de assentir quando notei que estava ficando constrangedor.

Abri minha mochila e tirei o envelope pardo de dentro, entregando a *muralha*. O mesmo pegou o celular e posicionou no código QR da carta.

A carta tinha um código QR? Claro que tinha!

Eu deixei bem claro de quem era aquela festa e onde era aquela festa. Não se impressionem com isso.

— Nome e idade? — perguntou ele.

— Hayden O'Brien. Dezenove anos.

Ele conferiu as informações no celular e passou um tempo olhando para o aparelho e para mim.

— Tudo ok.

Suspirei aliviada.

Não que tivesse falsificado nada ali. Eu só estava com medo de que algo desse errado, não finalizar meu plano por uma besteira.

Muralha me entregou um saco com roupas, obviamente as que eu iria usar como garçoneiro, e um cartão.

— Precisa passar o cartão naquele aparelho ali quando sair — ele apontou para um leitor de cartão que estava logo atrás dele — e devolver as roupas naquela sala. — apontou para uma porta com número três na frente. — Não se esqueça!

— Ok.

— O que tem na mochila?

Cu travando de novo.

— São minhas roupas... Eu não moro aqui, vim de longe...

— É uma mochila grande. — ele semicerrou os olhos. O que o deixou ainda mais assustador.

— S-sabe como é mulher. Muita maquiagem, produto...

— Fique parada. — ele ergueu a mão direita.

E puta que pariu! Se eu levasse um tapa daquela mão com certeza iria quebrar o pescoço.

Com as forças ocultas me ajudando, Muralha fez exatamente o que eu havia previsto. Usou o detector de metal portátil.

Eu tinha uma *arma*, um tablet com programas para que pudesse invadir o sistema de segurança e hackear o cofre, alguns cabos adaptadores e um bloqueador de sinal.

Claro que o tablet e os outros passam despercebidos. Mas a arma... Bom, vocês sabem.

Coloquei a mochila na parte da frente do corpo. Lentamente – *com um pouco de pressa* – abri o zíper da frente, enquanto o segurança batia freneticamente no detector para ligar, e tirei a arma colocando na minha cintura.

Muralha pegou minha mochila, sem nenhuma delicadeza, e começou a revistar. Abriu os dois bolsos da frente e encontrou maquiagem. Abrindo o terceiro bolso ele encontrou o tablet e os cabos.

— Pra quê essas coisas? — ele perguntou.

— Isso é bastante invasivo — ele me olhou torto —, mas respondendo a sua pergunta, tenho que levar isso para um amigo... Sabe como é, garotos e suas tecnologias. — revirei os olhos.

Ele fechou os bolsos e abriu o do meio. Tinha, propositadamente, calcinhas e absorventes higiênicos.

É, tem uns homens que ficam constrangidos com coisas de mulher. E Muralha era um deles.

Ele me entregou a mochila sem fechar. E não me deu tempo para que fizesse.

— Abra os braços! — ordenou.

— Olá. — disse alguém atrás de mim. Muralha logo foi abrindo o sorriso.

Aproveitei que ele estava *babando* na loira para jogar a arma para parte de trás.

Sei que vocês devem estar se perguntando; Hayden, o detector de metais não vai apitar quando ele passar pelo seu corpo?

Isso deveria acontecer sim. Mas vocês lembram do bloquear de sinal que o segurança só não viu por causa dos meus pertences íntimos? Ele também diminui a frequência desse tipo de aparelho — *eu que projetei, modéstia a parte, eu sou incrível.*

E o detector só iria apitar se passasse, *literalmente*, por cima da arma.

Fechei minha mochila, coloquei no chão, atrás de mim e abri os braços. O segurança estava conferindo a carta da moça, e talvez flertando com ela.

Ele passou o detector por toda parte da frente do meu corpo e girou o dedo no ar para que eu me virasse.

Ainda de frente, peguei minha mochila e ergui até minha cintura, segurei na arma e passei para parte da frente do meu corpo no mesmo momento em que eu virei de costas para Muralha.

Ele passou o detector de novo.

E nada.

Graças a... *Ok, não posso agradecer a Deus.* Eu vim fazer uma coisa ruim com finalidade boa.

— Entre!

— Obrigado. — passei por ele sorrindo.

Eu consegui.

Segui o longo corredor até ser parada por uma mulher de terno.

— Nome? — perguntou ela.

— Hayden O'brien.

— Certo... — ela olhou para prancheta na mão. — Você vai ficar responsável em servir os *Marshall*.

— O quê?

— Está surda, criança? Vista o uniforme, passe uma maquiagem e vá para cozinha. Lembre-se, nunca deixe a mesa do Sr. Marshall vazia!

— Ok. — assenti.

— O banheiro é logo ali. — ela apontou para uma porta atrás de mim, então eu entrei na mesma.

Claro!

Que sorte do caralho eu tenho.

Tinha que evitar o dono da casa e agora iria ficar com a minha *fuça* na dele toda hora.

Eu seria apenas a garçonete, ele não iria olhar para mim. Digo, cheio de mulheres bonitas, ricas e esnobes nessa festa, ele não ia lembrar do meu rosto...

Enaltecendo que, *caso meu plano falhasse.*

Entre em uma cabine e tirei meu uniforme da sacola. Coloquei a arma na parte de baixo da mochila e então tirei a minha roupa. Já estava acostumada com aquele tipo de traje, antes de ser camareira no hotel fui garçonete, então vestir sem dificuldade.

Saí da cabine e fui para o espelho.

Maquiagem não era muito a minha *praia*, gostava mais de ficar natural, porém eu usava sempre que necessário.

Enquanto passava a base no rosto, vi a mulher loira que o Muralha estava flertando saindo da cabine.

— Olá. — ela disse sorrindo.

— Oi.

— Amélia. — estendeu a mão para mim.

— Hayden. — cumprimentei-a.

— Olha, vamos trabalhar juntas! — ela apontou para o *ZM* bordado no colete. — Todos que estão com ele amarelo vão servir os Marshall.

— Aaaah... — disse, sem o menor interesse e voltei a terminar minha maquiagem.

Amélia não fez nada menos que prender o cabelo e passar batom — estava entupida de maquiagem —, e saiu do banheiro.

Depois que terminei de me arrumar, peguei meu celular e mandei uma mensagem pra Ste.

Mensagem de texto:

Tudo Ok, eu consegui entrar, agora vou trabalhar. Estou ganhando 350 libras por hora.

Arrumei minhas coisas na mochila e guardei no armário.

Saí do banheiro e fui para cozinha.

Eu tinha que aturar essa festa por quatro horas e evitar ao máximo o Sr. Marshall...

Ok, *Moros*, você é o *deus da sorte*, então me ajuda aqui.

Capítulo 4

DEPOIS DE UMA HORA INDO E VOLTANDO servindo a mesa do Zedekiah Marshall, notei que ele não estava dando a mínima atenção para quem o servia. Estava mais interessado em conversar com aqueles que estavam a sua volta.

E não que eu estivesse com uma placa de LED na minha testa escrito "*vim assaltar essa mansão*", mas tinha que tomar cuidado. Se o Marshall me pegasse e fosse o tipo de pessoa com memória fotográfica seria fácil me encontrar. Eles tinham meus dados no sistema, fui contratada por uma empresa.

Então, decidi tomar cuidado com os seguranças, evitando ao máximo o contato visual.

Quatro horas depois — *sim, foram realmente pontuais com o término da festa. E advinha? Eu nem sabia o que estavam comemorando* —, os convidados foram indo embora e a Pietra, a mulher de terno que eu encontrei no corredor assim que entrei, me pediu para recolher as taças vazias da mesa e em seguida poderia trocar de roupa e ir embora.

Fiz o que ela me pediu e depois fui para o banheiro. Peguei minha mochila no armário e entrei numa cabine.

Configurei o bloqueador de sinal para um *localizador de sinal* e conectei ao meu tablet. A casa era muito grande, então iria demorar um pouco até que o localizador fizesse o reconhecimento.

Aproveitei esse momento para trocar de roupa.

Eu queria muito usar um conjunto todo preto, para me camuflar no escuro, mas achei meio desnecessário.

Peguei a arma, chequei a munição e coloquei na cintura.

Olhei para o tablet e vi que a leitura já estava terminando.

Não fiquei impressionada com o tanto de segurança que tinha naquela casa, era de se esperar.

E pronto.

Eu estava com todo o acesso.

Guardei tudo na minha mochila e saí da cabine. As mulheres que estavam no banheiro começaram a sair, então aproveite e saí junto com elas. Entreguei a roupa na sala e aproveitei que tinha bastante gente para fechar o ponto e fui voltando de fininho para o banheiro.

Entrei na cabine de novo e tirei o tablet da mochila. Acessei a câmera do corredor e dei repetição do momento que eu saí do banheiro.

Na câmera vinte e três, vi que não tinha mais ninguém passando o cartão para sair. Então entrei no sistema do leitor e digitei o código do meu cartão. Logo apareceu que estava liberado.

Para todos os efeitos eu não estava mais naquela casa.

Peguei meu celular e liguei para Stephanie.

— Meu Deus, me diga que você está bem? — disse ela, assim que atendeu.

— Olá, Ste. Eu estou bem.

— Graças a Deus!

— *Moros*.

— O quê?

— É que estou contando com a ajuda do deus *Moros*.

— Vou ignorar isso.

— Certo. Preciso que em vinte minutos você passe em um mercado e

compre alguma coisa com o meu cartão de crédito e depois vá até o caixa eletrônico mais próximo e saque algum dinheiro.

— Pra que isso?

— Eu te falei. Pra provar que eu estava em outro lugar se chamarem os funcionários para depor.

— Ah, claro! Certo, farei isso.

— Obrigada. Como está o Luckian?

— Dormindo agora. Dei a medição dele no horário.

— Ótimo. Obrigada por isso.

— Não irei tomar seu tempo e nem querer saber como você conseguiu entrar com aquele *raio* de arma... Tome cuidado. E boa sorte.

— Foi até emocionante, agora que a tensão passou. Preciso cuidar da segurança. Quando estiver saindo eu te ligo.

— Ah claro, serei sua motorista de fuga.

— Exatamente. Até.

— Até, Hayden.

Desliguei a chamada.

Agora eu só tinha que esperar até que todos saíssem e a mansão ficasse vazia. Sentei no chão e fiquei olhando o movimento da casa. Eram exatas noventa e sete câmeras de segurança. Na câmera cinquenta e três vi o Marshall. Ele estava no closet tirando a roupa.

Deus.

Eu sabia que não devia olhar.

Achei muito estranho ter uma câmera naquele cômodo.

Tipo, o que de tão importante deve ter ali para querer uma câmera?

Ou *então*, talvez ele nem soubesse da existência dela...

Ele tirou o terno, em seguida desatou o nó da gravata e a tirou junto com a camisa. Ele tinha o torso completamente tatuado. E por estar longe, não

consegui ver detalhes. Mas vou confessar que achei tremendamente sexy. Caras tatuados fazem o meu tipo.

E ok, eu disse que ele é um riquinho babaca e egocêntrico — *todos os meus sentidos me dizem que ele é o tipo de pessoa que não presta* —. Ainda acho isso dele, mas se o conhecesse na estrada da vida, *daria* para ele sem problema. As vezes que eu me aproximei dele, não passando de dois metros de distância, pude reparar na sua beleza. Tinha um sorriso lindo, e seus olhos castanhos deixava muitos azuis no *chinelo*.

Zedd desabotoou a calça e desceu o zíper, abriu uma porta no armário e tirou uma calça, que ao meu ver parecia ser de moletom — a câmera não ajudava muito e minha tela era pequena, sem falar na minha visão limitada.

E puta que pariu.

Ele desceu a calça social junto com a cueca.

Se ele tivesse de frente, eu teria visto o seu pau. Ao invés disso, contemplei a bunda.

Não sei se felizmente ou infelizmente.

Iria ficar no tédio por horas, seria bom me distrair com um homem pelado.

Ele vestiu a calça moletom, jogou as roupas no cesto e saiu do closet.

Não precisa ser nenhum gênio para perceber que ele iria ficar em casa.

O que era péssimo!

Minha fonte disse que ele não dormia nessa mansão, e sim no apartamento em Kensington.

Não iria entrar em desespero agora. Ainda daria para executar o meu plano. Eu só teria que ser extremamente silenciosa.

Ia sair da câmera cinquenta e três, mas o Zedd voltou para o closet com Muralha. Então resolvi continuar, era um bom entretenimento.

Eles pararam em frente a uma porta do armário e conversaram algo — eu

praguejei mentalmente por não ter som. O Zedd se afastou da porta e o segurança a abriu. Logo algo caiu e os dois olharam para a *coisa*. E quando Muralha a levantou, eu pude ver que era uma *mulher*.

Ele tinha uma mulher no armário.

Tinha a porra de uma mulher no armário dele!

A criatura estava claramente inconsciente, e eu estava fazendo uma oração mental para que a mesma não estivesse morta. Provavelmente bebeu demais, estava fazendo graça na festa e o Zedd resolveu colocá-la no armário...

Normal.

Muralha jogou a mulher no ombro e saiu do cômodo. Rapidamente eu o procurei na câmara mais próxima, a que dava no corredor.

Fui segundo ele até o estacionamento. O Zedd tinha ficado no quarto provavelmente, já que o mesmo não acompanhou o segurança. Ele abriu o porta malas e jogou a pobre mulher sem delicadeza alguma. Então entrou no carro e saiu para sabe-se lá Deus onde.

E eu nem podia procurar a polícia para alertá-los disso. Como iria explicar, de forma que não me denunciasse, que o Zedekiah Marshall tinha uma mulher dentro do armário dele?

Meu primeiro pensamento foi levantar, arrumar minhas coisas e sair do caralho dessa casa. Iria sim jogar tudo para cima. Se o Marshall tinha uma mulher no armário que possivelmente mandou desovar em qualquer lugar, o que ele faria comigo que estaria roubando o seu dinheiro?

Era muito arriscado.

Mais do que eu previ na verdade. Não achava que ele seria tão cruel.

Porém, o meu irmão precisa desse dinheiro. Ele merecia uma vida. Uma vida sem dor. Me partia o coração ver uma criança tão nova sofrer tanto, e a própria mãe não fazer exatamente nada!

— Querido *Moros*, caso você esteja me dando uma sorte limitada, se for para eu morrer, que seja depois que consegui pegar o dinheiro. — falei olhando para cima.

Conectei o tablet no localizador de sinal e entrei no sistema de segurança da casa novamente.

— Ok, lá vamos nós.

Capítulo 5

ALGUMAS HORAS DEPOIS SENTADA NO CHÃO DO BANHEIRO

— *e tentando ao máximo não pegar no sono* —, o movimento na casa parou.

Muralha não voltou seja lá de onde ele tenha ido, e o Zedekiah Marshall não tinha saído do quarto.

Passei mais quarenta minutos no banheiro checando todas as câmeras para ter a devida certeza. As exatas duas da manhã o sensor de movimento foi ativado, mas eu já tinha o programado para dar repetição.

Como assim eu dei repetição em um sensor de movimento?

Simples, deixei ele *cego*, porém ativado. Poderia explicar mais detalhadamente, mas creio que vocês não tenham paciência para isso.

Coloquei o bloqueador de sinal dentro da mochila e passei as alças nos ombros. Fiquei com o tablet na mão, pois tinha que checar as câmeras sempre. Abri a porta do banheiro e, respirando exageradamente fundo, saí de lá.

Nem preciso descrever o nível em que a minha adrenalina estava. Meu coração batia tão forte que eu até temia ter uma parada cardíaca e morrer ali mesmo no corredor.

Não seria nada estranho para o senhor Marshall, apenas mais uma mulher encontrada inconsciente em sua casa.

Eu ri com o pensamento, mas parei assim que vi o quão grave aquilo seria.

A casa estava pouco iluminada, o que era ótimo, me guiei apenas pela

luz que vinha do meu aparelho. Subi a enorme — *enorme mesmo* — escada devagar. Evitando fazer o menor dos barulhos. O cofre ficava no segundo andar, então tive mais uns vinte e três degraus para administrar.

E assim que cheguei no outro cômodo dei de cara com o *Vieux guitariste aveugle*. Ele não era muito grande, mas era bonito. Nunca tinha visto uma obra de arte como essa pessoalmente.

Coloquei as luvas, chequei as câmeras uma outra vez, e então retirei o quadro do lugar com extrema calma e cuidado, colocando-o no chão em seguida.

E lá estava ele. Cofre Yale Standard Home com Biometria.

Sim. Biometria.

Iria dar um pouco mais de trabalho, porém eu já tinha feito isso duas vezes — minha mãe comprou um cofre assim, achou que eu não ia conseguir abrir. *Pobre mulher, não conhece a filha que tem*. Peguei o dinheiro, *das vidas feitas por ela*, duas vezes quando precisei para comprar a medicação do Luck. Nem preciso dizer a briga que deu, *né*? Acho que deixei bem claro a personalidade escrota da minha mãe.

Antes de tocar no cofre, desliguei todos os alarmes da casa. Demorou três minutos para que meu tablet lesse o programa e executasse a tarefa — eu me xinguei mentalmente por não ter feito isso antes.

Tirei a mochila dos ombros, colocando no chão, e peguei uma pequena chave de fenda — que estava dentro do meu rímel (*certo, vou explicar; eu peguei uma embalagem de máscara de cílios, cortei o pincel, coleí a porta de uma chave de fenda do lugar e limpei o conteúdo do frasco, simples*). Retirei os parafusos que tinham na frente e a tampa, onde ficava o teclado e o pequeno painel de led, saiu.

Chequei as câmeras novamente — só as principais a minha volta —, peguei o alicate e um cabo na mochila. Conectei o cabo no tablet, cortei os

dois fios vermelhos do cofre — vermelho é a cor da sorte nesse caso —, e ele logo desligou. Juntei a ponta dos fios que cortei no cabo que conectei no tablet. Então o cofre ligou de novo. Agilizei as coisas e fui logo dando início ao programa para criptografar o sistema.

Cada segundo que passava minha pulsação aumentava. Apareceu erro por duas vezes. E se aparecesse uma terceira, o cofre ia reiniciar e soar alarme. Isso claramente seria horrível para mim.

Em alguns minutos apareceu o número três no painel, seguido do nove, sete e cinco. Eu tinha conseguido a senha.

Quis gritar de felicidade nesse momento. Mas sabia que tinha que me conter.

Tirei a digital do Marshall — *sim, digital! Não falei sobre isso?* Perdoe-me então. Pensei que ao decorrer da narrativa algumas coisas ficariam previsíveis e fáceis de deduzir — Quando fui retirar as taças da mesa, para que mais bebidas fossem servidas, aproveitei para pegar a taça que o Zedd estava bebendo champanhe e escondi sorrateiramente enquanto ia para cozinha, pedi um tempo para ir ao banheiro então peguei uma fita adesiva — que uso para fazer um olho de gato perfeito — e transferi a digital dele para a mesma.

Eu já teria que fazer isso, porém seria mais difícil se eu não tivesse essa exclusividade em servi sua mesa. Então, no fim das contas foi até bom isso ter me acontecido.

Continuando, coloquei o adesivo sobre o meu dedo e pressionei no leitor do cofre.

Foram os sete segundos mais aterrorizantes de toda minha vida.

O cofre apitou — *nada escandaloso* — e então abriu.

Putá que pariu.

Abri o cofre por completo e peguei um notebook que tinha ali. Não perdi

tempo e foi logo pegando outro cabo adaptador e conectando ao meu tablet.

Sentei no chão, abri o notebook e esperei até que o programa me liberasse a senha de novo.

O quê?

Você achou que no cofre ia ter notas de dinheiro? E como é que eu iria levar dois milhões e meio de libras em notas sozinha para fora daquela mansão?

Impossível.

Eu ia apenas transferir o dinheiro da conta dele para uma conta que fiz, e faria isso sem deixar rastros. Quando Marshall desse falta do dinheiro, nunca saberia como ele sumiu.

Eu tinha que ser rápida, os minutos estavam passando e eu temia que o Muralha voltasse ou o Zedd acordasse.

Em dois minutos eu estava com acesso a conta dele. Um minuto depois digitei os números da conta para transferência.

E em apenas dez segundos, a transação foi concluída.

— Puta que pariu, eu roubei um *cara*! — falei colocando a mão na boca.
— Preciso sair logo daqui!

Dei um apagão no notebook e entrei na conta de novo. Verifiquei e vi que não tinha histórico de nenhuma transferência. Desliguei de novo, desconectei do meu tablet e coloquei dentro do cofre, fechando em seguida.

Tirei o cabo dos fios e juntei-os neles mesmos. Nisso o cofre desligou, mas com a junção dos fios ele ligou de novo. Coloquei a tampa no lugar e enrosquei os parafusos. Peguei o quadro e pus de volta no lugar.

Coloquei tudo a *culhão* na minha mochila. Verifique as câmeras e ainda estava tudo normal e o sensor de movimento ainda estava em modo de repetição. Coloquei o tablet no bolso da frente mochila e caminhei para as escadas.

Minha vontade era de sair correndo. Eu estava com mais medo agora do que quando vi a pobre mulher do armário.

Quando cheguei na escada do primeiro andar, tropecei no meu próprio pé e quase desço embolando escada a baixo. *Mas graças aos meus reflexos de gato isso não aconteceu.*

Em aproximadamente cinco metros da porta da frente, eu congelei. Todas as luzes se acendem e eu escutei passos.

— *Não, não!* — sussurrei.

— Então temos uma ladra aqui... — a voz do Zedd ecoou pela mansão como se fosse a *porra* de um deus. — Isso vai ser interessante, estava mesmo precisando de uma distração...

Virei-me e pude vê-lo no meio das escadas. Estava de roupão e de calça moletom, *vermelha*. Ele foi descendo lentamente cada degrau.

E por Deus!

Se eu não tivesse a certeza de que viera ali para assaltar a casa dele, teria me ajoelhado e cantando *louvado seja Zedekiah Marshall*.

Ele tinha um jeito tão majestoso de se mover, e eu não entendi porque não notei isso durante a festa.

Talvez estivesse focada demais em evitá-lo que não vislumbrei isso.

— Uma garota invadiu a minha casa... — disse ele, agora estava mais próximo de mim, mas eu estava mais próxima da porta.

Certo. *Plano C então.*

Tirei a arma da cintura e apontei para ele, que parou automaticamente.

— Nossa, uma arma... — o homem apenas ergueu as sobrancelhas.

— Nem mais um passo. — tentei fazer com que minha voz soasse mais firme possível. *Falhei miseravelmente.*

— Senão o que? — ele perguntou. Todavia não estava nem um pingo assustado, impressionado, ou qualquer outro sinônimo para essas palavras.

— Acho que você sabe o que uma arma faz.

— Sim, sei. — ele caminhou até o sofá e sentou.

Ele sentou na porra do sofá com a arma apontada para ele.

Ou esse homem é realmente um Deus imortal ou eu não sou uma pessoa intimidadora nem segurando uma arma letal.

— Estou curioso para saber como você entrou aqui... O alarme não soou. O que você fez? — ele cruzou as pernas em cima do sofá e uma parte do seu roupão caiu, deixando seu corpo a mostra.

Inferno. Ele estava tão sexy!

Que caralho estava acontecendo comigo?

— Quando uma pessoa faz uma pergunta, a outra responde. — ele disse, olhando diretamente nos meus olhos. — Puta que pariu! Você é uma das garçonetes. — ele levantou do sofá.

— Eu vou sair por aquela porta e você vai ficar aí.

— Não, querida, você não vai sair dessa casa enquanto não me disser como entrou aqui e o que pegou de mim. — sua voz soou extremamente ríspida.

Ok. Ele sabe colocar medo em um ser humano.

Senti algo na minha cabeça, mas devido a sombra que se formou em minha volta, soube que não era coisa boa.

— Larga a arma, criança. — *Muralha* falou. — Quando você pensar em destravá-la para atirar, seus miolos vão estar no chão... E talvez na cara do chefe.

— Eu sinceramente não quero que isso aconteça. — falou Zedd, se sentando de novo. — Ele está com uma *submetralhadora HK MP5*... Acho melhor fazer o que ele pediu.

Abaixei minha mão e logo minha arma foi retirada de mim.

Bom, não tinha mais como fugir. Reconheço uma derrota quando vejo

uma.

— Eu estou sinceramente muito curioso para saber como você ficou aqui. — ele mexeu no bolso do roupão e pegou algo. — Se pegou alguma coisa importante o alarme deveria soar. — ele fez um movimento com as mãos e o segurança puxou minha mochila.

— Não! — gritei, e quando me virei dei de cara com a submetralhadora.

Apavorante.

— Larga!

Permite que ele pegasse minha mochila, e o mesmo jogou-a para o Zedd, que abriu e começou a tirar as coisas de dentro.

— Ok, não temos nada que me pertence aqui. O que você pegou?

Fiquei calada. Sinceramente, eu já tinha conseguido o dinheiro. Ele nunca saberia para onde eu tinha mandado.

Só se me torturasse até eu contar.

— Vamos começar com o básico — continuou Zedd. — Qual seu nome?

Continuei calada.

— Eu estou sendo terrivelmente paciente com você, garota. E estou tentando não acreditar que se eu não tivesse descido para tomar uma água, porque a droga do meu frigobar quebrou, você sairia por aquela porta com algo que me percebe e eu nunca saberia... E só de pensar nisso me dá raiva. Então colabore comigo, o que você pegou?

Não falei nada. Mas dessa vez não foi porque não queria, e sim porque ele estava segurando o meu pescoço.

Seus olhos estavam mais escuros, e sua expressão séria, desmontando irritação. Sua mão apertava o meu pescoço com força e eu estava claramente sufocando.

— Chefe, ela não vai falar assim. — disse Muralha, mas Zedd continuou apertando. — Chefe...

Ele me soltou e eu comecei a tossir involuntariamente.

— Ou você pegou algo, ou colocou algo aqui... Quem te mandou? — Marshall perguntou, e dessa vez estava gritando.

— Ninguém... — falei com um fiasco de voz. — Vim por vontade própria.

— Ok. E o que você ia levar? Dinheiro? — ele voltou a sentar no sofá. — Responde!

— Eu não peguei nada. Pensei que a casa tinha algum cofre que eu poderia pegar dinheiro, mas não achei. — menti.

Zedd ficou me olhando por um minuto inteiro.

— Está mentindo! Tem esses cabos, um tablet é esse *negócio* aqui... Você pode parecer uma garota normal, mas algo você fez. E ainda não me explicou como burlou a segurança da casa!

— Por favor, só me deixa ir! Eu não levei nada, não tem nada comigo...

— Então fala! Qual seu nome?

Não respondi. Eu não podia.

— Já vi que gosta de testar a paciência que não tenho... Ela é uma das garçonetes, *Dakota*, lembra o nome?

— Não, senhor. O rosto eu reconheço, mas não lembro o nome.

— Ok. Leve-a para a sala e a amarre... Bem forte. Se ela não fala por bem, vai falar por mal. — disse Zedd, levantando do sofá e caminhando para as escadas.

Dakota — que eu prefiro chamar de Muralha — me pegou pelo braço sem delicadeza e me arrastou pela casa.

Ok. Eu vou morrer.

Muralha levou realmente a sério a parte de me amarrar com força.

Uma corda bem grossa estava enroscada no meu corpo. E minha boca estava com uma fita adesiva. *Nunca pensei que isso me aconteceria.* Eu me sentia em um filme de ação, no qual a adolescente problemática era sequestrada e seu pai, que era um homem muito foda, iria resgatá-la.

Não sei por quanto tempo fiquei naquela sala — *que a propósito não tinha nada além de mim e a cadeira que eu estava sentada* —, a mesma tinha paredes cinzas e uma lâmpada fluorescente iluminava o lugar.

Ali tive tempo suficiente para pensar. Não podia contar ao Zedd meu nome, mesmo já cogitando a ideia de que provavelmente ele já deve ter descoberto. Tive provas o suficiente de que ele é uma pessoa perigosa, e eu não queria que ele fosse atrás da minha família — vou incluir minha mãe nesse pacote por pura misericórdia.

Entrei um pouco em desespero por lembrar que ele estava com as minhas coisas e que a Stephanie poderia me ligar, afinal ela não sabia o que tinha acontecido e provavelmente deve estar surtando.

Eu só tinha que pensar no que fazer. Eu tinha que dar um jeito de sair daquela casa. E viva, de preferência.

Caralho, Hayden, pensa! Você é uma garota inteligente.

Fiquei encarando a grande porta de madeira. Não sei quanto tempo aquilo durou — convenhamos, não iria ficar contando os minutos. —, mas acabei sendo vencida pelo cansaço. Adormeci.



Acordei com carícias no meu rosto, e por um momento até achei que estava na casa do meu ex namorado, ele tinha mãos macias como essa que tocava minha pele. Mas esse pensamento mudou assim que percebi que ainda estava
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

amarrada e pelo homem que me encarava sorrindo.

— Bom dia, querida Hayden! — disse Zedd.

Caralho! Ele descobriu. Ótimo.

— Me desculpe pela má instalação. Mas não é todo dia que uma garota invade a minha casa e rouba algo meu... — continuou ele, que por sua vez se afastou de mim, ficando de costas, e acendeu um cigarro, vi por causa da fumaça e o barulho do isqueiro. Dessa vez ele estava só de cueca e roupão. *Ainda estava maravilhosamente sexy.* E eu me xinguei mentalmente por ter esses pensamentos. — Ontem eu fui um pouco agressivo, eu admito. Você me pegou em um dia péssimo... Tive uma briga feia com minha ex namorada, ela é um pouco problemática e não estava aceitando nosso término... Que descanse em paz...

Agora tive a certeza do que aconteceu com a garota.

Ele se virou, e *puta merda*, o pau dele estava duro.

E não que eu estivesse encarando as partes dele, mas tinha um imenso volume na cueca, e o mesmo empurrava o tecido, deixando nítida sua vasta ereção.

Não pude conter minha cara de espanto, e o Zedd notou.

— Desculpe por isso... — ele tragou o cigarro apontando para seu membro. — Mulheres amarradas me deixam com tesão. Em outras circunstâncias eu estaria te fodendo agora, mas não estamos aqui para isso... *Infelizmente*, já que você não é de se jogar fora, *babe*... — ele se aproximou de mim e passou a mão no meu rosto.

Não sabia se ficava apavorada, lisonjeada ou constrangida com aquele comentário. Acho que um pouco de cada era o suficiente.

— Vamos ao que interessa, serei direto... — ele tirou a fita da minha boca e eu soltei o ar com força. — Eu descobri o seu nome, onde você trabalha e onde você mora. E *Sokovia* só precisou de trinta minutos com sua

mãe para descobrir detalhes ridículos de sua vida!

— Que porra é Sokovia? — perguntei.

— Um dos meus homens.

— E todos seus homens tem nome de cidade?

Ele deu um sorriso de lado. — Não tente me irritar hoje, Hayden, eu estou um anjo, mas não me importo em virar um demônio...

Engoli seco. Seu olhar passou de calmo e assumiu o mesmo de quando ele estava me enforcando.

— Se já sabe quem eu sou, pode chamar a polícia... — falei.

— Polícia? — ele gargalhou, o que me deixou confusa. — Não é a polícia que resolve os meus problemas, garota! — o mesmo soltou a fumaça no meu rosto, o que me fez tossir involuntariamente, e sentou no meu colo.

Sim, ele sentou no meu colo.

Eu podia sentir as bolas dele na minha coxa. *Putaquepariu*. Se esse homem não estivesse me causando tanto medo, poderia achar isso maravilhoso, contando o fato de que o pau dele estava quase saindo da cueca.

— Eu vou perguntar e quero que você responda. Caso contrário irei adorar atirar na cabeça do seu irmãozinho. — ele sorriu, claramente se divertindo com o comentário. Meus olhos se arregalaram.

Claro que eu iria acreditar. Eu estava tremendo de medo. *Tremendo mesmo!* Eram nítidos os meus espasmos involuntários.

— Calma, *babe*. Não irei fazer nada se você responder as minhas perguntas, ok?

Assenti. E fiquei surpresa por consegui ter um pouco de controle sobre o meu corpo.

— Graças a sua mãe, soube que você é uma Hacker... — ele apoiou os braços no meu ombro e chegou mais perto do meu rosto. — Há quanto tempo

você estava tentando hackear o sistema de segurança?

— E-eu- — ele me olhou irritado. E isso claramente não ajudava na minha situação. Mas respirei fundo e tentei me controlar. — Eu não estava tentando.

— Não mente pra mim, Hayden! — ele segurou meu rosto, me forçando a olhar para ele.

— Não estou mentindo... Não fiz nenhuma tentativa.

— Então está me dizendo que conseguiu invadir um sistema de segurança de trezentas mil libras em apenas uma noite?

— Sim...

Ele começou a rir e levantou do meu colo.

— Puta merda! Você é a porra de um robô? — ele ainda estava rindo. — Pedi para que olhassem as câmeras e o sensor de movimento, eles reiniciam tudo pois não estavam conseguindo ter acesso e quando voltou não achamos nenhuma imagem sua. O que você fez? — perguntou sério.

— Eu criei um programa... Deixei as câmeras em modo de repetição para o sistema principal enquanto tinha o acesso pelo meu tablet. O sensor estava cego, porém ligado.

— Muito interessante... E com a ajuda de quem você fez isso?

— De ninguém. — ele me olhou irritado de novo. — Eu juro, fiz tudo sozinha!

— Acho bom não mentir para mim, Hayden... E a arma? Tenho certeza que o Dakota não é louco para ter deixado você entrar com uma.

— Usei o bloqueador de sinal para diminuir a frequência do detector e...

— E?

— Fui disfarçando para que o segurança não passasse o detector sobre a arma.

— Certo. — ele encostou na porta e continuou a fumar seu cigarro.

— Pode desamarar as minhas mãos? Está doendo muito...

— Não. — disse simplesmente.

Filho da puta.

— Agora vamos para melhor parte... — ele bateu na porta e a mesma foi aberta, então Muralha entrou e entregou um celular e algumas outras coisas para ele. — Já sei que você é uma puta hacker e que é uma fodida que trabalha como camareira... Então, o que você veio fazer na minha casa?

Engoli seco de novo.

Ele ia me matar se soubesse que peguei tanto dele. Mas eu não podia devolver, se fizesse isso meu irmão *morreria*.

Sendo que há alguns minutos ele estava ameaçando dar um tiro na cabeça dele...

Merda! Por que meu plano foi dar errado.

— Responde! — disse ele ríspido.

— Eu vim para roubar dinheiro... Mas não encontrei nenhum cofre...

Ele caminhou em minha direção soltando fogo pelas ventas e me deu um soco no rosto.

Aquilo doeu pra caralho.

— Não mente pra mim, *cacete!* — Zedd gritou, segurando o meu rosto. Eu podia senti gosto de sangue na minha boca. — O que você pegou?

— Nada... — ele me deu mais um soco.

E outro.

E mais outro.

Dessa vez eu cuspi sangue. Estava enxergando tudo embasado.

— Olha aqui... — ele se aproximou do meu rosto, que eu sentia queimar pela dor. — Eu não gosto de bater em mulher... Não gosto mesmo. Então colabora comigo, eu não quero ter que te matar... — a voz dele estava tão distante, e eu nem conseguia o enxergar nitidamente. — Fala o que você

pegou!

Abri a boca para tentar proferir algo, mas minha inconsciência falou mais alto.

Eu apaguei.

.

Capítulo 6

QUANDO ABRI OS OLHOS ESTAVA COM A CABEÇA apoiada em uma mesa, dessa vez eu não estava amarrada que nem uma *submissa esquizofrênica*, mas minhas mãos estavam algemadas à mesa. Ainda permanecia na maldita sala cinza.

Tudo que eu sentia era dor. Meu rosto estava latejando.

Ouvi um barulho na porta e levantei o rosto para olhar, a mesma se abriu e a personificação do mal entrou. Por um momento achei que estivesse vendo coisas. Zedd estava de cabelo e barba loira.

Eu entrei em coma ou o transtorno de personalidade dele atacou novamente.

Mas devo admitir, ele não tinha perdido sua majestade.

E eu não devia estar pensando nisso. *Síndrome de Estocolmo, não!*

Ele fechou a porta atrás de si e sentou na cadeira à minha frente, tirando o isqueiro e cigarro do bolso do seu lindo terno marrom.

— Olá, Hayden! — disse ele acendendo o cigarro e tragando a infeliz nicotina. — Que bom que acordou, você dormiu por sete horas... — ele começou a rir. — Pensei que tinha morrido com um soco.

— Foram quatro... — falei, sentindo meu maxilar tremer por conta da dor. Eu acho que tinha um dente solto. — Mas quem está contando, não é mesmo?

Ele deu um sorriso de lado.

— Eu falei sério quanto a não gostar de bater em mulher, mas faço isso

quando necessário. Então apenas colabore, Hayden.

— Então me entrega para polícia...

— Já disse que a polícia não resolve meus problemas! — ele gritou batendo na mesa, o que me fez dá um sobressalto, assustada.

— Você tem que marcar uma consulta no psicólogo, esse seu temperamento explosivo não é normal... — dei risada, mas parei três segundos depois quando senti todo meu rosto doer. O nervosismo sempre me deixava idiota e com tendência suicida.

— Ótimo, gosta de bancar a *engraçadinha*... Tudo bem. Sokovia! — ele gritou. Um homem tão alto e forte como o Muralha entrou na sala, colocando um notebook na mesa. — Hoje eu recebi uma ligação... Ou melhor, você recebeu uma ligação, afinal o celular é seu. Uma tal de... Stephanie ligou, desesperada querendo saber onde você estava.

— Não! Ela não tem nada a ver! — gritei.

— Agora você quer falar?

— Ela é só minha amiga, eu fiz tudo sozinha. Por favor, não faz nada com ela! — supliquei.

— Certo. Eu pedi para que ela ligasse depois, pois estava tentando conversar com você... Então se não me disser agora o que você pegou vou pedir para Dakota dar cinco tiros na cabeça dessa criança e o *troco* na sua amiga! — ele virou o notebook para mim e eu pude ver meu irmão no parquinho com a Stephanie.

— Não faz isso!

— Você quem decide. — ele disse, pegando o celular no bolso fazendo uma chamada em seguida. — Dakota, chegue mais perto dos dois... — disse ele ao telefone, e logo eu pude ver a imagem se aproximando.

— Não, não! — gritei.

— Destrava a arma.

A imagem mudou para uma arma sendo destravada.

— Por favor! — pedi de novo.

— Aponta para o garoto.

— *Dois milhões e meio!* — gritei chorando. — Eu peguei dois milhões e meio.

— De onde você tirou?

— No cofre atrás da pintura do Picasso...

— Aquele cofre está inteiro eu verifiquei. Na verdade, todos estão!

— Eu não quebrei nada... Por favor, manda ele sair de perto do meu irmão...

— Não até você falar tudo.

— Eu já estou falando! Por favor! Você até pode me matar depois que eu terminar, só deixa meu irmão fora disso...

Ele me olhou sério. Não vi nem um pouco de compaixão nos seus olhos. Acho que isso era uma coisa que esse *deus* não tinha. Mas ele cedeu.

— Volte para casa, Dakota — disse ao telefone, e eu vi a imagem se distanciar. — Agora fala.

— Eu abri o cofre... — ele me olhou irritado. *Boa merda*, se eu não abro a boca ele se irrita se eu abro tem o mesmo efeito. — O sensor estava cego, eu tirei o quadro, abri a parte da frente com a ajuda de uma chave de fenda, cortei os fios principais e conectei no meu tablet. Usei um programa para criptografar a senha. Tirei sua digital de uma das taças que foi lhe servido a bebida. Quando conseguir abrir o cofre, sabia que não teria dinheiro, não vim na intenção de roubar notas, então também usei programa para entrar na sua conta e fazer uma transferência sem deixar rastros... — disparei falando, o que fez meu pobre rosto, *violentamente espancado*, doer muito.

Ele passou a mão nos cabelos e começou a rir.

Ok. Eu não entendo esse homem.

— Então quer dizer que de bilhões você pegou apenas dois milhões e meio?

— Sim. Minha intenção era só pegar o suficiente para o tratamento do meu irmão, ele tem uma doença no sangue, irá morrer se eu não fizer nada, e o tratamento é muito caro. — ele ficou me analisando. — Eu não estou mentindo-

— Sei que não está, sua mãe tagarela contou dessa doença. Sokovia me disse que ela informou que a doença não é lá essas coisas...

— Aquela- — grunhi de raiva. — Ela não liga pra ninguém, apenas para o próprio umbigo! Olha, eu posso trazer todos os exames... Mandem vasculhar a minha casa tem tudo lá, a doença é séria. Eu não estaria aqui se não fosse...

— Eu acredito... Mas, você me roubou... — ele ficou de pé, fechando com elegância o botão do seu terno.

— Me desculpa, eu juro que não faria se não tivesse tão desesperada... Mas por favor, me deixa ficar com o dinheiro! Pode me entrega para polícia, me espancar, sei lá, faz qualquer coisa... Só me deixa ficar com ele... — pedi chorando.

Ele não disse nada, apenas deu a volta na mesa e sentou sobre ela ao meu lado. Ficou me olhando, e eu não pude decifrar seu semblante — *talvez por conta do meu olho inchado me fazendo perder a visão central de perto.*

— Faria mesmo qualquer coisa pelo seu irmão? — ele perguntou depois de um tempo.

— Olhe onde estou...

— Tem razão. — sorriu. — Você tem *culhões*, Hayden. E eu gosto de pessoas assim, ainda mais se for uma mulher. — ele tocou meu rosto, e eu gemi pela dor. — Desculpa por isso... — o mesmo levantou da mesa e caminhou para porta.

— Leve-a para um quarto e chame a Ellis, peça para que cuide dos ferimentos dela. — ele falou para o segurança.

— O que vai fazer? — perguntei, completamente confusa.

— Parabéns, Hayden! Agora você trabalha para mim... — ele abriu a porta e saiu.

Merda.

Sokovia tirou as algumas de mim e me segurou pelo braço, me levando para fora da sala. Diferente de Muralha, seu toque não era agressivo e sem delicadeza. Ele estava apenas me guiando.

Seguimos por um longo corredor que deu na sala da mansão. Subimos as escadas e ele abriu a porta de um dos quartos, me fazendo entrar, soltando meu braço em seguida.

— Esse é o seu. — ele falou, parado na porta, trancando a mesma.

— Obrigado pela informação.

O quarto era exageradamente grande e tinha uma cama muito convidativa. Detalhes em dourado faziam a harmonização perfeita com a decoração. E o papel de parede em *Rose Gold* deixava o ambiente elegante.

— Eu posso me deitar? — apontei para cama perguntando ao segurança, que apenas deu de ombros. — Afinal, qual seu nome? Te chamar de Sokovia é esquisito pra cacete...

— *James*. — ele respondeu, fiquei surpresa, não achei que o faria.

— Prazer, James. — deitei no colchão extremamente macio.

Deus, era um pedaço das nuvens.

— Por que vocês se chamam por nome de cidade? Se bem que o seu nome nem é de uma cidade de verdade. — olhei para ele e o vi erguer uma das sobrancelhas. — Sokovia é uma adaptação fictícia da Marvel Comics para *Trânsia*. — ele não disse nada. — Se importa se eu dormir? Não sei o

que vai ser da minha vida mesmo, gostaria de *cochilar*, estou cansada.

— Ellis irá chegar para cuidar dos seus ferimentos.

— Causados pelo seu chefe...

— Você o roubou. — ele me olha com desdém.

— Ok, James, não quero falar desse assunto. Ele rendeu muito por hoje.

E isso aqui — aponte para o meu rosto — está doendo pra caralho! Eu fui ameaçada e torturada psicologicamente... Então eu vou dormir. — falei, mas engoli seco com medo de que ele terminasse de arrebentar o outro lado da minha cara.

Sokovia não falou nada, continuou parado na porta. Então resolvi interpretar aquilo como um sim.

— Você vai ficar aí? — perguntei.

— Tenho que te vigiar.

— Pode fazer isso pelo lado de fora, eu não mereço privacidade?

— Você entrou com uma arma nessa casa e permaneceu nela por horas sem que ninguém soubesse da sua presença, acha mesmo que eu vou te deixar sozinha? Agradeça por não estar mais amarrada.

Me encolhi na cama.

— Eu não sou nenhum ninja, só usei a tecnologia ao meu favor...

Fechei os olhos e deixei o sono me levar. Talvez eu acordasse e descobrisse que isso tudo é um pesadelo, e que eu ainda estou em casa ajeitando os detalhes para o meu plano. E meu rosto continua inteiro.



Quando abri os olhos, tinha uma mulher loira de olhos azuis sentada no sofá me fitando.

— Você dormiu que quem uma pedra... — ela falou. — Deu tempo de fazer o seu curativo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

No mesmo momento toquei meu rosto e senti *algo* lá.

— Obrigada. — falei, me sentando na cama.

— Precisa tomar isso aqui a cada três horas — ela levantou do sofá e me entregou uma cartela de comprimidos. — Vai ajudar a desinchar o rosto. E você pode usar maquiagem para disfarçar os hematomas por enquanto.

— Obrigada de novo. — olhei para porta e vi que o segurança não estava lá.

— Bom, tem roupas novas naquela sacola. E uma bandeja com comida bem ali... Tome banho e espere até que o Zedd venha falar com você.

— O que ele vai fazer comigo? — perguntei.

— Agora você trabalha para ele, fará o que ele quiser que você faça.

Engoli cego.

Eu me fodi bonito.

— Você também trabalha para ele? — ela começou a rir, como se eu tivesse contado uma piada hilária.

— Não, não. Eu e o Zedd somos... amigos... Ele confia em mim para cuidar de *suas* garotas.

— Eu não sou a garota dele!

— Agora você é. — ela retrucou. — Um conselho, Hayden, tente não aborrecer o Zedd, ele tem um temperamento muito...

— Explosivo? É acho que eu e meu rosto espancado percebemos isso. — bufei.

— Não devia ter entrado nessa casa... Não aceito o estilo de vida dele, mas não sou eu quem vai dizer o que ele deve ou não deve fazer. Acho que ele já é grande o bastante para saber o que é certo e errado.

— Agora já está feito.

— Só o obedeça... Com o tempo ele vai te deixar ir.

— Eu peguei dois milhões e meio dele.

— Ele não se importa com dinheiro. Se deixou você ficar viva é porque precisa de você para algo. Eu não te conheço e não sei porque fez isso, mas foi uma garota inteligente em consegui entrar nessa casa, então continue sendo inteligente que conseguirá sair dela.

— Ótimo. Sei uma *pau mandado*.

— Melhor uma pau mandado do que cadáver. — ela deu um sorriso de lado.

— Ok. Obrigada pelas informações.

— Nos vemos em breve, Hayden. — ela pegou a bolsa do sofá e saiu do quarto.

Então era isso. Eu seria a *criada* do Zedd. Preferia estar presa, sinceramente. Pelo menos eu não iria ter que fazer nada e poderia ler os livros que estão pegando poeira na minha estante.

Talvez eu conseguisse sair daqui e me entregar. Fugir óbvio que não dava. Eu teria que sequestrar meu irmão e ir para um país bem longe, onde o Zedd nunca me encontrasse. Provavelmente ele me acharia e me mataria nesse meio tempo.

Eu sinto que esse homem tem vontade de me matar.

Levantei da cama e fui até o sofá, pegando a toalha e as roupas limpas. Tinha peças íntimas e um conjunto moletom da *versus*.

Legal, ganhei roupas de marca.

Revirei o olho — *não consegui revirar os dois, um ainda estava meramente machucado*. —, e fui para o banheiro.

A banheira já estava cheia e eu pude ver sais de banho na prateleira ao lado. Por um momento, temi que estivesse sendo vigiada, então olhei cada canto do banheiro procurando uma câmera. Embora não me lembre de ter visto este cômodo quando estava com o acesso em meu tablet, eu fiquei com um pé atrás.

Mas estava tanto precisando de um banho, que resolvi ignorar. Por tudo que eu passei nessa casa, alguém me ver pelada é o de menos.

Tirei minha roupa e coloquei os saís na banheira, entrando em seguida. A água estava quentinha, do jeito que eu gostava. Fechei os olhos e me encostei, repousando a cabeça.

— Um vinho agora me cairia super bem... — falei, para ninguém em especial.

— Se quiser eu posso providenciar. — ouvi sua voz rouca ecoar pelo cômodo.

Abri os olhos e dei um sobressalto vendo Zedd parado na porta.

— Que *merda* você está fazendo aqui? — perguntei, cobrindo meus seios com as mãos.

— Vim falar com você.

— Eu estou no banho. Pode por favor dar licença? — perguntei o mais brando que consegui no momento.

Ele torceu a boca pensando.

— Ok. Estou te esperando.

— Obrigado.

— Não demore. — ele falou e saiu do banheiro, fechando a porta.

Levantei da banheira e fui para box, não daria mais para relaxe ali. Tomei um banho rápido e vesti as roupas — que ficaram extremamente largas em mim. Assim que saí, o vi deitado na cama. Tinha tirado o blazer e sua camisa estava aberta, deixando seu peitoral exposto.

Seria proveitoso ficar com ele, se o mesmo não fosse do mal com uma leve tendência homicida.

— Posso? — perguntei apontando para bandeja com comida.

— Fique a vontade.

Caminhei até o sofá e coloquei a bandeja no colo, peguei os

comprimidos que estavam do lado e tomei um bebendo suco para ajudar a engolir. Então comecei a comer.

Eu estava com fome.

Zedd ficou quieto me olhando. E aquilo estava me apavorando.

— O que- Como vou... — não consegui formular uma pergunta.

— Quer saber com o que vai trabalhar? — ele perguntou, e eu assenti. — Segurança.

— Acho que não tenho porte para ser um dos seus homens.

— Não é exatamente esse tipo de segurança... Mas vou explicar isso melhor depois.

— Depois quando?

— Quando você voltar. Vai poder ir para casa, mas preciso que volte aqui em uma semana... Terei tempo para organizar tudo.

— Vai me deixar ir?

— Isso não é um sequestro, Hayden. Mas saiba que será vigiada vinte e quatro horas, não tente sumir do mapa, porque se eu te encontrar não vai gostar do que eu vou fazer. — seus olhos escureceram e sua boca se moveu para um sorriso sinistro.

Meu coração começou a bater mais forte, minhas veias pulsavam exageradamente. Eu consegui atingir um novo nível de medo.

— Pode comer, e dormir mais se desejar. Quando quiser ir para casa, Sokovia irá te acompanhar. — ele disse, levantando da cama. — Aqui está o seu celular. Eu adicionei o meu número, quando eu ligar, atenda. O resto das duas coisas fica comigo. E acho que não preciso dizer para não comentar nada sobre isso a ninguém... — assenti. — Ótimo.

— E-e quanto ao dinheiro? — perguntei.

— Pode ficar com ele, ajude seu irmão. Se precisar de mais alguma coisa avise. Esse é o nosso acordo. Seus serviços pela minha ajuda.

— Não tenho muito escolha... — sussurrei abaixando o rosto.

— Não tem. — ele pegou o terno na cama e saiu do quarto.

Só terminei de comer, peguei meu celular na cama e saí. Não queria ficar nem mais um segundo naquela casa. Sei que teria que voltar de qualquer forma, mas agora eu só precisava ir pra minha casa e orar para isso ser um pesadelo.

Olha no que eu fui me meter.

Ora! Eu também não poderia prever esse absurdo. Pra mim o máximo que poderia acontecer era eu morrer. O que seria melhor do que trabalhar para um *sociopata*...

Eu devia ter investigado mais a sua vida antes de escolher essa casa. Sei que não se deve acreditar muito no que está na internet, mas se eu visse alguém alertando que o mesmo era perigoso — *tirando a Stephanie, ela só estava com medo.* —, eu estaria ciente de que fui avisada.

Desci as escadas correndo e logo vi James parado na porta — não que eu não tivesse visto de longe, aquele homem tinha os ombros da largura da porta praticamente.

— Gostaria de ir para casa. — falei.

— Ok. — ele abriu a porta e saímos da mansão.

Tinha uma BMW estacionada bem na frente. Sokovia entrou no carro e eu fiz o mesmo. Pedi para que ele me deixasse em outro endereço, ele assentiu e seguido o caminho.

Senti meu celular vibrar no bolso na calça então o tirei de lá. Era o meu pai ligando.

Achei estranho meu pai está me ligando pelo simples fato dele já ter me ligado esse mês. Mesmo assim atendi.

"Oi, pai." falei, e logo pude ver Sokovia me olhar.

"Oi, Hay. Você está bem?"

"Sim... Por que a pergunta?"

"Bom, sua mãe me ligou e disse que você sequestrou o filho dela." ele falou calmo.

"Não devia dar atenção para o que aquela megera diz!"

"Hayden Olívia O'Brien! Ela é a sua mãe."

"Pelo amor de Deus, não me chama de Olívia. E eu não sequestrei ninguém."

"Você passou dois dias fora com seu irmão sem dar notícias a sua mãe, ela está preocupada."

"Ok, estamos mesmo falando da mesma pessoa? Porque a minha mãe é a mulher que deu o rabo para o vizinho na primeira oportunidade que teve e que despreza tanto o filho que não sei como ele não foi abortado enquanto ela tinha tempo!" falei exasperada. E tinha sorte pelo meu pai não estar na minha frente, tenho certeza que ele me daria um belo tapa agora. Mas o que eu disse era a mais pura verdade. Ouvi ele suspirar forte, sabia que tinha tocado em um assunto delicado para ele e me arrependi de ter feito. "Desculpa..." falei sendo sincera. "Eu não queria ter dito isso assim, mas o senhor não conhece o verdadeiro lado da Natasha, provavelmente te ligou porque está com medo de perder a casa."

"Mas eu deixei a casa com você."

"Eu sei... Eu e ela não nos damos bem, e já ameacei vender aquela casa e morar sozinha com o meu irmão. Não estou mentindo, ela não cuida dele e eu já disse que ele é doente."

"Tudo bem, Hayden, irei conversar com ela."

"Não acho que vá adiantar de alguma coisa, mas boa sorte."

"Ok. E pode me dizer por que passou dois dias fora?" engoli seco, óbvio que não diria ao meu pai que fui momentaneamente sequestrada pelo dono da mansão que assaltei.

"Eu estava trabalhando... E peguei umas horas extras. Deixei o Luckian com a Stephanie."

"Tudo bem. Eu sei que ele é seu irmão, e por mais que você não goste, ela é a mãe dele, ainda é a responsável. Lembre-se de nunca mais fazer isso sem avisar a ela."

"Mas-"

"Hayden, por favor."

"Tudo bem." revirei os olhos. *Sim, dessa vez foram os dois.*

"Obrigado. Você está bem mesmo? Não está precisando de nada?"

Me livrar do meu novo chefe sem morrer.

"Não, eu estou bem."

"Certo. Se precisar de algo pode me mandar uma mensagem... Você sabe como é aqui. Ah! Em alguns meses eu vou ganhar férias, não será por muitos dias, mas terei tempo de te visitar. Estou com saudades..."

"Eu também estou." falei, sentindo uma extrema vontade de chorar. Não sabia de fato o motivo, mas senti meus olhos marejarem. Tinha exatos quatro anos que não via a cara do meu pai. E eu não disse que ele era uma pessoa ruim, apenas que não era presente na minha vida.

"Em breve vamos nos ver, filha. Tenho que desligar agora. Tchau."

"Tudo bem, tchau."

"Eu te amo, e desculpe por isso."

"Já disse que não precisa pedir desculpas a cada ligação. Eu entendo, já tenho dezenove anos."

"Eu sei, mas me sinto na obrigação de lhe pedir desculpas, ciente de que nunca será o suficiente."

"Só mantenha o país a salvo, Major."

"Estou sempre fazendo o meu melhor."

"Eu te amo." admito que minha frase saiu como se tivesse entalada na

minha garganta. "Até."

"Obrigado, filha. Até." ele desligou a chamada e eu guardei o celular no bolso.

Notei me Sokovia me olhava de canto.

— O que foi? — perguntei.

— O que você falou... Seu pai é mesmo um Major?

— É feio ficar prestando a atenção na conversa dos outros... — me acomodei melhor no banco. — Mas, sim, ele é.

— E por que a filha de um major assaltou uma mansão? — ele perguntou rindo.

— Você escutou quando eu falei com o Marshall, fiz pelo meu irmão. E a filha do Major aqui não ganha milhões. Minha mesada vai toda nos remédios dele, o que eu ganho no trabalho nas despesas de casa e com os bicos que faço adiciono ao meu fundo de garantia... Não sei nem porque estou contando isso.

James sorriu.

— Vamos ver quanto tempo você vai durar.

— Como assim durar?

— Com o chefe.

— Isso significa? — ele não respondeu, então cutuquei o braço dele. Ou ele respondia ou me dava um soco, mas resolvi arriscar. — Preciso de informações, James. Não posso fugir, mas ficarei contente em me familiarizar com a história.

Ele bufou hesitante, revirou os olhos e cedeu.

— As mulheres que o senhor Marshall se relacionam não duram muito naquela casa.

— Ele as mata? — perguntei assustada.

— Não... Bom, não todas, só as que saem da linha. A maioria

simplesmente vai embora quando ele se cansa. O recorde foi dois meses com a mesma mulher... Naquela casa, para deixar claro. — ele riu ao final da frase.

Me encolhi no meu banco.

— Eu não estou lá para me relacionar com ele... Irei trabalhar.

— Nunca se sabe.

— Não sou nenhuma puta! E não farei algo que não quero. — disse com firmeza, no fundo com medo.

Eu não queria ser uma das garotas dele. Não assim.

Chegamos no endereço desejado. Eu desci do carro e caminhei até a casa, quando olhei para trás Sokovia me seguia.

— O que foi?

— Tenho que ficar de olho em você, e essa não é a sua casa.

— Ainda isso? Já disse que não irei fugir.

— Estou fazendo o meu trabalho. — ele deu de ombros.

— Seu trabalho é um *merdão*. — continuei a andar.

Toquei a campainha e em instantes vi a porta se abrir. Fui recebida com um olhar surpreso seguido de um abraço apertado.

— Meu Deus, Hayden! Eu fiquei tão preocupada com você!

— Eu estou bem. — falei.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Eu me arrebentei na escada.

— Meu Santo Cristo, você não sabe como quase eu tive um infarto... E eu liguei para você e um homem atendeu dizendo que iria conversar com você- O que- Quem é ele? — ela perguntou notando Sokovia.

— É o segurança do senhor Marshall. — falei.

— O que ele está fazendo aqui?

— Me vigiando.

— O que- Como- — ela começou a gaguejar.

— Está tudo bem, ok? Eu estou inteira. Onde está meu irmão?

— Dormindo.

Entrei na casa e ela fez o mesmo. Sokovia se *auto convidou*, entrando, ficando parado na porta.

— Quando você demorou de ligar eu pensei em ligar para polícia... — ela falou.

— Pra dizer que eu fui assaltar uma mansão e não voltei?

— Eu sei lá, Hayden. Estava nervosa e preocupada! O que aconteceu?

Nesse momento o segurança pigarreou. E para bom entendedor uma pigarreada basta.

— Eu estou bem, Ste, é o que importa. — puxei minhas calças folgadas para cintura e sentei no sofá.

Ste se sentou na poltrona a minha frente e começou a fazer sinais. Ela tinha uma irmã deficiente auditiva, então aprendeu esse meio de comunicação. Eu, movida pela curiosidade, aprendi algumas coisas com ela.

Você não pode falar porque esse homem está aqui, não é?

Sim.

Estou preocupada.

Fique tranquila. Eu estou bem. Consegui o dinheiro.

Mas ele te pegou.

Fizemos um acordo.

Como?

Irei trabalhar para ele.

Ela me olhou preocupada.

Não se preocupe com isso... — o resto eu não soube *falar*.

Foi ele que te bateu?

Hesitei em responder.

Eu sei que foi.

Eu explico tudo depois quando puder. — Pode acordar o Luckian para mim? Quero ir para casa.

— Todo bem. — ele levantou e subiu as escadas.

— Cuidado com o que fala, Hayden. — Sokovia me alertou.

— Eu não disse nada de mais, e ela sabe que eu assaltei a casa, não dirá nada a ninguém.

Ste voltou com o meu irmão, que logo ergueu os braços para mim.

— Oi, oi, maninho. — ele apenas coçou os olhos e repousou a cabeça no meu ombro. — Ainda está com sono.

— Ele tinha acabado de deitar.

— Ah, certo. — ela me entregou a mochila dele. — Depois a gente se fala com calma, ok?

— Tudo bem. Nunca mais me invente de fazer algo assim de novo.

— Nem eu quero.

Ela me acompanhou até a porta.

— Advinha. — falei.

— O quê?

— Meu pai me ligou hoje.

— Já não tinha feito isso?

— Sim. Mas dessa vez foi porque minha mãe deu uma de histérica dizendo que eu tinha sequestrado o filho dela.

— Pensei que ela sabia onde ele estava.

— Acha mesmo que eu iria avisar?

— Você é um caso sério, Hayden. — dei risada. — Te vejo amanhã, sei que você precisa descansar.

— Sim. E cair na real também. Até amanhã, Ste.

— Até.

Caminhei até o carro e a sombra — *vulgo James* — estava logo atrás de mim. Ele me ajudou abrindo a porta e eu entrei, ele deu a volta e fez o mesmo. Ligou o carro e seguimos para minha casa.

Minha casa não ficava tão distante de onde estávamos, então não demorou muito para eu chegar até a mesma. Sokovia me ajudou de novo abrindo a porta e eu desci do carro. Dessa vez ele não me seguiu.

— Não vem? — perguntei.

— Você já está em casa.

— Ah, ok! Obrigado.

Ele assentiu e entrou no carro de novo. Como não tinha mais minhas coisas, respectivamente, fiquei sem a minha chave, então tive que bater na porta. Minutos depois a mesma foi aberta e o motivo das minhas dores de cabeça diárias começou a falar.

— Onde você estava com o meu filho? — ela gritou.

— Agora ele é o seu filho?

— Não pode sair assim com ele sem me avisar!

— Eu estava no trabalho. — falei entrando em casa.

— E pra que caralho você o levou?

— Pra ele não ter que ficar aqui escutando seus gemidos quando receber um dos seus clientes. — por incrível que pareça, eu não gritei. Coloquei o Luckian no berço e joguei a mochila ao lado.

— E que trabalho é esse que você volta toda arrebitada e parecendo uma mendiga?

— Como se você se importasse... Essa roupa aqui vale mais que cinco serviços que você faz.

— Olha como fala!

— Eu não estou no clima hoje! Tive um puta dia de merda e meu rosto ainda dói, então se quiser reclamar comigo, deixe para outro momento. — disse entrando no meu quarto.

Tranquei a porta na chave e me joguei na cama.

Enfim casa.

Pior que a merda toda tinha acabado de começar.

Capítulo 7

• uma semana depois •

Depois de alguns dias, tempo suficiente para pôr minha cabeça em ordem e cair na real do que tinha acontecido, eu consegui rir.

Eu tinha assaltado uma mansão e ganhado um emprego — *quanto a isso eu não sabia se poderia rir ainda, mas descobriria em breve.*

O senhor Marshall não mentiu em dizer que eu seria vigiada vinte e quatro horas. Cada vez que eu pisava meu pé do lado de fora, tinha um ser *marombado* me olhando. E eles não davam o luxo de disfarçar. Até quando eu estava no trabalho tinha um segurança me secando.

Com os dias o meu rosto já estava de volta ao normal. Tinha uma pequena cicatriz na minha bochecha que eu disfarçava fácil com maquiagem.

Expliquei toda situação a Stephanie — *que surtou violentamente.* Mas eu prometi que iria cumprir com o trato do Zedd até o meu limite. Quando eu soubesse que o meu irmão estava em segurança, livre da doença, eu cairia fora.

Com isso, eu quero dizer que me entregaria para polícia. *Sim.* Eu tive tempo suficiente para entender que se eu apenas pulasse para fora no barco, iria causar grandes problemas — para mim, em particular. Presa em uma cela, ele não poderia meter uma bala no meio da minha cabeça ou me socar.

Não é?

Então tentei um novo plano; fazer com que o pai do Luckian assinasse os papéis para dar início ao tratamento dele — já que minha mãe fez questão de ignorar esse pedido também, e eu não podia fazer isso sozinha.

Como assim o pai?

Desculpa, acho que esqueci de mencionar os detalhes de novo. Bom, três dias depois do ocorrido na mansão, eu recebi uma visita do Senhor D'Angelo procurando por minha mãe. Era um homem bem vestido e formal — completamente diferente dos homens que minha mãe costumava levar para casa. —, e logo me veio o interesse de saber mais sobre ele. Natasha não estava em casa, então perguntei do que se tratava. Ele hesitou em falar, e eu insistir até ele entregar alguma coisa.

O mesmo me falou que foi um namorado dela no passado e que por não trabalhar em Londres teve que voltar e acabou perdendo o contato com ela. Prontamente perguntei quanto tempo isso tinha acontecido e ele me respondeu que foi há três anos praticamente.

Juntei um mais dois, olhei cada mísera parte do rosto do Senhor D'Angelo e encontrei semelhança com o meu irmão.

— Meu irmão é o seu filho. — falei para ele, ainda parada na porta.

— O quê? — ele me perguntou assustado.

— O meu irmão, Luckian, é o seu filho. Pode fazer um teste de DNA se quiser.

— Eu não entendo...

— Moço, você provavelmente gozou dentro da minha mãe e não estava usando camisinha, ou ela estourou, mas isso é um particular seu, o que resultou no meu irmão. Pela sua cara de bobo, vejo que era apaixonado pela por ela, e lhe digo, a mesma não mudou nada. Continua firme e forte fazendo *vida*. E se você tem um pouco de amor e *noção* nesse coração, por favor,

pegue a guarda do seu filho... Porque se depender da Natasha ele vai morrer.

Nem preciso descrever a reação dele.

E eu tive que explicar sobre a doença do Luck e o desleixo da minha mãe quanto ao filho. Não permiti que o mesmo visse o garoto para não dar muitas esperanças ao indivíduo. Mas resumindo, ele ficou de conversar com ela e fazer o bendito teste para saber se eu estava falando a verdade.

E eu estava orando pra que desse positivo.

Exatas três e trinta da tarde, a porta foi aberta com violência e minha mãe entrou gritando.

— Que caralho você fez, Hayden? — ela perguntou parando na minha frente.

— O quê?

— Você foi dizer para o Rodrigues que o Luckian é filho dele.

Dei de ombros. — Eles se parecem.

— Você nem conhece aquele maluco e saí falando merda?

— Então vai me dizer que tudo que ele falou é mentira?

— Você não tem o direito de se meter na minha vida!

— Não é a droga da sua vida! O meu irmão está morrendo! — gritei já sentindo meu sangue ferver. — Por que droga você não faz nada?

— A doença dele não é nada demais, só tem que tomar aqueles remédios e pronto. Você está criando coisas nessa sua cabeça, como sempre!

— Você é tão alienada! Acha mesmo que se não fosse sério eu estaria te implorando para assinar a droga daqueles papéis há uma semana? Nem esses remédios que você diz é capaz de comprar.

— São muito caros. — ela cospe.

— Mas *eu* dou o meu jeito! — apontei para mim mesmo. — Eu corro atrás das coisas para ele. Eu o levo para emergência sempre que tem uma

convulsão. Eu cuido de todo medicamento. Eu faço o seu papel de mãe! — gritei me aproximando dela, sentindo vontade de chorar, pois a mesma não demonstrava empatia. *Eu desisto.* — Já consegui o dinheiro do tratamento, por favor, não me faça tomar medidas extremas, assine os papéis.

— Não me ameace, Hayden...

— Só assine! — peguei o envelope na mesa de centro e estendi a mão entregando para ela. — Eu nunca mais falo com aquele D'Angelo... Você nem vai precisar cuidar de nada. Por favor...

Ela ficou parada me olhando. Não acredito que ainda estava tendo a coragem de pensar.

— Onde conseguiu o dinheiro? — ela perguntou.

— Isso não importa.

— Importa sim. — ela pegou o envelope da minha mão. — Quem é o velho rico que você está *dando*?

Gota d'água.

— Eu não sou puta como você! — gritei. E levei um belo tapa na cara. *Ok, eu mereci.* Por mais que ela não fosse o exemplo em pessoa, ainda era minha mãe e eu tinha que ter respeito, ou pelo menos um pouco.

— Já disse pra você *ver* como fala comigo! Eu vou assinar esse caralho, e não quero escutar mais nada sobre esse assunto. E me poupe de confusão, não estou criando nenhuma bandida! — ela pegou uma caneta na mesa de centro e tirou os papéis do envelope, assinando-os de forma violenta. — Pronto! — gritou e entrou no quarto batendo a porta com força. Por sorte o Luckian não acordou.

Guardei os papéis e fui até meu irmão no berço. Deixei que as lágrimas caíssem. Nem sei de fato o que estava sentindo. Talvez alívio misturado com medo.

Não importava muito agora. Eu só queria chorar.

— Não vou poder cuidar de você por causa do meu novo trabalho... Mas sei que a Ste vai fazer um bom trabalho... — acariciei o rosto dele. — Também não posso pegar sua guarda, não sei o que vai acontecer no futuro e não posso colocar você no meio disso... — funguei. — Vai ter que ficar aqui, mas o bom é que vai poder iniciar o seu tratamento... Irá ficar livre dessa doença chata.

Nesse momento escutei meu celular tocar. Peguei-o no sofá e vi que era uma chamada do Zedd.

Ótimo. Eu ainda tinha que ir para casa dele.

"Oi." falei atendendo.

"Olá, Hayden. Pode abrir a porta?"

"O quê?"

"Está ficando *azêmola*, garota? Abre a porta." escutei batidas na mesma, então ele desligou na minha cara.

Limpei meu rosto e caminhei até a porta, abrindo-a. E lá estava ele. Senhor Zedekiah Marshall e seu transtorno de personalidade ativo.

Seu cabelo continuava loiro, porém com um novo corte e a raiz já estava alta, e sua barba estava na cor natural, dessa vez mais rala. Suas roupas eram despojadas, como as de um jovem de vinte e cinco anos, problemático e normal, não um empresário dotado de maldade.

Estava lindo, era o fato.

— Boa tarde, Senhor *Grosso*! — disse dando um passo para trás. Ainda tenho trauma e uma estúpida mania de não medir minhas palavras diante do perigo.

— Então você já me viu pelado... — ele deu um sorriso malicioso, jogando o cigarro fora.

Eu estava pasma.

— Pare com essa cara. Só estava brincando... Com um pouco *verdade*.

— deu de ombros.

— Me poupe disso. — falei, tentando não lembrar dele de cueca e pau duro. *Não deu muito certo.* — Eu já ia para sua casa... Não esqueci, as sombras sempre me alertavam isso.

— Sombras? — ele me olhou confuso.

— Os seguranças.

— Ah, sim! Mas eu quis vim. Posso entrar? — ele perguntou. Olhei por cima do ombro dele e vi Sokovia e Dakota parado ao lado do carro.

Eu estava com um pouco de medo.

Mentira, eu estava me *cagando* de medo.

— O que veio fazer aqui? — perguntei nervosa.

— Vamos dar um passeio...

— Não vai me matar e desovar meu corpo em qualquer lugar como fez com sua ex namorada não, *né?* — falei, e me arrependi amargamente, pois o mesmo me fuzilou com o olhar.

— Do que está falando?

— Eu-eu- n-ada... — comecei a gaguejar, dando um passo para trás. Ele rapidamente segurou meu pescoço com força.

— As câmeras... O que você viu? — seus olhos escureceram e sua voz engrossou.

Segurei o braço dele tentando fazê-lo soltar o meu pescoço, mas acho que ele estava mais interessado em me enforcar. Senti que o ar já estava me faltando e meus olhos estavam tão arregalados que podiam facilmente saltar para fora do meu rosto.

Ele me soltou de repente. Comecei a tossir involuntariamente agachada no chão, mas não tive tempo para me recuperar, já que ele me pegou pelo cabelo para que eu levantasse.

— O que você viu? — rosnou.

— Só quando você e o Dakota tiraram a mulher do armário... E ele colocou ela no porta malas do carro e saiu.

— Contou isso para alguém? — ele puxou meu cabelo.

— Não. — continuou me segurando. — Juro que não contei.

Zedd ficou me olhando por um minuto inteiro, então me soltou.

— Se vamos trabalhar juntos, precisa parar de mentir pra mim. Quando eu fizer uma pergunta você responde com sinceridade! — disse ele autoritário.

Ok. Eu tinha que ser a pau mandado dele, e a Ellis me disse para não o contrariar. Ele estava na minha casa, meu irmão e minha mãe estavam a metros de mim. Não poderia deixar que ele fizesse mal a eles — *sim, eu incluir minha mãe nesse pacote.*

— Sim, senhor. — falei.

— Ótimo! — ele me olhou surpreso. Fez um gesto para um dos seguranças, que abriu a porta do carro e pegou uma sacola de lá, caminhando até o Zedd, entregando a mesma. — Preciso que tome um banho e vista isso. — disse ele, me entregando a sacola, que agora pude ver que tinha escandalosamente uma *logo*.

— Por que eu tenho que vestir as roupas da sua loja? — perguntei pegando-as.

— Não me insulte, Hayden. *Versus*, não é uma loja e sim uma marca. Logo sendo uma marca que me pertence, você veste... Não quero uma *pedinte* ao meu lado.

— O quê? — perguntei boquiaberta.

— Você se veste com trapos e é malcuidada, vamos resolver isso. — ele apontou para minhas roupas. E antes que eu pudesse dizer algo, ele perguntou; — Posso entrar?

Resolvi não dizer mais nada. Já provei um pouco da maldade dele com o

enforcamento recente. Melhor fazer a alienada e obedecer.

— Fique à vontade. — dei passagem para o mesmo, que entrou.

O segurança voltou para o carro, então vi que não iria entrar, fechei a porta. Zedd caminhou até a sala olhando extremamente tudo ao caminho.

Minha casa não era grande e nem chique como a dele, mas eu fazia questão de manter tudo organizado e limpo.

Vi ele caminhar lentamente até o berço do Luckian, então apressei meus passos e entrei na frente dele.

— É o seu irmão? — ele perguntou apontando, estava próximo do berço.

— Acho que você o viu quando mandou o segurança apontar a arma para ele... — falei. E estava até pensando em me abaixar, caso ele levantasse o punho para me socar de novo. Mas ele não fez.

— Não vim aqui para isso. Vá se arrumar. Ficarei esperando aqui.

Continuei no mesmo lugar. Em uma semana é um pouco difícil esquecer que o homem que está parado em sua frente queria dar cinco tiros na cabeça de uma criança.

— Eu não vou fazer nada com ele, Hayden! — falou brando.

— O que me garante que está dizendo a verdade?

Ele me olhou por um tempo e deu um passo para trás.

— Juro pra você que não farei nada com ele. Vim aqui para te buscar. Você já tem o que queria agora é a minha vez.

— Só... Por favor, não faz nada com ele...

— Não farei.

Ainda estava hesitante, mas consegui dá um passo para frente.

— Pode esperar no meu quarto? — perguntei.

— Já quer me levar para o quarto? Não sabia que você era assim... — ele voltou a sorrir maliciosamente.

— Eu- eu não... Minha mãe está em casa, não quero que ela te veja aqui.

— Por que não?

— Porque ela vai começar a fazer perguntas, e devido as circunstâncias, eu não posso responder. Por favor, entre no quarto. — ele continuou sorrindo, mas abriu a porta a qual eu estava apontando e entrou. Eu o segui. — Espere aqui, eu não demoro.

Ele se sentou na minha cama e assentiu.

— Quer ajuda no banho? — ele perguntou. Olhei para ele e o mesmo sorria como um garoto.

Esse sorriso era novo para mim. Pelo menos não me assustava.

— Não, obrigado. — disse.

— Já disseram que tenho mãos maravilhosas, e não foi só uma pessoa... Posso te ajudar sem problema...

— Fui agraciada por Deus com duas mãos e elas fazem um bom trabalho. Obrigado pela oferta, mas recuso.

— Você que sabe. — ele deu de ombros e deitou, apoiando a cabeça nas mãos.

Entrei no banheiro rápido e fechei a porta na chave. Sem sombra de dúvidas esse homem era a pessoa mais estranha que eu já conheci na minha vida. Uma hora estava me enforcando e minutos depois conversava comigo como se nada tivesse acontecido.

Vai ver ele realmente tem um transtorno de personalidade, e eu sou a infeliz que consegue sempre *acordar* o seu pior lado.

Deixei esse pensamento de lado e coloquei a sacola na bancada, tirei minha roupa e entrei no box. Liguei o chuveiro e deixei a água quente cair sobre meu corpo.

Tomei um banho com calma e lavei os cabelos. Saí do box e me

enxuguei. Iria vestir a roupa, mas quis secar os cabelos primeiros. Entretanto, meu secador não estava na gaveta, então enrolei a toalha no corpo e saí do banheiro.

Zedd não estava mais na minha cama e nem no meu quarto, logo o medo tomou conta de mim.

Saí do quarto e fui logo olhando para o berço do meu irmão. Respirei aliviada por ver que o mesmo continuava lá.

Escutei um vozes na cozinha e fui até lá. Zedd estava sentado na cadeira segurando uma xícara, e minha mãe estava lhe servindo chá.

— O que está fazendo aqui? — perguntei me aproximando dele.

— Esperando você, ora! — ele sorriu travesso, o que me deixou um pouco desconcertada.

— Não me disse que traria seu *namorado* aqui. — disse minha mãe. O que faz Zedd sorrir ainda mais.

Não acredito que ele disse que era meu namorado. Quando na minha vida que eu iria conseguir algo tão *lindo* como ele? Sou realista.

— Como se eu dissesse algo da minha vida pra você! — disse ríspida. Tirei a xícara das mãos do Zedd e puxei-o, fazendo-o levantar.

— O que foi? — ele perguntou confuso.

— Por favor, volte para o quarto. — pedi. Ele assentiu e saiu da cozinha. — O que estava tentando fazer? — perguntei a minha mãe.

— Nada. — ela deu de ombros.

— Foi com esse seu nada que você conseguiu roubar dois namorados meu!

— Não tenho culpa se eles preferiram uma mulher mais velha e mais experiente.

— Para! — gritei, já nervosa. — Não vai fazer isso de novo! — *ok*, Zedd não era o meu namorado, mas não deixaria minha mãe seduzi-lo. Ela apenas

deu risada. — Daqui a pouco você acha petróleo de tão baixo que o seu nível estar... — falei saindo da cozinha.

Entrei no quarto e vi Zedd mexendo nas minhas coisas.

— Pode não mexer em nada? — pedi.

— Você está muito mandona hoje! — ele falou, virando-se para me encarar.

Automaticamente engoli seco.

— S-só tome cuidado, essas coisas quebram muito fácil.

Ele soltou um *hrum* e voltou a mexer nas coisas que estavam na mesa. Lá tinha alguns aparelhos e peças de notebook, eu estava tentando montar um melhor para mim. Deixei ele distraído lá e fui procurar meu secador no guarda-roupa.

— Pelo visto você não gosta da sua mãe. — ele falou depois de um tempo.

— Não nos damos bem. Ela não presta. — abri a segunda gaveta e encontrei o que procurava.

— Por isso não me deixou ficar conversando com ela?

— Também... — levantei e me virei para encará-lo, o mesmo estava a um metro de distância de mim. — Ela provavelmente ia dar em cima de você... E como você disse que era o meu namorado, ela faria questão disso.

— Então você não gosta dela?

— Não. Está pra nascer ser humano mais desprezível que aquela mulher. Você não ver o que estou fazendo pelo meu irmão porque ela simplesmente não move um dedo para ajudar? Tive que brigar para conseguir uma maldita assinatura... — soltei o ar com força.

— Sua mãe realmente não é uma boa pessoa. — ele falou, levantando a blusa e tirando um revólver da cintura. Logo arregalei os olhos assustada. — Quer que eu dê um *tiro* nela? — perguntou totalmente calmo.

— Que porra você- Não!

— Você não gosta dela.

— Se eu saísse por aí atirando em todo mundo que eu não gostasse esse bairro estaria vazio. Por favor, guarde isso...

— Tem certeza que não quer?

— Tenho.

— Tudo bem. — ele colocou a arma de volta na cintura.

— Obrigado. — respirei aliviada. Por mais que eu não gostasse dela, não iria pedir para que ele atirasse, não sou esse tipo de pessoa. — Você sempre anda armado?

— Sim. Para minha segurança.

— Pensei que as montanhas lá fora prestavam esse papel. — falei rindo. Ele me olhou confuso. — Você é muito lento, estou falando de Dakota e Sokovia.

— Ah! Fale direito então, não entendo esse seu linguajar de suburbano.

Como eu queria dar um tapa na cara dele. Ainda bem que ele mostrou que tem uma arma, assim me alerta de não fazer merda.

— Ei, eu estava brincando. Não precisa me olhar com essa cara! — ele deu risada. *Alguém pelo amor de Deus me explica esse homem.* — Sabe... Sua mãe não faz meu tipo... — ele deu dois passos para frente, eu dei um passo para trás, batendo as costas no guarda-roupa. — Você faz...

— Eu faço o quê?

— E sou eu o lento... — revirou os olhos e deu mais um passo para frente. Agora estava terrivelmente próximo demais. — Você faz o meu tipo... — ele levantou a mão e tocou o meu braço, então percorreu os dedos por ele até chegar no meu ombro. — Ficaria uma delícia amarrada e completamente *nua*... — falou com a voz arrastada, o que a deixou rouca.

Minha respiração se acelerou. Não acredito que fiquei excitada com

aquilo.

Seus olhos se fixaram nos meus e eu pude ver que os mesmos estavam claros e brilhantes.

— I-isso não faz o meu tipo... — consegui dizer depois de um tempo.

— Não? — ele aproximou o rosto do meu. E agora, graças ao fato de eu não estar sentindo torturada, sentia meu corpo esquentar devido ao clima que estava se instalando ali.

— Não. Última vez que fiquei amarrada não tive uma experiência muito boa... — respondi. *Sinceramente nem sei como.*

Eu devia estar com moral no céu. Ele era um *puta* homem gostoso, estava flertando comigo e me causando um tesão miserável. Óbvio que eu queria os lábios dele nos meus.

Porém, me dei conta que estava em uma tremenda merda, e que não o conhecia, mas ele era dotado de maldade. Não me entregaria para uma pessoa assim.

Talvez depois de saber o que de fato ele iria fazer comigo.

— Preciso vestir minha roupa... — falei levando meu corpo para trás, não adiantou de muita coisa, eu estava colada no móvel.

— Vestir pra quê? Aqui já facilita o meu trabalho... — ele levou o rosto até meu pescoço e deu um beijo lá.

Automaticamente fechei os olhos.

Caralho! Ele tinha lábios tão macios e quente. Não sei como conseguir ficar de pé depois daquele contato.

— Zedd... — minha voz saiu como um gemido, eu praguejei mentalmente por isso. — Melhor parar...

— Por quê? — ele deu um beijo de língua. Minha morte. Minha intimidade se contraiu.

Ok, Hayden! Seja forte e vença a tentação. Mesmo que ela seja um

homem gostoso com lábios de um deus e cheire a sexo extremamente satisfatório.

— Eu não quero... — consegui falar, colocando minha mão livre no seu peito e o empurrando de leve.

— Não? — ele levantou o rosto para me olhar. O brilho em seus olhos tinha sumido.

— Não. — engoli seco.

Ele ficou me encarando sério. Fechei os olhos por temer o que vinha. Mas nada aconteceu.

— Tudo bem. — ele falou. Abri os olhos e o vi se afastando de mim, voltando para cama. — Eu não gosto de pegar ninguém a força, mas vou insistir até que você queira... — ele sorriu.

E desse sorriso eu tive medo.

Entrei rápido no banheiro e tranquei a porta. Respirei forte, e exageradamente fundo, antes de ligar o secador na tomada e começar a secar meus cabelos.

Me permitir não pensar em nada — *com nada digo os eventos recentes.* Iria me arrumar, sair com ele para sei lá onde e resistir aos seus flertes.

E talvez orar para que ele não leve a parte do "*insistir até que você queira*" muito a sério. Eu sou horrível para negar as coisas sobre pressão. Consegui uma vitória hoje, mas duvido ser capaz de uma segunda já que agora provei um por cento do que estou perdendo.

Terminei de arrumar meu cabelo e guardei o secador. Peguei a sacola na bancada e tirei a roupa de dentro. Tinha peças íntimas, um top, calça, jaqueta e sapato salto alto.

Ótimo.

Virei uma *Zputa*.

Meu sonho.

Não iria reclamar com ele, provavelmente nem foi o mesmo que escolheu a roupa. Apenas vesti e me contentei com o resultado.

Fiz uma maquiagem básica no rosto — *um pouco movida pela preguiça, confesso* —, e então saí do banheiro.

—Agora está melhor! — ele falou assim que me viu.

—Obrigada por enfatizar que eu sou um *bagulho*.

—Nunca disse isso! — ele me olhou como se eu tivesse o ofendido. *Como pode?* — Apenas que você se veste mal e não se cuida.

—Não tenho culpa se não sou dona de uma *franquia* de roupas e minha vida seja agitada o suficiente para que eu não tenha tempo para mim mesma! Tenho muita coisa para fazer, Zedd, e parecer uma suburbana tirada a rica não é uma prioridade para mim! — falei exasperada.

Não soube identificar sua feição. Às vezes ele mantinha um semblante identificável, como um corpo sem alma.

—Tudo bem. — ele disse depois de um tempo. — Me desculpe por isso... Mas preciso que pareça mais apresentável ao meu lado... que pareça mais *mulher*.

—Por quê?

—Irá trabalhar para mim, Hayden. E eu preciso que ninguém saiba disso. Para todos os fins, você não será nada mais que a minha companheira.

—Então o meu trabalho vai ser fingir ser sua namorada?

—Também.

—E qual o outro?

—Saberá quando chegarmos em *Vegas*.

—Vegas? Vegas de Las Vegas? — perguntei boquiaberta.

—Sim. Existe outro Vegas por acaso?

—Não pode me levar para Las Vegas!

—Posso e vou. — ele levantou da cama e deu um passo à frente.

—Não.

—Sim.

—Não vou largar minha vida aqui... Não posso simplesmente sair assim porque você quer.

—Você assaltou a minha casa, Hayden!

—Então é isso, qualquer coisa que eu falar *vão* cuspir esse assalto na minha cara?

—Foi você que escolheu isso!

—Pois então que me entregasse para a polícia, pagaria pelo que fiz!

—Já disse que a polícia não resolve os meus problemas! — ele se aproximou rapidamente de mim, mas dessa vez não me pegou pelo pescoço.
— Minha casa, minhas regras! Ou você segue ou sofre as consequências e você sabe bem quais são.

Engoli seco. Seu olhar escuro e ameaçador tinha voltado.

—Não posso deixar meu irmão aqui... — falei. — A Natasha não irá cuidar dele, e o tratamento será iniciado.

—Posso pagar alguém para ficar com ele.

Eu já tinha pensado em deixar meu irmão com a Stephanie, mas não pensei que iria para tão longe.

—Ficarei por muito tempo lá? — perguntei.

—Sim. — ele segurou meu braço, mas foi com delicadeza. — Olha, sei que é um pouco difícil pra você por conta das condições do seu irmão, mas você vai poder ficar a par de tudo. Posso contratar um bom profissional que vai cuidar bem dele enquanto você estiver fora... — ele disse brando. Acho que estava tão acostumada com sua agressividade, que achei totalmente estranho ele ter empatia.

—Gostaria que ele ficasse com a minha amiga. Ele já está acostumado com ela, não quero um estranho...

—Tudo bem. Lhe darei alguns dias para organizar isso.

—Obrigado.

—Agora temos que ir, acho que você vai gostar do lugar onde irei te levar. — ele falou animado.

—Onde seria?

—Surpresa, Hayden. — ele soltou meu braço e segurou minha mão. Vou confessar que dei uma congelada. Sei que ele já me tocou mais intimamente, porém agora estava sorrindo alegremente e sua voz era doce. — Algum problema? — ele perguntou.

—Não. E-eu... Eu tenho que arrumar as coisas do meu irmão. Irei deixá-lo com a Stephanie enquanto vamos... Para sei lá onde...

—Tudo bem. — ele assentiu e se afastou.

Andando um pouco desconfortável devido ao salto alto, peguei a mochila que já tinha algumas roupas do Luckian. Coloquei seus pertences e saí do quarto, Zedd me seguiu.

—Poderei voltar ainda hoje para casa? — perguntei.

Ele olhou as horas no relógio. — Acho que não. Tenho planos para essa noite.

—Pensei que me levaria para algum lugar...

—E irei, mas na verdade são dois. Um que você vai gostar e outro que eu adoro. — ele sorriu com malícia.

Espero que não seja um motel.

—Ok. Espere um momento. — fui até a cozinha e peguei algumas coisas que o Luckian iria precisar. Antes de sair, minha mãe resolveu encher o meu saco.

—Então vai sair com seu namorado riquinho.

—Melhor do que ficar aqui olhando pra sua cara. — retruquei.

Ela riu em deboche. — Espero que se saia bem no seu golpe, assim me

livro logo de você...

—Não estou armando golpe nenhum!

—E eu que sou a idiota? Me poupe, Hayden!

—Você é incrível! Acha mesmo que eu sou igual a você? Acha que eu desceria mesmo esse nível, vender meu corpo em troca de algumas libras? — falei, olhando para ela com repugnância.

—Pelo visto fez pior...

—Do que está falando?

—Ouvi vocês conversando. Sei o que fez. E não duvido nada que seja verdade! Quando não está no trabalho está com a cara naqueles computadores ajudando bandidos!

—Não se mete na minha vida.

—Você assaltou a casa dele.

Simplesmente congelei.

—Eu não fiz nada! — falei, e minha voz saiu trêmula.

—Sei que é verdade. Posso ser uma puta, mas não sou burra. Uns homens vieram aqui saber mais de você, e quando voltou desse tal trabalho a sua cara estava toda arrebitada... Agora me aparece esse *pedaço de mau caminho* aqui te procurando e você trabalha pra ele?

—Cala a boca!

—Se não o que? — ela levantou da cadeira e parou na minha frente.

—Algum problema, *babe*? — Zedd apareceu na cozinha.

—N-não. Está tudo bem.

—Está mesmo, Hayden? — ela falou erguendo as sobrancelhas.

—Cala a boca, Natasha, não piora as coisas. — falei baixo.

—*Babe*? — Zedd puxou meu braço me fazendo olhar para ele.

—Está tudo bem. Vamos. — disse tentando manter a calma. Ele assentiu, então me virei e dei um passo para sair da cozinha, mas então a voz da minha

mãe se fez presente.

—Eu sei que ela assaltou a sua casa.

Nos viramos no mesmo momento.

—O que você falou? — Zedd perguntou para ela.

—Escutei a conversa de vocês. Sei o que ela fez... E estou disposta a denunciar, a menos que...

—Mãe, não!

—A menos que eu *meta* uma bala bem na sua boca e não tenha como você falar mais nada. — disse Zedd, tirando a arma da cintura e apontando para ela.

Merda!

Capítulo 8

Minha mãe estava com o olhar seco. Trabalhava no estacionamento do Hell's, estava acostumada a ver homens armados e ameaçadores. Mas eu não estava. E por um momento, tive mais medo que ele atirasse nela do que em mim.

— Zedd... Por favor! — pedi.

Ele não me deu atenção, apenas tirou um silenciador bolso e colocou no revolver se aproximou da minha mãe.

— Está realmente querendo me ameaçar? — ele perguntou para ela.

— Zedd, por favor! — pedi de novo.

— Cala boca, Hayden! — ele me olhou furioso.

— Não tenho medo da sua arma, garoto! — disse ela. — Já lidei com homem mais ameaçadores que você!

Zedd soltou uma gargalhada.

— Natasha, por favor, cala a boca! — pedi a ela.

— Não até que alguém me faça calar do jeito certo...

— Que seja então. — disse Zedd, abaixando a arma.

Ele olhou para mim, e quando eu ia proferir um *obrigada*, ele sorriu, engatilhou a arma e atirou bem no meio da cabeça dela.

Soltei um grito devido ao susto.

O corpo dela foi ao chão e logo uma poça de sangue se formou ao seu redor.

Ele matou a minha mãe.

— Pegue suas coisas e vamos. — falou, guardando a arma e saindo da

cozinha.

Não consegui mover um músculo. Estava estática. Também não conseguia desviar o meu olhar do corpo dela.

Ele tinha realmente feito aquilo.

— Desculpa, mãe... — falei chorando. — A culpa é minha...

Quanto mais eu olhava para ela, mais o meu choro aumentava. Tirei a toalha da mesa e cobri seu corpo.

Eu não queria acreditar. Minha vontade era de ficar ali até ela levantar e dizer que era pegadinha. Que eu estava sonhando... *Qualquer coisa*, menos que eu deixei que isso acontecesse.

Só consegui me mover porque escutei o choro do meu irmão. Quando cheguei à sala o Zedd estava com ele no colo.

— Seu irmão é uma graça! — ele falou.

— Não machuca ele... — pedi chorando.

— Disse que não vim aqui pra isso... E além do mais, ele é a garantia de que você fará exatamente o que eu mandar.

— Não precisava fazer isso com ela...

— Ela me ameaçou.

— *Não*. Ela me ameaçou! — gritei dando um passo para frente. Sei que não deveria, mas estava nervosa. — Eu podia resolver... Você a matou... — coloquei minhas mãos no rosto. Entregando-me ao choro que eu não conseguia cessar.

— Você mesmo disse que não gostava dela.

— Não justifica você matar ela a sangue frio... O que eu vou fazer com o corpo dela... Como eu vou explicar isso... — olhei para ele. — Você deixou meu irmão órfão.

Era incrível como ele não demonstrava nem um pinga de arrependimento. Seu semblante era seco.

— Arrume suas coisas, te espero no carro. — ele falou.

— Não posso deixar o corpo dela lá...

— Dakota dará um jeito, não se preocupe. — ele me deu as costas e saiu com meu irmão de casa.

— *Isso é só um pesadelo...* — falei sozinha, fechando a mochila. — A droga de um pesadelo que eu me meti...

Parei perto da porta e respirei fundo. A vida do meu irmão ainda estava nas mãos daquele filho da puta assassino. E eu tinha que fazer tudo que ele me pedisse, caso contrário o próximo que eu veria numa poça de sangue seria o Luckian. Já tive prova suficiente de que ele tiraria a vida de uma pessoa sem dó — sei que vi a garota no armário e que ele mandou atirar no meu irmão, mas nesse caso ele apenas estava mandando não fazendo. E dessa vez eu vi que ele mesmo é capaz de fazer isso, além de me bater.

Respirei fundo de novo e abri a porta.

— Desculpa, Natasha. — falei saindo de casa.

Tinha um novo plano agora. Iria dar um jeito de tirar meu irmão das vistas do Zedd e cair fora.

A porra do meu lugar é na prisão, não servindo ao canalha sem alma. Sei o que fiz, e pagaria do jeito certo.

E dessa vez eu não iria falhar. A culpa não foi minha se o frigobar dele quebrou, eu consegui executar meu primeiro plano com perfeição.

Dakota abriu a porta do carro para mim e eu entrei no mesmo. Meu irmão estava brincando com o Zedd. Era apenas uma criança, não via a maldade naquele homem.

— Triste, *Hay*? — ele perguntou estendendo as mãos para que eu o pegasse.

— Não, não! — limpei minhas lágrimas e peguei-o no colo. — Está tudo bem. — abracei ele e não tive como conter minhas lágrimas. Voltei a chorar.

Eu disse que queria o tirar da Natasha, mas não era dessa forma. Zedd tinha complicado tudo.

— Vamos para casa da amiga dela! — disse Zedd a Sokovia, que começou a dirigir.

Depois de alguns minutos, eu consegui parar de chorar. Meu irmão estava me perguntando a todo momento porque eu estava triste e eu não podia responder, então me esforcei ao máximo para cessar meu choro. Só não sabia até quando iria durar.

Chegamos à casa da Stephanie e eu desci do carro. Ninguém veio atrás de mim, mas quando olhei para trás, a janela estava baixa e o Zedd me olhava.

Tive uma imensa vontade de sair correndo. Não sei exatamente o que iria fazer, mas quis sair correndo para longe dele. Porém não o fiz — *talvez se não tivesse com aqueles saltos teria pensado melhor*.

Toquei a campainha e em instantes a Stephanie abriu a porta.

— Olá, Hayden... O que aconteceu? — perguntou preocupada, acho que notando minha cara de derrotada.

— Nada. Preciso que fique com ele hoje... E amanhã... *Ou pra sempre...*

— O quê? Por quê?

— Não posso falar muita coisa... Talvez consiga explicar depois. Só cuida dele pra mim, ok? — falei, tentando não chorar, mas minha voz já estava embargada.

— Hayden! O que aconteceu?

— Nada, Ste! — entreguei a mochila para ela. — O senhor Marshall está me esperando, não posso demorar.

— Ele... — ela inclinou a cabeça e olhou para frente. — Ele está ali?

— Sim... Vai com a Tia Ste, Luck! — ele estendeu as mãos e ela o pegou

no colo.

— Quando você volta?

— Não sei. Mas vou precisar que você fique com ele enquanto eu estiver fora...

— Como assim fora?

— Já sei onde irei trabalhar para ele.

— Por isso está vestida assim? Hayden, isso não vai dar certo, vai acabar se machucando... Quer dizer, se machucando mais ainda.

— Resolvo isso depois. Só cuida dele. Irei resolver algumas coisas e te prometo que isso aqui não vai durar muito...

— Por favor, toma cuidado...

— Vou tentar. — forcei um sorriso. — Até depois, Luck! — dei um beijo na testa do meu irmão e me afastei. — Até depois.

— Até... E volte viva.

— Farei disso uma prioridade. — ela sorriu, mesmo sem humor e entrou em casa.

Caminhei de volta para o carro, abri a porta e entrei.

— Tudo certo lá? — Zedd perguntou, eu apenas assenti. — Ok. Pode ir, Sokovia.

O carro voltou para estrada. Não conseguia me concentrar na música que tocava no rádio, minha mente reproduzia diversas vezes o momento que minha mãe foi ao chão, me deixando apavorada.

E sei que teria pesadelos com isso.

— O que vai... O que você vai fazer com o corpo dela? — perguntei ao Zedd.

— Dakota vai achar alguém para responder por homicídio. — ele falou.

— Vai colocar um inocente na cadeia? — não sei porque estava surpresa, vi o que ele fez, isso é o de menos.

— Você não sabe o que as pessoas são capazes de fazer por dinheiro, Hayden... — ele me olhou sorrindo. — Vai poder dar um velório lindo para ela! Ah, até esqueci! *Meus pêsames*. — ele tentou conter o riso, mas não conseguiu.

Virei o rosto olhando para janela ao meu lado. Irei passar o trajeto assim. Quanto mais eu o evitasse, melhor.

Alguns minutos depois, paramos no estacionamento do shopping. Fiquei o caminho todo quieta, não proferi nem uma palavra com ele. Confesso que cogitei a ideia de tentar pegar a arma que estava na cintura dele e dar um belo tiro nele também. Mas o problema é que tinha o segurança dirigindo, e o menos importante, eu nunca atirei com uma arma.

Ok. Eu estava com uma arma há alguns dias atrás, mas em momento algum eu disse que já tinha atirado em alguém ou em algo.

Embora eu não seja o tipo de pessoa que consiga conviver com o fato de que matei alguém, acho que se eu colocar em consideração o que ele fez, daria um jeito de viver com a minha culpa.

— Desce do carro! — Zedd falou.

Abri a porta e desci. A alguns passos de mim estava a Ellis, e o Zedd abraçou-a.

— Tem dias que eu não te vejo! Onde estava? — ela pergunta para ele.

— Vegas. — ele responde sorrindo.

— *E como está?*

— Bem... Ótimo. — o sorriso ele aumenta.

— Que bom. — ela o abraça de novo e então olha para mim. — Olá, Hayden!

— Oi. — respondi tão seco, que até eu me surpreendi com o meu tom de voz.

— Tudo bem? Você está com uma cara péssima...

— Não sei se *bem* é uma palavra que vai estar no meu vocabulário daqui pra frente. — falei, já sentindo meus olhos marejarem.

— O que aconteceu? — ela perguntou preocupada. Ou ela realmente estava, ou sabia fingir muito bem.

— Nada que eu não consiga administrar. — falei, olhando para o Zedd, que estava revirando os olhos.

— Ela está bem, vamos logo! — ele falou puxando ela pelo braço.

— O que você fez com ela? — Ellis se desfez das mãos dele.

— Eu não fiz nada e também nem vim aqui pra isso.

— Zedd, o que você fez? — ela o puxou para um canto em particular e começaram a conversar coisas que eu não conseguia entender. E também, nem fazia questão. Pelo visto, ela tem um pouco de *moral* sobre ele.

— Tudo bem? — dei um sobressalto com a voz de Sokovia. Ele apareceu ao meu lado. — Desculpa.

— Tudo bem. — limpei uma lágrima solitária que escorreu pelo meu rosto.

Apoie-me no carro e tirei a droga do sapato salto alto. Eu sinceramente não gostava daquilo. Sokovia me olhou com as sobrancelhas erguidas.

— Isso aqui está me matando. — falei para ele.

— Você não passou nem duas horas com ele...

— Mas foi o suficiente para foder com o meu pé.

Ele bufou. — *Fraca*.

— Ah! — olhei incrédula para ele. — Duvido você ficar dois minutos sobre um salto, *meu querido*.

— Eu não sou mulher. — ele deu de ombros.

— Claro que não é... Olhe o seu tamanho. Seria uma mulher *esquisitona*... — falei, e por incrível que pareça ele deu risada.

Uma risada mesmo.

Tipo, ele achou graça!

— Posso deixar no carro? — perguntei para ele, apontando para os saltos.

— E vai ficar descalça?

— Melhor que ficar sem os pés!

Ele torceu a boca. — O chefe não vai gosta... — ele abriu o porta malas e procurou algo dentro, depois de um tempinho fechou o mesmo me entregando um tênis branco. — Calce isso.

— Valeu, James! — peguei o tênis e calcei, entregando os saltos para ele. — Você é o melhor segurança de todos!

Ele sorriu.

Suspirei aliviada pelos meus dedos estarem confortáveis. Zedd voltou com a Ellis.

— Vamos, Hayden! — ela me chamou, eu assenti e comecei a andar.

Entramos os quatro no shopping. Eu e Ellis ficamos na frente, enquanto Zedd e o segurança conversavam atrás.

— Eu... — ela começou a falar, mas antes olhou para trás e então prosseguiu. — Eu sinto muito...

— Está tudo bem. — falei, forçando um sorriso.

— Só tome cuidado e faça o que o Zedd pedir... Ele não gosta muito de escutar um não e possa ser que tenha descontado a raiva na sua mãe.

— Claro, sigo como *pau mandado*...

Ela deu um sorriso de lado e me puxou pela mão para entrarmos no salão de beleza.

Argh.

Enquanto íamos andando pelo longo e vasto estabelecimento, me permitir pensar o que foi que eu neguei para o Zedd. Ele falou sobre me levar

para Vegas, eu hesitei, mas depois cedi. Não poderia ter ficado com raiva de mim só porque fui pega de surpresa assim.

Mas então, como se eu tivesse levado um soco de supetão, lembrei que disse *não* para os toques íntimos dele.

Não acredito que ele matou a minha mãe porque eu *neguei* sexo.

Ele disse que não me pegaria a força, então aquilo seria a forma dele de insistir até eu ceder?

Putá merda! Eu teria que deixar que ele me *fodesse* quando tivesse vontade pelo simples fato de evitar mortes ao meu redor.

Ótimo, Hayden, está ficando cada vez melhor.

Ellis me fez sentar em uma cadeira, e eu estava andando tão no automático, que nem notei como cheguei ali.

— O que vai fazer? — perguntei.

— Eu não, o Snow. — ela apontou para um homem de cabelos longos que estava logo atrás dela. Ele sorriu para mim e piscou.

Esse era o tipo de homem que eu poderia facilmente me apaixonar. Tinha lindos olhos verdes e seus traços eram como se tivessem sido *milimetricamente* bem feitos. Tinha tatuagens minimalistas pelos braços e elas o deixavam ainda mais bonito.

Ele passou as mãos pelo meu cabelo e fez uma careta – eu estava o olhando pelo grande espelho na minha frente.

— Algum problema? — perguntei.

— Seu cabelo está uma *droga*. — ele falou. *Cristo, que voz gostosa.*

Ok, eu estou perdendo as *estribeiras*. Mas pelo menos eu estava pensando em outra coisa.

— Não tenho tempo para essas coisas... — falei.

— Não tem tempo pra lavar o cabelo? — ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Ei! Eu lavei meu cabelo hoje.

— Com detergente?

— Olhe, Snow, isso aqui... — aponte para mim e depois para ele. — não vai funcionar se você continuar com essa ofensa gratuita!

Ele deu risada e se inclinou, dando um beijo a minha bochecha.

— Desculpa. Estava tentando descontraír, você está com uma cara péssima... — ele sorriu amigável.

— Hoje não é um dos meus melhores dias. — suspirei pesadamente.

— Mas olhe onde você está! — ele ergueu as mãos. — Vai ter um dia de rainha! Só tente esquecer seus problemas por alguns instantes e curtir isso aqui, ok?

— Posso tentar.

— Já é alguma coisa. — ele sorriu de novo e eu retribuí, mesmo que tenha durado apenas cinco segundos. — Agora me deixe cuidar de você... — ele colocou o *cape* sobre mim e virou minha cadeira. — Só vai ver o resultado no final.

— Ok.

Acho que em toda minha existência miserável, eu só fui ao salão de beleza uma única vez – *tirando essa é claro*. E também, fui apenas para dar um *jeito* no cabelo, era minha formatura, não podia ir *maltrapilha* para a mesma.

Dessa vez fiz as unhas, ganhei uma massagem bem gostosa no rosto e depilaram minhas pernas. *É fizeram isso*, a Ellis insistiu. Por sorte convenci que minhas partes íntimas estavam *ok*.

E realmente estavam.

Tudo entra e desliza mais fácil quando o caminho está liso. Eu levava isso bem a sério.

Por fim, Snow virou minha cadeira para que eu me olhasse no espelho.

Vou confessar que fiquei bem surpresa. Nunca tinha mudado a cor do meu cabelo, e ele tinha feito californiana e deixado os cachos naturais. Minha maquiagem estava leve, só o batom que tinha bastante cor; era rosa.

— Seu cabelo não é feio, só estava morto. — ele falou.

— Então você é o *deus da ressurreição*, isso aqui ficou maravilhoso! — falei entusiasmada. — Eu adorei!

— Fico feliz que tenha gostado. — ele me deu outro beijo na bochecha.

— Obrigada!

— Por nada.

Levantei da cadeira e logo avistei a Ellis, ela adiantou os passos até mim.

— Você está um arraso! — ela disse me olhando. — Mandou bem, Harold!

— Nada mais que o meu lindo trabalho.

— Que você faz maravilhosamente bem. Vista isso, Hayden! — ela me entregou outra sacola da *versus*.

— Virei garota propaganda? — revirei os olhos.

— Quase isso. O banheiro fica no final daquele corredor. — ela falou me empurrando de leve pelas costas.

— Ok.

Fui andando, lentamente, até o banheiro. Aquele lugar era realmente enorme, eu andava, andava e nada de chegar.

Minutos depois — *tenho certeza que foram minutos* —, eu cheguei ao banheiro e entrei numa cabine. Tirei as roupas da sacola e dessa vez as mesmas tinham cor. Era uma saia jardineira laranja e uma blusa colorida listrada. E pela glória de Deus, não tinha salto e sim um tênis vermelho.

Tirei minha roupa e vestir as novas, colocando a antiga na sacola e saindo da cabine. Gostei do que vi no espelho, acabei até sorrindo.

Saí do banheiro e voltei para onde Ellis estava. Harold nos acompanhou até a saída, onde Zedd esperava, sentado em um banco que ficava ao lado do estabelecimento, distraído acendendo e apagando o isqueiro.

Ele tinha mudado de roupa. Estava com uma blusa verde militar, com alguns botões abertos deixando o seu peito exposto, calça preta e uma bota *marrom surrado*.

E juro por Deus, seu cabelo estava preto de novo com o corte mais baixo.

Eu estava começando a duvidar do meu estado mental.

Ele ergueu o olhar e me viu, sorrindo logo em seguida.

— Está maravilhosa, *babe*! — levantou do banco e se aproximou de mim.

— Obrigada. — falei, um pouco tensa.

Ele ainda estava sorrindo para mim. E era o seu sorriso bom. Seu olhar estava com brilho.

— Olá, Harold. — ele cumprimentou o cabeleireiro.

— Oi, Zedd. — Snow deu um sorriso torto. — Como estão as meninas? Elas nunca mais vieram aqui.

— Estão bem. Curtindo as férias em Paris. — Zedd respondeu dando de ombros.

— Ah, claro. — ele assentiu.

— Onde está Landon?

— Gostaria que ele estivesse na minha cama, me *estocando violentamente*, mas infelizmente está com a ex mulher dele resolvendo coisas do divórcio e *blá, blá, blá...* — Harold falou, revirando os olhos.

Tentei conter minha cara de espanto, mas meus olhos arregalados me denunciaram.

— Isso foi bem desnecessário. — Zedd disse.

— Você que perguntou. — Harold deu de ombros. — Até depois, Zedd.

— Até, Harold. Até depois, Ellis.

— Até. E vê se não faz besteira! — ela falou, o olhando com cara feia.

— Fazer besteira é minha especialidade. — ele disse sorrindo. — Vamos, babe! — Zedd segurou minha mão. E novamente eu congelei. — O que foi? — perguntou franzindo o cenho. Eu neguei. — Então vamos? — assenti.

Acenei para Ellis e o Harold, então começamos a andar. Logo duas sombras se fizeram presente atrás de nós. Virei-me e vi os seguranças. E ao olhar para Dakota, me lembrei de que ele ficou responsável por cuidar da minha mãe.

Do corpo dela, para ser mais exata.

Voltei para minha posição anterior e continuei andando. A fim de afastar esses pensamentos, resolvi puxar conversa com o Zedd. Era de longe a minha pior opção, mas era isso ou eu começava a chorar.

— Você tem irmãs? — perguntei. Ele me olhou surpreso.

— Sim. Três. — ele respondeu sorrindo. — Sou o mais velho. Pensei que soubesse.

— Não. Não pesquisei muito sobre você, quando menos eu soubesse melhor.

— Entendi.

— Eu sempre quis ter um irmão mais velho... Mais para me defender na escola.

— Faziam bullying com você?

— Eu era do tipo que só ficava lendo livros e enfiada com a cara no computador... Quem não faria bullying comigo? — ele deu risada.

— E agora você é uma *puta hacker*...

— Fodida que trabalha como camareira e ajuda bandido. — bufei.

— Você não é mais camareira e o que você fez foi simplesmente incrível. Às vezes eu olho pra você e fico impressionado como você conseguiu fazer aquilo tudo sozinha...

— Você ficou com raiva. — falei baixo.

— Claro que fiquei! Mas agora já passou. Você chegou em uma *boa* hora para mim, Hayden! — ele sorriu e apertou a minha mão.

Sáímos do shopping e voltamos para o estacionamento. Ele abriu a porta do carro para mim e entrei, ele entrou logo em seguida, então segurança começou a dirigir.

Recostei-me no banco e fiquei olhando pela janela, pensando. Essa era a primeira vez que eu conversava com ele e não terminava em ameaça, ou eu machucada — *seja fisicamente ou psicologicamente*. Mesmo para uma conversa curtinha, já era alguma coisa.

Vai ver eu só tinha que escolher as palavras certas para usar com ele.



Alguns minutos depois o carro parou e Zedd segurou minha mão, saindo do carro. Iria perguntar onde nós estávamos, mas o letreiro neon escrito "*love and sex*", me poupou do ato.

Era uma casa noturna.

— Então esse é o lugar que você adora? — perguntei enquanto entrávamos.

— Você não? — seu sorriso agora era com malícia.

— Nunca entrei em uma. — confessei.

— Em que mundo você vive? — ele me olhou franzino o cenho e abrindo a porta para que eu passasse.

Não tive como responder. Fiquei assustada com o tanto de mulher *seminua* dançando, e a música explícita tocando exageradamente alta. Zedd
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me guiou até a parte de cima. Era um lugar mais reservado. Sentamos em um sofá que era extremamente confortável e logo uma mulher vestida apenas com um *body* preto começou a dançar em um pequeno palco que tinha ali.

Esse não era o tipo de lugar que eu faria questão de frequentar. Então não tive como conter minha cara de desprezo.

— Relaxa, babe... — Zedd levantou e se sentou ao meu lado, repousando a mão na minha coxa.

Minha pele se arrepiou. E eu quis tanto me socar violentamente por conta disso. Pois ele notou e sorriu. Ele estendeu a outra mão e logo veio uma garçonete colocando diversas bebidas na pequena mesa.

— O que vai querer? — ele perguntou.

— Não, eu não bebo.

— Deveria... — ele encheu os copos. — Pelo menos hoje, no seu dia de luto... — falou sorrindo.

Pronto. *O babaca tinha voltado.*

Eu sinceramente não era de beber, mas já que estava ali, e teria que aturar ele e o lembrete de que o mesmo matou a minha mãe, por que não encher a cara? Assim ficava logo inconsciente e ia para casa.

Estendi a mão e peguei uma garrafa de *Smirnoff* do balde. Sem cerimônia virei na boca.

Queria não ter feito, pois o gosto era horrível e queimou minha garganta.

— Cada vez mais eu fico impressionada com você... — disse Zedd, pegado a garrafa da minha mão, enquanto eu fazia inúmeras caras de nojo. Peguei um copo que tinha uma bebida azul e joguei pra dentro também. — Vai com calma, assim você vai cair no chão em dois segundos.

— Essa é a minha intenção... — falei terminando o líquido do copo e pegando outro, bebendo antes que ele tirasse de mim.

— Não se eu não deixar. — ele sorriu e pegou o copo da minha mão. —

E não ouse pegar mais nada dessa mesa. — ele falou sério.

Engoli seco e me ajeitei no sofá.

Fiquei olhando para mulher que dançava, afinal, ninguém estava dando atenção para a coitada. Ela tinha um lindo corpo, e longos cabelos negros. Quando viu que eu estava a observando começou a dançar com mais sensualidade. Não estava indo mal.

E eu já estava me sentindo tonta.

Ou a bebida era muito forte ou era muito fraca.

A mulher saiu do palco e veio em minha direção. Antes de chegar até mim, ela olhou para Zedd como se pedisse permissão, ele assentiu, então ela chegou mais perto e voltou a dançar. Ajoelhou-se na minha frente e passou a mãos pelas minhas penas, e foi subindo até chegar a minha coxa.

Zedd apenas observava tudo, sorrindo. Seus olhos estavam mais brilhantes do que nunca.

A essa altura, o álcool já tinha tomado conta de mim. *Sério.*

Eu puxei a mulher pelo braço e ela sentou no meu colo. Minhas mãos foram em sua cintura e seus lábios foram em meu pescoço.

Ah, não contei para vocês?

Essa é a parte boa de ser *bissexual*, você pode aproveitar tudo com gosto.

Senti uma mão no meu braço e quando me virei o Zedd estava mais perto.

— Não quer ir para um lugar mais reservado, *babe*? — eu nem entendi direito o que ele falou, apenas assenti. E meus lábios foram tomados pelos dela. Não me causou arrepios, mas ela tinha um beijo bom. — Vejo que está gostado mesmo disso. — ele disse sorrindo, quando cortamos o beijo. — Vamos!

Zedd foi na frente e a mulher – *que por sinal eu nem perguntei o nome* –

segurou minha mão e o seguimos. Algum tempo depois eu já estava em um quarto iluminado por uma luz vermelha que não estava ajudando em nada a minha tontura.

Tirei meus sapatos e fiquei parada no meio do cômodo.

Eu estava de olhos fechados, fui abraçada por trás, e por sentir algo bem duro no meu cóccix, soube que era o Zedd. Meu pescoço voltou a ser beijado por ela, enquanto suas mãos passeavam pelo meu corpo.

Senti mãos masculinas tirarem a minha roupa, enquanto recebia beijos dela nos lábios intercalados no pescoço. Quando me dei conta estava apenas de calcinha. Não tive tempo de olhar para saber onde Zedd estava, ela me puxou para grande cama, me fazendo deitar, retirando a última peça de roupa que cobria meu corpo em seguida.

Agora eu estava realmente nua.

Ela fez uma trilha de beijos da minha barriga até o meio das minhas pernas. Dando um beijo delicado antes de começar a passar a língua por toda a minha intimidade.

Ela tinha lábios finos, assim como a sua língua, e me chupava com calma. Fechei os olhos e me deixei sentir aquilo. Tinha tempo que eu não fazia sexo, tudo bem se não for uma foda alucinante.

De repente, tudo mudou. Senti meu corpo se aquecer com a nova sensação. Uma língua quente e lábios bem macios me tocavam.

Acabei gemendo alto e abri os olhos olhando para baixo.

Lá estava *ele*.

E merda, ele sabia bem o que estava fazendo porque estava fazendo com gosto.

Perdi a cabeça para trás arqueando as costas involuntariamente quando ele passou a língua bem devagar por todo o meu sexo. Outro gemido alto escapou da minha boca, e eu calei a mesma com uma das mãos, a outra

apertava no edredom.

Eu não deveria deixá-lo fazer isso. Em momento algum eu permiti que ele se enfiasse no meio das minhas pernas.

Não podia culpar o álcool pelo que estava acontecendo, porque eu sabia exatamente o que estava *acontecendo*.

E não queria que ele parasse.

Minhas pernas foram abertas ainda mais, com uma violência razoável. Não sabia se ficava envergonhada devido a exposição, ou se impressionada com sua habilidade no sexo oral, pois sua boca em nenhum momento saía de *lá*.

Eu estava definitivamente derretendo em sua língua.

Tentei me afastar, tentando ter um pouco de bom senso, mas ele envolveu seus braços em minhas pernas e me puxou com força.

— Você não sai daqui até gozar, *babe*... — ele falou com a voz arrastada, a deixando *momentaneamente* rouca.

Merda!

Estava tão tonta e inebriada que não tive como argumentar.

Soltei outro gemido alto quando senti dois dedos entrando em mim rapidamente. E então, ele começou a me chupar devagar e seus dedos acompanharam o ritmo. Aquilo estava sendo uma tortura.

Uma tortura maravilhosamente *gostosa*, diga-se de passagem.

Não tinha mais discernimento para descrever o quanto aquilo estava bom. Meu corpo estava tão quente que por um momento pensei que estivesse no inferno.

Talvez sim, de certo modo. Aquele homem poderia ser o demônio do sexo em pessoa.

De repente, suas investidas ficaram mais rápidas. E a esse nível não fui capaz de controlar o meu tom de voz. Estava gemendo alto e não tinha como

parar.

Senti os espasmos por todo o meu corpo, minha respiração ficar exageradamente descompassada e eu perder toda linha de raciocínio.

Estava tendo a *porra* de um *puta orgasmo*.

E foi o do século.

A sensação inebriante durou mais que o normal. Minhas pernas tremiam tanto que cogitei em pensar em estar tendo uma convulsão.

Ele passou a língua por *mim* uma última vez e saiu de perto. Senti seu corpo sobre o meu, ele tinha se posicionado entre minhas pernas, e mesmo com o jeans pude sentir o seu pau duro.

Abri os olhos e vi tudo girando. Estava respirando descontroladamente ainda.

— Respira, babe. — ele falou, e acho que estava sorrindo.

— Que porra... você fez...? — falei, virando o rosto para o lado. Meu peito subia e descia em uma velocidade alucinante.

Senti seus lábios no meu pescoço.

Meu Deus! Ele é tão *bom*!

— Sexo oral, *amor*... — ele falou, com a *porra* da voz rouca. — E pelo visto você gostou muito... — ele foi fazendo uma trilha de beijos do meu pescoço até o meu ombro. — Gozou *intensamente* pra mim.

Minha intimidade se contraiu e, *literalmente*, piscou querendo ser preenchida.

— Eu... — ele foi descendo pelo meu tórax.

— Você?

— Não sei. — senti seus lábios em minha pele se curvarem para um sorriso. Sua língua quente tocou meu mamilo esquerdo, acabei gemendo manhosa.

Não podia me entregar assim.

Droga de corpo traíra!

Não que eu fosse do tipo que fizesse sexo só com alguém que amava ou por ter um compromisso sério. Mas ele matou a minha mãe, exatamente nesse mesmo dia, e eu estava aqui, literalmente *aberta* para ele.

Eu era a pior pessoa do mundo!

Não posso fazer isso.

— Eu... Eu não posso. — falei tentando me afastar. *Sem sucesso.*

— Não quer, babe? — ele abocanhou meu mamilo.

— *Merda!* — gemi de novo. — Zedd, eu não posso...

— Por quê? — ele virou meu rosto para que eu o encarasse.

Ainda estava enxergando as coisas girando, não consegui distinguir o seu semblante.

— Você... Você matou a minha mãe... — falei baixo. E torci para que ele não tivesse escutado.

Ele não disse nada, mas vi — *com a minha visão limitada* — que estava me olhando. Zedd passou as pernas por mim e me virou de supetão.

— Porra! — gritei com o susto.

— Estávamos tendo uma *coisa* aqui, Hayden... — falou ao meu ouvido, juntando o corpo ao meu. — Não estraga...

— A culpa não é minha... — falei, mas devido as suas simulações de estocadas, minha voz saiu como um gemido.

Merda! *O quê que eu estou fazendo?*

— Esquece isso, vamos aproveitar aqui... — ele puxou minhas mãos para trás com força.

— Não tem como eu esquecer uma coisa tão recente.

— Eu posso tentar... — ele mordiscou o lóbulo da minha orelha.

E por que porra eu estava gemendo com tanta facilidade? Já transei diversas vezes, já recebi esse tipo de carinho, e nunca fiquei tão vulnerável

assim.

Preciso me recompor.

— O quê? Acha que o seu pau mágico vai me fazer esquecer o que fez?
— tentei ser ríspida, mas seu *pau* roçando na minha bunda não ajudou muito.

Ele deu risada.

— Você vai ver que sim... — ele soltou meu braço e me virou de frete de novo. — Deixa eu te *foder, babe?*

Ele pediu.

Tipo, ele realmente pediu!

Poderia estar levemente embriagada, mas escutei uma frase interrogativa... Pedindo para me foder.

— Você já me fodeu, Zedd... E não foi do jeito certo.

— Então me deixe fazer. Do meu jeito. Prometo que vai gostar.

— E se eu não gostar?

— Acho pouco provável, impossível alguém não gostar do que eu faço. Eu sei foder do jeito *certo*... — ele falou sorrindo.

— *Síndrome de Kanye West* uma hora dessas? — perguntei rindo, descontrolada pelo nível do álcool ter chegado no meu cérebro.

— Você é simplesmente maluca... — ele me acompanhou. — Me responde... — disse sério.

Vamos aos fatos: eu estava pelada, cheia de tesão e me recuperando de um orgasmo muito bem desenvolvido.

Não vou mentir dizendo que eu não o queria, porque eu queria. E muito! Tanto que deixei o *oral* rolar.

Ao mesmo tempo que eu me permitia o querer, a culpa *cutucava* o meu ombro. *Ele matou a sua mãe*, ela dizia.

Mas o meu outro ombro também estava sendo cutucado. E ela dizia que

não faria diferença, não transar com ele não faria a minha mãe voltar. E que se eu dissesse *não* para ele outra vez, poderia perder alguém que realmente me importo.

— Então? — ele perguntou.

— Sim. — respondi rápido, para não ter tempo de pensar novamente.

— Ótimo. — falou sorrindo. Então se inclinou e selou meus lábios.

Fui, definitivamente, pega de surpresa. E eu sei que isso vai soar estranho, sendo que há alguns minutos atrás ele estava no meio das minhas pernas, mas meu corpo todo se arrepiou quando sua língua quente e extremamente macia tocou a minha.

Foi diferente. E devido ao nível a embriaguez, talvez eu estivesse errada quando a isso, mas eu sentir algo *além* de prazer.

Só não sabia explicar o que era.

E espero não estar assinando o meu atestado de óbito por isso.

— Sua boca está com gosto de *buceta*. — falei quando ele se afastou. Primeiro porque ele estava me olhando fixamente – *lembrando que, não que eu estivesse o vendo com nitidez* –, e eu estava ficando nervosa. E quanto eu estou nervosa digo mais merda e coisas desnecessárias que o normal.

— Um gosto muito bom. — ele sorriu.

— Que frase mais *ctrl c, ctrl v*.

— O quê?

— Você é muito lerdo. — comecei a rir. — Frase *copia e cola*.

— Ah tá! E se me chamar de lerdo de novo, vou te *comer por trás* sem a menor das delicadezas... — ele falou sério.

Já perdi as contas de quantas vezes engoli seco.

— Isso seria estupro... Que é um crime.

— Vamos mesmo colocar em questão o que é crime, Hayden?

— Tudo bem. Já entendi.

— Ok. E minha frase não é copia e cola... Eu não faria aquilo se não tivesse com vontade, e não diria isso se não fosse verdade. — ele disse e me deu um selinho rápido. — Vamos para minha casa. — levantou, pegando minhas roupas no chão e jogando-as para mim.

— Por que não aqui? — perguntei, pegando minha calcinha e vestindo ainda deitada.

— Em casa eu tenho o que preciso...

— Pensei que precisasse só do *pau*. — falei com a voz arrastada. Isso foi culpa do álcool, tenho certeza.

Ele deu risada.

— Vou precisar mais do que isso com você...

Resolvi não perguntar mais nada. Quanto menos eu soubesse, melhor. Só teria que comparecer a esse *evento* e pronto. O obedeci e posso seguir com a vida.

Não é?

— *Onde* está a mulher? — perguntei vestindo a blusa, ainda na cama. Aparentemente, não consigo levantar.

— Saiu assim que comecei a *chupar* você.

— Por quê?

— Mandeí que saísse.

— Eu gostei dela, não precisava mandar ela embora.

— Não tinha necessidade de ela ficar, posso lhe fornecer prazer o suficiente... Como fiz. — ele falou.

Não sabia exatamente como reagir aquilo, então só vestir minha jardineira.

Tentei levantar depois disso, mas parecia uma tarefa impossível. Era como se eu tivesse pesando toneladas. Zedd se aproximou de mim e calçou meus sapatos antes de pegar a minha mão e me puxar da cama.

Cambaleei para lado assim que fiquei de pé, quase ia caindo, mas ele me segurou pela cintura.

— Ei! — ele me puxou para mais perto do seu corpo. — Não deveria ter virado as bebidas.

— *Poor... que... não?* — pisquei inúmeras vezes.

— Não está se aguentando em pé.

— Eu... estou ótima. — falei e ele me soltou. Fui ao chão. — *Cacete!*

Por que fez isso?

— Você falou que estava ótima. — deu risada. — Vem, levanta!

— Zedd? — o chamei, ainda no chão.

— Oi? — escutei a voz dele bem distante.

— Por que você apagou a luz...? — tudo estava ficando escuro.

— O quê?

— Tá escurecendo...

— Hayden?

— Zedd? — não escutei mais nada. Tudo ficou escuro.

Apaguei.

Capítulo 9

Estava em um corredor com paredes brancas. Ele era terrivelmente longo e tinha apenas uma porta no fim. Fui caminhando, na intenção de passar por aquela porta, na esperança dela ser a saída.

Enquanto ia andando, pude ver um líquido grosso, e com mal cheiro, escorrer pelas paredes.

Adiantei meus passos, porém, parecia que quando mais eu andava, mais longe eu ficava daquela bendita porta.

O líquido começou a escorrer pelo chão e só então eu pude notar que era sangue.

Parei de andar quando uma poça que apareceu na minha frente começou a borbulhar. Dei um passo para trás, com medo, mas acabei dando de costas com uma parede. Não entendi bem como isso aconteceu.

A poça começou a se erguer.

Não tive voz para gritar. Não conseguia nem abrir a boca.

Aquela coisa foi ganhando forma humana e todo sangue escorreu pelo seu corpo relevando uma mulher.

Era minha mãe.

Ela abriu os olhos, que estavam completamente brancos, e tinha um buraco de bala na cabeça.

A mesma deu um passo para frente e segurou meu pescoço com força.

— Você me matou! — ela falou com uma voz monstruosa.

Segurei o braço dela com minhas duas mãos tentando fazer com que ela

se afastasse, mas foi em vão. Ela nem sequer movia um músculo.

Sentia meu pescoço sendo apertado cada vez mais. Estava ficando quase sem ar.

— *Vai matar seu irmão também!* — *ela falou, aproximando o rosto do meu.*

— *Não!*

— Hayden!

Abri os olhos e dei de cara com o Zedd, em cima de mim, segurando os meus braços, minhas mãos estavam apertando o meu próprio pescoço.

Minha respiração estava descontrolada. E eu estava assustada.

Foi um pesadelo.

Ele afastou minhas mãos com delicadeza e saiu de cima de mim.

— Tudo bem? — perguntou ele, sentando ao lado.

Apenas assenti.

Estava em um quarto diferente. E devido a semelhança com o quarto que já estive, supôs que estávamos na casa dele.

A última coisa que eu lembrava, tirando meu pesadelo, foi de cair no quarto da casa noturna e apagar no chão.

— Já é a quarta vez que você tenta se *enforcar*... — ele falou calmo, ou talvez preocupado. — Dessa vez acordou.

Virei meu corpo para o outro lado, ficando de costas para ele. Involuntariamente, ou *necessitadamente*, comecei a chorar, passando a mão pelo pescoço sentindo o mesmo doer.

— Ei, o que foi? — senti sua mão no meu braço.

— Era minha mãe... — falei entre o choro. — *Ela* estava me enforcando...

Ele não falou nada, mas o ouvi suspirar e pelo movimento na cama, tinha levantado. Acabou por dar a volta, pois apareceu do meu lado, se ajoelhando

em minha frente.

— Não vou dizer que sinto muito pelo que fiz, pois estaria mentindo. — ele disse brando. — Mas sinto por te deixar nessa situação. Sei o quanto é ruim ficar tendo pesadelos com uma pessoa que morreu... — novamente, não soube distinguir seu semblante, mas vi verdade no que ele disse. Talvez estivesse enganada, ele poderia ser um bom ator. Mas ele não teria motivos para mentir, ainda mais depois das coisas que já me fez. — Se fizer tudo certo, esse tipo de coisa não irá se repetir.

Apenas assenti. Não tinha como esquecer porque estava ali.

— Você vai ficar bem, isso vai passar com um tempinho.

— Ou talvez eu me mate antes, já que é isso que estou tentando fazer... — falei, me encolhendo na cama.

— Irei ficar de olho em você para me certificar de que isso não aconteça. — ele falou sorrindo.

Era o sorriso bom.

— Precisa de um banho e comer alguma coisa. — ele levantou e estendeu a mão para mim.

Me desfiz do lençol e segurei sua mão.

— O que aconteceu? — perguntei. — Só me lembro de cair e apagar.

— É, você apagou... — ele deu risada. — E vomitou lá no chão, no meu carro e na entrada da casa.

— Sério? — fiz cara de nojo.

— Sim. E foi nojento mesmo, ainda mais pra mim que fiquei segurando seu rosto pra você não sujar a roupa ou se engasgar.

— Você me trouxe até aqui?

— Não, Sokovia te carregou, não queria que você vomitasse em mim.

— Hmm... Desculpa por isso... E obrigada.

— Tudo bem. — ele deu um sorriso de lado. — Parabéns pelo primeiro

chilique com bebida.

— Eu lhe disse que não bebia.

— Eu não te obriguei a beber. — ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Eu sei...

Marshall soltou minha mão e foi para o closet. Voltou minutos depois com uma toalha e roupas.

Eu estava no quarto dele.

— Não tenho nada confortável para você dormir... Digo, roupas femininas, então vai ter que ser uma das minhas roupas. — disse ele.

— Tudo bem, gosto de roupas masculinas — peguei as coisas na mão dele.

— O banheiro é ali. — ele apontou para uma porta. — Vou preparar algo para você comer.

— Você vai?

— Sim.

— Não seria seus empregados...? — ele me olhou curioso.

— São duas da manhã, Hayden. Eles não estão mais aqui.

— Ah, Ok.

— Tome banho.

Assenti e caminhei para o banheiro. Antes de abrir a porta, escutei sua voz.

— Sobre aquele assunto... Vamos procrastinar ele por um tempo... — ele sorriu, e dessa vez vi malícia.

— Como? — perguntei confusa, mas ele não respondeu e saiu do quarto.

Bufei frustrada e entrei no banheiro. E, *puta que pariu*, era extremamente luxuoso, enorme e maravilhoso.

Se tivesse uma competição de banheiro mais bonito, esse sem dúvidas

ganharia.

Coloquei as coisas na bancada da pia e tirei minha roupa. Caminhei até a banheira e liguei a torneira — que era dourada, não cogitei nem em duvidar que aquilo era ouro. Assim que a mesma encheu de água, eu entrei. Avistei saís de banho e não hesitei em pegar um sachê e abrir, despejando seu conteúdo na banheira.

— Espero que não se importe com isso, Zedd... — falei sozinha.

— Sem problema. — dei um sobressalto, colocando as mãos nos seios quando escutei a voz dele.

— *Cacete!* — me virei, o mesmo estava parado na porta. — De novo isso, não vai me deixar tomar um banho em paz?

— Desculpe. — disse sorrindo. — Só vim perguntar se prefere que eu faça um hambúrguer ou não se importa em comer pizza... Eu meio que não gosto de esperar então vim logo.

— Hambúrguer, se não for incomodar muito.

— Ok. — ele ia saindo, mas parou no ato. — Por que está cobrindo os seios? Definitivamente não tem nada aí que eu não já tenha visto... ou *provado*.

Olhei incrédula para ele. Não tive tempo de perguntar do que ele estava falando, já que o mesmo saiu na velocidade da luz.

De repente lembrei os acontecimentos depois de beber e antes de cair no chão na casa noturna.

Ele tinha feito sexo oral em mim e eu iria deixar ele me *foder*. Agora eu estava devendo isso a ele.

— Caralho!

Acomodei meu corpo na banheira e repousei a cabeça. Com pensamento automático, lembrei da sensação de ter sua língua em mim. Aquilo foi muito bom. E o orgasmo então nem se fala.

Ainda bem que eu não esqueci.

Talvez isso até seja bom. Uma recompensa, já que vou trabalhar para ele e não terei o direito de reclamar de nada.

Só espero que ele seja tão bom só sexo quanto foi me chupando. Eu mereço um sexo bem feito.

Terminei o banho, me enxuguei e vestir a roupa que o Zedd tinha me dado. A cueca coube bem, a calça moletom coube porque a mesma tinha um cordão para apertar a cintura, e a camisa me engoliu.

Mas pra mim estava bom, eu tinha costume de usar camisas assim.

Enrolei minha roupa suja na toalha e coloquei no cesto. Saí do banheiro e em seguida do quarto. Se eu já não tivesse visto os cômodos daquela casa tantas vezes pelas câmeras, iria claramente me perder por ali.

Fui descendo as escadas e as lembranças da noite do roubo vieram em minha mente.

Caminhei até a cozinha e assim que cheguei fui agraciada com um maravilhoso cheiro de carne grelhada.

Zedd estava com os braços apoiados no balcão, e sorriu quando me viu.

— Ficaram ótimas em você. — ele falou apontando para as roupas.

— Parecer uma garota largada faz o meu estilo.

Ele deu risada. — Já volto. — falou indo para algum lugar. Voltou segundos depois com sandálias nas mãos. — Aqui. — ele as jogou no chão.

— Obrigada. — coloquei-as nos pés.

Ele sorriu e foi para o cooktop virar a carne.

— Você está cheirando a *calêndula*. — ele falou assim que sentei na cadeira do balcão.

— Foi os sais de banho.

— Eu sei, esse é o meu preferido. — falou sorrindo.

Alguns minutos depois, ele aprontou tudo e me entregou um prato com dois hambúrgueres, também tinha se servido.

— Suco ou refrigerante? — ele perguntou abrindo a geladeira.

— Não bebo refrigerante.

— Também não. — ele sorriu e serviu soco nos copos.

— De que é? — perguntei, pois tinha uma cor que eu não poderia deduzir o sabor.

— Maracujá, cenoura e beterraba.

— É né, tem que equilibrar... Gordura de um lado e uma tentativa tímida de ser saudável do outro.

Ele deu de ombros sorrindo e sentou ao meu lado.

Entupi meu hambúrguer de *ketchup* e então comecei a comer. Eu estava mesmo com fome.

Também, tinha colocado tudo para fora.

Depois de um tempo, terminamos de comer. Ele lavou os pratos e então saímos da cozinha.

Assim que subi as escadas fui para o lado oposto do dele.

— Hayden? — ele me chamou.

— Oi?

— O quarto é pra cá.

— O que eu dormir da outra vez fica pra cá. — apontei por cima do meu ombro.

— Dorme *comigo*. — ele falou.

Mas tive dúvidas se pediu ou mandou.

Ele ficou me olhando por um tempo. Eu tentei proferir algo, mas não consegui, e não entendi muito bem porquê.

—Eu tenho que ficar de olho em você... — ele falou, coçando a nuca. —

Esqueceu?

—Não. Tudo bem. — caminhei até ele e seguimos para o quarto. — Vou dormir na sua cama?

—Você já estava dormindo nela. — ele deu de ombros tirando a camisa. Lá estava o corpo tatuado e totalmente sexy, que — *não que eu quisesse que isso acontecesse* — me fez suspirar.

—Eu estava inconsciente, não conta.

—Se eu não te quisesse aqui, não teria mandado Sokovia te trazer para cá.

—Entendi... — tirei as sandálias e subi na cama, me acomodei de um lado. — Sabia que está frio?

—Quer mais um lençol? — ele perguntou, mexendo em algo na cômoda.

—Não. Estou falando por você. — ele fez cara de confuso, me esforcei para não chamar ele de lerdo de novo. Me lembrei do que ele falou, e não iria duvidar que faria. — Você tirou a camisa...

—Gosto de dormir assim, e não estou com frio. — ele colocou o que quer que estivesse mexendo dentro da gaveta e veio para cama, se acomodando ao meu lado. — Boa noite, Hayden. — falou apagando a luz, com um *controle*. Tudo ficou estupidamente escuro.

—Está de madrugada. — falei.

—Você sempre questiona tudo?

—Sim.

—Tem que aprender a ficar calada.

—Vai me dizer que nem falar mais eu posso?

—Quando não é necessário, não!

—*Ah, merda.*

Me virei para o lado oposto ao dele, mas tive meu corpo puxado sem

nenhuma delicadeza.

—Porra! — acabei gritando com o susto. Ele tirou o lençol e ficou em cima de mim.

—Eu meio que não consigo esperar mesmo... — ele falou, mas sua voz vacilou na frase.

—Do que está falando? — perguntei.

—De você... — sua voz ficou rouca, e seus lábios foram no meu pescoço. Ele provavelmente tinha visão noturna, pois eu não estava enxergando nada – *ou poderia ser experiência*, claro que eu não era a única mulher a deitar nessa cama e claramente não seria a última.

—Não íamos procrastinar? — a droga da minha voz saiu como um gemido.

—Eu não quero mais... — ele abriu minhas pernas e ficou no meio. Pude sentir meu pau duro tão perto. — Irei deixar *aquilo* para depois...

—Aquilo o quê?

—Você vai saber depois... — ele colocou a mão na barra da minha camisa e puxou para cima, tirando do meu corpo.

Aí droga! Agora não tenho como ficar inconsciente para fugir disso.

Suas mãos desceram até minha calça, mas ele não conseguiu desfazer o nó que eu tinha feito, então ele partiu o cordão.

—Não tinha necessidade... — falei.

—Não tenho paciência para esse tipo de coisa. — ele desceu minha calça junto com a cueca e voltou a juntar seu corpo no meu. — Vou lhe dar outro orgasmo...

—Você é muito convencido.

—Eu só digo aquilo que tenho certeza... Agora cala a boca.

—Venha calar! — *sim, eu falei isso*. E sim também, ele calou, me beijando.

Meu corpo se acendeu como uma lareira. Seu beijo era um pouco lascivo e calmo. Era uma mistura estranha, mas ele fazia de uma maneira que não tinha como reclamar.

Ele saiu dos meus lábios e foi passeando com a língua úmida pelo meu corpo até chegar no meio das minhas pernas, levantando-as pelos joelhos. E *lá* depositou três selinhos antes de passar a língua por mim. E *involuntariamente, necessitadamente, claramente* perdendo a sanidade, arqueei o quadril me entregando, *descaradamente*, para ele.

Ele era tão bom com a língua.

Fechei meus olhos e me deixei levar pela aquela sensação maravilhosa. Uma das minhas mãos segurou a sua que estava na minha coxa e a outra foi timidamente segurando os fios dos seus cabelos.

—Hayden? — ele me chamou de supetão e se afastou.

—O quê? — perguntei assustada devido ao seu ato.

—Você está calada.

—Você mandou eu calar a boca.

Ele gargalhou. — Mas gemer você pode, *babe*... — ele passou a língua na minha entrada, e como se o meu corpo entendesse o recado por ser comandado por ele, acabei gemendo. — Gosto de escutar sua voz assim...

—P-pode... — gaguejei, não estava acreditando que iria falar aquilo. — Pode continuar?

—Posso sim, mas está na hora de algo melhor. — senti ele se afastar mais e pelo movimento na cama, ele tinha saído dela.

Alguns segundos depois uma luz fraca se fez presente no quarto, tinha ligado o abajur. Ele abriu uma pequena gaveta no criado-mudo e tirou uma cartela de camisinha.

Foi uma cartela.

Poderia até contar, mas ele falou algo mais absurdo e me fez perder o

foco.

—Não gosto de fazer coito interrompido, nem de usar camisinha, vamos fazer uma exceção hoje e depois você resolve seu problema. — ele falou caminhando lentamente até a cômoda.

—Meu problema?

—Sim... Anticoncepcional injetável, pílula, tanto faz. — ele deu de ombros.

—É sua obrigação usar camisinha! Você nem sabe se eu tenho uma doença...

—Você tem? — ele se virou rapidamente para me olhar.

—Claro que não!

—Então pronto.

Abri a boca para questionar, mas ele me olhou sério. Estava longe e a iluminação não era muito, mas eu tinha certeza que seus olhos tinham escurecido.

—Eu já uso anticoncepcional... — falei quando ele voltou para cama, ficando parado na ponta.

—Ótimo, não vou precisar disso. — ele jogou as camisinhas no chão. — E acho bom não estar mentindo. Se engravidar vai ter um aborto antes mesmo de pronunciar meu nome.

Estava bom demais para ser verdade. Aqui estava o macho escroto de novo.

—Acho que não quero mais isso... — falei fechando as pernas.

—Você já disse sim.

—Eu estava bêbada.

—Não importa. — ele subiu na cama e ficou em cima de mim. — Já me deu o seu consentimento...

—A gente pode deixar para depois...

—Hayden, não vou te foder apenas uma vez... — ele pegou minha mão e prendeu em uma algema. — Vai ser quando eu quiser e aonde eu quiser. — ergueu minha mão passou a algema pela *arte* da cabeceira e prendeu minha outra mão nela. Ele fez tudo tão rápido, e eu estava tão estática, que não consegui o impedir ou questionar. — Então cala a boca e volte a ser a garota boa, meninas más não ganham presentes...

—Precisa mesmo disso? — perguntei, puxando minhas mãos com força. Inútil. Do jeito que ele é rico, não me impressionaria se a cabeceira dele fosse feita de *vibranium*. — *Dar* pra você vai fazer parte do meu trabalho?

—Não faria, mas eu gostei de você... — ele passou a mão pelo meu braço esquerdo e desceu até chegar no meu pescoço, onde apertou de leve. — Não fique agindo como uma virgem.

—Não estou fazendo isso.

— Ótimo. — ele inclinou o corpo e beijou minha clavícula, subindo para o meu pescoço, depois descendo para os meus seios.

Sua mão continuava no meu pescoço, apertando de leve. E aquilo, estranhamente, para mim, estava bom.

Acabei por perceber que ele era um sádico. E eu, pelo meu comportamento, uma masoquista *nato*.

Ele se afastou, ficando entre minhas pernas, sentado, colocando-as sobre a sua coxa.

O mesmo passou um dedo por mim e o adentrou. Gemi baixinho, e quis muito me socar — *talvez fizesse isso se não tivesse algemada*. Ele tirou o dedo de mim e voltou com dois. Tirou os dois e colocou três.

Minha boca *traíra* deixou um gemido mais alto escapar.

—Eu gosto assim... — ele falou.

Olhei para baixo e o vi tirando o pau para fora da calça.

E puta que me pariu!

Era grande e moderadamente grosso.

Não grande de um jeito extraordinário — tipo essas de vídeo pornô que você fica até com pena da *criatura* que está recebendo tamanho *documento* nas suas partes —, mas ainda assim era grande.

Eu sabia os meus limites.

E sabendo que ele seria *bruto* comigo, aquilo iria doer.

— O que foi, Hayden? — ele perguntou, começando a se masturbar. Acho que notou minha cara de assustada. — Não se preocupe, vai entrar direitinho... E se não, a gente dá um jeito. — ele sorriu olhando nos meus olhos.

Ele moveu o membro dele até minha entrada, onde colocou apenas sua glândula.

Fechei os olhos com força.

Ele me segurou pelos quadris e me puxou para baixo.

Entrando de vez em mim.

Eu literalmente gritei. Aquilo doeu pra cacete!

Não chegou nem perto de quando eu perdi a virgindade — *que o filho da puta não me pagou nem um oral e já chegou metendo*.

—Não! Não! — falei quando ele se moveu devagar, minha voz saiu como um sopro. — Por favor, não!

—Não me implore para parar... Implore para que eu continue... — ele disse, se movendo um pouco para fora de *mim*.

Acabei gemendo. Mas foi de pura dor.

—Está doendo, Zedd!

—Em mim não. — ele deu risada.

O filho da puta deu risada!

Abri os olhos e o vi me encarando, com sorriso nos lábios.

—Eu vou arrebentar a sua cara! — gritei, puxando as mãos com força.

—Que bom que te amarrei. — o sorriso dele se alargou, e entrou em mim de novo.

Fechei os olhos e grunhi. *Inferno*. Ele estava nem aí pra minha dor.

—Por favor...

—Shiii, vai ficar bom.

—Diz a pessoa que tem uma boceta.

—Estou falando sério! Pare de agir como se nunca tivesse transado.

—Alguém já entrou com violência em você? — ele bufou. — Foi o que eu pensei!

Ele ficou me olhando por um tempo. Me preparei até para receber um belo soco na cara, mas ele não fez.

—Tudo bem. — ele disse. Então levou a mão até o meu rosto, acariciando meus lábios. — Abre.

Juro. Juro mesmo que não queria obedecer. Mas a minha consciência não tinha domínio sobre o meu corpo. Então meus lábios se abriam automaticamente, chupando seus dois dedos.

—Foque apenas nisso. — ele falou tirando os dedos de mim, levando-os até minha intimidade, começando a fazer movimentos circulares. — Depois vai ficar bom o suficiente até pra você se perder no prazer...

Se antes eu gemia de dor, agora não tinha como.

Esse homem tem que ser ruim em alguma coisa, pois seus dedos eram extremamente ágeis e deliciosamente macios.

Logo eu estava arqueando minhas costas, pedindo descaradamente por mais.

Ele começou a se mover devagar dentro de mim, deslizando com mais facilidade, por eu estar devidamente lubrificada. O vi se inclinar. Não tirou a mão de onde estava e não parou o movimento, simplesmente abocanhou meu seio esquerdo e começou a chupar.

Eu ia morrer.

Era muita informação. É muito prazer envolvido.

— *Aí meu Deus!* — gemi alto quando seus movimentos se aceleraram.

— Vocês têm uma mania de chamar por Deus... — sua outra mão foi no meu pescoço, dessa vez apertando com força. — Por acaso é ele que está te *fodendo*? — ele perguntou, mas eu não respondi, então ele apertou ainda mais o meu pescoço. — Já lhe avisei isso, quando fazem uma pergunta a outra pessoa responde. — ele estava me olhando nos olhos, sua voz saia rouca e com algumas lufadas, devido ao seu esforço me estocando.

— N-não... Não é. — respondi, e confesso que com dificuldade, *convenhamos*.

— Isso! Chame por mim! Diga meu nome e se entregue pra mim... Assim tudo fica mais divertido.

Eu assenti.

Por quê?

Não faço ideia.

Ele voltou a *trabalhar* no meu seio.

Segundos atrás eu estava o negando. Não que tivesse mudado de ideia sobre ele ser um babaca. Mas é que esse babaca sabe como *fazer*.

Naquele momento eu tinha seu pau me estocando fundo, uma das suas mãos me masturbando, a outra apertando meu pescoço e sua língua passando pelo meu mamilo.

Eu estava em um *loop* de orgasmo perfeito. Não tinha como me segurar mais. Me desfiz ali. E chamei seu nome.

— Meu nome pronunciado por você assim fica até mais bonito... — ele falou e beijou meus lábios. Devido à falta de ar momentânea, não consegui manter o beijo. — Minha vez.

Ele falou saindo de mim. E antes que eu ousasse pensar em qualquer

coisa ou recuperar o meu fôlego do orgasmo bem-sucedido, ele me virou de costas, me levantou pela cintura para que eu ficasse de quatro e entrou em mim puxando meu cabelo com força.

Novamente, de uma só vez.

Acabei gritando.

Embora que, não foi por conta da sua agressividade e sim porque ele foi fundo. *Fundo mesmo!* Se eu disse fundo da outra vez, desconsidere. Ele preencheu todo o meu útero.

— *Ah, merda!* — ele praticamente urrou. A voz dele daquela forma quase me desencadeou um segundo orgasmo.

Que droga!

Eu sinto que vou pedir mais.

Acabei me contraindo em volta dele, o mesmo nem tinha se movido ainda.

— Adoro isso! — ele falou. — Você parece que nem fode... É apertada pra caralho...

—Me desculpa se minha vida sexual não é tão ativa quanto a sua. — falei, e realmente meu esforço para fazer um comentário desnecessário foi muito grande, já que eu nem sei como consegui dizer aquilo.

Ele deu risada. — Não estou reclamando... — ele saiu de mim e entrou devagar, começando a se mover naquele ritmo. — Isso é ótimo pra mim...

Mordi meus próprios lábios numa tentativa inútil de abafar meus gemidos. Ele começou a acelerar suas estocadas, sempre indo lá no fundo.

Ainda doía quando ele tocava *lá*, mas eu nem estava ligando. Estava bom.

Estava maravilhoso.

De supetão, desceu minhas pernas, sem sair de mim.

Suas investidas ficaram ainda mais rápidas. Eu nem sabia que um ser

humano conseguia atingir essa velocidade.

Ou eu só transava com uns *merdas*, ou, de fato, esse homem é o deus de sexo.

Ele soltou meu cabelo no exato momento em que sentir que estava perto. Afundei o rosto no travesseiro, abafando meu gemido. Meu corpo todo tremeu com os espasmos do segundo orgasmo, que foi mais intenso que o primeiro.

— Caralho! — ele gemeu.

Segundos depois, senti ele derrama-se dentro de mim.

Minha respiração estava tão descompassada e meu corpo tão mole, que pensei que iria desmaiar.

Fui virada de frente de novo. Ele levantou minhas duas pernas, apoiando-as em seu peito, e se posicionou na minha entrada.

—O-o q- — não consegui conseguia nem formar uma frase.

—Acha mesmo que eu terminei? — disse ele, entrando em mim.

—*Ai meu Deus!* — gemi e fechei os olhos.

Recebi um tapão ardido no rosto.

—*Merda!*

—Se falar Deus de novo, o próximo vai ser pior. — abri os olhos e o vi me olhando sério. Bravo na verdade.

Não falei mais nada. Entendi o recado.

Ele começou a estocar mais rápido.

Eu praguejei tanto por estar com aquelas algemas. Eu queria agarrar em algo, morder minhas próprias mãos. Sei lá, qualquer coisa.

Essa madrugada já estava valendo por todos os sexos que eu já tinha feito em toda minha existência. Sem dúvidas.

Algumas pessoas acham o amor da sua vida, eu acredito que acabei de achar o *pau* da minha vida.

Eu sou a porra de uma *vira folha*, mas foda-se! Esse é o melhor emprego de todos. Estava quase largando todo e pedindo um contrato vitalício.

Ele continuou naquele ritmo alucinante. Fazendo-me arquear as costas, gemer incontrolavelmente e pedir para que não parasse.

Meu corpo queimava como se eu estivesse no inferno. Minha intimidade se contraía automaticamente. E eu sentia que ia chegar a outro clímax.

— *Zedd...* eu...

—Goza, *babe*. — ele falou. E assim eu fiz.

Não tinha mais voz para enfatizar o meu gozo. Mas ele veio tão bom quanto os outros.

Perdi qualquer resquício de domínio que eu tinha sobre o meu corpo. Estava a um passo da inconsciência, pois minhas pálpebras pesavam.

—Ainda não, *babe...* — escutei a voz de Zedd distante.

Minhas pernas foram abertas, ele colocou uma em cada lado do ombro e se inclinou para frente, enterrando-se em mim, me fazendo abri os olhos de supetão.

— Sente isso? — ele perguntou, parando o movimento, permanecendo dentro de mim.

Pedi ajuda a todos os deuses que consegui lembrar no momento para conseguir falar.

—Sim... — faísca de voz.

—Sua buceta é *boa* de foder, desculpa por não consegui parar... — ele deu uma estocada rápida, parando de novo. — Gosta disso? De mim em você? — ele virou meu rosto para encará-lo.

—Sim. — respondi. Talvez estivesse no automático, não sei se era capaz de ter bom senso das minhas palavras nesse momento.

—Irei entrar em você mais vezes... Se gostou de agora, vai adorar quando estivermos no *meu quarto...* — disse e me beijou, deixando sua

língua quente explorar a minha.

Iria questionar por ter mencionado "meu quarto", mas ele voltou com a mão no meu pescoço e a se mover rapidamente, perdi a linha de raciocínio.

Era totalmente louco. Eu sentia mais tesão quando ele estocava e apertava o meu pescoço. Embora essa seja a minha primeira vez com sexo assim, posso admitir que gostei.

Alguns minutos depois, gemendo de forma gostosa no meu ouvido, Zedd de desfez dentro de mim de novo.

Eu sentia minha vagina latejar. Estava claramente *assada*. Não tinha condições para mais nada.

Ele passou um tempo deitado no meu peito, recuperando o fôlego, antes de sair de mim e levantar para tirar as algemas. Fez uma massagem rápida antes de abaixar meus braços.

Zedd fez uma trilha de beijos pelo pescoço e subiu para os meus lábios. Com resto de força — *quase impossível de acreditar nisso* — que eu tinha, levei minhas mãos até seu rosto, intensificando o beijo.

Ele se afastou e falou alguma coisa. Eu não entendi merda nenhuma. Simplesmente apaguei.

Mas dessa vez foi por um bom motivo.

Capítulo 10

Quando abri os olhos, foram necessários alguns segundos para que meu cérebro filtrasse as imagens e eu reconhecesse o local.

Espreguicei-me, emaranhada nos lençóis extremamente macios, e logo senti uma dor nas partes íntimas.

Era de se imaginar. Ninguém nunca entrou em mim daquela forma, com aquele tamanho e tantas vezes de uma só vez.

Apesar de estar um pouco incômodo agora, eu sabia que a dor iria passar, e estava sorrindo só de pensar em repetir a dose.

Eu disse que dessa água não bebereis, mas agora não só *bebereis* como *nadareis* e me *afogareis*.

Ele era bom demais nisso para eu não aproveitar. Já passei por muita merda na vida, alguma tem que valer a pena.

Fiquei sentada na cama e distraidamente olhei para o lado. Dei um sobressalto ao ver Zedd, apenas de cueca e fumando cigarro, parado na sacada do quarto olhando para mim.

—*Inferno*, que susto! — falei, cobrindo o corpo com o lençol.

Ah, mas ele já te viu pelada!

Não significa que eu tenho que deixar ele me olhar sempre que estiver nua. Eu tenho pudor. *Com licença*.

—Bom dia, Hayden. — ele falou, dando uma *senhora* tragada no cigarro, que eu pude notar pelo fedor que não era nicotina.

—Está dominando as habilidades do *Drax*? — perguntei rindo.

—Quem?

—*Drax, O Destruidor?* — ele continuou me olhando com cara de confuso. — Caralho! Guardiões da Galáxia.

—Nerd. — disse rindo.

—Não me chame assim! Sou uma amante de cultura pop, com uma tímida obsessão pela *Marvel*, apenas. E você precisa assistir mais filmes.

Ele bufou. — Não tenho tempo para isso, *nerd*.

Revirei os olhos. — Deveria. Trabalha para você mesmo, estabeleça dias para aproveitar as besteiras *barra* coisas boas da vida.

—Não trabalho apenas com a Versus.

—E qual é a outra coisa?

—Não é da sua conta. — ele disse simplesmente. Sussurrei um "*cavalo*" e ajeitei o lençol no corpo para poder levantar. — Não ainda. Saberá em Vegas, de qualquer forma. — olhei para ele, que deu de ombros e tragou o cigarro de novo, esfumaçando o quarto todo.

—Isso é hora de fumar maconha? — perguntei, forçando uma tosse.

Ele ergueu uma das sobrancelhas e sorriu.

—*Sour diesel*. — falou.

—O quê? — perguntei confusa. Mas verdade ainda estava sonolenta.

—Não é maconha, e sim *sour diesel*. — ele se aproximou da cama, sentando na ponta.

—Parece maconha... Não importa.

—E a moça conhece maconha? — ele sorriu mais largo.

—Eu não uso essas coisas, Deus me livre! Quando eu trabalhava em um *pub* vendiam maconha, e fumavam lá mesmo.

—Certo. — ele ficou me olhando por um tempo. Por impossibilidade, ou *demência momentânea*, não consegui desviar dos olhos dele.

Ele era tão lindo e *estupidamente* sexy sem fazer nenhum esforço. Sua

versão loira era a minha preferida, de fato.

Flashback da nossa noite anterior se fez presente em minha mente. Seu toque. Sua pele na minha. Seus lábios nos meus. *Ele* dentro de mim.

Me desviei de seus olhos — por milagre — apenas para contemplar o seu torso nu. Por um momento quis erguer a mão e dedilhar suas tatuagens, mas consegui me conter.

Um arrepio tomou conta do meu corpo, e o mesmo estava se acendendo.

Zedd ergueu a mão e passou pelo meu braço descoberto, fazendo o mesmo se arrepiar mais.

—Seus cílios são enormes! — falei.

Uma coisa desnecessária em um momento não convencional.

Ele deu risada e afastou a mão de mim. — É, eu sei.

—Deus sabe o quando eu passo máscara de cílios para consegui esse tamanho e volume.

—Está nervosa? — ele perguntou me olhando torto.

—Eu-eu não!

Ele murmurou *hum*, mas continuou me olhando daquele jeito.

—Tudo bem? — perguntou.

—Estou sentindo um ardor causado pela sua violência, mas nada que eu não esteja acostumada.

—Eu te compensei por isso.

—É, eu estou sabendo...

—Tome um banho. Estarei te esperando na sala para tomarmos café da manhã.

—Tudo bem. — fui levantar junto com o lençol, mas ele o segurou. — O quê?

—Você não precisa disso. — ele falou sorrindo.

Eu me desfiz do lençol e levantei da cama. Zedd não parou de me olhar, nem por um segundo, até eu entrar no banheiro.

Assim que tranquei a porta, lembrei que não tinha roupa, então abri a mesma e coloquei a cabeça para fora. Zedd continuava na cama.

—A roupa, não é? — ele perguntou rindo. Eu assenti e o mesmo levantou da cama e foi até o closet, voltando com peças de roupa. — Aqui. — peguei-as, mas continuei parada da porta.

—Obrigada. — falei depois de alguns segundos.

Seus olhos estavam brilhantes e seus lábios levemente umedecidos. Meu corpo se arrepiou de novo. E não hesitei em abrir a boca para falar, mesmo que fosse besteira.

—Acho que preciso de ajuda no banho agora. — disse.

Ele sorriu. — Te espero na sala. — falou e se afastou, voltando para o closet.

Eu quis muito me socar. Me socar mesmo. Com extrema violência.

Não acredito que abri a boca para pedir por ele e o mesmo me negou.

Ele me negou.

Fechei a porta — talvez com força proposital. Coloquei a roupa na bancada da pia e fui para o box.

Enquanto tomava banho, tentei ignorar o acontecimento, mas eu queria ele. Queria tanto que minha intimidade se contraía só que pensar nele dentro de mim.

— Isso que dá ser idiota! — falei sozinha. — Mais tarde ele vai falar um *ai* e você vai estar de quatro pra ele! Idiota!

Me ensaboei com violência e me enxaguei. Terminei o banho, me enxuguei, vesti a roupa e saí do banheiro.

Zedd ainda estava no quarto, vestindo a blusa.

—Você foi rápida! — ele falou.

Não respondi nada. Fui até o outro lado da cama e peguei minhas sandálias - *emprestadas* - calçando-as.

Ele pegou o celular na cama e caminhou para fora do quarto, eu o acompanhei.

Assim que descemos as escadas, tinha uma fileira de empregados parados.

—Pessoal — disse o Zedd. — Essa aqui é a Srta O'Brien, a presença dela será frequente nessa casa, então o que ela precisar ajudem-na. — todos assentiram e saíram do lugar.

Fiquei um pouco estática. Ele me apresentou para os empregados. Isso foi um pouco esquisito.

—Vem. — ele tentou pegar minha mão, mas eu me afastei. — O que foi? — perguntou me olhando confuso.

—Nada. — menti.

Ainda estava irritada com o *não* que levei.

Talvez eu devesse matar a mãe dele agora.

—Tudo bem.

Ele caminhou para sala de jantar e eu apenas o segui. Parei automaticamente no mesmo instante que meus olhos foram nas pessoas que estavam sentadas nas cadeiras.

Eu comecei a tremer. Eu estava literalmente tremendo. Não consegui proferir um *a* e nem me mover.

— Está tudo bem, Hayden? — Zedd me perguntou, mas eu não consegui responder. — Hayden?

— Olá, querida! Eu sou o *Policial Taylor*, gostaria de fazer umas perguntas e explicar algumas coisas a você. — disse um dos homens que estava sentado.

Zedd pegou a minha mão, apoiando a outra nas minhas costas e me levou

até a mesa, fazendo com que eu me sentasse na frente do policial. Ele sentou ao meu lado, e continuou segurando a minha mão.

— Está tudo bem? — perguntou o homem mais velho ao lado do policial Taylor.

Eu apenas assenti. Não consegui parar os meus espasmos, eu estava tão nervosa.

— Certo. Eu me chamo Richard e tenho algumas perguntas para fazer, sente-se apta para respondê-las?

Assenti de novo.

—Ok. Você se chama Hayden Olívia O'Brien, certo?

Assenti.

—Pode dizer sim ou não? — perguntou Taylor. — Sente-se apta para responder?

—S-s-sim.

— Por que está tão nervosa, Srta O'Brien?

Engoli seco e automaticamente olhei para Zedd, que mantida seu semblante identificável. Eu nem sabia o que fazer. Mil e uma coisas se passavam na minha mente.

Eu deveria aproveitar esse momento para me entregar? Eles vieram me prender? Eu deveria dizer o que o Zedd fez?

—E-eu... — comecei falando. Respirei fundo e tentei me concentrar. Senti Zedd apertar a minha mão de leve, mas não o olhei de novo. — É que policiais nem sempre tem notícias boas. — consegui falar.

—Bom, sinto muito por dessa vez não ser diferente... — começou o Richard. — A sua mãe foi encontrada morta em casa ontem. Ela levou um tiro na cabeça. — ele falou brando.

Comecei a chorar.

Mas dessa vez não foi pela Natasha. Zedd estava apertando a minha mão

com mais força, e eu entendi o que ele queria com aquilo.

Eu tinha que ficar de bico calado e não falar nada sobre ele.

Bom, ele não precisa fazer muita coisa para me convencer a fazer isso.
Se eu contasse que foi ele, que provas eu teria pra isso?

E outra, ele é pobre de rico.

Pessoa ricas não ficam na cadeia por muito tempo.

—Onde estava ontem por volta de quatro da tarde? — perguntou Taylor.

—Com o Senhor Marshall. — respondi.

—Chama o seu namorado de Senhor? — perguntou ele erguendo uma das sobrancelhas.

—Algum problema em ser educada durante a conversa?

—Claro que não. E onde você estava?

—Você deveria está me dizendo quem matou a minha mãe, não querendo entrar na minha semana! — falei exasperada.

O policial ficou me olhando por um tempo, depois olhou para o parceiro e suspirou.

—Precisamos averiguar as informações que temos. Pode nos dizer onde estava?

—Fui para o shopping e depois para uma boate, passei a noite aqui.

—Confirma isso, Senhor Marshall?

—Sim. Chegamos aqui as onze da noite.

—E não teve contato com nenhuma outra pessoa? — Richard perguntou.

—Não. — respondi.

—Certo. Conhece alguém chamado Bartholomew Kanigher?

—Não.

—Tem certeza? Nunca escutou sua mãe conversando com alguém com

esse nome?

—Não. — disse negando com a cabeça. — Minha mãe trabalhava no Hell's, se relacionava com muitos homens.

—Então confirma que ela trabalhava como garota de programa?

—Sim.

—Certo. Lembra de já ter visto esse homem? — ele abriu uma pasta e tirou uma foto de dentro, me entregando.

Na fotografia tinha um homem de meia idade. Aparentemente normal. Seus cabelos eram loiros e seus olhos verdes, estava com a barba por fazer e sorrindo.

Eu não era burra. Aquele homem iria para prisão para pagar por um crime que ele não cometeu.

Eu não sabia se ele era um bandido de verdade, se já matou ou roubou alguém. Não poderia ter a certeza que ele era um pai de família desesperado por dinheiro e que aceitou essa merda.

Mas de uma coisa eu sabia. Não foi ele que atirou na minha mãe.

—Hayden? — o policial me chamou. — Conhece esse homem?

—Não! — retruquei, entregando a foto para ele.

—Tudo bem. — ele guardou a fotografia. — Esse homem foi o responsável por atirar na sua mãe na tarde de ontem. Ele confessou o crime horas depois de cometê-lo.

—Por que ele fez isso? — perguntei.

—Ele era um dos clientes de sua mãe, disse que estava em um relacionamento com ela e que a mesma não quis abandonar o emprego para firmar o relacionamento, ele se exaltou e acabou atirando nela.

Tinham pensado em tudo.

—Eu não o conhecia... — falei chorando. — Isso tudo é uma merda!

—Eu sinto muito, *criança*... O corpo estará livre amanhã.

Eu não disse nada. Livrei-me da mão de Zedd e saí correndo, indo direto para o *meu* quarto.

Isso tinha que ser a merda de um pesadelo.

Tinha que ser!

Sentei no chão e me permitir chorar ainda mais. Não tinha muito o que fazer. Eu sou a merda de uma pessoa ruim.

Reclamo do Zedd, mas tive a oportunidade de mudar as coisas e não fiz nada.

— Inferno! — gritei.

Escutei batidas na porta e a mesma foi aberta pelo Zedd.

—Oi, Hayden. — disse brando, entrando no quarto.

—Me deixa em paz!

—Por quê está assim?

—Você consegue ser mais inteligente que essa pergunta.

—Pensei que já tivesse esquecido...

—Como vou esquecer uma coisa que aconteceu ontem? — limpei minhas lágrimas, não estava olhando para ele, mas sentia que ele estava me olhando.

—Você mesmo disse que não gostava dela, por que está chorando tanto?

—Eu deixei uma pessoa ser presa!

—O homem fez a escolha dele, assim como você fez a sua. Pare de agir como uma garota de três anos de idade! Você começou essa merda, então trate de arcar com as consequências! Se quiser ajudar seu irmão, faça o que tem que fazer. — ele disse, sendo extremamente ríspido.

—E você acha que eu não estou tentando? — levantei do chão e olhei para ele. — Eu não estou acostumada com essas coisas! Essa não é a minha vida. E agora eu não posso fazer com que ela volte ao normal... — ele ficou

me olhando com o semblante de *nada* que ele fazia muito bem. — Estou amarrada a você por causa da porra de um frigobar! — falei me virando.

—Não pode querer tanto voltar assim para sua vida de merda.

—Minha vida de merda era segura e eu não me misturava com esse tipo de coisa.

—Você ajudava bandidos, não ache que você era alguma santa.

—Eu... Eu não tinha escolha. Assim como não tenho agora.

—Então, conviva com isso da mesma forma com que convivia tento que fazer aqueles serviços para ladrões.

—Se você colocar em consideração, isso aqui é bem diferente de ajudar pessoas a invadir casas para roubar seus pertences. — disse firme, ainda de costas.

—Não foi você que apertou o gatilho. Não é sua culpa.

Fiquei em silêncio. Minha mente rodava. Eu estava confusa, estressada e cheia de culpa.

—Não posso deixar que vá embora. — ele falou depois de um tempo. Senti seu corpo atrás do meu.

— Por quê? — perguntei, mas nem sabia se de fato queria a resposta.

— Eu preciso da sua ajuda.

—E o que uma garota como eu tem a oferecer.

—Uma coisa que eu preciso... — sua voz vacilou. Eu me virei para olhá-lo nos olhos. — Não posso dizer muita coisa agora, mas preciso de você. Depois que tudo estiver ok você pode voltar pra essa merda de vida que tanto quer. Eu esqueço tudo que você fez.

Seus olhos estavam escuros. Não o conhecia para saber quando estava mentindo. Mas resolvi acreditar.

—Está falando sério? — perguntei.

—Sim, Hayden. Lhe dou a minha palavra que vai poder ir embora

quando isso acabar... Se quiser ficar, a escolha será sua... — ele deu um passo para frente se aproximando de mim, tocando meu braço esquerdo. — Minha vida não é tão ruim assim... *Poderíamos ser o melhor time que o mundo já viu...*

—Um *remake* para Bonnie e Clyde? — perguntei, e não sei porquê, mas acabei dando um meio sorriso.

—Você veria o quanto seria legal. — ele sorriu e seus olhos ganharam brilho.

—Não sei se quero sair por aí matando pessoas. — falei, mas continuei o encarando.

—Irei evitar fazer isso.

—Sério? — perguntei surpresa.

—Hmmm... Pelo menos na sua presença. As coisas são um pouco complicadas, Hayden. E às vezes o diálogo não é o suficiente para a solução.

—Não quero ter que matar ninguém, não quero mortes ao meu lado... Se conseguir fazer isso, eu serei... — engoli seco. — Eu faço o que você desejar.

Seus olhos ficaram ainda mais brilhantes. Era como se um farol tivesse acendido em seu globo ocular. Seus lábios perfeitos se abriram para um sorriso.

—Está falando sério? — ele perguntou, e notei entusiasmo na sua voz.

—Sim... E o meu irmão. Pare de ameaça-lo. Ele já sofre o suficiente com a doença, não precisa de você apontando uma arma para ele cada vez que eu hesito em algo.

—Tudo bem, Srta O'Brien!

—Certo.

Ele aproximou o rosto do meu e deu um beijo na minha bochecha.

—Vai gostar da minha vida... — falou.

—Não tenho muita certeza disso. — bufei.

— Você apenas viu da forma errada. Agora será diferente.

—Tudo bem.

—Certo... Ah, minha advogada vira aqui amanhã para acertar as coisas com você.

—Advogada?

—Sim.

—Teremos um contrato?

—Contrato pra quê? — ele perguntou confuso.

—Não sei... Comprovar que eu trabalho para você... Não sei, vocês fazem contrato pra tudo.

—Não. Isso não tem necessidade, é uma coisa que nós combinamos, e eu ainda tenho o vídeo de você invadindo a minha casa, essa será minha garantia.

Caralho! O meu tablet está com ele.

—Ah, certo. — falei.

—Você quer um contrato?

—Não, não.

—Tudo bem. Também tem a papelada da sua mãe, pedi para que cuidassem do enterro. E o seu irmão, resolver as coisas da guarda dele.

—Obrigado por isso. Eu nem saberia por onde começar.

—Preciso que você fique livre logo, temos que ir para Vegas. A Beatrice é muito eficiente e vai resolver essas coisas rapidamente.

—Tudo bem... Humm... O que tão importante tem em Vegas?

Ele sorriu e apenas disse: — Minha vida.

Aquilo foi muito subjetivo, afim de não alongar a conversa e perder essa paz de espírito que esse homem encontrou, não perguntei mais nada.

—Eu terei que sair. Tenho um ensaio fotográfico para GQ e vou demorar um pouco. Não quero que saia.

—Não sou um cachorro!

—Mas faz o que eu mando. — ele retrucou. E estava sorrindo.

Não precisa dizer, eu sei que sou o ser humano mais burro da face da terra.

—Não quero que fique sozinha, então vou pedir a Sokovia que chame aquela sua amiga.

—Sério?

—Sim. Não me importo com isso. — ele passou a mão pela minha cintura e me puxou para o corpo dele. — Quer ir para o meu quarto aproveitar os minutos que ainda tenho? — perguntou levando os lábios ao meu pescoço.

Ah merda! Por que tão bom?

—E-eu não estou me sentindo muito bem, gostaria de descansar. — falei, só porque lembrei que ele me negou mais cedo, e aqui se faz aqui se paga. *Pelo menos por alguns minutos.*

Ele continuou beijando meu pescoço e eu tive que reunir muita força de vontade e ignorar a minha libido — *que ficou ridiculamente escandalosa* — para empurrar de leve o corpo dele.

—Melhor não, Zedd. — falei.

—Tudo bem. — ele se afastou. — Mas esteja boa a noite, esse ensaio vai ser uma merda e eu vou precisar me distrair quando chegar. — ele disse e saiu do quarto.

Eu estou surda ou ele acabou de falar que eu sou uma distração?

— Filho da puta! — sussurrei.



Depois de muito tempo deitada na cama, refletindo sobre a vida, me deu vontade de esticar as pernas. Aquela casa era enorme, então resolvi explorar. Não tinha nada pra fazer mesmo.

Saí do quarto e fui seguindo pelo corredor. Ali tinha muitos quadros, alguns de pintores recentes e a maioria de antigos, como Picasso, Cândido Portinari, Da Vinci e Van Gogh.

Eu conhecia as pinturas porque meu pai adora esse tipo de arte, e eu, como uma pessoa curiosa, acabei aprendendo mais sobre esses pintores e suas pinturas.

Parei na frente da *Vieux Guitariste Aveugle* e fiquei olhando. Acho que estava tão distraída, que só notei que tinha alguém comigo porque a pessoa falou.

—Vê se não vai roubar mais nada!

Olhei para trás e lá estava Sokovia. Dei um passo para trás me afastando da pintura.

—Eu só estava olhando, não toquei em nada! — falei assustada.

—Ei! Calma. Eu só estava brincando. — ele começou a rir.

Coloquei a mão no coração e soltei o ar aliviada. — Não brinque com essas coisas, James.

—Me desculpe.

—Está tudo bem.

—Gosta de pinturas? — ele perguntou apontando para o quadro.

—*Gostar* é uma palavra muito forte. Eu acho interessante, aprecio a arte por causa do meu pai.

—Entendi. Não sou muito fã, mas tem algumas que eu acho legais. Tipo essa.

—Eu gosto dessa.

—Claro, ela te rendeu dois milhões! — ele começou a rir de novo.

—Pare com isso! — soquei o braço dele, e quando notei o que fiz me afastei. — Opa! Desculpa — dei um *sorriso amarelo* para ele.

—Está tudo bem. — ele deu de ombros.

—Então... Quantos desses são originais?

—Cinco, contando com esse.

—Da última vez que eu pesquisei, soube que o original Vieux estava em Chicago.

—Como pode ver, não estar mais.

—Ele não deveria comprá-los para os manter aqui isolados. Devia deixar no museu para que as pessoas vissem.

James apenas deu de ombros.

—Então... Quanto tempo você trabalha para o Zedd? — perguntei.

—Vai me entrevistar agora? — ele me olhou erguendo uma das sobrancelhas.

—Eu estou entediada, não tem nada para fazer. — bufei.

—Sua amiga já deve estar chegando, vamos para sala. — ele começou a andar, então eu o segui.

—Pensei que você fosse buscá-la.

—Não, pedi para que Dakota fosse.

—Queria que você tivesse ido.

—Por quê? — ele se virou para me olhar.

—Gosto mais de você. — o semblante dele foi de uma mistura de confuso com surpreso. — Você é legal, Dakota é agressivo.

—Ah, certo! Prefiro usar a agressividade quando necessário.

—Fico feliz por isso, e lembre-se que nunca vai precisar usar comigo.

Ele deu risada e voltou a andar. No exato momento em que descemos as escadas, a porta da frente se abriu e a Stephanie entrou com o meu irmão.

—Olá, Hayden! — me aproximei e ela me abraçou.

—Oi, Ste. — peguei o Luckian no colo dela. — Olá, lindão! — ele me deu um beijo na bochecha e me abraçou. — Estava com saudades também.

—Essa casa é enorme! — disse ela entusiasmada.

—É por isso que a chamam de mansão. — disse rindo.

—Pare de besteira. Você está bem? — a feição dela mudou, então soube do que estava falando.

—Estou bem.

—Eu sinto muito por isso.

—Sente mesmo? — perguntei com um sorriso mínimo, estava tentando descontraír.

—Ah, Hayden! Sabe como é, não dá pra gostar de uma pessoa como ela... Mas eu sinto por você e o Luck.

—Vamos ficar bem. — ela sorriu amigável. — Quer comer alguma coisa?

—Vou aceitar sim.

—Certo... Eu... Bom, eu vou pedir para alguém na cozinha fazer alguma coisa para nós.

—Eu posso fazer isso. — disse James.

—Sério?

—Sim, sem problema.

—Obrigada! Eu não sei como me sentiria indo lá dar ordens. — dei de ombros.

—As pessoas não interpretam tudo como ordem, Hayden. Existem favores... E outra, é o trabalho deles.

—Eu sei, apenas não me sinto à vontade com isso ainda.

—Tudo bem. Irei pedir que levem no seu quarto.

—Obrigado, James. Vamos, Ste. — comecei a andar e ela me seguiu.

—Não entendi. — ela falou.

—É que o Zedd me apresentou aos empregados e disse que a minha presença nessa casa seria frequente, caso eu precisasse de alguma coisa que eles me ajudassem.

—Aaaah! Você virou a *dama* da casa.

—Quase isso.

—O quê? — ela praticamente gritou.

—O Zedd quer que eu seja a namorada dele.

—Ele te pediu em namoro? — agora gritou.

—Caralho, Ste!

—Foi mal.

—É de mentira. Um namoro de mentira.

—Ah, entendi. E qual a finalidade disso?

—Pelo o que eu pude entender. Ele não quer que ninguém desconfie que eu trabalho para ele.

—É que *raio* de trabalho você vai fazer?

—Eu ainda não sei.

—Meu Deus, Hayden! Eu espero que você não me machuque ou acabe morta.

—Eu vou ficar bem.

Olhei para ela, que me lançou um sorriso sem humor. Essa criatura de cabelos longos e negros era literalmente como uma irmã para mim, e eu sabia que ela se preocupava comigo tanto quanto eu me preocupava com ela.

—Vai dar tudo certo. O Zedd me disse que quando eu fizer esse tal trabalho e estiver tudo ok ele vai me deixar ir. — abri a porta do quarto e dei passagem para ela entrar.

—E você acreditou nele?

—*Acreditar, acreditar*, eu não acreditei. Mas dei o benefício da dúvida.

—Espero que ele cumpra com o combinado.

—Eu também. — coloquei o Luckian na cama e entreguei algumas coisas para que ele se distraísse brincando.

—Esse quarto é a minha casa! Caramba! — ela começou a *fuçar* as coisas. — Fiquei morrendo de medo quando aquele segurança foi lá em casa, mas depois que ele disse que você queria me ver eu fiquei um pouco mais aliviada.

—Zedd saiu e disse que iria pedir para que te chamassem para me fazer companhia.

—Que atencioso da parte dele.

—É...

Ela continuou mexendo as coisas e eu fiquei brincando com meu irmão.

—E você, Ste? — perguntei.

—Eu o quê?

—Como está?

—Ah, eu estou bem. Graças a Deus o Scott parou de me ligar!

—Que bom. Eu estava prestes a emprestar um dos seguranças do Zedd para dar um susto nele. — falei rindo, ela me acompanhou.

—Ele iria *mijar* nas calças de tanto medo. Aqueles homens são enormes!

—Sim... Como anda as *fanfic*?

—Ótimas. Estou com algumas novidades... E... Eu escrevi uma com você... — ela falou a última frase baixinho, mas eu escutei.

—Outra?

—Essa é diferente. Tem realmente o seu nome, mas não tem a ver com as coisas que você faz. E antes que pergunte não é sobre esse roubo.

—Ah que bom. Seria frustrante para mim saber que as pessoas leem sobre a triste história de como fui pega por causa de um frígobar.

Ela começou a dar risada, mas quando olhei seria para mesma, parou de

rir.

—Desculpa.

—Tudo bem... Sobre o que é a história?

—Um romance...

—Sobre?

—Você sabe como são os romances...

—*Apolo!* Quem é o par romântico?

—Zedd...

—Ah mentira! Você escreveu comigo e o Zedd? Que bosta!

—Não são vocês de verdade, eu usei características superficiais e os nomes.

—Eu quero muito te bater. Poderia escrever com o Cole!

—Precisa ver o número de pessoas que leem histórias com ele.

Revirei os olhos e peguei meu celular.

—Qual o nome?

—Ah não, Hayden! Não lê, não!

—Estou movida pela curiosidade agora. Fala o nome.

—Eu digo o nome quando estiver em casa, não quero que você leia agora.

—Está com vergonha? — ela parou de me olhar. — Qual é? Eu leio praticamente tudo que você escreve quanto estou com tempo.

—Eu sei. O nome é *Robotic Love*. Mas leia depois, está bem?

—Certo... — comecei a rir. — Não quero nem pensar no desenvolvimento... — joguei o celular na cama. — Que tal um filme? Quero muito entrar naquela sala de cinema.

—E você pode?

—Ele não disse que eu podia, mas também não disse que não podia.

Escutei duas batidas na porta então fui abrir. Era um dos empregados, ele

era jovem, tinha cabelos loiros, seus olhos eram verdes — por um momento ele me lembrou o rapaz que vi na foto hoje cedo —, e estava segurando uma bandeja com lanches.

—Srta. O'Brien. — disse ele me entregando a bandeja.

—Me chame de Hayden.

—Desculpe, não acho que seja apropriado.

—Claro que é.

—O senhor Marshall não gostaria, e acharia que temos intimidade.

Revirei — *longamente* — os olhos.

—Isso é ridículo. Olha quando eu estiver sozinha me chame de Hayden, quando estiver na presença do senhor Marshall me chame de O'Brien, pode ser?

—Acho que sim.

—Ótimo. — sorri para ele.

—Deseja mais alguma coisa, Hayden?

—Não, obrigada...?

—Marshall.

—Obrigada, Marshall.

—Com licença. — disse saindo.

—Vamos, Ste! Pega o Luckian.

Ela parou de olhar as coisas e pegou meu irmão na cama, saímos do quarto e voltamos para o corredor.

Enquanto andávamos, passamos por uma grande porta preta — quando eu digo grande é grande mesmo. Eu não estava familiarizada com ela. Eu sabia cada cômodo daquela casa, menos no que dava essa porta.

Fiquei curiosa, sim.

Mas resolvi ignorar ela por um tempo. Não era para isso que eu estava aqui nesse momento.

Seguimos andando até chegar na sala de cinema. Ajeitei todos os aparelhos, que estavam uma bagunça e liguei a TV. Escolhemos um filme então eu o coloquei.

—O bom de ser rico é isso... — disse Ste. — Esse filme ainda está no cinema e ele pode assistir em casa.

—Quer trocar de lugar comigo e aproveitar tudo isso?

—Não mesmo. Ele arrebentou a sua cara, não sei se aguentaria alguém me dando um soco.

Dei risada.

—Tem uma parte boa no Zedd.

—Qual?

—Ele fode muito bem... — falei, e arregalei os olhos no mesmo momento.

—Hayden! Você...?

—Vamos assistir!

—Está falando sério? Você transou com ele?

—*Ai meu Deus!* — bati na minha própria testa. — Foi hoje pela madrugada...

—Não acredito nisso. — falou incrédula.

—Eu também não, mas aconteceu... Eu fiquei bêbada falei umas coisas... E deu naquilo. Você não quer saber os detalhes. Mas ele é um homem muito bonito, cheira a sexo... Meio que não dá pra resistir... E ele faz muito bem... Apesar de no começo ser muito agressivo, mas depois ele compensou! Eu tenho que aproveitar *isso* de alguma forma.

—Tá bom, tá bom! Vamos focar no filme, sua tarada.

Sorri.



Algumas horas depois Dakota levou a Stephanie e meu irmão para casa. Foi bom ter uma tarde normal e esquecer as merdas da vida por um tempo.

Eu queria tomar um banho, mas não tinha roupas para vestir, e não iria entrar no closet do Zedd.

Deus me livre encontrar mais alguém ali.

Resolvi ir para sala e esperar ele chegar. Minutos depois vi a porta ser aberta por uma mulher alta, esculturalmente magra, cabelos lisos castanho e olhos negros como uma *obsidiana*.

Ela era linda.

Em seguida vi Zedd entrar em casa. Ele segurou ela pela cintura e deu um beijo em seu pescoço.

Não falou comigo, muito menos me olhou. Apenas seguiu com a mulher subindo as escadas.

Eu não era nenhuma idiota, sabia muito bem o que ele iria fazer.

Não soube muito bem o que fazer. E talvez estivesse sentindo coisas aleatórias, que nem deveria estar sentindo no momento.

Eu sei que ele não era meu namorado. Mas não tinha necessidade de ele trazer outra mulher para a mesma casa que eu estava. Poderia ter um pingo de consideração por mim. Tínhamos conversado mais cedo e nos acertado.

Certo. Eu iria fazer o meu típico *cu doce*, ele iria falar três coisas, me tocar e eu mudaria de ideia indo para sua cama.

Mas ele tinha estragado tudo trazendo aquela magrela bonita para casa.

Olhei para o lado e vi James parado na porta, movida pela minha solidão, levantei do sofá e fui até ele.

Sentei no chão ao seu lado.

—Algun problema, Hayden? — ele perguntou.

—É constrangedor dizer... Zedd trouxe aquela mulher... Eles vão-

—Eu sei. — ele me cortou. — E qual o problema?

—Não vai rir de mim se eu disser? — abracei minhas pernas.

—Não posso prometer isso. Você é engraçada. — ele falou rindo.

—Pelo menos eu sou alguma coisa... E pelo visto *distração* realmente.
— bufei.

—Ei! O que foi? — ele se agachou, ficando na minha altura.

—É que... Bom...

—Não tem como eu saber se balbuciar. — ele disse brando.

Suspirei e resolvi admitir. Não era como se ele fosse sair espalhando isso pelos quatro cantos.

—Eu acho que não gostei do Zedd com aquela mulher.

—Hayden... — ele pronunciou meu nome com uma carga grande de pena.

—Eu sei, eu sei. Não tenho nada com ele e o mesmo não me prometeu fidelidade. Esse tipo de coisa a gente não controla, James. Não sabe o quanto eu quero me bater por isso... Mas é o que eu estou sentindo.

—Zedd não é de ficar com uma mulher só. Ainda é jovem e acha que sair por aí passando de boca em boca é aproveitar a vida. Não o culpo, é dono do próprio corpo e faz o que quer. Mas você, mesmo tendo que o obedecer por um tempo, é dona do seu corpo. Cabe a você decidir se quer entregá-lo a ele aceitando essas condições, sabendo dessas coisas. Sentimentos são inevitáveis, mas as escolhas não têm que girar em torno dele. — ele falou extremamente calmo e olhando nos meus olhos.

—Caralho! Você é mesmo segurança? — falei boquiaberta.

Ele sorriu. — Sim.

—Você é incrível, James! Obrigado por isso. — sorri para ele. — Mas tem um probleminha...

—Qual?

—Eu meio que deixei explícito para o Zedd que faria tudo que ele quisesse

em troca de alguns critérios...

—E você já *dormiu* com ele? — perguntou como se não fosse nada.

Olhei para ele e fiz cara feia. — *Meu Deus!*

—Pelo visto sim.

—Por favor, não me deixe constrangida... Mais do que já estou na verdade.

—Não precisa ficar sem jeito comigo.

—Você é homem... E é o segurança dele.

—Tudo bem. — ele se levantou.

Continuei no chão olhando para frente por um bom tempo. Resolvi voltar a conversar, era melhor que o silêncio perturbador.

—Sim. — falei.

—O que?

—Eu *dormir* com ele. — olhei para James. — E talvez queira fazer isso de novo... Vou fingir que estou conversando com o meu pai. Você parece que tem a idade dele.

—Falaria esse tipo de coisa com o seu pai? — ele perguntou.

—Sim. Foi o meu pai que me explicou todas essas coisas sobre sexo. Algumas foram pessoalmente, outras por telefone, mas ele explicava certinho.

—E sua mãe?

—Me ensinou como chupar um pau quando eu tinha oito anos... — ele arregalou os olhos. — Eu não levei a sério.

—Me desculpa.

—Pelo o que?

—Pensei em algo ruim sobre a sua mãe.

Olhei surpresa para ele. — Você nem falou. E não tem problema nenhum... Ela não era uma pessoa boa, já deixei isso bem claro. Meu trauma

é mais pelo o que o Zedd fez, não com quem ele fez.

—Olha, Hayden, é bem simples... Você é uma garota bonita e inteligente... — *levei só a parte do inteligente a sério*. Ele se agachou de novo. — É livre para ficar com quem quiser, e se quer se relacionar com o Zedd, vá. Mas vá com a certeza de que o que você quer talvez não seja uma coisa que ele esteja preparado...

—Você pode... Acho que minha parte inteligente falhou agora. Pode explicar para um leigo?

—Sexo casual.

—Aaah. — bati na minha própria testa. — Não é como se eu tivesse esperando um pedido de namoro dele, eu nem o conheço.

—Mas vai ficar aqui tempo o suficiente para conhecer... Você é diferente dessas mulheres que vem aqui.

—Eu sei. — falei desanimada.

—Não nesse sentido. É como se todas fossem alienadas e só servissem para uma finalidade. Você é divertida, engraçada e oferece mais que só um rosto bonito.

—Olhe, conversar com você faz a pessoa ficar cheia de moral, *hein*. Minha autoestima está escorrendo pela minha boca.

Ele deu risada. — Estou falando a verdade. Não fique pra baixo por uma coisa assim. Você é mulher, e eu tenho a plena certeza que quando uma mulher quer, ela deixa o homem pequenininho. Vá até onde você acha que é saudável para você. Dê preferência para si mesmo, o resto é sempre em segundo plano.

Ele sorriu amigável e eu retribui.

—Acho que posso fazer isso. Nunca tive um relacionamento bom, se eu quebrar a cara já estou acostumada.

—Sério mesmo?

—Já brincaram tanto comigo, James, que creio já está disponível para baixar no *play store*.

Ele deu risada, mas parou logo. — O que aconteceu hoje não foi a primeira nem a última vez, lembre-se disso.

— Certo. Melhor. Segurança. Do. Mundo! Obrigada, James.

—Por nada, Hayden. — ele se levantou e voltou a postura anterior.

Ele tinha razão. Eu era diferente. Não era nenhuma aliena, e sabia muito bem o que queria.

Nunca fui de me deixar levar por sexo. Quando eu queria ia lá e simplesmente fazia, mesmo não sendo tão bom quanto agora com o Zedd.

Era só um ciúme besta, porque ela estava lá curtindo com aquele pau maravilhoso e eu não.

— Me deu vontade de tomar um álcool. — falei, depois de muito tempo no chão, minha bunda estava até doendo.

—Nem pensar! — disse James, sem se mexer.

—Dessa vez eu não iria ficar inconsciente.

—Melhor prevenir. Você não sabe ingerir bebida alcoólica.

Revirei os olhos. Ele lavou a parte do meu pai muito a sério.

—Vai ficar aí parado a noite toda? — perguntei.

—É o meu trabalho.

—Seu trabalho é um *merdão* mesmo. — levantei do chão. — Bom, eu vou para o meu quarto... Boa noite, James.

—Boa noite, Hayden.

Subi as escadas e fui direto para o meu quarto. Agradei a Deus pelo meu quarto ser na direção oposta ao do Zedd. Eu provavelmente chutaria a porta e sairia correndo.

Sei que seria infantil, mas faria mesmo assim.

Decidi tomar um banho, mesmo sem ter outra roupa para vestir. Eu

poderia dormir pelada, tanto faz.

Peguei meu celular na cama e fui para o banheiro. Coloquei na playlist de músicas aleatórios e apertei o play.

Tirei minha roupa e abri a torneira da banheira para encher. Enquanto isso, comecei a procurar os sais de banho de calêndula. Para minha sorte achei o último.

—Obrigada, Moros! — falei sozinha.

Despejei o conteúdo do sachê na água e entrei. Apoiei minha cabeça no encosto da banheira e fechei os olhos, prestando atenção apenas na música.

Eu preciso instalar uma banheira na minha casa. Isso era tão relaxante.

Algumas músicas depois, escutei batidas na porta. Só tinha uma pessoa que interrompia os meus banhos, mas ele nunca batia.

—Quem é? — perguntei por via das dúvidas.

—Zedd.

Eu ia levantar e me enrolar na toalha, porém, achei melhor não. Não sei como, mas ele sentia atração por mim, então eu iria usar isso ao meu favor.

Zedd vai provar do melhor cu doce.

—Entra. — falei. Continuei na mesma posição que estava e de olhos fechados.

Escutei o barulho da porta sendo aberta. Vou confessar que fiquei um pouco nervosa, mas me esforcei para não deixar isso transparecer.

—Hayden? — ele me chamou, então abri os olhos. Ele estava olhando para o meu corpo. Vestido apenas com calça moletom, seu lindo peito tatuado estava exposto.

Ele seria um perfeito filho de Afrodite, nem se esforça para ficar bonito.

Se concentra, idiota!

—Olá, Zedd! Deseja algo?

—Acho que você... — falou se aproximando de mim.

—Sua amiga não lhe satisfez? — é, eu falei.

—O quê? — perguntou confuso.

—A mulher que chegou com você... — ele continuou com a cara de confuso. — Eu estava da sala quando você chegou.

—*Oh merda*, eu não lhe vi.

—Não faria muita diferença se viesse. — ele ficou me encarando. Seu semblante tinha mudado, mas seus olhos ainda tinham aquele brilho.

— Tudo bem... Eu preciso te mostrar algo.

—Tipo?

—Só venha comigo.

—Tudo bem.

Levantei lentamente da bandeira e fui até a pia pegar minha toalha, me enxugando em seguida. Pude observar pelo espelho que Zedd olhava para o meu corpo.

Segundos depois ele se aproximou de mim, me abraçando por trás. Afastou meus cabelos do pescoço e cheirou ali.

—Você fica ainda mais gostosa com esse cheiro. — ele falou ao meu ouvido. Senti seu pau ereto roçar meu corpo pelo tecido do moletom.

Meu corpo todo se arrepiou.

Ah, eu vou perder! Eu vou perder!

—Então... Vamos? — falei. Depois disso eu deveria trabalhar como atriz, nunca interpretei tão bem sobre pressão. Minha voz saiu sutil.

—Ah, sim! — ele se afastou um pouco e me olhou com o cenho franzido, mas não comentou nada. — Não vai vestir a roupa?

—Não tenho. — me virei de frente para ele. Tive que incorporar a certeza de que eu era a maior gostosona, pois estava muito autoconfiante do que estava fazendo.

—É mesmo. Amanhã vou providenciar roupas para você.

—Eu tenho roupas em casa.

—Já disse que não vai vestir trapos. Amanhã você irá no shopping e irei pedir para que tragam algumas peças da *versus* para você.

—Como quiser. — pendurei a toalha e saí do banheiro.

—Irei buscar roupas para você. Ainda tem gente em casa e eu não quero nenhum funcionário te vendo pelada.

—Eu não me importaria.

—Mas eu sim. — ele saiu rápido do quarto, batendo a porta com um pouco de força.

Joguei-me na cama sorrindo que nem uma tola.

O que quer que fosse acontecer depois eu não me importava. Eu consegui provocar ele e o ignorar. Já é uma vitória.

Agora chega, porque eu preciso daquele pau!

Minutos depois Zedd voltou para o quarto. Ele me entregou as roupas e eu as vestir, enquanto o mesmo me observava.

Ele pegou minha mão e saímos do quarto seguindo pelo corredor.

Por coincidência, ele parou na frente da grande porta preta que eu tinha visto mais cedo, colocou a mão no bolso e tirou um chaveiro, levando o mesmo até a fechadura.

—Eu estava curiosa para saber o que tinha aí dentro. — falei animada.

—Agora vai saber. — ele disse sorrindo, com os olhos extremamente brilhantes.

Acho que essa era a parte que eu ficava com medo.

Capítulo 11

Ele girou a chave e abriu a porta. Um nervosismo, misturado com adrenalina, tomou conta do meu corpo.

Zedd deu um passo para o lado, me dando passagem, então, respirando fundo, entrei.

Eu pensei em muitas coisas que poderiam ter, ou ser, *ali*, e uma delas foi o *quarto do sexo*. Mas para minha decepção, ou sorte, não tinha nada lá dentro.

Bom, nada é muito vago. Tinha uma mesa e uma cadeira no meio do quarto, e um enorme espelho que tomava toda a parede da frente.

Apenas isso.

A luz fluorescente iluminava aquele cômodo. As paredes eram cinzas, iguais as do quarto que eu fiquei quando o Zedd queria saber o que eu peguei dele.

—Eu esperava algo... — disse.

—Sente-se. — ele falou, trancando a porta atrás de si.

—Por quê?

—Senta, Hayden. — ele disse, mas seu tom não foi rude.

Revirei os olhos, bufei e sentei na cadeira.

Ele deu a volta na mesa e ficou na minha frente. Dessa vez estava sério, seu semblante denunciava um pouco de indecisão.

—Disse que me mostraria algo. — falei, e minha voz saiu trêmula. Estava ficando com medo.

Ele não disse nada, apenas ficou me olhando. Comecei a pensar se tinha feito algo para ele, ou ele achava que fiz, e iria me bater.

—Precisa aprender a se defender. — ele falou depois de um tempo.

—O quê?

—Vai precisar se defender.

—Eu sei me defender... Se a pessoa não tiver quase dois metros de largura e altura, como o Dakota, derrubo ela fácil no chão. — ele deu um sorriso torto. — Não está acreditando?

—Acredito em você. Mas vai precisar mais do que isso quando estivermos em Vegas.

—*Vegas, Vegas, Vegas...* Por que não me diz logo que vou fazer?

—Porque não quero... Tenha paciência.

Bufei, apoiando os cotovelos na mesa.

—Vai ser perigoso? — perguntei, e mesmo sem querer, deixei minha voz vacilar.

—Sim... Mas vou fazer o possível para que ninguém saiba de você.

—Você está me deixando cada vez mais confusa, Zedd!

—Tenha paciência.

—Eu não sei o que é paciência!

—Aprenda. — disse ele, me olhando com cara de garoto travesso.

—*Eu te odeio.* — sussurrei, cruzando os braços e olhando para o lado.

—Eu escutei isso.

—Que se foda! — falei, perdendo completamente a noção do perigo.

Ele apenas deu risada.

—Se não vai me contar e nem me mostrar nada, eu posso ir para o meu quarto? — perguntei, ainda sem olhar para ele.

—Eu não acabei.

—Então?

Ele foi até a parede, do meu lado esquerdo, e pressionou a mão na mesma, logo a parede abriu.

Sério.

Sabe tipo aqueles filmes? Foi exatamente assim.

—Caralho! — dei um sobressalto e levantei da cadeira quando a parede se abriu por completo.

Dentro estava repleta de armas; revólver, metralhadora, submetralhadora, *sniper*, pistola, fuzil, espingarda de assalto, diversas de tipos variados.

Zedd pegou algumas armas e levou até a mesa.

—Aqui. — ele disse, simplesmente. — Precisa aprender a usar uma.

—Eu sei usar! — retruquei, dando um passo para trás. — Eu não preciso disso!

—Precisa sim! — ele ergueu a mão com uma pistola para que eu pegasse. Eu neguei.

—Não gosto de armas.

—Sério? Lembro muito bem de você apontar uma para mim.

—Aquilo foi um caso à parte, eu precisava me de... *Droga!* — peguei a pistola na mão dele.

—Exatamente. — ele sorriu. — Esse também será um caso a parte. Não vai precisar andar com uma dessas toda hora, mas preciso que tenha uma sempre por perto quando estiver sozinha. Minha vida em Vegas é bem diferente daqui. Se você acha que sou uma pessoa ruim é porque não conhece meus sócios no *Cassino*.

—Você tem um cassino em Vegas? — perguntei, e minha voz saiu com certa empolgação.

—Sim. Era meu pai que administrava.

—Que legal.

—Não é tão legal assim com essas pessoas.

— É que você combina como um mafioso.

—Não sou um mafioso, Hayden. Meus sócios sim, e eles só ligam para o próprio pescoço.

—Se eles são tão ruins assim, por que você não os mata?

—Eu já tentei... E deu muito errado, agora estou nessa merda! — ele trincou o maxilar.

—Não tem como desfazer a parceria? — perguntei.

—Não. Aquele cassino fatura muito, eles sabem disso... Já estão banhados de dinheiro e sempre querem mais! — ele bateu com força na mesa, o que fez com que eu me assustasse. — Desculpa.

—Tudo bem. — ele ficou um tempo de cabeça baixa, mexendo no revólver. Eu queria tanto saber o que ele estava pensando. — Precisa da minha ajuda para matá-los? — perguntei, engolindo seco logo em seguida, estava com medo da resposta dele.

Ele ergueu a cabeça e me olhou nos olhos. Pela primeira vez, eu soube de fato desvendar o seu semblante.

Medo.

— Não. Preciso que me ajude a proteger uma *pessoa*... E não pergunte quem é! — sua voz saiu ríspida na última frase, e ele ficou sério.

Engoli seco de novo e dei um passo para trás.

—T-tudo bem. — falei.

Zedd fechou os olhos e passou a mão no rosto.

—Eu não vim aqui para falar disso. — ele disse.

—Posso fazer uma última pergunta? — minha voz saiu tão baixa, que quase eu mesma não me escutei.

—Sim.

—Se quer que não saibam de mim, por que me fazer de sua *namorada*?

—Preciso de você por perto, e nosso romance seria uma desculpa para

essa aproximação.

—Certo. — falei.

—Agora precisa aprender a usar isso. — falou apontando para arma em minhas mãos.

—Eu sei usar.

—Você nunca atirou em ninguém. — afirmou.

—Claro que não!

—Então não sabe usar. — olhei para ele, que sorria.

Merda de transtorno de personalidade.

—Então eu preciso matar alguém para aprender?

—Matar não. Mas precisa atirar em uma pessoa...

—Eu posso lhe dizer o nome de cada uma do seu arsenal... Meu pai me ensinou...

—Seu pai te ensinou sobre armas?

—Ele é um militar. Uma vez, quando era mais nova, perguntei a ele algo sobre o assunto, mas aí ele se empolgou e começou a me ensinar bastante coisa. Eu, como sou curiosa, prestei a atenção... Gostava de passar tempo com o meu pai, quando ele me visitava... Mas eu não gosto delas!

Ele não disse nada, apenas ficou me olhando. Me analisando, talvez.

Depois segurou as minhas mãos e ergueu-as, fazendo com que eu apontasse a arma para ele.

—Você fica gostosa segurando uma arma! — disse ele, agora estava com um sorriso malicioso nos lábios e vi a região da pélvis ganhar um volume, provavelmente estava sem cueca, já que era visível pela calça. *Não que eu estivesse olhando, esse tipo de coisa a gente nota logo.*

Mas, ele estava excitado comigo apontando uma arma para ele!

Ah, é! Esqueci dos pontos importantes.

1. Deus do sexo.

2. Uma possível imortalidade.

3. Eu não sou um ser humano que consegue colocar medo em ninguém mesmo portando uma pistola.

—Atira! — ele falou se aproximando de mim.

—O quê? — perguntei assustada.

—Pode atirar. — ele estava sorrindo.

—Eu não-

—Vamos lá! Você tem que aprender! — ele segurou minha mão e guiou até o seu peito, posicionando a arma ali. — Atira, Hayden. — ainda estava sorrindo.

Fiquei olhando para ele. Eu queria apertar aquele gatilho.

Queria muito.

Qual é, eu ficaria livre e não faria trabalho nenhum.

Choraria por perder um parceiro de transa tão bom, mas nada que um *vibrador* não console.

Porém, não iria complicar ainda mais a minha vida. Eu já consegui merda o suficiente em menos de um mês.

E outra, ele não me daria uma arma carregada.

—Está sem munição, não é? — perguntei.

—Está?

—Para com isso, Zedd! — tentei puxar a minha mão para verificar, mas ele não deixou.

—Atira logo, cacete!

Minhas mãos começaram a soar devido ao meu nervosismo.

—Se é o que você quer! Não me culpe pelo buraco que vai ficar no seu peito! — falei, com a voz mais trêmula do que qualquer outra coisa.

Ele continuou sorrindo. Aquilo já estava me estressando. E em certa parte de me deixando com medo.

Ele soltou a minha mão, mas as mesmas continuaram pressionando a arma em seu peito. Destravei a arma e levei meu dedo até o gatilho.

Porém, não tive coragem de fazer aquilo.

Fechei os olhos, desviei a arma dele e apertei o gatilho.

Um estrondo se fez presente, e quando abri os olhos tinha um buraco na parede atrás dele.

Arregalei os olhos no mesmo instante.

Caralho!

—Estava carregada! — falei assustada, largando a arma na mesa. — Essa porra estava carregada!

—Você não atirou. — ele falou, e ainda estava sorrindo.

—E você queria que eu te matasse? Você é louco? — gritei, dando um passo para trás. — Você me deu uma arma carregada... Meu Deus, e se eu atirasse em você?

—Eu iria tirar a arma da sua mão. — ele disse calmo.

—Você nem estava segurando a minha mão! É a porra do *Bruce Lee* por acaso?

—Calma, Hayden. — ele deu um passo para frente e eu dei outro para trás.

—Calma um caralho!

Eu estava nervosa. Minhas mãos estavam até tremendo só de pensar que eu poderia ter dado um tiro nele — *por mais que eu quisesse fazer isso*.

—Eu iria tirar a arma da sua mão, já fiz isso várias vezes. — ele falou.

—Ah, então você traz pessoas aqui para mandar atirar em você?!

—É mais treinando com meus seguranças.

Comecei a rir, visto que não tinha humor algum.

— Eu só queria saber se podia confiar em você.

—Me pedindo pra atirar em você? — minha voz saiu quase como um

sussurro.

—Se você quisesse me matar essa seria a oportunidade perfeita. Nessa sala não tem câmeras e ninguém entra aqui.

—Eu nem sabia da existência dessa sala.

—Você disse que estava curiosa para saber o que tinha aqui.

—Porque eu passei pela porta quando estava indo para sala de cinema.
— suspirei longamente. — Por favor, não faça mais isso. Teste a minha lealdade de outra forma. Você matou a minha mãe e meu irmão está sobre sua ameaça constante, o que mais você quer?

—Não quero mais nada. E já disse que não vou machucar o seu irmão.

—Se eu não fizer merda.

—Pois esqueça o que eu disse... — ele se aproximou de mim se segurou os meus braços com delicadeza. Seus olhos tinham o brilho que nem sempre aparecia. — De verdade mesmo, eu nunca machucaria uma criança. Nunca foi minha intenção matar o seu irmão.

—Você foi bem convincente. — disse.

—Eu precisava ser, caso contrário você não estaria aqui. Não me contaria nada naquele dia. — sua mão esquerda saiu do meu braço e foi para o meu rosto, acariciando de leve. — Estou falando a verdade.

Era uma droga não saber se ele estava mentindo. Mas meu coração estava batendo tão rápido, que visto ao ataque cardíaco eminente, eu cedi.

—Tudo bem.

—Ótimo. — ele sorriu. — E desculpe por isso... É que tem muita coisa em jogo para mim... Preciso saber se você é de confiança antes de te contar coisas pessoais, depois que isso acabar você vai ficar livre de mim e saberá muita coisa.

—Tudo bem. — assenti.

—Ótimo. Você vai ter tempo para treinar mais.

Ele se afastou e começou a guardar as armas no seu devido lugar.

—Então isso tudo não foi para eu aprender a atirar? — perguntei.

—Foi sim. Fiquei até surpreso, você atirou pela primeira vez e seu pulso continuou firme, não recuou com o impacto.

—Meu pai me avisou sobre isso, eu só lembrei.

—Muito bem. Mas de todo modo, Sokovia vai te dar umas aulas em Vegas, assim como te ensinar defesa pessoal.

—No final vou estar qualificada para ser uma de suas sombras.

—Não é para minha segurança, Hayden, e sim para sua. — ele disse sério.

Então tirei o sorriso do rosto.

Pude notar que ele ainda estava ereto, e como ainda estava nervosa, não contive a minha boca.

—Toda essa situação tensa e você continua ereto. Seu pau meio que sobe muito rápido... Eu pisco e *páh!* Você está pronto.

Ele deu risada e eu me senti ainda mais idiota.

—Sua namorada deve ficar bem feliz. — falei, porque meu hobby é me envergonhar mais do que o suficiente.

—Você é *minha* namorada. — falou me olhando, com um sorrisinho no rosto.

—De mentira não conta.

—Por que não? Você está na minha casa... a gente transa.

—A gente transou uma vez. E outra, um namoro não se resume nisso, você sabe... E se fosse assim, você teria que me prometer fidelidade. — desviei meu olhar do dele.

—Você quer que eu prometa?

—O quê? — perguntei confusa. Ele só podia estar brincando com a minha cara.

—Fidelidade.

—Zedekiah Marshall amarrado a uma mulher só? Isso até soa como uma piada.

—Eu já estive em um relacionamento. E não foi só uma vez.

—E durou quanto tempo? Uma semana?

—O relacionamento mais longo foi de dois meses. E eu me arrependo amargamente. A Jamora era uma louca, paranoica e ciumenta... É um pouco difícil encontrar alguém que goste de mim...

Dei risada.

—Que goste de verdade, Hayden. Elas só ligam para meu dinheiro e posição social... — ele falou, pude notar decepção em seu tom.

—Talvez você deva mostrar mais do que só o *cara* rico.

—Quando eu encontrar alguém que se importe, talvez eu faça isso. — ele deu um sorriso de lado. — Mas se quiser fidelidade, eu posso fazer. Não vou morrer por isso. Então, você sabe... — ele apenas deu de ombros.

Eu só poderia estar alucinando. Ou interpretando as coisas erradas.

Ele não me pediu em namoro, tenho certeza.

—Isso não acontece sempre, mas com você sim. — ele falou, apontando para as partes.

—Comigo? — apontei para mim mesma.

—Sim. — ele deu de ombros e guardou a última arma fechando a porta, parede, tanto faz.

—Por quê?

—É que enquanto você fala eu fico imaginando sua boca no meu pau.

Fiquei boquiaberta.

Ele se aproximou de mim rapidamente. Uma de suas mãos envolveram minha cintura e a outra foi na minha coxa, me puxando para cima. Entrelacei minhas pernas em sua cintura e seus lábios tocaram os meus.

Era tão bom.

Eu praticamente me derreti só com esse contato.

Ele deu alguns passos, sem cessar o beijo, e me colocou em cima da mesa. Seus lábios saíram dos meus e foram para o meu pescoço.

Automaticamente gemi.

Sinceramente, não iria ficar mais me reprimindo. Ele era bom demais para isso. E tudo bem que há instantes eu estava com uma arma apontada para ele e agora estamos nas preliminares.

Zedd colocou uma das mãos por dentro da minha camisa e começou a dar leves puxões na minha cintura, depois foi subindo para os meus seios, fazendo uma massagem bem gostosa.

Ele não estava mentindo quando falou que tinha mãos maravilhosas.

Minhas mãos foram em sua nuca, e uma delas em seu cabelo, puxando os fios sem delicadeza. Senti um cheiro de perfume feminino em seu ombro e me esforcei ao máximo para não imaginar ele com a outra.

Não é que eu seja possessiva nem nada. Mas ser a segunda opção, e comer coisa *requentada*, é foda.

—Vamos para o meu quarto... — ele falou, com aquela voz arrastada e rouca exalando tesão.

—Então sua amiga não lhe satisfez? — perguntei. Eu juro que um dia ainda vou costurar a minha boca.

Ele se afastou um pouco para me olhar.

—Nem um pouco. — falou. — Eu fiquei pensando em você... — ele me deu um selinho. — No meu pau entrando na sua *buceta* apertadinha... — outro. — Em senti seu gosto e escutar seu gemido... — mais outro. — Então pedi para que ela fosse embora assim que gozou. — dessa vez me deu um beijo de língua.

Eu agradei muito. Juro que se ele falasse mais um *a*, com aquela voz e

me olhando daquela forma, eu gozava ali mesmo.

Zedd poderia ter a mulher que quisesse. Era bilionário, *lindo de morrer* e transava muito bem. Então, se eu não fosse no mínimo *boa* para ele, o mesmo não estaria aqui comigo me falando essas coisas.

E eu preciso trabalhar melhor na minha autoestima. É certo que os meus lixos de ex-namorados, que me trocaram descaradamente — *e facilmente* — pela minha mãe, contribuíram bastante para isso.

—Vamos para o meu quarto. — ele falou de novo, dessa vez se afastando.

Eu descii da mesa e caminhei para porta, mas o Zedd segurou o meu braço.

—Aonde vai? — ele perguntou.

—Você disse que iríamos para o seu quarto.

Ele sorriu. — O quarto é aqui.

Ele foi até a outra parede e colocou a mão em um pequeno cubo — que eu não tinha notado que estava ali — e puxou para frente.

Era uma porta embutida na parede. *Putá merda.*

Ele segurou a minha mão e me levou para dentro do quarto.

Eu estava na porra do cinquenta tons de cinza.

Capítulo 12

TODOS OS OBJETOS DO QUARTO ERAM PRETOS E A PAREDE SEGUIA NO mesmo tom de cinza. Tinha coisas ali que, devido a minha inocência pelo assunto, eu nem sabia o nome, e até estava em dúvida para que servia. A enorme cama, muito bem arrumada, estava com um lindo lençol de seda — *preto também* —, e eu senti uma imensa vontade de me emaranhar nele, mas me controlei.

Talvez esse fosse um cinquenta tons de cinza mais gótico.

Acabei rindo sozinha com esse pensamento idiota.

— O que foi? — ele perguntou. E eu pude notar que estava me observando.

— Só estava pensando.

— Gosta disso?

— Não! — acabei dando um gritinho ridículo. Então pigarreei e continuei. — Eu nunca fiz nada parecido.

— Mesmo? — perguntou surpreso.

— Por que está surpreso com isso?

— Você não me pareceu assustada... Ou impressionada.

— Você me algemou na cama... Era de se imaginar que gostaria disso.

Ele assentiu e então fechou a porta.

Caminhei pelo quarto, tocando em algumas coisas. De fato, eu nunca tinha feito algo parecido, mas estava cogitando a ideia de ter essa primeira vez.

Tirei minhas sandálias e não resisti a vontade de deitar na cama, então fiz.

Deus! Que lençol maravilhoso! Fechei os olhos e me deixei levar pela sensação maravilhosa. O colchão também era extremamente aconchegante.

Senti um movimento na cama então abri os olhos. Zedd subiu em mim, apoiando um joelho em cada lado do meu corpo.

— Acho que algo te agradou nesse quarto. — ele falou.

— Você não tem noção do quanto... Então, todas as suas garotas vêm pra cá? — *ótimo, lá vou eu bancando a ciumenta*. Ele ficou me olhando com um sorrisinho no rosto. — Eu não quis perguntar isso...

— Não são todas, apenas as que aceitam.

— Então temos escolhas?

— Claro. — ele fez cara de ofendido. — Não gosto de pegar ninguém a força. Ainda mais se tratando disso... Aqui é para o prazer mútuo.

— Não precisa me explicar como funciona...

— Tudo bem. Mas, você quer? — o brilho nos olhos tinha voltado, e ele estava sorrindo.

Meu corpo todo se arrepiou com a possibilidade de experimentar essa coisa nova. Vou admitir que estava com um pouco de medo também, ele demonstrou ser um pouco agressivo, e eu não queria me machucar.

Zedd inclinou o corpo e seus lábios tocaram os meus com delicadeza. Minha libido estava transbordando.

Ele se afastou, dando um último selinho, mas continuou com o rosto próximo ao meu. E eu estava ofegante, mesmo com o beijo não sendo intenso.

— Se eu disser que não, ainda vamos transar? — *sim, eu perguntei isso*, vocês também perguntariam na minha situação.

Ele ficou me olhando, e como sempre foi com o semblante de nada.

Por um momento minhas pernas fraquejarem querendo que eu levantasse da cama e ajoelhasse, implorando que ele dissesse *sim*, mas meu subconsciente alertou-me que isso seria humilhação demais, já bastava eu ter perguntado.

— Já disse que não irei te forçar a nada. — ele falou calmo. — E sim. Eu gostei de você... — ele me deu outro selinho.

— Se eu não gostar, a gente volta a transar normal?

— Se você não gostar, eu me mato. — ele disse rindo.

— O quê?

— Já lhe disse, sou bom nas coisas que faço.

— Tudo bem, *Kanye West*...

— Isso é um sim?

— Sim. — respondi tão rápido, que isso sim que surpreendeu.

— Ótimo!

Sabe quando uma criança ganha de presente um brinquedo que queria muito e fica completamente extasiada de felicidade? Assim estava o Zedd.

Ele levantou e foi até um armário do lado na cama, abrindo o mesmo e procurando algo.

Meu nervosismo voltou, mas dessa vez misturado com ansiedade.

E vocês já sabem o que eu vou fazer.

— Vai querer que eu te chame de *daddy* e eu serei a sua *babygirl*? — perguntei.

E ele gargalhou.

Gargalhou mesmo.

Sabe aquela risada que você acaba chorando? Foi quase isso.

— Não, não. — ele falou depois que se controlou. — Eu dispenso isso. — o mesmo tirou uma *corda*, um pouco grossa, do armário e voltou para cama, mas não subiu.

— Você pratica BDSM, por que não?

— Fico apenas com *bondage, dominação e sadismo*, o resto eu dispenso totalmente. Principalmente isso de *daddy*... Tenho certeza que *broxaria*...

Controlei-me para não rir.

Ele enrolou a corda na mão me olhando, plenamente exalando luxúria.

Como queria ter ingerido álcool nesse momento, meu sangue estava fervendo.

Zedd segurou a minha mão e me puxou para que eu levantasse. Então puxou minha camisa para cima, tirando do meu corpo. Sei que estava provocando ele antes, desfilando nua em sua frente, mas agora eu senti um pouco de vergonha.

Eu deveria ter dito não e pensado melhor.

— Vamos ter uma palavra de segurança? — perguntei.

— Palavra de segurança? — perguntou confuso.

— Caso você esteja me machucando...

— Mas eu vou te machucar... — ele falou, e juntou seu corpo ao meu. Meu corpo traíra logo fraquejou com o contato.

Seus lábios tocaram os meus e dessa vez não houve nenhuma delicadeza. Foi um beijo cheio de *vontade*. Sua mão invadiu o meu cabelo puxando os fios com força e eu pude sentir a outra mão apertar a minha cintura, ainda segurando a corda.

Quando ele se afastou pude notar seus lábios um pouco avermelhados. E eu estava excessivamente molhada. Minha libido a essa altura já estava *esbofeteando* a minha cara pedindo para que eu implorasse para ele começar e me penetrar logo — *ela nem ligaria com o que fosse, por tanto que me preenchesse*.

— Eu não vou parar no meio do caminho, tudo bem? — ele perguntou com a voz lenta, rouca e abastecida de testosterona.

Assenti brevemente.

— Diga. — ele falou.

Droga de dominação!

— Tudo bem.

— Ótimo. — o mesmo sorriu.

Ele me virou, para que eu ficasse de costas e prendeu o meu cabelo. Depois senti seu dedo na minha espinha, então passou a corda pelo meu tronco dando a volta. Ele apertou forte amarrando, depois passou as duas pontas para frente do meu corpo e me virou de novo.

Passou as duas pontas sobre a corda que já estava no meu tronco, entre os meus seios, e voltou para trás. Ele me deixou de costas para ele novamente e depois disso eu não tive ideia do que ele estava fazendo, mas sentia os puxões e minha pele arder com o atrito da corda.

Em seguida ele segurou meus braços para trás, dobrando-os e começou a passar as cordas por eles. O mesmo fazia aquilo com tanta habilidade que uma parte de mim — *não a que estava saltitando por esse momento* — se sentia uma tola por ser apenas mais uma para diversão dele.

Mas eu tinha que pensar em mim. Fazer disso uma diversão também. Ele não foi o único homem pra quem eu *dei* e nem será o último. Eu sou livre e desimpedida. E irei focar no sexo maravilhoso que esse *deus* pode me proporcionar.

— Tudo bem? — ele perguntou.

Eu assenti.

Ele puxou violentamente a corda, fazendo com que eu cambaleasse, chocando meu corpo contra o dele.

— Isso vai ser tão divertido, porque você é desobediente... — ele sussurrou em meu ouvido.

Intimidade se contraindo, sim!

— Não sou desobediente, apenas *esquecida*... — falei em um sopro.

— Então tente ser menos, já disse que não vou parar e não pegarei leve.

— Irei tentar.

Ele continuou passando a corda pelos meus braços, e quando me dei conta estava completamente imóvel.

Como alguém consegue transar assim?

— Fique aqui. — ele mandou e foi até o armário de novo.

Pegou uma máscara para tapa os olhos e uma *coleira*.

Merda! Era uma coleira mesmo!

— Tem mesmo necessidade disso? — perguntei. *Nervosa pra cacete*.

— Sim. E cala a boca... De você só quero escutar gemidos e meu lindo nome... Pedindo-me para ir mais rápido... — ele se aproximou e me beijou, quando se afastou continuei de olhos fechados. Estava ansiosa para senti-lo. — Mas então eu vou continuar indo devagar, porque quem manda aqui sou eu... — abri os olhos rapidamente e filho da puta estava sorrindo.

Inferno.

Ele colocou a máscara em mim, pronto, tudo preto. Depois foi a vez da coleira, e eu logo senti alguma coisa espetando o meu pescoço. Quando ele terminou de prender a coleira, puxou levemente pela corda dela e eu senti a tal coisa me espetar ainda mais.

— O que são essas coisas no meu pescoço? — perguntei.

— É uma coleira de pinos, você vai adorar.

— Já estou odiando, só para deixar claro. — ele puxou a *droga* da coleira com força dessa vez, o que me fez levar a cabeça para trás, tentado aliviar a sensação, mas não deu certo, ele puxou mais ainda.

— Já disse para calar a boca. — disse ele, extremamente sério, mas soou tão sexy. Eu queria até ter engolido seco, mas devido a situação e eu estar quase sufocando, não foi possível. — Vamos começar...

E foi aí que meu corpo se esquentou com o fogo do inferno. Só poderia ser de lá. O que eu estava sentindo não era normal.

Ele segurou a barra da minha calça, juntamente com a cueca, e desceu pelas minhas pernas. Levantei as pernas, uma de cada vez obviamente, para me livrar das peças.

Senti a mão de Zedd subir lentamente pela minha perna esquerda indo direto para minha intimidade, onde me penetrou dois dedos sem *rodeio*.

— *Aí meu Deus!* — gemi.

Recebi um tapa no rosto.

— Isso vai ser maravilhoso... — ele disse, obviamente se divertindo com a minha memória fraca.

Já vi que vou sair toda roxa dessa sala.

Zedd me fez andar, e quando minhas pernas bateram na cama o mesmo pediu para que eu subisse, obedeci. Ele inclinou meu corpo para frente, me fazendo ficar de quatro.

Nesse momento eu queria voltar no tempo e ter dito não.

Não que o meu tesão tivesse sumido, mas eu estava cheia de vergonha... E um pouco de medo.

Pelo menos eu estava com os olhos vendados, amenizada um pouco o meu constrangimento.

Zedd começou a passar mais cordas pelas minhas pernas, fazendo com que elas fiquem *escandalosamente* abertas.

—Vamos transar ou você está me preparando para o *abate*? — perguntei, e ri de nervoso.

Recebi um tapão na bunda. E tenho a plena certeza que ele não usou a mão.

—Caralho! — gritei.

Ele não falou nada e depois de um tempo terminou de me amarrar, fiquei

totalmente presa, provavelmente amarrou a corda em algum lugar, pois eu não conseguia mover meus pés.

Senti sua respiração próxima a minha intimidade e segundos depois a sua língua me percorreu. Me esforcei muito para não chamar por *Deus*, e se não fosse o fato dele ter uma língua tão maravilhosa e comprometida com o seu trabalho — *que no momento era me lambar* — eu até teria pensado em uma pessoa para substituir essa entidade que não merecia ser chamada eu momentos como esse.

De repente, sua língua começou a ir para *trás*.

Sim.

Atrás.

Primeiro, ninguém tinha sequer tocado nessa região, então eu claramente me assustei com esse contado. Mas devo admitir, não foi ruim. Estranho, mas não ruim.

—Zedd... — gemi seu nome quando um dedo entrou em mim e sua língua continuava passando por *lá*.

Meu corpo começou a dar sinal de pequenos espasmos, mas eu estava tão bem amarrada que não conseguia me mexer.

E eu praguejei muito por isso. Eu queria agarrar os lençóis, morder minhas mãos ou passá-las pelos cabelos dele, puxando.

Ele se afastou. O que me deu um pouco de pavor. Eu não podia ver o que ele estava fazendo. Escutei passos para lá e para cá e depois o barulho de uma gaveta se abrindo e fechando.

Depois de um *tempinho* escutei sua voz rouca gemendo, provavelmente estava se tocando (*o que era um desperdício, ele deveria estar entrando em mim*). Eu acabei gemendo com isso. A voz dele era muito gostosa, e dessa forma então, nem se fala.

Suas mãos me tocaram. Passeando pelas minhas nádegas, destruindo

tapas. Mas dessa vez não eram tão fortes.

Senti seu pau tocar levemente a minha intimidade e impulsionei meu corpo para trás, mas Zedd me impediu.

—*Droga!*

—Menina gulosa... — ele falou, sua voz lenta e arrastada fez minha intimidade se contrair.

—Menino lento... — gemi, seu dedo tinha me penetrado.

—Lento? — ele puxou a coleira e enfiou o dedo com mais força, começando a me estocar. — Isso é lento para você, Hayden?

O oxigênio começou a me faltar, mas a sensação de seus dedos entrando em mim naquela velocidade estava deixando tudo extremamente prazeroso.

Era tão estranho.

Muito bom, mas estranho.

Ele me soltou e tirou os dedos de mim. Voltei minha cabeça para o colchão e puxei o ar com força.

Novamente sua língua percorreu minha intimidade e posteriormente *lá* atrás. Eu nem tinha me recuperando do evento recente, e já estava gemendo de novo.

Senti algo gélido *lá* e automaticamente travei.

—Relaxa, *babe*. — ele falou, mas não tirou a coisa de lá.

—Isso não vai entrar aí, *né?* — perguntei, minha voz saiu trêmula.

E adivinha?

Entrou.

Gritei com a dor. A coisa não era grossa, mas estava incomodando. Nada tinha entrado *lá* atrás.

Não até agora.

— Você não me perguntou se eu fazia *anal!* — falei, e gemi com o desconforto.

—Mas eu não estou entrando em você. — ele soltou uma risadinha.

Filho da puta, escroto do caralho!

—É que porra é isso?

—*Prazer*. — ele falou extremamente sexy.

Em seguida eu dei três gritos.

Um de susto, um de dor e o último de prazer.

Ele me deu um tapa na bunda, empurrou para dentro de mim o que quer que fosse aquela coisa e me penetrou com seu pau.

Eu iria morrer.

Zedd começou a se mover devagar. Seu pau era tão bom, que facilmente eu esqueci o incômodo que estava sentindo e o transformei em prazer.

Ele saiu de mim e entrou com força.

E ficou nesse ritmo.

Não tive como me conter. A mistura de sua voz rouca gemendo, seu pau entrando em mim e aquela coisa *lá*, me desencadearam um orgasmo.

Meu corpo tremeu e o que estava em *mim* se repuxou, me fazendo gritar.

Zedd aumentou o ritmo. Agora indo mais fundo, com mais força. Ele estava literalmente urrando. Puxando meu cabelo, deixando meu pescoço erguido, me fazendo gemer alto.

Eu me contraía cada vez mais no seu pau. Fazendo ele ir cada vez mais rápido.

E no exato momento em que ele se derramou dentro de mim, eu chamei seu nome, gozando.

Eu sabia que ele não iria terminar ali. Então logo começou a se mover novamente. Na mesma velocidade de antes.

Ele era provavelmente uma máquina de foder. Não é possível alguém se recuperar tão rápido assim.

—Inferno! — senti meu corpo dando sinal de espasmos, me avisando do organismo eminente.

Eu estava sentindo tanta coisa, que duvido ser capaz de explicar. Ele ia fundo, batendo com força no meu útero, rápido, me fazendo perder o ar, revirar os olhos e ficar extasiada.

—*Oh, merda!* — ele gemeu.

Não podia segurar por mais tempo, meu corpo estava em alerta, meus gemidos saiam mudos.

Ele segurou a coleira com força, puxando para trás, travando momentaneamente o meu oxigênio, prolongando cem por cento o meu orgasmo.

Quando soltou, puxei o ar por puro ato automático, se fosse por mim eu não faria nada.

Eu não sentia mais o meu corpo. Não tinha mais voz. E minha intimidade estava começando a latejar.

Zedd saiu de mim e tirou a coisa de *lá*. Desamarrou minhas pernas com extrema velocidade, tirou a máscara do meu rosto e pôs seu corpo sobre o meu, me fazendo deitar.

—Eu não consigo parar... — ele falou ao meu ouvido, entrando em mim novamente. — Não dá pra ficar enrolando com você... — ele saiu de mim e entrou com força. — Com esse caralho de *buceta* gostosa não dá...

Ele começou a me estocar rapidamente. Eu estava tão perdida, mas a sensação prazerosa ainda estava presente.

Então, logo se derramou em mim.

Mas não saiu de mim. Ele estava com a respiração descontrolada, e puxava o ar com força, assim como eu.

Meus olhos se fecharam automaticamente. Eu sentia o sono me chamando.

De supetão. Ele saiu de dentro de mim e me virou de frente, ergueu uma perna minha e num piscar de olhos me penetrou novamente.

E dessa vez eu gritei.

—Zedd... Eu... — não tinha forças para falar. Ele estava me estocando rápido. Rápido mesmo. Nem parecia a mesma pessoa que há três segundos atrás estava com a respiração descompassada.

—Goza pra mim de novo... — ele falou puxando meu rosto. — Gosto de escutar sua voz assim.

Ele diminui o ritmo para estocar com força.

—*Aí meu Deus!*

Recebi um tapão no rosto e meu pescoço foi apertado com força.

Ele me olhava atentamente enquanto eu abria a boca para puxar o ar. Seus olhos estavam brilhantes, exalando luxúria.

—Chame por mim...

—Vo-você... — balbuciei, ele folgou a mão em volta do meu pescoço.

—Sim.

—Mais rápido... — ele negou. — Por favor...

—Não adianta implorar, Hayden, eu que mando aqui. — ele diminuiu ainda mais o ritmo. — Eu posso ir assim... — ele mordeu o lóbulo da minha orelha enquanto falava. — Ou assim... — estocou mais rápido, porém parou em segundos. — Mas eu não vou fazer nenhum dos dois agora... Sabe por quê? — ele ergueu o rosto para me olhar. Eu neguei, e acabei levando mais um tapa. — Responda com palavras.

—N-não... Eu não sei.

—Porque você vai *chupar* o meu pau.

Ele saiu de mim e levantou da cama, me puxou pelas pernas até a beirada e desceu meu corpo para que eu ficasse de joelhos no chão.

Eu sinceramente não me aguentava, e ele estava segurando meus cabelos

com força, inclinando meu rosto, para que eu o olhasse.

Minhas pálpebras pesavam. Eu queria apagar.

Se existe algum deus que tire o tesão de uma pessoa, eu gostaria de rezar para ele agora. Não estou acostumada com um homem incansável.

—Abra os olhos, *babe*... — ele falou. E eu abri antes de levar outro tapa. Não que estivesse sentindo alguma coisa nessas condições, foi mais para evitar esse ato. — Respire pelo nariz, entendeu?

Assenti.

Juro que da próxima vez vou imprimir uns cartões com aviso do que não fazer e espalhar pelo quarto.

Ele me bateu de novo.

—Eu entendi... — resmunguei, e abri a boca.

Zedd sorriu e guiou seu pau até lá, metendo de uma vez.

O que me fez arregalar os olhos com o susto e me entalar.

Ele saiu e então eu comecei a tossir involuntariamente. E não esperou até que eu me controlasse, meteu seu pau na minha boca de novo e começou a estocar a minha garganta.

Tive que literalmente respirar pelo nariz e me esforçar ao máximo para conter a vontade de jogar tudo para fora e os engasgos constantes. O pau dele era muito grande, estava fazendo um estrago.

—Não sei o que é melhor... — o filho da puta falou, perdendo a cabeça para trás e gemendo. — Sua boca é tão boa quanto a sua buceta...

Ele saiu de mim, eu voltei a tossir e puxar o ar com força. O mesmo puxou minha cabeça para trás. Meu rosto estava uma porcaria.

Zedd sorriu e puxou minha cabeça para frente de novo. Dessa vez meteu o pau na minha boca e pressionou para que eu continuasse lá e saiu segundos depois.

—Eu vou gozar na sua boca... — o mesmo falou e me segurou pelos

braços para que eu levantasse.

Não consegui proferir uma sílaba. E também não consegui apagar porque ele não deixava.

A vida foi boa enquanto durou. Eu iria morrer por *trepar* de mais.

Zedd me fez deitar na cama de cabeça para baixo. E o que eu estava prevendo, aconteceu. Ele voltou a estocar minha boca, mas dessa vez estava me fodendo com seus dois dedos, indo na mesma velocidade que suas invertidas na minha garganta.

Eu não tinha um estado de espírito para me agarrar. Estava a um passo da inconsciência e ele trouxe a minha libido de volta com toda força.

Eu tentava respirar, gemer e rebolar em seus dedos. Era informação demais para uma *Hayden* só.

Minutos, ou segundos, depois, Zedd deixou um resmungo fugir de sua garganta, e então *desleixadamente* seu líquido se derramou na minha boca, e ele parou o movimento, saindo de mim.

Não tinha forças, e nem condições para engolir, então tudo foi descendo pelo meu rosto.

Foi bem nojento na verdade. Gostaria de estar vendada para que seu gozo não percorresse os meus olhos.

E quando eu pensei que tudo tinha terminado, ele subiu na cama e posicionou o rosto entre minhas pernas. Entrando em mim com um dedo na frente e dois atrás, passando a língua quente, úmida e macia por todo meu sexo.

Meu corpo estava no automático, ele começou a mover os dedos com rapidez e eficiência. Meus espasmos estavam mais violentos.

Logo eu estava gritando, gemendo... E enfim, *jorrando*.

Nunca pensei que fora capaz disso, mas atingi um nível sobrenatural de orgasmo que me desencadeou essa função.

Meu peito subia e descia com velocidade. Eu mal conseguia acertar a minha respiração.

Zedd subiu em cima de mim e beijou meus lábios — *beijou sozinho, nem isso eu consegui fazer.*

—Melhor parar, antes que eu te mate... — ele falou sorrindo de forma maravilhosa, beijando o meu torso. — Eu não quero que você vá embora *nunca...* — ele me olhou nos olhos.

O sorriso ainda estava em seus lábios, e eu tive a oportunidade de olhar cada mísera parte da *porra* daquele rosto perfeito.

Mas eu não estava em condições de falar, e nem pensar em nada, mesmo que as palavras dele tenham me atingido.

Dessa vez foi impossível continuar consciente.

Fechei os olhos e apaguei.



Eu sentia os meus braços livres, mas também sentia a dor e mãos macias percorrendo o meu corpo. Não consegui abrir os olhos. Era como se a escuridão fosse mais reconfortante.

Calêndula. Eu sentia o seu cheiro na água quente que banhava o meu corpo. Senti também que estava escorada em um peito nu.

Escutei alguém cantar baixinho atrás de mim. A voz era linda, suave e extremamente agradável. Estava em outra língua, todavia isso a deixava ainda mais interessante.

Mãos começaram a percorrer minha cintura, indo de encontro aos meus seios, onde uma massagem relaxante foi executada.

Eu deveria estar sonhando.

Mas eu lembrava do último lugar onde eu estive. Reconhecia aquele
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

toque, e quando abri os olhos, estava na banheira do quarto do Zedd. Olhei para trás e vi o moreno, ele parou de cantar e sorriu para mim.

Seu olhar era sereno, porém ao mesmo tempo era como se tivesse perdido nos próprios pensamentos. Não tive a oportunidade de desvendar sempre o semblante do Marshall, mas quando conseguia, tinha certeza do que representava.

Ele se inclinou e selou meus lábios. Foi um beijo lento, delicado e satisfatório. Pude sentir seu gosto, sua língua macia tocar a minha e me causar arrepios.

—Descanse, Hayden... — ele falou, passando a mão no meu rosto, acariciando minha bochecha de leve. — Eu cuido de você...

Eu não disse nada, apenas voltei para minha posição anterior, me aconchegando em seu torso.

Zedd voltou a cantar, dessa vez em inglês.

Fechei os olhos e aproveitei essa paz. Logo a inconsistência me pegou de novo.

Capítulo 13

ME ESPREGUICEI NA CAMA EXTREMAMENTE MACIA E ABRI OS OLHOS. Pisquei algumas vezes para me acostumar com a luz, e então distraidamente olhei para o lado.

Eu estava no quarto do Zedd, e ele estava dormindo na cama.

Não sei porquê, mas congelei ao olhá-lo.

Seu semblante era sereno e sua boca estava entreaberta. Sua respiração era calma.

Pude contemplar o seu torso nu, pois o lençol cobria apenas da sua cintura para baixo. Olhei cada mísera tatuagem do seu corpo, desde a do seu pescoço até as das mãos. Quis muito dedilha-las, mas me controlei como da outra vez.

Isso seria ridículo.

Senti minha pulsação aumentar quando voltei a encarar seu rosto.

Ele era tão lindo.

Por um momento fiquei perdida apenas admirando a sua beleza. Mas quando meu coração começou a bater mais rápido e eu senti minha jugular pulsar escandalosamente, parei de encará-lo.

Estava acontecendo alguma coisa comigo. Eu sei que já senti isso antes, e não é uma coisa boa.

Não nessas condições.

Respirei fundo para me controlar, falhando miseravelmente, e saí de fininho da cama. Não queria acordá-lo. Assim que pisei o pé no chão, caí no

mesmo.

— *Inferno!* — praguejei baixinho.

Acho que ainda não estava sentindo totalmente minhas pernas. Também, ele acabou, *literalmente*, comigo durante a madrugada.

E que madrugada! Essa foi a mais louca e excitante de toda minha vida. E eu pensando que ele não podia ficar melhor.

Levantei com dificuldade, mas levantei. Olhei para cama e o Zedd continuava dormindo. Procurei no quarto pela minha roupa, mas não encontrei nada.

Não podia entrar no closet dele, por mais que quisesse. Ele não me deu permissão para entrar lá, então eu não faria.

Deus me livre ele acordar e me bater... Gosto dessa agressividade apenas quando estamos transando — *pelo menos agora*.

Frustrada, por não encontrar uma roupa, entrei no banheiro e fechei a porta. Sentei no vaso sanitário e esvaziei a bexiga.

Dor.

Foi a única coisa que senti.

Minhas partes ardiam. Muito.

Espero que da próxima vez ele pegue mais leve... Ou entre em mim menos vezes. Eu perdi a conta de quantos orgasmos tive, e nem sabia que podia sentir isso tantas vezes em uma só noite.

Me limpei, ainda gemendo de dor, e levantei. Procurei pelos armários e encontrei escovas de dentes ainda na embalagem, então peguei uma.

Quando terminei, enxuguei meu rosto na toalha. Nesse momento tive automaticamente uma ideia, então peguei a toalha e enrolei no meu corpo. Saí do banheiro e vi que o Zedd continuava dormindo.

Alguém realmente se cansou, não é mesmo.

Caminhei até a porta, saí do quarto dele e fui correndo — eu realmente

corri — até o meu quarto. Não queria encontrar nenhum funcionário pelos corredores, já bastava saber que minhas imagens estavam gravadas.

Procurei no quarto por roupas, e para o meu azar também não encontrei.

— Que caralho! — esbravejei.

Me joguei na cama e fechei os olhos. Flashback se fizeram presentes em minha mente. De quando estávamos na banheira e ele cantava baixinho. Lembrei de sua mão macia tocando meus seios.

Logo meu corpo se arrepiou e eu me senti molhada.

A vontade que eu estava de voltar para o quarto dele e pedir para entrar em mim era grande, mas o amor que eu tinha pelas minhas partes era maior.

Sem condições de sexo por enquanto.

Depois de um tempo, escutei batidas na porta, levantei da cama e caminhei até a mesma abrindo-a. Dei de cara com James, que se virou assim que viu meus trajes.

— Me desculpe, Hayden. — disse ele.

— Eu estou de toalha, não nua! Pode se virar. — disse, mas ele não fez.
— Tá bom! Algum problema?

— Trouxe as suas roupas. — ele esticou o braço segurando uma sacola.

— Obrigada, James! — peguei-a.

— Por nada. — e então se retirou.

Eu fechei a porta e fui logo tirando a roupa de dentro da sacola, que dessa vez eram femininas. Tinha também algumas maquiagens — *olha o lembrete de que eu sou um bagulho*. Tirei a toalha do corpo e peguei a lingerie para vestir, porém assim que coloquei a calcinha escutei a porta se abrindo. Olhei assustada para trás, colocando as mãos nos seios, e vi Zedd entrar e fechar a porta atrás de si.

Ele estava vestido com um lindo terno rosa e seu perfume era extremamente agradável, pude sentir mesmo de longe.

— Bom dia, Hayden. — disse ele, totalmente sério.

— Bom dia, Zedd. — fiquei estática, mesmo sem entender o porquê.

— Tudo bem?

— Sim... Algum problema?

— Eu é que pergunto... — ele se aproximou de mim, ficando não menos que um metro de distância.

— Não entendo. — perguntei confusa. E realmente estava. O semblante de nada dele me irritava muito.

Ele deu mais dois passos em minha direção e tocou meu braço esquerdo, olhando nos meus olhos.

— Você fugiu de mim... — disse ele.

— Eu-eu- não fugir não!

— Fugiu sim! — ele não estava sendo ríspido, o que até era estranho. — Saiu de fininho do meu quarto como se eu fosse um homem comprometido e você minha amante.

— Eu-eu- n-não! — balbuciei, querendo me socar. Estava desaprendendo a falar com ele me olhando daquela forma.

— Você sim.

— Você nem viu nada! Eu apenas acordei e vim para o meu quarto, não posso mais? Tinha que te pedir permissão?

— Eu acordei quando você caiu da cama. — ele sorriu. — Vi que saiu de fininho.

Eu queria enfiar minha cabeça no chão. Tenho certeza que meu rosto ficou vermelho.

— Eu só- eu só... Ora, Zedd! — me afastei dele, ficando de costas. — Eu só não queria te acordar. E também não sou obrigada a ficar ao seu lado na cama, acordei e queria as minhas roupas! — disse firme.

— Tudo bem. Mas da próxima vez, fique comigo. — senti seu corpo

atrás do meu mais próximo. Suas mãos percorreram a minha cintura indo até os meus seios. Onde ele tirou minhas mãos delicadamente e colocou as dele no lugar.

Automaticamente cedi, fechando os olhos e perdendo a cabeça para o lado, onde ele aproveitou para beijar meu pescoço. Suas mãos começaram a me fazer uma massagem e eu me vi gemendo.

Deus! Ele só estava com as mãos nos meus seios e eu já estava me derretendo. O que foi que aconteceu?

— Queria poder te *foder* de novo... — sua voz soou como um sussurro ao meu ouvido, e ele mordiscou o lóbulo da minha orelha. Meu corpo se arrepiou, eu senti minha intimidade se contrair e minha libido acordar.

Pode dormir, querida, sem sexo hoje!

— Mas eu tenho um compromisso e já acordei tarde, não posso me atrasar ainda mais. — ele continuou.

— Graças a Deus... Eu não aguento mais de você... — confessei.

Ele deu risada.

— Não gostou do que fizemos? — perguntou, me virando para encará-lo.

— Foi extremamente selvagem, novo, e posso afirmar que cansativo, para mim... Mas eu gostei... — um sorriso se fez presente em seus lábios e seu olhar ganhou um brilho. Era luxúria.

— Então podemos ir lá mais vezes?

— Sim... — o sorriso dele aumentou. — Mas com uma frequência razoável.

— Por quê?

— Você é incansável! — exclamei.

Ele me puxou pela cintura e colou seu corpo ao meu. Pude senti seu pau duro em minha barriga. E então ele me beijou com desejo. O calor tomou

conta de mim. Minhas pernas até fraquejarem.

— É que você é muito gostosa... — disse ele cortando o beijo, mas ficou com o rosto junto ao meu. — Eu não sinto vontade de parar quando estou dentro de você.

Aquelas palavras me atingiram em cheio. Eu nem consegui proferir algo. Só sentia as batidas do coração cada vez mais rápidas.

— Mas eu vou tentar me controlar... Não quero matar você.

— Eu agradeceria. — disse.

Ele sorriu e me deu um selinho.

— Tudo bem. — se afastou de mim. — Minha advogada vai chegar daqui a pouco para falar com você, melhor se arrumar e comer alguma coisa. Depois o Dakota vai te acompanhar até o shopping.

— Shopping?

— Para você comprar roupas e tudo que precisar.

— Ah, sim. Talvez eu compre um conversível! — disse brincando.

— Certo. Posso providenciar se quiser. — ele disse.

— Vai me dar um carro?

— Você quer?

— Não! Eu estava brincando.

— Tem certeza?

— Sim. Eu tenho um carro.

— A lata velha que eu vi na garagem da sua casa?

— Funciona e atende as minhas necessidades.

— Você que sabe. — ele deu de ombros. Depois me olhou com cara de confuso. — Por que está escondendo os seios, Hayden? — perguntou.

Olhei para minhas próprias mãos.

— Meu pudor é automático.

Ele bufou.

— Se arrume. Te vejo de noite. — ele se virou para sair, mas eu o chamei. — Sim? — se virou novamente para me olhar.

— O James pode me acompanhar no shopping?

— Por quê? — ele franziu o cenho.

— Gosto mais dele.

De repente ele ficou sério, se virou e disse; — Você vai com o Dakota. — então saiu do quarto.

Porra.

Fiquei paralisada por um tempo, não estava entendendo a reação dele. Eu nem tinha dito nada demais.

Resolvi ignorar. Terminei de vestir a roupa, que era uma cropped branca e uma calça mostarda. Pela glória de Deus tinha um tênis para acompanhar. Peguei a nécessaire com maquiagem e fui para o banheiro. Dessa vez estava com paciência, então fiz uma maquiagem razoável, exagerando no iluminador.

Fiquei parecendo uma blogueira *tirada* à modelo, mas estava bonita e contente com o resultado.

Saí do banheiro e procurei meu celular pelo quarto, quando encontrei saí do quarto. Fui direto para cozinha.

— Bom dia, Srta O'brien! — disse uma senhora. — Em que posso ajudar?

— Bom dia...?

— Me chamo Anna, Srta.

— Ok, Anna. *Hamm...* Pode me chamar de Hayden mesmo.

— Certo. — ela assentiu.

— Gostaria de tomar café da manhã, estou quase falecendo de fome. — disse, e me sentei na cadeira do balcão.

— Tem alguma preferência? — Anna perguntou, parando a atividade

dela e lavando as mãos.

— Não, não. Sou do tipo que come de tudo!

— Tudo bem.

Sorri para ela.

Depois que terminei de comer, Dakota me levou até uma sala no segundo andar, era o escritório do Zedd. Assim que entrei encontrei uma mulher sentada em uma das cadeiras perto da mesa. Ela tinha um cabelo maravilhosamente cacheado e brilhoso.

— Hayden O'brien, certo? — ela perguntou apontando para a cadeira para que eu me sentasse.

— Sim. — assenti e me sentei.

— Beatrice Lewis. — apertei a mão dela. A mesma começou a separar alguns papeis na mesa. — Como você é a única pessoa próxima da sua mãe, preciso que assine esses papeis. É do cemitério responsável pelo enterro. — ele me entregou os papeis e uma caneca.

Fiquei olhando para aquelas letras por um momento. Eu estava pensando na pessoa terrível que eu me tornei em tão pouco tempo. Era para ser apenas um roubo, e se alguém tinha que se dar mal esse alguém era eu. E agora eu estava indo para cama com o homem que matou a minha mãe. E o pior de tudo, eu estava gostando muito.

Vamos lá, Hayden! Não será hipócrita, você nem gostava da sua mãe.

Meu subconsciente me alertou.

— Ela não deveria ter morrido daquela forma. — acabei falando em voz alta.

— Eu sinto muito querida! — disse a advogada.

Eu assenti brevemente e apoiei os papeis na mesa para assinar, entregando para ela em seguida.

— Prefere uma cerimônia aberta ou-

— Não, não! — cortei-a. — Sem cerimônia. Apenas que enterrem ela e pronto... — ela me olhou confusa. — Natasha não tinha muitos amigos, meus avós não são mais vivos, e eu não gosto de enterros... Meu irmão só tem dois anos. Não há motivo para cerimônia.

— Tudo bem. — ela assentiu. — Será feita uma transferência para sua conta, preciso que preencha os dados de aqui.

— Transferência?

— Sua mãe tinha uma conta poupança em um banco, tudo que pertencia a ela agora é seu.

Bufei. — Duvido que seja muita coisa... — sussurrei.

Peguei o outro papel.

— Sobre o meu irmão — comecei a falar enquanto preenchia a folha. — Eu sei que tenho a possibilidade de ficar com a guarda dele, mas queria saber se tem como eu deixar ele com uma pessoa de minha confiança enquanto estiver trabalhando fora?

— Nesse caso não. — parei o que estava fazendo para encará-la. — Seu irmão é novo e está em tratamento da doença, será de suma importância que você seja presente.

— *Droga!* — suspirei derrotada. Mas então me lembrei de uma pessoa. — Se eu encontrar o pai dele, o mesmo pode assumir a guarda?

— Se for comprovado que ele é o pai, e tiver condições de ficar com o garoto, sim.

— Tem um rapaz, Rodrigues D'Angelo, ele foi um namorado da minha mãe. Eu acredito que ele seja o pai do Luckian.

— O Sr D'Angelo sabe disso?

— Eu contei isso para ele uma vez e o mesmo ficou de conversar com a Natasha, porém ela fez o escândalo de sempre e eu não sei no que deu. Eu sei

que estou um pouco desesperada, não quero deixar o meu irmão com qualquer um, e espero que o Rodrigues seja uma boa pessoa e que fique com o Luckian, caso seja filho dele.

— Tudo bem, Hayden. Irei providenciar isso e conversar com o Sr D'Angelo.

— Obrigada. — terminei de preencher a folha e entreguei para ela.

— Ok. Em alguns dias esse dinheiro estará na sua conta. Esse aqui é o endereço do cemitério. — Beatrice me entregou um cartão de visita. — Já tenho o seu contato, então qualquer novidade eu te ligo.

— Certo. E obrigada.

— Por nada, querida. Até. — cumprimentei-a e ela saiu da sala.

Me recostei na cadeira, perdendo a cabeça para trás. Quando ia começar pensar em toda merda que eu tinha me metido, escutei batidas na porta e um grito.

— Vamos, garota!

Levantei assustada e saí da sala. Dakota estava me olhando de cara feia.

— Se eu tivesse esperando um filho, ele teria morrido com o susto que você me deu! — falei, mas ele não demonstrou nenhuma reação.

— Vamos! — disse ele e começou a andar.

Sem opção, apenas o segui.

Saímos da mansão e ele abriu a porta para que eu entrasse na BMW.



Nunca pensei que algo tão divertido, como fazer compras, se tornaria tão chato. Perdi a conta de quantas roupas e sapatos eu experimentei. E nem dava para conversar com o *Muralha*, ele só ficava me olhando de cara feia.

Por último passamos na *Versus*. Dakota me disse que *o chefe* ordenou que eu fosse lá, não tive escolha.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Olá, Hayden! — disse uma mulher assim que eu pisei o pé na loja. — Estávamos esperando por você.

Olhei totalmente confusa para a mesma.

Ela sabia o meu nome. Eu não tinha dito o meu nome.

— Já separamos todos os *looks*. O Harold vai preparar você. — disse a mulher, me deixando ainda mais confusa.

— Não entendo. — falei.

— Olá, Hayden! — reconheci a voz e olhei para trás, Harold, o cabeleireiro gostoso, estava a alguns passos de mim.

Eu prontamente me aproximei dele.

— Adorei a maquiagem, vamos manter. — ele falou.

— Pode me dizer o que está acontecendo?

— Você vai fazer o ensaio hoje.

— Que ensaio?

— Para o catálogo da *Versus*, menina! — disse ele, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Espera, eu não estou sabendo de nada disso!

— Então agora está! — ele segurou a minha mão e me arrastou pelo estabelecimento.

— Eu não sou modelo! — falei quando ele me fez sentar em uma cadeira e começou a arrumar o meu cabelo. — Não posso fazer ensaio nenhum.

— O dono da loja quer o seu rosto no catálogo, então vai ser você!

— Você não está entendendo. Eu não sou modelo! Eu não sei nada disso, não tenho perfil para isso! — tentei tirar as mãos dele do meu cabelo, mas o mesmo me deu um tapa. — Aí!

— Pare com isso!

— Pare você! — retruquei.

— Então aqui está a nossa nova modelo. — escutei a voz da Ellis, e

segundos depois ela apareceu na minha frente.

— Olha, eu não sei o que está acontecendo aqui, mas vocês pegaram a pessoa errada! — falei.

— Zedd quer que você faça o catálogo da campanha. — disse a Ellis.

— Disso eu sei! — gritei frustrada.

— Então?

— Eu não quero.

— Então trate de querer. — ela ergueu uma das sobrancelhas. Eu sabia o que significava.

— *Merda!* Vai ser o pior catálogo da vida de vocês, só digo isso.

— Irei te ajudar. É tudo muito simples, vá lá e deixem que tirem fotos suas! — disse ela rindo. — Você só tem que se soltar, deixar o corpo mole. Você tem um rosto maravilhoso e perfil de modelo, vai ver que serve perfeitamente para vida de modelo.

— Eu vou concordar em fazer, mas não acredito em você.

Ela se aproximou de mim e sussurrou.

— Tente se esforçar, isso faz parte do plano do Zedd.

— Ah, claro! Ele não quer que ninguém fique sabendo que a namorada dele era uma camareira *fodida* que mora no subúrbio de Londres. — falei irritada.

Ellis levantou as mãos em sinal de redenção e então se afastou.

Não acredito que vou ter que fazer isso.

Capítulo 14

FOI REALMENTE MUITO DIFÍCIL PARA MIM TIRAR aquelas fotos. Eu não levava jeito para a *coisa* e não me sentia à vontade. Mas todos ali estavam tão focados em fazer o melhor, que resolvi me esforçar mais.

Ellis me ajudou bastante, afinal ela era modelo.

Fizemos algumas fotos no estúdio, pela própria loja e depois fomos para o ambiente externo.

Meu nervosismo foi diminuindo como tempo, e depois de algumas trocas de roupas, eu consegui fazer exatamente o que estavam me orientando a fazer.

Horas depois eu me sentia a própria *Gisele Bündchen*. Consegui me soltar o suficiente para condenar meus próprios movimentos.

E tinha que confessar. Tirando a agonia das trocas de roupas e os *flechs* cegando os meus olhos, tinha gostado de ser modelo por um dia.

Depois que tudo acabou, fui para o banheiro trocar de roupa, colocando um vestido vermelho e salto alto — graças a Ellis. Ao sair, falei com algumas pessoas, me despedindo.

—Suas fotos ficaram maravilhosas! — disse Harold. — E você dizendo que não levava jeito para coisa! Você é uma mentirosa, Hayden.

—Vocês me ajudaram bastante, mas você viu como eu fiquei travada no começo. — falei sorrindo.

—Bom, te vejo na próxima campanha!

—Não vai ter próxima!

—Isso é você que está dizendo. — ele me deu um beijo na bochecha e se afastou.

Escutei alguém me chamar, quando me virei, dei de cara com o Zedd. Ele estava segurando um buquê de rosas e sorrindo. O mesmo se aproximou e me beijou. Na boca.

Ele me beijou na frente de todos. E logo pude escutar alguns *gritinhos*, assobios e *flashes*.

É só marketing, alertou meu subconsciente.

E ele estava com toda a razão, mas no momento eu mandei ele calar a boca e me deixa ser feliz por alguns segundos.

Zedd partiu o beijo.

—Você está deslumbrante, babe. — ele sorriu largo.

—Obrigada.

—São para você. — ele disse me entregando o buquê, ainda com o sorriso de ponta a ponta.

—Obrigada. — falei, e confesso que um pouco envergonhada. As rosas eram lindas. — Nunca ganhei um buquê... Esse é maravilhoso.

—Achei que gostaria. — ele me deu um selinho.

—Deveria ter me dito que eu teria que tirar essas fotos, eu quase surtei.

—Tive essa ideia enquanto estava na reunião.

—Ah que legal! — disse iônica. — Aí do nada você resolve me transformar em uma modelo.

—Você se saiu muito bem, eu vi as fotos.

—Essa não é a minha profissão, Zedd.

—Que tal comemorar? — ele perguntou, não dando a mínima para o que eu falei.

—Comemorar o que?

—Seu novo contrato.

—O quê? — perguntei confusa.

—É a nova garota propaganda da *Versus*.

—Você só pode estar de brincadeira! — me exaltei.

—Ei, calma! — disse brando. — Vamos para o restaurante, conversaremos melhor lá.

—Tudo bem. — ele segurou minha mão e caminhamos para fora do estabelecimento.

Mas antes de sair, fomos parados por um dos fotógrafos que pediu para tirar uma foto nossa. Zedd me puxou para mais perto dele e envolveu sua mão na minha cintura.

Sorri timidamente e o homem tirou a foto, indo para sabe-se lá Deus em seguida.

Zedd voltou a segurar a minha mão e então fomos para o lado de fora, e lá estava James, repleto de sacolas nas mãos.

—Olá, James! — falei.

—Olá, Srta O'Brien. — ele disse sério.

Fiquei totalmente confusa, mas não pude questionar, pois o Zedd falou com ele.

—Leve todas para o apartamento e todas as coisas dela também.

—Sim, chefe. — ele assentiu e se afastou.

Eu e o Zedd começamos a andar para o estacionamento. E eu não aguentei a minha boca, tive que perguntar.

—Por que o James está me tratando desse jeito?

—Com respeito? — ele me olhou sério, por um momento vi um pouco de irritação em seu tom de voz.

—Ele não me chama de Srta. O'Brien.

—Não fique se *engraçando* com meu segurança, Hayden! — disse rude

e soltou a minha mão, por sorte o estacionamento estava vazio.

—Eu não estou me *engraçando* com ninguém! — disse incrédula.

—Você quis sair com ele hoje! — ele parou de andar e me olhou.

—Porque ele é uma pessoa legal! O Dakota não me suporta, pelo que parece. Eu só queria ter alguém para conversar...

Ele desviou o olhar e balançou a cabeça. Ainda estava irritado. Eu só não sabia o porquê.

—Você deveria ter dito isso. — ele disse.

—Você não deixou!

Isso era ciúmes?

Evidente que não. Não é possível.

Ficamos em silêncio por um tempo e eu estava começando a ficar nervosa.

—Pode pedir para ele me tratar normalmente de novo? — perguntei, e dei um passo para me aproximar. Ele apenas me olhou sem falar nada. — James é um amigo... Se vou ficar todo esse tempo com você, tendo que fingir isso tudo, aceitando seus termos, me deixe pelo menos ter um amigo! — disse firme.

Ainda bem que tinha câmeras ali, assim ele controlava a agressividade dele um pouco.

—Amigos? — perguntou depois de um tempo.

—Sim. Acha que eu estou flertando com seu segurança? — era para ser uma pergunta séria, mas acabei rindo diante do absurdo. — Não seja louco, Zedd! Ele tem idade para ser o meu pai.

—Tudo bem... — ele se aproximou ainda mais de mim e juntou nossos corpos. Deixando sua respiração bem próxima a minha. — Saiba de uma coisa — olhou em meus olhos. —, você é minha. E eu não duvido as minhas coisas.

Fiquei chocada. Nervosa. E por um momento quase chorei — *não exatamente pelos olhos.*

—N-não estou entendendo essa possessão... — balbuciei.

—Com você, eu faço questão de ser possessivo. — Zedd sorriu e me deu um selinho. — Vamos, temos um jantar. — ele segurou a minha e me guiou até o carro.

Alguém me explica esse homem!

—Vamos jantar com alguém? — perguntei quando ele abriu a porta para mim.

—Não. Apenas eu e você. Como um encontro.

—A maioria das pessoas costumam ir ao encontro primeiro, depois elas dormem junto. — disse e ele riu.

—Seremos uma exceção.

Entrei no carro e coloquei meu buquê ao meu lado. Vi que Dakota estava no volante. Quis muito enfiar minha cara no chão. Tudo bem que ele já sabia que eu estava indo para cama com o *chefe* dele, mas eu tinha acabado de deixar isso explícito.

Zedd deu a volta e entrou, sentando ao meu lado, repousando a mão na minha coxa, que estava exposta graças a fenda no vestido.

—Pode ir, Dakota! — ele disse.

O restaurante era extremamente luxuoso. Eu trabalhava em um hotel de luxo, mas o restaurante de lá não era como esse — não chegava nem perto.

Entramos no estabelecimento e logo fomos acompanhados até a nossa mesa. Zedd puxou uma cadeira para que eu me sentasse e assim fiz.

—Obrigada. — disse.

Ele sentou-se em seguida.

—Gostou? — ele perguntou. Provavelmente notando que eu estava

boquiaberta com o local.

—É muito lindo! — falei sorrindo.

—Fico feliz que tenha gostado. — ele também sorriu. — Gostaria de pedir?

—Nao, não... Você está mais acostumado com essas coisas...

—Somos só eu e você, quero saber seus gostos. — ele me entregou o cardápio.

—Para ser sincera... — parei de falar. Não queria saber parecer uma *pobretona*. — Sim, gostaria de escolher. — sorri brevemente.

—Ótimo.

Abri o cardápio e comecei a olhar os pratos. Eu não fazia ideia do que escolher, então procurei por algo que eu conhecesse.

—Que tal *Salmão com castanhas*? — perguntei. — Pela foto me parece ser muito bom...

Ele sorriu. — Ótima escolha, Hayden.

Soltei um breve, e discreto, suspiro aliviada. Mesmo que a escolha fosse uma merda, pelo menos ele me poupou do constrangimento.

O mesmo levantou um pouco a mão e prontamente um garçom apareceu à nossa mesa.

—Sr. Marshall — disse o rapaz.

—Dois pratos de Salmão com castanhas e uma garrafa de *Domaine Leflaive Montrachet Grand Cru*, para acompanhar.

Um momento de silêncio para o tesão que é esse homem falando francês. Eu tive que segurar minha própria boca para não babar.

E também, ele escolheu um dos vinhos mais caros... Do mundo — *como se já não fosse óbvio, não é?*

Eu nunca bebi, vi ou senti o cheiro. Mas quando não tinha nada para fazer no hotel onde trabalhava, ficava conversando com o pessoal da cozinha

e o preço das coisas sempre entrava em questão.

—Gostaria de escolher a sobremesa, Senhor? — perguntou o garçom.

—Hayden? — Zedd me olhou.

Estávamos em um restaurante francês. Era óbvio que eu seria previsível.

—*Petit gâteau!* — disse.

O Garçom assentiu e se afastou.

—Devo admitir que estou mais ansiosa para sobremesa do que para o jantar... — sussurrei para ele, que sorriu.

—Passou muito tempo atarefada, e tenho certeza de que não comeu nada. Precisa se alimentar. — ele disse brando.

—Tudo bem... Por falar-

—Me desculpa por isso! — ele me interrompeu. — Eu realmente tive a ideia quando estava na reunião e pedir para o pessoal organizar tudo.

—Tudo bem. Mas você poderia ter me ligado para avisar, eu fiquei assustada... Nunca fiz nada parecido... — tomei um gole generoso da água que estava na taça.

—Você se saiu muito bem, Hayden. Não estou dizendo isso apenas para te deixar melhor. E também não pediria para você fazer o catálogo se não tivesse potencial. — Zedd disse sem tirar os olhos de mim. Não me pareceu estar mentindo, então eu sorri.

—Talvez não tenha sido sua melhor escolha... Sei que não quer que saibam que sua namorada falsa é uma *suburbana*-

—Ei! Quem disse isso? — ele franziu o cenho.

—Ellis me disse que fazia parte do seu plano, e eu até entendo...

—Não estou fazendo por isso. Acha que sou esse tipo de pessoa?

—Eu não te conheço, Zedd. Não tenho que achar nada. — confessei.

—Pois então eu lhe digo! Não fiz com que você fizesse a campanha no

intuito de lhe fazer uma modelo conhecida e *burguesa*. Preciso que você fique segura e que ninguém desconfie que você trabalha para mim. — ele não desviou o olhar e em momento algum sua voz suou ríspida. — Se algo acontecer com você eu serei o responsável... Não queria ter que lhe pedir esse tipo de coisa, mas você é a minha única opção.

Não sabia o que dizer. Eu não sabia nem como reagir.

—Eu lhe prometo — continuou. —, prometo que não deixarei nada e nem ninguém te machucar! — ele segurou a minha mão que estava repousada na mesa.

—Tudo bem... — foi a única coisa que consegui proferir.

Ele sorriu de lado e soltou a minha mão.

—Mas... Como... — tentei formular uma pergunta.

—Pode dizer. — ele disse.

—É que... Como eu sendo garota propaganda da sua *franquia* vai me manter segura?

—Não leve isso para o lado pessoal e não se sinta ofendida.

—Tudo bem.

—Eu costumo me relacionar muito com modelos, muitas delas que fazem campanha para *versus*, e atrizes... E bom, nunca é algo realmente sério, logo *elas* sabem que é uma pessoa *descartável* para mim.

—Eles quem? — perguntei, estava tentando manter a conversa. Claro que fiquei sentida com a palavra *descartável*.

—Primeiro quero que saiba que você é importante para mim. Não estou mentindo. — assenti, me sentindo confusa. — *Eles*, refiro-me aos sócios do cassino.

—E por que eles se importam se eu sou ou não uma pessoa importante para você?

—Essa seria a maneira de me manipular para fazer ainda mais o que eles

querem.

—Por que você tem que fazer?

Nesse momento o vinho chegou. O que era ótimo, essa conversa estava ficando muito reveladora, eu precisava de álcool. Dizem que ele ajuda em momentos como esse.

O garçom nos serviu e se afastou, eu peguei minha taça e bebi uma quantidade generosa daquele líquido. Diferente do que eu bebi da primeira vez na casa noturna, esse vinho tinha um gosto maravilhoso.

—Tente não se embriagar com o vinho, tenho planos para essa noite. — ele me advertiu.

—Pode responder a minha pergunta? — resolvi ignorar o comentário dele.

Novamente fomos interrompidos, dessa vez pela comida que tinha chegado. Os pratos foram postos à mesa. Não perdi tempo e comecei a comer. E Deus, como era gostoso.

—Eu devia ter assaltado esse restaurante, não a sua casa. — falei brincando.

—Aí eu morreria de inveja por saber que você se envolveria com o dono desse estabelecimento e não comigo. — ele sorriu.

—Ele não iria querer nada comigo, acredite!

—Iria sim, você é linda!

Bufei.

— Por que não acredita que você é linda? — ele perguntou como se tivesse ofendido.

—Não tem como acreditar em uma coisa que não é dita com frequência.

—Então eu vou mudar isso. — ele colocou um pedaço carne na boca e começou a comer. — Continuando... Meu pai era o dono do cassino na época e por pura inocência, ou tolice, se associou a esses dois homens, Joseph

Jamora e Oliver Pasino. No começo estava tudo bem, o cassino lucrava muito e as associações de outras questões estavam indo bem. Porém, Joseph e Oliver resolveram ser mais ambiciosos. Queriam fazer outros tipos de negócios... Negócios ilegais. Meu pai não gostou nada disso e logo quis desfazer a parceria, mas eles estavam no lucro, não quiseram de forma alguma vender a parte deles para o meu pai... — ele parou de falar para beber o vinho. Então suspirou e continuou. — Visto como única alternativa, meu pai resolveu vender a parte dele. E foi aí que ele descobriu o qual *ferrado* estava. — o mesmo trincou o maxilar. — Joseph e Oliver estavam fazendo os trabalhos ilegais com o nome do meu pai... O enganando pedindo para assinar papéis falsos a fim de firmar contrato com bandidos. Disseram que se vendesse a parte dele no cassino a *merda* toda ia sobrar para ele.

—Mas se ele não fez nada, por que aceitou?

—Daqui que ele provasse que não fez nada já teria passado muitos anos na cadeia. E também, tinha a minha mãe. O cassino é da família dela, mas ela deixou meu pai como o responsável... Meu pai não seria o único a pagar pelo que não fez. Então a partir daí ele foi obrigado a fazer tudo que os dois mandavam. Seja o que quer que fosse, o meu pai fazia... Para proteger a minha mãe e a nossa família.

—Isso é horrível! — disse perplexa.

—Sim. O pior de tudo é que minha mãe não sabe de nada, e eu espero que isso fique assim até eu resolver as coisas.

—Posso fazer outra pergunta?

—Sim.

—Por que você está no comando do cassino?

—Em dois mil e treze, meu pai faleceu...

—Eu-eu- sinto muito...

—Está tudo bem. Ele estava com câncer, e por demorar muito para tratar

a doença, acabou não resistindo... — ele parou para encher a taça dele com vinho e respectivamente a minha. — Antes de falecer ele me contou tudo isso e me fez prometer que eu assumiria tudo e trataria de resolver essa *merda*... De qualquer maneira.

—Você já tinha a *Versus* nessa época.

—Sim. Mas eu não quis deixar a *Versus* de lado, nunca me interessei pelo cassino e só o assumir porque foi o último pedido do meu pai em vida.

—E agora é você que tem que fazer o que eles pedem?

—Sim.

—Não é justo com você... — minha voz saiu como um sussurro.

—Justo não é. Sei que não sou o melhor dos homens e que faço coisas desumanas. Mas eu tive que me tornar essa pessoa, não por mim! Em boa parte do tempo eu tenho repugnância de mim mesmo, porém se eu não for assim, cruel e um pouco insensível, vão passar por cima de mim e machucar as únicas pessoas que importam para mim, que é a minha família. Você me entende?

—Sim... Fazemos coisas extraordinárias para proteger quem amamos... — sorri brevemente.

—Quando você apareceu lá em casa, eu pensei que foi um deles que tinha te mandado. Por isso fui bem agressivo... E já estava com raiva também... Admito que desconfiei até um certo tempo... Mas agora não mais. — não disse nada, nem sabia o que falar, apenas assenti. — Em dois mil e quinze — ele continuou —, com ajuda de muitos advogados e muito dinheiro envolvido, eu consegui passar tudo para o meu nome. Assinei novos papéis para responder pelos esquemas deles, precisava deixar minha mãe de fora disso.

—Ela está livre de acusações agora?

—Sim. Ela é como eu, não liga para o cassino, então eu mentir dizendo

que tinha total interesse no negócio e precisava ser dono majoritário para conseguir alguns projetos.

Ao mesmo tempo que eu estava curiosa para saber tudo, estava com medo de saber demais e acabar me *ferrando* também. Já estava mais do que claro que eles eram pessoas ruins, e eu não queria me meter com esse tipo de gente. Mas agora não tinha como voltar atrás.

Maldita hora em que eu escolhi aquela mansão.

—Ano passado eu tentei matar o Joseph, mas não deu muito certo... O filho da puta ficou vivo e desconfiou que foi eu quem tentou matá-lo. Com isso, os pedidos ficaram mais frequentes e as ameaças a minha família também.

—Joseph Jamora... Ele não é parente da sua ex-namorada? — sequei a taça, bebi tudo em um gole.

—É o pai dela.

Quase me engasguei com o vinho. — Você matou a filha dele?

Ele bufou. — Acredite em mim, Melisa é a última pessoa para quem o Joseph ligaria. Ela poderia estar em chamas e mesmo que ele tivesse uma jarra de água na mão, preferiria beber do que jogar nela.

—Exemplo de pai. — disse incrédula. — Seria um ótimo *par* para minha mãe... Ele não tentou te matar depois que desconfiou que você queria fazer isso com ele?

—Eu tenho mais valia para eles vivo. Você mataria alguém que pode fazer tudo que pedisse?

—Primeiramente eu nem mataria ninguém. Mas pensando como uma pessoa desse caráter, não, não mataria.

—Então. — ele deu de ombros.

—Mas por que você precisa de mim? Disse que quer ajuda para proteger alguém, é a sua família?

—Em parte sim... Oliver descobriu sobre uma pessoa importante para mim e está usando isso para me incentivar a fazer o que ele quer. Eu não quero que eles ponham as mãos *nela* — ele balançou a cabeça. — Não quero que eles ponham as mãos nessa pessoa! Você é a única que pode me ajudar.

—Existem vários hackers por aí.

—Já contratei dez, seis deles não conseguiram fazer o que eu queria e quatro foram mortos pelo Oliver.

Arregalei os olhos quando ele falou *foram mortos*.

—Meu Deus!

—Eu vou te manter segura, seguimos com esse plano, você sendo garota propaganda da *Versus* e sendo minha namorada, ninguém vai desconfiar que você é uma hacker.

—Como tem tanta certeza?

—Você é mulher. — disse simplesmente.

—Machista! — exclamei.

—Eu não, me refiro a eles!

Semicerrei os olhos. — E como sabe que vou fazer o que você quer?

—Você conseguiu invadir a minha mansão! — ele disse, mas não sei se estava incrédulo ou surpreso.

—Tudo bem. Mas mantenha a sua palavra... Eu não quero morrer.

—Mantereí. — ele pediu a minha mão e eu entreguei. — Não estou pedindo uma vida por outra, apenas a sua ajuda. Não vou deixar que ninguém te machuque, Hayden. — disse olhando em meus olhos, suas palavras eram firmes.

Espero que não esteja mentindo, Marshall.

—Tudo bem. — disse.

Ele sorriu e assentiu, então voltou para posição anterior, terminando de comer o salmão.

Tudo bem. Eu posso fazer isso. Já entrei na casa dele sozinha, fiquei de cara com uma submetralhadora e sobrevivi a uma tortura psicológica — ok, eu cedi segundos depois e apaguei logo quando a tortura física começou, mereço um crédito por nunca ter levado um soco na cara e era o meu irmão, eu tinha que ceder.

—Uma última pergunta. — falei. — Quem é essa pessoa que eu tenho que proteger?

Ele repousou os talheres no prato e me olhou sério, então abriu a boca para proferir algo.

Capítulo 15

— **NÃO É DA SUA CONTA. — ELE DISSE, CALMO E SORRINDO.**

Filho da puta!

Deu vontade de dizer que não ia ajudá-lo em *porra* nenhuma, ele que resolvesse essa merda sozinho.

Mas claro, enfatizando o óbvio, eu não podia. Devia isso a ele. O mesmo me ajudou com o meu irmão — mesmo que o meu pedido não se compare em nada ao dele —, e agora eu precisava ajudá-lo.

—Você poderia ser menos grosso... — disse, desviando o olhar do mesmo e voltando a comer.

—Não gosta que eu seja *bem-dotado*? — me engasguei com comida e tossir involuntariamente. Olhei para ele, que sorria descaradamente. — Tudo bem?

—Eu não disse nesse sentido, seu pervertido! — falei, me recuperando.

—Eu sei.

Fiz cara feia para ele.

—Não vai mesmo me contar? — perguntei.

—Você não precisa saber... É melhor assim. — disse ele sério.

—Não confia em mim?

—Claro que confio, Hayden! Tanto que te contei o essencial... Mas não posso te envolver em tudo, quanto mais você sabe, mais fica perigoso para você. — dessa vez ele foi brando.

—Tudo bem. — disse.

De todo modo, ele tinha razão. Seria melhor que eu não soubesse muito. Quando eu fazia o trabalho de hacker para algumas pessoas — *vulgo bandidos*, eu nunca caía na conversa de que a pessoa saiu e esqueceu a chave dentro de casa e o alarme estava ligado —, eu nunca pedia muita informação, apenas o dinheiro na minha conta e o endereço da casa. Pronto. Era só disso que eu precisava para executar a minha tarefa.

—Você tem todo o equipamento que precisa? — perguntou o Zedd.

—Como assim?

—Para ajustar o sistema de segurança da mansão.

—Por que precisa ajustar?

—Ah, não sei! Provavelmente porque uma garota invadiu! — disse irônico e eu tive que rir.

—Você já resetou o sistema de segurança, não precisa ajustar. Quando faz isso meu programa automaticamente se desvincula.

—Certo.

—Mas eu vou precisar do meu tablet.

—Sem chances. — disse ele simplesmente.

—Eu preciso! Todos os meus programas estão lá.

—Faça-os de novo.

—Tem noção de quanto trabalho deu para fazer?

—Não e não me importo.

Passei a mão no rosto para conter a frustração. Não deu muito certo, mas pelo menos eu não quebrei a garrafa na cabeça dele.

—Por que não quer me devolver? — perguntei, e talvez tenha rosnado por falar entredentes.

—Porque tem a prova do que você fez.

—Acha que eu vou apagar o vídeo e sumir do mapa? — perguntei incrédula. A verdade era que, antes eu até faria disso uma possibilidade, mas

agora... Não sei.

—Disse que não ameaçaria mais o seu irmão, então preciso dele para te incentivar.

—Chantagear! — o corrigir.

—Prefiro a palavra incentivar.

—*Boa merda!* — sussurrei, repousando os talheres no prato, tinha terminado de comer. — Sabia que eu posso hackear o meu tablet? — menti, eu não podia fazer isso. Fiz um programa muito bem feito para ninguém conseguir entrar, nem mesmo eu. E como não tinha feito o backup para o meu computador, tudo que tinha acontecido na mansão estava apenas no meu tablet.

—Se ousar fazer isso, te amarro e lhe tranco em uma sala escura por um mês. — ele tinha o dom de falar coisas absurdas com uma tranquilidade e sem mudar o semblante, que era de nada.

—Você não faria isso! — disse perplexa.

—Quer pagar pra ver? — ele ergueu uma das sobrancelhas.

—*Inferno!* — praguejei.

O garçom chegou e retirou os pratos vazios, se afastando em seguida.

—Preciso que faça... construa, programe, sei lá... Preciso que ajeite essas coisas em uma semana. — ele disse.

—Uma semana?

—Consegue em menos?

—Está brincando com a minha cara?

—Não, mas tenho pressa. Em uma semana, Hayden!

—Se me devolver meu tablet não vai precisar dessa semana.

—Já disse que não vou devolver! — disse sério.

—Ah merda! — falei irritada. — Vou precisar ir para casa, então. Arranjar computadores mais rápidos...

—Posso providenciar isso.

—Não faz mais que a obrigação, já que a culpa é sua.

Ele sorriu. Obviamente se divertindo com a minha cara.

—Amanhã mesmo tudo vai estar no seu apartamento. — ele disse.

—Casa. — o corrigir.

—Apartamento. — olhei confusa para ele. — Eu lhe comprei um apartamento.

—Por quê?

—Quer mesmo que eu responda?

Bufei. — Já entendi.

—O apartamento é seu, não precisa me devolver depois...

—Eu não pedi nada! — neguei.

—Eu sei, mas eu quero que fique. Ele está em um ótimo bairro, vai ser bom para você e seu irmão.

—Eu nem sei se vou poder ficar com ele. — disse desanimada.

—Por que não?

—Porque vou com você para Vegas e está mais do que claro que não vou poder levar ele, sendo assim, não posso ficar com a guarda.

—Sinto muito.

—Está tudo bem. Eu acredito que o Sr D'Angelo seja o pai dele, e espero que o mesmo queira ficar com o Luckian. Da última, e única, vez que o vi, ele disse que estava de volta a Londres, então se tiver morando aqui eu ainda vou poder ver meu irmão com frequência. A desculpa de que o menino é doente e ele não tem dinheiro para o tratamento ele não vai poder dar, já que meu irmão já está com o tratamento todo pago graças a você.

—Eu não fiz nada. — ele sorriu.

Isso nem era hora para sorrir.

—Você deixou que eu ficasse com o dinheiro.

—Eu nem sei para onde foi... — ele deu de ombros.

—Não é certo pregar as coisas dos outros, Zedd...

—Você mesmo está se censurando? — perguntou prendendo a risada.

—Ora, eu sei que o que eu fiz foi errado. Mas eu precisava disso...

—Eu sei, e não estou te julgando. Você que está! E devia parar com isso...

Eu apenas suspirei.

—Ou pelo mesmo tentar. — continuou — Fez isso por uma boa causa, talvez no *jahannam*, satanás lhe der um crédito! — ele disse rindo.

—*Jahannam*? — perguntei confusa.

—É um dos nomes para o conceito *islâmico* de inferno.

—Aaaaah! — sorri. — Ora, ora, Zedekiah Marshall também é conhecimento.

—Que tipo de *meio muçulmano* eu seria se não soubesse disso?

—Por que *meio muçulmano*? — perguntei curiosa, e nessa hora a sobremesa chegou.

Nossa conversa tinha mudado quatro vezes de assunto na maior naturalidade.

—Eu não sigo a religião totalmente à risca. — ele falou, quando o garçom se afastou — Tipo agora, não deveria estar tomando algo *haram*.

—O quê?

—O vinho.

—*Haram* significa vinho?

—Não. — ele deu risada. — Significa proibido.

—Ah. É verdade que vocês também não podem comer carne de porco?

—Sim.

—Que bom que eu escolhi peixe. — sorri. — Depois você me ensina algumas palavras?

—Por quê? — perguntou, franzindo o cenho.

—Gosto de saber coisas novas. E se eu for digitar essas palavras no *Google Translator* minha pronúncia vai ficar uma droga.

Ele deu risada. — Tudo bem.

Comecei a comer meu *Petit gateau*, que estava divinamente maravilhoso.

—Que *Alláh* abençoe a pessoa que fez isso aqui, está uma delícia! — falei, e pude escutar Zedd gargalhar.

—Você é maravilhosa, Hayden! — ele falou ainda rindo.

Alguns minutos depois, uma música que eu conhecia, e gostava, começou a tocar no restaurante, eu automaticamente sorri.

—O que foi? — ele perguntou curioso.

—A música. — disse.

—Não gosta? Posso pedir para tro-

—Não! — o interrompi. — Eu adoro Paul Anka, ainda mais essa música. *Put Your Head On My Shoulder*, é minha preferida. Músicas antigas mexem comigo.

—Está falando sério? — perguntou surpreso.

—Sim.

—Sendo assim... — ele levantou e estendeu a mão para mim. — Aceita dançar?

—Ai meus Deus! Eu não sei dançar... — disse, surpresa com a proposta dele.

—Assim como não sabia fotografar? — ele sorriu. — Vem, você vai ver que é bem fácil. — o mesmo pegou minha mão e me fez levantar, me guiando até o meio do restaurante, uma área exclusiva para os casais dançarem.

Ele delicadamente pegou meus braços e colocou em seu ombro, em seguida levando suas mãos para minha cintura.

—É simples — ele falou. — Um passo para lá... Um passo para cá... — foi me conduzindo.

E realmente não era difícil. Também, ninguém tinha me levado a um restaurante e me chamado para dançar uma música lenta, como eu iria saber?

—Você nem parece o mesmo homem que me levou a uma casa noturna. — falei.

—Eu sou bem eclético. Mas vou confessar, prefiro a casa noturna... Lá eu posso tirar a sua roupa a hora que eu quiser. — seus olhos ganharam brilho e seus lábios um sorriso malicioso.

—Pode não pensar em sexo agora?

—Tarde demais. — ele juntou o corpo ao meu, eu pude senti seu pau duro.

Aí meu Alláh!

—Você está em lugar público, se controle. — sussurrei.

—Ainda não te arrastei daqui até o banheiro para foder... — ele disse ao meu ouvido, nesse momento minha libido ligou o botão de emergência. — Então eu estou sob controle.

—Zedd... — minha voz saiu como um gemido e meus olhos se fecharam automaticamente quando ele mordeu o lóbulo da minha orelha, enquanto ainda nos movíamos para lá e para cá.

—Coloque seus lábios próximo aos meus, querida

Você não me beijaria uma vez, amor

Só um beijo de boa noite

Talvez, você e eu nos apaixonaremos — ele cantou ao meu ouvido.

A música não estava naquele refrão e ele tinha escolhido exatamente

aquele para cantar. Não sabia se encarava como um simples acontecimento ou como uma mensagem.

Cristo! Estou sendo ridícula.

É só uma música.

Sua voz era tão linda, suave e tocante. Se nada desse certo na vida dele, tenho certeza que poderia ser um cantor. Eu faria questão de comprar todos os seus cds e virar fã de *carteirinha*.

—Sua voz é maravilhosa. — disse.

—Você é maravilhosa... — ele sussurrou, pude sentir sua mão esquerda descer até a minha bunda.

—O que está fazendo, Zedd?

—Não sei, *babe*...

Tirei a mão dele da minha bunda e coloquei de volta na cintura.

—Tenha modos.

—Tudo bem. — seu rosto estava colado ao meu, então senti seus lábios se movendo para um sorriso. — Quer ir para casa?

—Não vai esperar? — perguntei, me referindo ao pau duro que não parava de pulsar, enlouquecendo a minha libido.

—O quê? — ele perguntou.

—Certas coisas amolecerem... — pigarreei, sentindo meu rosto queimar de vergonha.

—Enquanto eu não parar de pensar em você de quatro pra mim, meu pau não vai descer tão cedo, *babe* — ele se afastou e pegou minha mão, me arrastando dali.

Não tive como conter minha cara de espanto.

Não voltamos para mesa, Zedd caminhou direto para saída.

—Não vai pagar a conta? — perguntei confusa.

—Eu frequento bastante esse restaurante, então é como se eu tivesse uma

conta aí.

—Ah, entendi. — falei, um pouco desanimada. Por um momento, um breve e pequeno momento, eu achei que tinha exclusividade. Que era a primeira a receber esse tipo de convite.

Que inocência a minha.

—O que foi? — ele perguntou preocupado, estava me olhando.

—Nada. — forcei um sorriso.

Aproximamos-nos da pista e prontamente um carro estacionou, o manobrista saiu e entregou a chave ao Zedd.

—Esse carro é seu? — perguntei boquiaberta.

—Sim. É um-

—*Chevelle SS 66!* — completei a fala dele, totalmente empolgada. — Eu nunca vi um pessoalmente!

—Gosta de carros? — perguntou surpreso.

—Sim! Principalmente os antigos. *Cristo*, esse preto é maravilhoso! — toquei na parte superior do carro.

—É inteligente, sabe manusear uma arma, gosta de música antiga e curte carros clássicos... O que mais devo saber sobre você, Hayden? — ele perguntou sorrindo, e seus olhos brilhantes como faróis voltaram.

—Curto caras tatuados! — não filtrei o que falei, então arregalei os olhos ao notar que confessei.

O sorriso dele aumentou.

—Por que eu ainda não *casei* com você? — ele me deu um selinho. E eu estava estática. — Vamos, vou te levar para seu apartamento. — ele se afastou e abriu a porta para mim.

—Posso dirigir? — pedi como se fosse uma criança pedindo a mãe uma *Barbie*.

Ele apenas ergueu uma das sobrancelhas.

—Por favor, eu prometo não bater!

Zedd ficou me olhando por um tempo, depois cedeu. — Tudo bem. — ele me entregou a chave. Acabei soltando um *gritinho* de felicidade. — Você não existe, O'brien! — ele sorriu.

Dei a volta e entrei no carro, Zedd em seguida. Tirei meus saltos, pois assim ficava melhor para dirigir e liguei o carro.

Só o barulho do motor já me deixava excitada.

—Então, onde fica minha nova residência? — perguntei.

—*Sessenta com sessenta e quatro, Warwick Way, Pimlico.* — ele falou.

Um bairro chique. Legal.

Não sei porque eu ainda perco o meu tempo me *chocando* com essas coisas.

—Ok. — disse, começando a dirigir.

—Quando você começou a gostar de carros? — ele perguntou, depois de um tempinho.

—Quando eu tinha oito anos, e meu pai veio me visitar depois de dois anos fora, ele quis me levar a um lugar diferente, já que eu estava cansada de ir para o parque. Então fomos a uma feira de carros antigos. — falei animada ao lembrar do dia. — Eu fiquei encantada com o lugar, queria todos os carros para mim. Lembro que no dia eu até pedi uma *Mercedes Benz mil novecentos e sessenta e cinco* a ele.

—Nada humilde o seu pedido. — ele sorriu.

—Foi o primeiro carro que eu me apaixonei!

—Tem certeza que o seu pai não queria um menino quando fez um filho? Carros e armas...

—Ele gostou de ter uma menina. Meu pai sabia que eu não precisava ter um pau para gostar dessas coisas e nunca me forçou à nada, quando via o meu interesse que ele me ensinava mais sobre o assunto.

—Tomei na cara. —ele falou bufando, e sorrindo depois.

Acabei sorrindo.

—Você sempre sorri diferente quando fala do seu pai... Sente falta? — ele perguntou.

—Sim... — confessei.

—Olhe pelo lado bom, não é como se ele tivesse morto. — olhei um momento para ele, já que o sinal estava fechado, que sorria amigável.

—Mas não é como se ele não pudesse morrer a qualquer momento. — minha voz vacilou. O sinal abriu e eu continuei o caminho, olhando para a estrada.

—Eu entendo... — ele falou, sua voz saiu baixa. — Eu praticamente vi o meu pai morrer...

—Que tal mudarmos de assunto? — sugeri, não aguentaria aquela carga negativa que estava se formando.

—Claro. Primeiro, você fica um tesão dirigindo! — ele passou a mão pela minha coxa.

Meu Deus!

Eu até diminuí a velocidade, devido ao meu corpo ter se arrepiado com seu toque.

—Por que diminuiu? — ele perguntou, mas não tirou a mão.

—Esse carro é lindo demais para que eu amasse.

—Apenas se concentre... — ele foi subindo a mão.

—Zedd...

—Oi? — ele se aproximou de mim, e agora estava com o rosto próximo ao meu. — Talvez eu deva te contratar como minha motorista... Não tem ideia do tesão que está me dando.

—Segundos atrás você estava falando do seu pai... — ele mordeu a minha orelha. — Inferno... — quase ia fechando os olhos.

—Mas agora eu estou falando de você. — ele colocou a mão por dentro do meu vestido e tocou brevemente a minha intimidade.

Eu vou bater a porra desse carro!

—Que tal pararmos em um estacionamento e *brincar* nesse carro? — mordeu minha orelha de novo.

—Os vidros são claros. — disse, já cedendo aquela tortura.

—Então quer dizer que se fossem escuros você aceitaria?

—Eu não disse isso!

—Foi exatamente isso que eu entendi...

O sinal fechou e parei o carro. Tirei a mão dele do meu vestido e o afastei.

—Fica aí! — falei.

—Não posso acariciar você? — perguntou descaradamente.

—Não enquanto eu dirijo! Quer morrer?

—Acredito no seu potencial.

—Pois eu digo para não acreditar. — ele tentou se aproximar de novo, mas eu o empurrei de volta pelo peito. — Zedd!

—Tudo bem! — ele ergueu as mãos em redenção. — Vou ficar quieto. — disse rindo.

—Ótimo.

Alguns minutos depois, eu cheguei em Pimlico. Zedd pediu para que eu estacionasse, e assim eu fiz. Então saímos do carro e ele me acompanhou até o edifício, que era estupidamente enorme.

—Agora que eu me dei conta — falei quando paramos de andar. — O hotel que eu trabalho não fica muito longe daqui.

—Trabalhava. — ele me corrigiu.

—É. Vai ser maravilhoso passar por lá e dar o dedo do meio a algumas

putas do trabalho.

Ele deu risada. — Por que você faria isso?

—Tem umas três *mal-amadas* da recepção que ficavam rindo de mim e das minhas colegas porque éramos camareiras. Agora farei questão de passar por lá e esbanjar a minha riqueza momentânea na cara delas...

—Nem se dê o trabalho. Tem uma *Versus* em frente ao hotel. — ele falou, me puxando pela cintura, para ficar mais próxima a ele.

Não entendi a agitação do meu coração.

E sim, o pau dele ainda estava duro.

—E-eu sei que tem. — balbuciei.

—Então.

—Então? — perguntei confusa.

—Em alguns dias terá um lindo e enorme pôster seu na loja. Qualquer um que tem visão vai enxergar.

—Está falando sério? — minha voz saiu demasiada de animação.

—Sim.

—Que *foda!*

Eu me sentia uma nerd que se vingava da *patricinha* do ensino médio. E estava adorando.

De supetão, Zedd puxou meu rosto para ele e me beijou. Seus lábios tocaram os meus de forma delicada, fazendo meu corpo todo se arrepiar.

—Eu gostei de hoje. — ele disse, ainda com o rosto próximo ao meu. — Vou sair com você mais vezes. Foi de longe a minha melhor companhia. — ele sorriu e me deu um selinho. — Ninguém é igual a você, Hayden! — sua mão apertou a minha cintura.

—Isso é bom? — perguntei, olhando diretamente em seus olhos.

—É maravilhoso! — o sorriso dele aumentou, assim como as batidas do meu coração.

—Eu também gostei de hoje. — confessei.

Ficamos nos olhando por um tempo. Eu não sei o que estava acontecendo comigo... Ou eu sabia estava me negando a acreditar.

—É melhor eu entrar... — falei — no meu apartamento que não sei qual é...

—Duzentos e três. — ele disse, colocando a mãos livre no bolso e tirando a chave.

—Obrigada. — disse, mas não me afastei.

—Não vai me convidar para inaugurar? — ele perguntou.

—Inaugurar o que? — perguntei confusa.

—Sua cama ou o seu sofá novo... Até o chão se preferir. — ele deu de ombros.

E eu acho que tinha ingerido vinho branco demais, estava ficando lerda.

—Vamos fazer uma festa?

—Não. — pude notar um sorriso diferente tomar conta dos lábios dele.

— Vamos foder, Hayden!

Capítulo 16

NÃO PUDE OLHAR OS DETALHES DO EDIFÍCIO, POIS O ZEDD ME arrastou para dentro com extrema velocidade e assim que entramos no elevador ele prensou seu corpo contra o meu, deixando minhas costas nuas encostarem no metal gélido e me beijou.

Um beijo cheio de desejo. Como se tivesse séculos sem transar e precisasse muito disso.

Suas mãos desceram da minha cintura e foram até a minha bunda, apertando com força.

—Sem pornografia aqui... — falei, me afastando um pouco para pegar ar. — O elevador tem câmeras.

—Foda-se! — disse simplesmente e voltou a me beijar.

—Meu Deus, Zedd! Eu não quero ser uma distração para o vigilante...

—Tudo bem! — bufou. — Mas posso beijar? — ele perguntou fazendo bico, acabei sorrindo.

—Beijar pode. — disse.

E então ele fez.

Não tinha mais palavras para descrever a maravilha que era os lábios de Zedekiah Marshall. Cada vez que sua língua tocava a minha, aumentava o meu tesão por esse homem.

—Eu deveria ter comprado o apartamento no primeiro andar... — ele falou entre o beijo.

—Por que? — não sei porque eu perguntei, mas não estava filtrando e

tendo coerência de nada.

Eu só queria sentar *nele* agora.

—Porque eu quero entrar em você logo e esse elevador está parecendo uma tartaruga!

Nesse momento o elevador parou e o Zedd se afastou, com uma velocidade incrível, de mim. Ajeitei minha roupa enquanto as portas se abriam. Mas ao olhar para o espelho, vi que meus lábios estavam vermelhos e minha cara denunciava a preliminar que estava acontecendo.

Abaixei o rosto, morta de vergonha.

Duas mulheres, uma delas com três crianças, e um homem entraram. A loira, que estava sem as crianças, ficou praticamente na frente do Zedd. Ela não parava de mexer no decote, dos seios *siliconados*, que era estupidamente cavado.

No momento em que eu ia olhar para o Zedd, para ver se ele estava olhando — *não que eu fosse fazer algum drama ou algo parecido, mas tinha uma força maior pedindo para que eu olhasse, eu tive que obedecer ou isso iria me corroer por dentro* — ele virou para o meu lado, ficando de costas para a loira. O mesmo se inclinou e me deu um selinho.

Não entendi porque ele fez isso, mas tinha gostado.

O elevador parou no décimo sexto andar, então Zedd segurou a minha mão e caminhamos para fora.

Parei em frente a porta com o número duzentos e três, peguei a chave e abri a mesma. Só tive tempo de tirar meus saltos e colocar minha carteira na mesa de centro, pois o Zedd me jogou no enorme sofá — que parecia mais uma cama — e voltou a me beijar.

—Odeio quando me interrompem! — ele disse, direcionando seus lábios ao meu pescoço.

Abri um pouco mais as minhas pernas, para que ele juntasse o corpo ao

meu, mas ele se afastou. E segurando meu vestido por cada lado da fenda ele o rasgou.

Acabei gritando com o susto. Quando ia protestar sobre ele ter feito aquilo, o mesmo rasgou a minha calcinha. Minha sorte era que eu estava sem sutiã, tenho certeza que ele o rasgaria também.

—Que pano mais vagabundo... Mas esse vestido era lindo... — falei quando ele começou a tirar o terno. — Não precisava rasgar...

—Eu sei que não precisava, mas eu quis. — ele falou, sorrindo.

O cômodo estava um pouco escuro — eu não tinha acendido as lâmpadas, ele não me deu tempo para nada —, mas eu pude ver o seu, lindo, maravilhoso e excitante, torso tatuado. Ele se inclinou, voltando para mim, e minhas mãos percorreram delicadamente o seu abdômen. Levantei o olhar e vi que ele me encarava.

Eu já tinha dito tanta merda e me entregado tanto, que não fazia mais diferença abrir a boca para falar.

—Seus pais devem ter te feito com gosto... Você é muito gostoso. — disse.

Ele sorriu, com o brilho nos olhos, tirou o resto que sobrou do meu vestido de mim e jogou no chão, então se inclinou para me beijar. Levantei minhas pernas e entrelacei na sua cintura, puxando-o para baixo. A vergonha já tinha me deixado há tempos e eu precisava de fricção. Gemi automaticamente quando minha intimidade se chocou contra o pau duro dele, que infelizmente ainda estava dentro da calça.

—Por que eu estou pelada e você não? — perguntei com um gemido sofrido, começando a rebolar ali.

—Está com pressa, *babe*?

—Você me *infernizou* o tempo todo por sexo e agora está enrolando? Por favor... Eu já estou pronta... — ele mordiscou meu mamilo esquerdo e eu

mordi os lábios prendendo um gemido.

—Eu sei que está pronta... — ele tirou minhas pernas da cintura, o que me fez gemer em protesto. — Mas quanto mais rápido eu for... — ele foi fazendo uma trilha de beijos molhados até a minha *vênus*. — Mais rápido isso aqui vai acabar... — ele passou a língua extremamente molhada pela minha virilha, eu tentei jogar um pouco o corpo para o lado, mas ele me segurou. — E eu não quero que a diversão acabe tão cedo...

—Zedd...

—Você gemendo meu nome me tira do sério... — dessa vez ele passou a língua por *mim* e começou a chupar.

Gemidos descontrolados saiam da minha boca, e mesmo eu mordendo os dedos não era o suficiente para abafar o som.

De repente ele diminuiu a velocidade das suas investidas com a boca, começando a me chupar lentamente.

Desci uma das mãos e acariciei seus cabelos, ele fez o mesmo segurando meus quadris.

Estava uma tortura. Uma deliciosa tortura. Era lento, mas ainda assim era prazeroso. Eu podia até afirmar que era mais.

Senti que estava prestes a gozar, quando minhas pernas começaram a dar pequenos espasmos. Mas Zedd não aumentou a velocidade, continuou naquela lentidão. E tudo foi ficando muito, muito, mais muito delicioso.

Eu estava até perdendo a voz. Acho que estava sufocando, não conseguia puxar o ar.

Eu vou morrer com esse homem com a boca nas minhas partes.

Quando um dedo me adentrou e começou a se mover na mesma sincronia e velocidade que sua boca, eu perdi qualquer resquício de domínio que eu achava que tinha sobre o meu corpo.

Minhas pernas tremeram, eu puxava o meu corpo mesmo sem saber

porque e não estava mais gemendo e sim gritando.

Tive mais um *puta* orgasmo!

Enfatizando o dom de Zedekiah Marshall, ele me fez sentir tudo isso apenas com a boca. Então ninguém nunca, nunca mesmo, vai tirar o título dele de deus do sexo.

Meu sistema respiratório estava uma confusão, eu nem sabia se estava inspirando ou respirando.

Eu não sabia nem onde eu estava.

Zedd se afastou das minhas partes e me beijou — novamente, sozinho.

—Gosto de ver você assim... — ele falou.

—Tendo um ataque de asma? — sinceramente, minha vontade de falar merda burla até um ataque respiratório.

Ele deu risada e levantou.

Fechei os olhos e tentei controlar o meu ataque. Eu não podia apagar agora, não antes daquele pau entrar em mim.

—Não dorme, *amor!* — escutei ele falar depois de um tempo.

—Não vou... — falei e abri os olhos, ele estava nu, tocando seu maravilhoso, e grande, pau.

Porra. Eu até salivei.

Não estava nem me reconhecendo mais. Quando foi que eu tive tanto fogo por alguém assim na minha vida?

—Agora eu quero a sua boca. — ele falou, pegando a minha mão para que eu levantasse.

—Eu dou com maior prazer. — sussurrei, mas acho que ele escutou, pois quando o olhei o mesmo estava com o sorriso descarado no rosto.

Ia me ajoelhar, mas ele segurou o meu braço e negou, então deitou no sofá.

—Vem aqui! — ele me chamou para cima, demonstrando que queria

fazer meia nove.

Eu tinha feito essa posição apenas uma vez. E foi uma droga. Enquanto eu me esforçava em dar a melhor chupada da minha vida, o ordinário ficava apenas metendo aquela língua dura no meu *buraco* sem nexo nenhum. A porra da língua dele não era um pau pra ele estar fazendo aquilo.

Não que eu achasse que o Zedd seria ruim. Eu não sou nem louca.

Passei minhas pernas sobre ele e me acomodei do lugar, desci o corpo e peguei seu pau, levando minha boca direto a ele. E pude escutar seu gemido rouco seguido de um palavrão quando suguei com força apenas sua glândula.

Nesse momento ele começou a me chupar, eu fraquejei as pernas no mesmo instante. Ainda estava sensível, mas o prazer não demorou muito para aparecer.

Comecei a chupá-lo com vontade — tentando não me perder em sua boca, era muita informação para mim, chupar um homem enquanto ele te chupa direito é um trabalho que requer muita concentração.

Desci minha língua, deixando-a extremamente molhada, por toda sua extensão, indo até seus testículos. Ele era todo depilado, então isso ajudou na minha decisão. Não perdi tempo e os abocanhei — sim, coloquei-os na boca. Foi uma coisa nova para mim, mas pelo visto deu certo, pois Zedd perdeu a cabeça para trás e gemeu um pouco mais alto.

Então eu continuei a chupar suas *bolas* e ao mesmo tempo masturbá-lo.

Era música para os meus ouvidos escutar o seu gemido.

Alguns minutos depois, senti seu abdômen se contrair então voltei a chupar seu pau, deixando que ele estocasse a minha boca. Não demorou muito, ele liberou o seu líquido, que dessa vez eu consegui engoli.

Merda! Até o gozo desse homem era gostoso. Acho que não senti da outra vez porque estava *momentaneamente* acabada.

—Caralho, Hayden! — ele falou com a voz entrecortada. — Por que eu

não encontrei você antes?

Lambi seu pau uma última vez e então levantei.

—Porque eu ainda estava ponderando sobre assaltar a sua mansão. — respondi e ele sorriu.

Levantando rapidamente, ele me pegou no colo e me beijou. Puxei seus lábios com os meus e o escutei gemer.

Se fosse sempre assim, eu não ia querer ir embora. Como iria? Estava tão perdida nele, que se o mesmo me pedisse apenas uma vez para ficar, eu ficaria.

Ele só tinha que pedir.

Ainda grudada em seus lábios e com as pernas entrelaçadas em sua cintura, Zedd foi caminhando pelo apartamento. Eu só me dei conta de onde estava, quando ele me pôs delicadamente na cama e entrou em mim logo em seguida, começando a se mover rapidamente.

Eu gemi alto. Mais do que o permitido. Eu tinha acabado de me mudar e já estava sendo a vizinha barulhenta.

Espero que essas paredes sejam grossas.

Contraí-me involuntariamente em volta do seu pau, mas prolonguei o ato para ouvi-lo xingar.

—Porra, *amor!* — ele mordeu meu lábio inferior, puxando para si.

Zedd tinha começado a me chupar e não terminou o serviço, então eu estava no meio do caminho. E com ele entrando e saindo de mim naquela velocidade, não tinha como eu durar muito.

Ergui meus quadris, gemi seu nome entre seus lábios e gozei. Mas ele continuou se movendo.

—Aí meu Odin! — gemi.

Marshall gargalhou.

—Odin? — ele perguntou, diminuindo um pouco a velocidade.

—Eu não sei se aquele lance de não chamar por Deus ainda funciona aqui... — falei meio perdida.

—Você é louca. — ele disse rindo, e deu uma estocada indo bem fundo me fazendo gritar e revirar os olhos. — Eu pensei em fazer isso só uma vez hoje, mas é impossível... — ele grunhiu, passando uma das mãos pela minha cintura me segurando com força, e começou a me estocar rapidamente.

A vida foi boa enquanto durou, eu provei do melhor homem da terra.

Senti minha *amiga* começar a arder, mas estava tão bom que ela poderia estar em chamas que eu não iria me importar agora — talvez eu deva descobrir um método para revestir minha vagina em *adamantium*, com o Zedd nesse *pique*, ela não vai durar muito tempo.

Como não estava amarrada, eu podia sentir e tocar o corpo do Zedd, então com a força que ainda me restava, eu toquei seus braços, seu rosto, passei meus dedos pelos seus lábios enquanto nossos rostos estavam próximos.

Ele me olhava com uma mistura de ternura e tesão enquanto se enterrava em mim. E eu me via ainda mais perdida.

Eu estava sentindo o que eu deveria evitar. Eu disse que evitaria.

Inevitavelmente, ou previsivelmente, tive outro orgasmo. Minhas pernas tremeram ridiculamente, meu coração já estava em alerta de ataque cardíaco e eu não sentia mais o meu corpo.

Segundos depois Zedd se derramou dentro de mim. E ele chamou o meu nome.

—Essa é a última de hoje, *amor*, eu vou tentar... — ele falou. Eu não respondi nada, não conseguia.

Ele me levou para ponta da cama e passou os braços pelas minhas pernas, deixando-as para cima e abertas.

Então voltou para dentro de mim.

Indo fundo. Me fazendo achar voz onde não tinha para gritar.



Não foi a última, ele ainda gozou mais três vezes. Pelo visto *filha de puta* tem mel na buceta. Não saía nem mais esperma quando ele gozava, mesmo assim ainda tinha fogo para mais. A única coisa que eu consegui fazer depois foi apagar.

Zedekiah Marshall me destrói.

Mas até eu gosto.

Capítulo 17

ABRI OS OLHOS E PISQUEI INÚMERAS VEZES PARA me acostumar com a luz que vinha da janela.

Virei para o outro lado da cama e dessa vez não tinha ninguém ao meu lado. Fiquei sentada e olhei todo o cômodo, ele não estava ali.

Parte de mim ficou triste com isso. Por mais que eu tivesse surtado da primeira vez que acordei ao lado dele, não podia negar que tinha sido bom.

Ontem à noite foi diferente. Isso vai soar bem estranho, mas, transamos com mais intimidade. Ele não estava me olhando só com luxúria, eu podia tocar seu corpo e beijá-lo enquanto se movimentava dentro de mim.

Talvez eu estivesse enganada, devido a não saber explicar, de fato, o que estava sentindo pelo Zedd... Nos conhecíamos há pouco tempo, mas esse não era o problema. Não existe um manual que defina em quantos dias você se apaixona por uma pessoa. Isso pode acontecer em um dia, uma semana ou até mesmo em um ano.

Eu acreditava que, em parte, eu estava desenvolvendo sentimentos pelo Zedd por está carente. Ele me tratava bem — *pelo menos agora* —, mesmo nosso namoro sendo de mentira, me fazia sorrir e tinha uma *foda* que mexia até com a minha estrutura óssea.

Sei que não devia sentir isso, ele não era o tipo de homem para mim, e sabia que o mesmo não se prendia a uma mulher só.

O bom de não estar mais na mansão, é que dessa vez eu não veria ele entrando com outra mulher.

De qualquer forma — mesmo sabendo que no final vou quebrar a cara e chorar por ele —, não vai ser como se fosse a primeira vez.

Não tenho sorte quando o assunto é relacionamento.

Me espreguicei e levantei da cama. Pelo quarto tinha várias sacolas e malas espalhadas, olhei algumas e vi que eram as roupas que eu tinha comprado e as minhas coisas que estavam na outra casa.

Pelo visto tinham cuidado da minha mudança.

Peguei uma toalha, roupas — *praguejei por não encontrar minhas camisas largas de macho* —, produtos de higiene e fui para o banheiro, que era enorme. Já estava despida, então apenas coloquei a banheira para encher e em seguida entrei.

Sorri ao ver que na prateleira tinha sais de banho de calêndula, não hesitei em pegar.

Depois do banho, e de arrumar todas as minhas coisas no closet, fui para sala. Lá tinha diversas caixas, que eu nem notará na noite anterior. Não perdi tempo e fui abrindo-as. Dentro tinha todos os meus equipamentos; notebook, cabos, ferramentas, adaptadores, entre outros.

Lembrei que o Zedd me pediu para preparar tudo que precisava, mas se eu teria que fazer isso com rapidez precisaria de equipamentos novos, então teria que esperar eles chegarem para começar a trabalhar.

Peguei minha carteira na mesa de centro, que estava com meu celular dentro, e vi que tinha um bilhete embaixo dela, então abri, era um bilhete do Zedd.

*Tive que sair cedo, não quis te acordar. Ainda irei te cansar mais vezes,
então é bom que descanse.*

Bjs, Z x)

Isso que é bilhete romântico.

Apesar de achar um pouco absurdo, sorri. Ele tinha me deixado um bilhete escrito a mão.

Olhei meu celular e não tinha nenhuma mensagem ou ligação, então fui para cozinha, orando pra que tivesse comida na dispensa, estava morta de fome.

Não tinha muita coisa para fazer no meu novo apartamento — que eu já tinha vasculhado cada canto e arrumado todas minhas coisas —, e enquanto eu esperava alguém aparecer, se é que iriam aparecer, resolvi ler as *fanfic* da Stephanie no *wattpad*. Desde que ela falou que escreveu uma comigo e o Zedd, eu ainda não tinha lido.

Peguei meu celular na cama e abri o aplicativo, logo encontrei a história no perfil dela, notando que tinha mais cinco novas, e então comecei a ler.

Uma hora depois — *sim, devorei* — terminei de ler. Eu era uma pessoa sensível e logo o final da história me deixou de coração partido. Então liguei para Ste, afim de expressar meus sentimentos e minha revolta.

—Olá, Hayden! — disse ela atendendo.

—Você é uma puta sem coração que merece queimar no fogo do inferno!
— gritei com a voz arranhada devido ao choro.

—Meu Deus! O que foi que eu fiz? Por que você está chorando?

—Por causa do Zedd robô, sua ridícula! Que tipo de pessoa dorme tranquila sabendo que fez tamanha brutalidade!?

—Ah, é isso...

—Então é assim? Não se importa com os sentimentos alheios?

—Pare de drama, Hayden!

—Não é drama! Estou realmente sofrendo... Já não basta ter matado o Dylan O'Brien na outra história, que ainda não superei... Eu me apeguei a esse Zedd, ele é muito fofo e *fodedor*... essa parte do *fodedor* não é muito

diferente do *meu* Zedd, mas de resto sim... Eu não merecia isso.

—Ah, eu adorei essa história. E também, eu disse que pensei em uma segunda temporada, então aguarde.

—Deus me livre sofrer de novo! — levantei da cama e fui para a sala, sentando no sofá. — Mudando de assunto... — funguei. — Como está meu irmão?

—Ele está ótimo, admito que me parece um pouco cansado.

—A médica disse que isso poderia acontecer. Quando vai estar livre?

—Vamos sair da clínica em três horas.

—Ok, venha direto para cá.

—Certo.

—Ah, estou morando em Warwick Way, Pimlico, apartamento duzentos e três.

—Como assim apartamento? — ela praticamente gritou.

—O Zedd me deu.

—Por quê?

—Acredito que não posso ser uma modelo, barra namorada dele, e morar no subúrbio.

—Modelo? — agora ela gritou.

—Sim. Serei garota propaganda da *Versus*...

—Então esse é o seu trabalho?

—Olha, é realmente uma história bem complicada e eu prometo lhe explicar depois. Mas resumindo, esse trabalho de garota propaganda é só um disfarce para que as pessoas perigosas não descubram que eu sou uma hacker contratada pelo Zedd.

—Sangue de Jesus, Hayden! Não deveria ter aceitado essa loucura.

—Era minha única opção. — disse desanimada.

—Ainda pode se entregar.

—Até pensei nisso antes, mas eu serei a garota mais idiota tentando provar a minha culpa. Meu tablet está na posse do Zedd, lá está a prova de tudo que fiz... E eu não posso correr o risco de perder o tratamento do Luckian, isso é o mais importante agora.

—Aí meu Deus... — ela suspirou. — Só tome cuidado...

—Irei.

—Te vejo daqui a pouco, preciso desligar.

—Até. — ela desligou a chamada e no exato momento escutei batidas na porta.

Levantei do sofá e fui atender.

—Hayden Olívia O'Brien? — perguntou o entregador.

—Sim.

—Assine aqui por favor. — ele me entregou uma prancheta e uma caneta, então eu assinei no local indicado.

—Obrigada! — disse quando devolvi a prancheta para ele e o mesmo me entregou a caixa que estava segurando.

Fechei a porta e voltei para o sofá, mas tive que ir à cozinha pegar uma faca. Ao abrir a caixa vi que se tratava de *MacBook*.

Para uma amante da tecnologia como eu, olhar para um *MacBook* novinho e só seu era como ter um orgasmo. Juro. Eu estava até com pena de ligar o aparelho de tão lindo que ele era.

Com esse computador eu até iria trabalhar mais rápido, por causa do desempenho dele e o processador ser melhor.

Movida pela empolgação, peguei meu notebook antigo e tudo que precisava para transferir os arquivos para o novo e começar a preparar os programas.



Pensei que o Zedd iria me visitar a noite, mas ele não apareceu.

Ste trouxe o meu irmão depois da quimioterapia dele. Conversamos por horas; falei sobre meu ensaio fotográfico, da noite com o Zedd e contei um pouco sobre Vegas. Às nove da noite ela foi embora e eu fiquei no mais perfeito tédio.

Luckian já estava dormindo. E eu ainda tinha muita coisa para fazer, mas decidi tomar um banho. Peguei minhas roupas e fui para o banheiro.

Coloquei a playlist do SoMo para tocar, e então me despir, entrando na banheira em seguida.

Joseph tinha uma voz tão maravilhosa e suas músicas eram feitas especificamente para se escutar transando — não que no ato da coisa alguém realmente preste a atenção na música, a menos que você esteja transando com um merda, mas *colocar música para transar é uma combinação perfeita*. E logo eu me animei.

Repousei a cabeça na banheira e relaxei o corpo.

Lembrei das mãos do Zedd passeando pelo meu corpo, seus lábios tocando os meus, sua língua quente tocando minha intimidade. E foi o suficiente para o meu tesão aumentar.

Cogitei em levantar e ligar para ele, pedir para que viesse aqui. Mas isso seria ridículo.

Não, não! Chega de ser idiota.

Poderia me satisfazer sozinha, mesmo que não chegasse nem perto do que é ter o pau dele dentro de mim e trocar carícias com ele.

Eu já me masturbei olhando para um pôster do Jamie Dornan, por que não fazer isso pensando no Zedd?

Pelo menos com ele eu tinha algo real e meu corpo tinha lembranças dos seus toques.

Fechei os olhos e levei minha mão até minha intimidade, começando a

fazer movimentos circulares. Queria está na minha cama para usar o vibrador, mas a necessidade estava falando mais alto, então seria com a mão mesmo.

Gemidos baixinhos escapavam da minha boca. Meu corpo ficava mais quente.

Porém ainda assim não era o suficiente. Eu já tinha me tocado outras vezes, mas não estava sentindo a mesma coisa de antes. Era bom, mas não o suficiente para gozar.

Droga, Marshall! Você tirou o meu poder de masturbação.

Continuei com os movimentos, ainda de olhos fechados.

Demorou muito, mas eu consegui gozar. Entretanto, ainda estava cheia de vontade.

Levantei da banheira e peguei meu celular, procurei o contato do Zedd e cliquei para fazer uma chamada.

Mas desliguei logo.

O que eu iria dizer?

Oi, Zedd, acabei de me masturbar, mas não foi o suficiente e preciso do seu pau, pode vim aqui em casa?

Isso seria mais que ridículo.

—Inferno! — gritei.

O jeito era dormir inconformada mesmo. Me enxuguei e vesti a roupa. Esvaziei a banheira e saí do banheiro. Deitei na cama e fechei os olhos, ainda pensando no quão bom seria ter o Zedd comigo.



Senti mãos passeando pelo meu corpo, abri os olhos de repente me virando na cama. A iluminação no quarto era pouca, já que deixei as cortinas abertas, mas pude ver o homem ao meu lado sorrir.

Pisquei algumas vezes para me acostumar com a escuridão. E só então eu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pude perceber que estava ficando louca.

Não tinha ninguém ao meu lado.

Olhei para o relógio e vi que eram três da manhã. Bom, ele não iria aparecer, e eu não devia estar esperando por isso.

Capítulo 18

• três dias depois •

Eu estava extremamente cansada, era exaustivo ter que criar programas do zero em um período de tempo muito curto e o tédio também não ajudava. Passava a maior parte do tempo sozinha, a Ste só ia me visitar para levar o Luckian à clínica, como eu estava focada em terminar os programas tive que encher o saco dela com mais um favor. Quando chegava, não ficava por muito tempo, pois tinha uma irmã mais nova que não podia ficar em casa sozinha — *crianças aprontam demais*.

Zedd não me ligou, mandou mensagem ou apareceu nesses dias. Era extremamente decepcionante. Eu queria a companhia dele.

Talvez estivesse demasiadamente sentindo falta do sexo também — *não é todo dia que se encontra uma pessoa que sabe te foder direito e com gosto*.

Cogitei-me em pensar que ele estivesse evitando contato comigo para não me atrapalhar, afinal, o que eu estava fazendo era importante. Mas daí não mandar nem uma mensagem sequer para perguntar se eu estava bem ou se precisava de alguma coisa, já é demais.

Também não liguei e nem mandei mensagem para ele. Não iria me rebaixar a isso.

Nesse intervalo de tempo, recebi algumas ligações da Beatrice, advogada

do Marshall. Ela me informou que conversou com o Senhor D'Ângelo e o mesmo confirmou algumas questões e ficou de fazer o teste de DNA e que se fosse o pai tinha total interesse em ficar cuidando do Luckian. O mesmo também disse que gostava muito de crianças, e sendo o filho dele o deixaria muito feliz.

No dia seguinte ele até me ligou pedindo para ver o menino. De primeira eu neguei, não seria bom para os dois manter uma relação baseada na dúvida, mas depois eu cedi quando ele insistiu muito.

Nesse curto tempo que eu deixei o Senhor D'Ângelo vê-lo, ele foi extremamente cuidadoso e amoroso com o Luckian. O que me deixou feliz, pois meu irmão também gostou do homem, brincava com ele como se já o conhecesse desde seu nascimento.

Se fosse comprovado que ele era o pai, meu irmão ficaria em boas mãos.

Conversamos um pouco e o Rodrigues me contou que estava noivo, iria se casar em sete meses. A noiva dele, Hazel, era estéril, mas tinha muita vontade de ter um filho, assim como ele, e por ela já que passado por muitos procedimentos antes mesmo de conhecê-lo e nada ter funcionado, eles combinaram de adotar uma criança. Estava feliz em ter essa oportunidade com o Luckian — e a noiva dele tinha concordado com ele assumir a paternidade e criar a criança —, e lamentava o que tinha acontecido com a Natasha.

Comecei até a duvidar se estávamos falando realmente da mesma mulher, pois ele a descrevia como uma mulher legal e carinhosa. A mulher que eu conhecia não tinha nenhuma dessas qualidades.

Vai ver ela só detestava as próprias *crias*.

Rodrigues deixou claro que não tinha a intenção de deixar Londres, e que eu poderia visitar o meu irmão a hora que eu quisesse, e não precisava pedir

permissão para isso. Separar dois irmãos era uma coisa que não passava pela cabeça dele.

O homem falava de uma forma como se já estivesse tudo resolvido, e parte de mim gostava disso. Ter um pai assim seria ótimo para o Luckian. Mas se ele não fosse o pai eu não saberia o que fazer, e devido ao meu desespero em cumprir logo esse trabalho para o Zedd e a dúvida de nem saber se ia ficar viva por lidar com mafioso, me faziam cogitar a ideia de dizer sim caso ele pedisse para adotar a criança.

Acordei um pouco mais cedo que os outros dias. Tomei banho quente e um pouco demorado.

Na dispensa não tinha muita coisa, quando eu cheguei nesse apartamento ela não estava farta, e eu precisava preparar o café da manhã para mim e o meu irmão.

Peguei minha carteira com meus cartões e procurei o cartão da *conta salário*, o qual tinha apenas meus dias trabalhados no último mês. Eu nunca mexia no meu fundo de garantia, ele era apenas para emergência. E fora esse dinheiro, eu não tinha mais nada, então ele tinha que dar para fazer uma pequena compra nesse mercado de baixo rico.

Como estava sem carro eu não podia ir até outro bairro — certo que o coerente para uma pessoa que quer economizar seria pegar um táxi ou chamar um carro por aplicativo e ir à um supermercado mais barato, porém eu estava movida pela preguiça e pela fome, então quanto mais rápido melhor.

Olhei meu celular e novamente não tinha mensagem nenhuma e nem ligação perdida, então o guardei na bolsa.

Passei no quarto do Luckian e vi que o mesmo continuava dormindo, em seguida saí do apartamento.

Ao entrar no elevador tentei ao máximo não me lembrar do Zedd e seus toques íntimos ali, mas foi inútil. A droga do meu corpo parece que tinha se

tornado dependente do dele, e só de pensar no mesmo eu suspirava sem perceber.

— Que inferno, Marshall... — sussurrei, contendo a minha vontade de dar um soco no espelho.

O elevador parou e eu caminhei lentamente até a saída do prédio, mas antes de passar pela porta fui cumprimentada por um funcionário.

— Bom dia, senhorita! — disse o homem sorrindo. Ele era novo e muito bonito. Seus olhos eram azuis, seus cabelos loiros e até seu sorriso era encantador.

Talvez eu até flertasse com ele depois.

Até porque eu não sou comprometida de verdade. Só para deixar claro.

— Bom dia! — disse, sorrindo também.

— Hoje é o meu décimo sétimo dia aqui, e eu ainda não sei o nome de todos, mas já os vi passando, posso afirmar que não lhe vi esses dias. — ele disse.

— Ah, sim. Eu me mudei tem pouquíssimos dias, e foi pela noite... E bom, eu não pisei o pé fora do apartamento até agora.

— Sendo assim, seja bem-vinda! E espero que goste da sua nova moradia.

— Obrigada... — arrastei a voz, dando a entender que queria saber o nome dele.

— *Cory*.

— Obrigada, Cory. Me chamo Hayden.

— Prazer conhecê-la, Hayden. Não quero interromper seus afazeres. — ele assentiu brevemente. Muito fofo.

— Até breve, Cory. — falei, sorrindo para o mesmo e saindo do prédio.

O supermercado não ficava muito distante dali, então era uma caminhada

curta. Assim que cheguei ao estabelecimento e comecei a colocar alguns produtos no carrinho, notei que os preços estavam ainda mais altos e me amaldiçoei por ser preguiçosa e não ter ido a outro mais em conta.

Eu tinha que levar certos alimentos indispensáveis para o meu irmão, e se não tivesse acontecido um assassinato na minha casa, eu até poderia ir lá pegar algumas coisas — eu tinha deixado a dispensa cheia, e quem cuidou da minha mudança não se deu ao luxo de pensar que eu poderia precisar comer.

De supetão, lembrei que a advogada disse que seria feito um depósito em minha conta. Eu não esperava que fosse muita coisa, mas o que quer que estivesse ali iria ajudar.

Peguei meu celular e cliquei no aplicativo do banco. No momento em que *loguei* meu usuário e apareceu o saldo soltei um *porra* bem alto com o susto que tomei. Algumas pessoas logo me olharam, sussurrei um *desculpa* para uma senhora que estava ao meu lado.

Tinha exatos seis dígitos aparecendo no saldo da minha conta. Ainda incrédula, eu *desloguei*, *loguei* de novo e vi o extrato de movimentação. Não era *bug*, tinha realmente aquilo na minha conta.

Novecentos de cinquenta e sete mil reais.

Sete mil foram enviados da conta da Natasha.

Os novecentos e cinquenta mil vieram da *Versus*.

Lembro-me muito bem não pedir aquele dinheiro, que obviamente foi depositado a mando do Zedd.

Com um pouco de dignidade e bom senso que eu ainda tinha, depois de assaltar uma mansão e agora estar amarrada ao homem que matou minha mãe, por tempo indeterminado, ter que fingir ser a namorada dele e trabalhar para o mesmo, eu procurei o número do Zedd e escrevi uma mensagem.

Mensagem de texto:

Olá, não sei se você ainda lembra de mim. Mas pode, por favor, pegar seus novecentos e cinquenta mil de volta? Eu não me lembro de ter pedido nada a você. E antes, que ofereça de bom grado, eu não quero.

Fiquei alguns minutos olhando para tela do celular esperando a resposta, mas não obtive.

Se ele estava me evitando, ou ocupado com alguma outra coisa para me ligar ou mandar mensagem, não importava. De qualquer forma, uma hora ele teria que aparecer. Ainda iríamos para Vegas.

Não é?

Guardei meu celular na bolsa e voltei com as compras. Tinha sete mil que poderiam ser usados.

Na volta para casa tive que chamar o carro por aplicativo. Estava com muitas sacolas, e meus braços finos não dariam conta.

Quando cheguei ao edifício, fui prontamente ajudada pelo Cory, que tirou as outras sacolas, que eu não conseguia pegar, do carro e as carregou até o elevador, entrando comigo no mesmo, então apertei o botão para o meu andar.

O elevador parou no terceiro andar e outro funcionário entrou, ele me cumprimentou e então falou com o Cory.

— Preciso que me ajude com algumas caixas, Cory. Estão na recepção.
— ele disse.

— Perguntei ao John o que eram e ele não soube responder. — disse Cory.

— O Senhor Marshall pediu para levá-las lá pra baixo que alguém virá buscar. — arregalei os olhos quando ele disse *Senhor Marshall*.

— Ah, sim! Ele falou comigo semana passada, eu pensei que seria antes,

acabei esquecendo. — disse Cory. — Vou só levar isso aqui até o apartamento da Hayden e te ajudo.

— Certo.

O elevador parou de novo e o homem saiu. Não contive a minha boca, tive que perguntar.

— Você conhece o Marshall?

— Sim. Ele foi um dos primeiros moradores que conheci.

O Zedd morava aqui? Que porra é essa?

O elevador parou novamente e as portas se abriam, saímos do mesmo e caminhamos até o meu apartamento.

— Daqui eu levo, Cory. Muito obrigada! — disse a ele, que colocou as sacolas no chão.

— Por nada, Hayden. Se precisar de qualquer coisa pode avisar.

— Certo.

Ele sorriu para mim e assentiu, se virando em seguida. Ainda movida pela curiosidade e por não acreditar que o Zedd morava no mesmo prédio que eu — ok que ele pode ter vários apartamentos por aí, mas estamos falando do mesmo prédio! — resolvi pedir mais informações ao loiro.

— Cory! — o chamei.

— Sim? — ele virou-se rapidamente.

— Você sabe me dizer se o Marshall mora aqui há muito tempo? — ele semicerrou os olhos e deu alguns passos em minha direção. — Eu não sou nenhuma maluca, o conheço. Só não sabia que morava aqui também.

— Pela forma com que todos o conhece aqui, acredito que sim.

— Hmm... E ele apareceu aqui esses dias?

— Desde que comecei a trabalhar aqui o via sempre. Praticamente todos os dias, mas a última vez que o vi foi há quatro dias, pela manhã. Desde então, não.

Droga! Foi exatamente no dia que ele saiu daqui me deixando apenas com um bilhete.

— Certo... E ele está de mudança?

— Não que eu saiba.

— Posso só mais uma perguntinha?

— Sim. — ele sorriu.

Eu não queria dar uma de ciumenta paranoica, não tinha esse direito. Não era da minha conta se ele estava se envolvendo com outras mulheres e as trazendo para cá, não estávamos namorando — *foi apenas sexo. Nada mais que sexo. O sexo que eu não via a hora de repetir a dose* —, então me esforcei muito para não fazer a pergunta errada.

Pelo menos ele não apareceu depois que eu vim morar aqui, já é alguma coisa para amenizar o meu desespero.

— Pode me dizer qual é número do apartamento dele? — perguntei.

— Setenta e três.

— Obrigada, Cory.

— Por nada, Hayden. Até.

Acenei para ele, que se virou e caminhou para o elevador. Abri a porta e coloquei as sacolas para dentro, em seguida levando-as para a cozinha.

Só depois de tudo pronto que eu fui acordar meu irmão. Dei banho no mesmo e o vestir com uma roupa confortável, depois dei o remédio dele. Coloquei-o sentado na cadeira à mesa e servi-lhe uma tigela com frutas, granola e leite, ele começou a comer.

Ainda tinha muita coisa para fazer, então era uma mão na comida e a outra digitando os códigos para o programa.

— *Dodói*, Hay? — Luck perguntou, ainda comendo.

— Ah, não! Hoje você não vai à clínica.

— Não?

— Não. É seu dia de folga. Que tal assistir desenho depois?

— Lego?

— Ah, Luck, não! Eu amo você, mas lego é uma porcaria. — fiz careta e ele riu.

— Finn?

— Pode ser!

Ele sorriu e voltou a comer.

Por conta da quimioterapia, Luckian ficava cansado a maior parte do tempo, então três episódios de hora de aventura depois ele pegou no sono. O levei para cama e fiquei na sala terminando meu trabalho.

No exato momento em que eu sentei no sofá escutei batidas na porta. Confesso que o meu coração gelou. Eu até travei.

As batidas continuaram e então eu notei que precisava atender. Levantei do sofá, e toda trabalhada na esperança de ser única pessoa que eu queria que me visitasse agora, abri a porta.

Ellis sorriu para mim. Eu queria dar um soco na cara dela — mesmo que não fosse sua culpa, mas ela não era a pessoa que eu queria ver.

— Olá, Hayden! — disse ela.

— Olá, Ellis. — forcei um sorriso. — Entre. — disse, dando passagem.

Ela entrou e então eu fechei a porta, voltando a me sentar no sofá, me concentrado no meu trabalho.

— Seu apartamento é bonito. — disse ela, depois de um tempo, se sentando ao meu lado.

Estava tão desanimada por não ser o Zedd, que até me esqueci de perguntar sobre sua visita repentina.

— Obrigada. — disse, me esforçando para não ser rude e dizer "*como se você já não estivesse vindo aqui*", afinal o Marshall tinha um apartamento

nesse prédio. — Então, a que devo a visita?

— Ah, sim! Vim falar sobre os seus afazeres...

— Meus afazeres?

— Sim. — olhei confusa para ela. — Não esse tipo de afazeres, os da *Versus*.

— Ah, não me diga que vou ter que tirar mais foto? — perguntei, e quase sem querer fiz cara de choro misturado com cansaço.

— Agora não. Mas é esse tipo de coisa que você vai fazer, além de comparecer a eventos e festas relacionadas à *Versus*. É isso que uma garota propaganda faz.

— Droga! — murmurei.

— Infelizmente não poderei ir com você para Vegas e lá você terá que comparecer a alguns eventos também... Me empresta o seu celular?

Peguei meu celular ao lado e desbloqueei, entregando para ela em seguida. A mesma digitou alguns números nele.

— Coloquei o meu número aí, quando eu ligar atenda, assim te mantereire atualizada com as coisas. — disse ela, me devolvendo o aparelho.

— Por que você não vai poder ir para Vegas?

— Terei que cuidar das outras garotas. A maioria está aqui, então você sabe qual lado precisa de mais atenção.

— Outras garotas? — tentei não soar magoada, mas foi impossível. Tudo bem que no fundo eu sabia que não era a única, mas ela acabou de deixar explícito.

— Sim, as modelos da *Versus*. — ela disse como se fosse óbvio. — Eu cuido da carreira de todas as garotas do Zedd.

— Então é isso que você faz? — perguntei surpresa.

— O que você pensou?

— Não sei! *Eu cuido das garotas dele* não é muito sugestivo... Eu pensei

que seriam as garotas que ele leva para cama!

— Bom... — ela arrastou a voz. Ficou mais que claro. — Acredito que ele dorme com todas as garotas que fazem campanha para *Versus*.

— Ótimo... Essa exclusividade está saindo melhor do que eu imaginava. — disse irônica, voltando a minha atenção ao programa no computador.

— Você mesmo sabe que o Zedd é lindo, jovem e gosta de sexo. Ele é a personificação de um convite para cama. Quem seria louca de negar?

Eu não disse nada. Porém, não era tola o suficiente para não perceber. Aguentei minha boca calada o máximo que consegui, e cedi para perguntar.

— Você e o Zedd já foram mais que amigos, não é?

Ele parou de olhar para o pequeno caderno que estava nas mãos e me encarou.

— Sempre fomos amigos. Mas se quer saber se eu já fui para cama dele, sim, eu já fui. Uma única e exclusiva vez.

Essa é a parte ruim de não conhecer as pessoas, você nunca sabe se ela está mentindo.

— Ele te dispensou? — perguntei. Se ela estava falando de bom grado e não estava e parecendo ofendida, eu tinha que aproveitar.

— Não... Eu fui a primeira modelo que a *Versus* teve, logo no começo de tudo. O Zedd, de certa forma, foi o responsável pela minha carreira como modelo. Quando ele flertou comigo, eu cedi. A noite foi prazerosa, o sexo maravilhoso, mas no dia seguinte eu percebi que aquilo não era para mim.

— Por quê?

— Meu coração pertence a outra pessoa... — ela sorriu brevemente — Depois disso nos tornamos amigos. Não estávamos envolvidos sentimentalmente, então foi fácil.

— Mas você sabe dos podres dele e foi a pessoa quem ele mandou chamar quando arrebentou o meu rosto.

— Como eu disse, somos amigos. Ele confia em mim assim como eu confio nele. Zedd me ajudou em outras coisas e eu o ajudo no que posso... Ele só me chamou a fim de evitar perguntas, caso te mandasse para um hospital. Antes de ser modelo fiz técnico em enfermagem, então eu sirvo para duas coisas.

— Bom, isso responde muitas perguntas. — falei.

— Não se preocupe, somo apenas amigos.

— Por que eu deveria me preocupar? — retruquei.

— Porque você gosta dele.

— O quê? — perguntei incrédula e ri nervosa. — Não mesmo!

— Eu sou mulher, Hayden, e não tenho o coração de pedra. Vejo que gosta dele. — balancei a cabeça, negando, e voltei a digitar os códigos do programa no computador. — Não estou te julgando e nem a culpando por isso. Só acho que você não deveria ser apaixonar pelo Zedd. Não até que ele... — ela fez uma pausa, então a encarei. — Não até que ele sinta o mesmo.

— Homens como o Zedd não se apaixonam. — falei, e notei o quanto minha voz saiu ríspida.

— E qual é o tipo do Zedd?

— O que só liga para sexo.

Ela me olhou com atenção e sorriu. — Espero que fique com ele tempo o suficiente para mudar isso.

La questionar, mas ela me cortou mudando de assunto.

— Essa é sua conta no *instagram*! — ela disse.

— Eu não tenho conta no *instagram*. — retruquei.

— Agora tem! — Ellis me entregou um papel com um nome de usuário e senha. — Mantenha atualizado, sempre postando coisas.

— Para que? — perguntei confusa.

— Para quem te segue ver.

— E quem, em nome de Deus, me segue?

— Muita gente, depois que... — ela mexeu na bolsa e tirou algo de dentro. — isso aqui saiu!

Era uma revista da *Versus*. Tinha uma foto minha na frente. Peguei a revista na mão dela e olhei de perto.

Eu estava diferente. E até sorri por me achar bonita.

— Antes que diga, não tem *photoshop* aí. — disse a Ellis.

— Quem me garante?

— Eu garanto. Não usamos *photoshop*, nunca.

— Isso aqui está diferente demais para ser eu. — abri a revista e fiquei ainda mais assustada com as fotos dentro. — Eu estou maravilhosa!

— Juro que não tem esse tipo de edição. Você nunca se viu assim, por isso está incrédula. Eu disse que você tinha jeito para modelo.

— *Meu Deus*.

— Bom, irei te deixar a sós para terminar seu trabalho e *babar* nas suas fotos. Em Vegas terá um evento para essa campanha, mandarei um vestido para você usar.

— Eu comprei roupa recentemente.

— Acredito que não é adequada para o evento.

— Qual é, vai querer que eu use um vestido de ouro? — perguntei brincando.

— Não, mas o vestido tem pedras de diamante bordadas.

— Tá de brincadeira, *né*? — perguntei incrédula e assustada.

— Claro que estou! — ela deu risada. E eu suspirei aliviada. — É um vestido que será lançamento na próxima campanha de Gala. Você será o *spoiler* do que estar por vim.

— Tudo bem. Posso ficar com a revista? — perguntei, levantando do

sofá. —Gostaria de mostrar para Ste, ela é minha amiga.

— Claro, ela é sua.

— Obrigada.

Acompanhei-a até a porta.

— Não se esqueça de manter a conta do *instagram* atualizada e o *twitter* também, são o mesmo usuário e senha. Eu me esqueci de falar. É importante para o seu disfarce também.

— Tudo bem. — assenti. Eu queria perguntar a ela sobre o Zedd, onde ele estava e porquê ainda não falou comigo, mas se fizesse daria a confirmação a ela de que eu estava gostando realmente do Marshall, e eu não queria fazer isso. Então tratei de me apressar na despedida, antes que fosse vencida pela minha boca que não sabe a hora de ficar quieta. — Até depois, Ellis.

— Até depois, Hayden! — ela saiu e eu fechei a porta.

Voltei para o sofá e resolvi mexer nas redes sociais. Eu não gostava muito dessas coisas. Apesar de ser uma amante de tecnologia da informação, redes sociais não me agradavam. Ninguém era verdadeiramente verdadeiro online, e mesmo se fosse, não te dariam a atenção por isso.

Eu não tinha nada de interessante para mostrar, e se tivesse estaria mentindo e fingindo — como iria fazer agora —, então não usava.

Depois que os aplicativos baixaram no meu celular, eu *loguei* com o usuário, primeiro no *instagram*, e me assustei com o número de seguidores que eu tinha. Exatos duzentos e cinquenta mil.

Tinham algumas fotos postadas também, as mesmas que apareciam na revista e algumas de quando eu ainda estava fazendo o ensaio.

Despretensiosamente — *cheia de pretensão* — fui olhar as únicas dez pessoas a qual *eu* seguia. Sete delas eram modelos na *Versus*, o nome no perfil deixava isso explícito, outros dois era a Ellis Lewis e a própria *Versus*.

O último, e não menos importante, Zedekiah Marshall.

E claro, eu fui olhar o perfil dele.

Para o meu azar e completa insatisfação, a foto mais recente era de dois meses atrás e no *stories* não tinha nada.

Decepcionante, Zedekiah Marshall.

Comecei a olhar as fotos do perfil, por pura curiosidade. Tinha várias dele para campanha da própria marca, assim como vídeos. Vi algumas de sua família, mãe e irmãs. E bem mais para baixo tinha várias dele com a Ellis. Meu coração deu uma acelerada desnecessária, *obviamente*. As fotos eram íntimas. Não íntimas ao ponto de eles estarem pelados, mas íntimas ao ponto de estarem seminus e quase se beijando.

Qual é!

Eles são modelos. Esse é o tipo de coisa que os modelos fazem, eles atuam para as fotos...

E outra, eles são amigos. A Ellis disse.

Ela poderia estar mentindo, seu subconsciente veio me encher o saco.

Não importa.

Eu não estou com ciúmes.

E não gosto dele dessa forma. É apenas a carência e a vontade de transar se fazendo presentes.

Voltei para o meu perfil e tratei de fazer o que a Ellis pediu. Sem muitas opções do que postar, tirei a foto da revista, tanto da capa quanto de algumas fotos dentro. De fato, eu não estava mentindo em estar feliz pelas fotos, eles ficaram lindas, bem mais do que eu imaginei. Na última foto eu marquei a Ste, com a *deixa* de conversar com ela, pedir para que viesse em minha casa.

Enquanto ela não respondia, resolvi seguir algumas pessoas. O instagram era meu, então eu seguia quem eu quisesse. Não perdi tempo e fui logo no Cole Sprouse, talvez ele me desse moral agora que sou, *momentaneamente*,

um pouco importante. Mas a decepção apareceu novamente ao ver que ele estava namorando a Lili Reinhart.

Eu precisava me atualizar das coisas.

Ainda bem que ele tinha um irmão gêmeo, então minhas intenções ainda estavam valendo.

Fiquei tanto tempo mexendo no *instagram* que até esqueci que tinha trabalho a fazer. Respondi a Ste no *direct*, então coloquei o celular de lado e voltei aos meus afazeres.

Redes sociais são *sugadoras* de tempo.

Depois de alguns minutos a Stephane chegou ao meu apartamento. Chamei-a para me ajudar no almoço enquanto conversávamos. Que agora eram sobre coisas vagas.

— Você deveria sair mais, Hayden. — disse ela, cortando o tomate em cubos pequenos.

— Por quê?

— Está há dias dentro de casa, precisa tomar um sol e distrair a mente.

— Eu não posso sair até terminar o que o Zedd pediu. Ele me deu um tempo muito curto.

— Então peça mais tempo.

— Eu já pedir, e ele negou.

— Tente pedir de novo.

— Se ele aparecesse ou respondesse a mensagem que eu mandei eu até poderia pedir de novo, mas infelizmente não dá. — confesso que minha voz saiu um pouco exasperada.

— Será que aconteceu alguma coisa com ele? — ela perguntou preocupada.

— Aconteceu que eu sou apenas a empregada dele e o mesmo não me

deve satisfação. Então eu deveria parar de esperar que ele magicamente aparecesse aqui. — agora tenho a plena certeza que estava exasperada. Ela me olhou assustava e eu notei que estava jogando a minha raiva em quem não tinha nada a ver. — Me desculpa, Ste. Eu não quis gritar com você.

— Está tudo bem mesmo?

— Sim. — menti. Eu não admitiria isso em voz alta. Eu sabia qual seria a opinião dela contra isso, e seria melhor, para mim, se eu apenas negasse. — É só estresse por ter que ficar fazendo esses programas.

— Então saia um pouco. Aproveite com o seu irmão, nem que seja por alguns minutos. Sei que o Luck está cansado, mas tenho certeza que ele iria adorar ir ao parque com você. — ela sorriu amigável. — Zedd não vai te matar se você se ausentar por algumas horas, não é?

— Acredito que não. Ainda tenho importância viva.

— Espero que tenha para sempre então.

— Eu posso tentar sair amanhã. — sorri brevemente. — Hoje quero ficar aqui com a minha amiga e esperar o Dylan Sprouse entender o meu recado, de curtir todas as fotos dele, e me chamar no *direct*.

— Você não vale nada, Hayden! — ela disse rindo.

— Não teria graça se valesse. — pisquei par a mesma.

Peguei meu celular e escolhi a *playlist* de uma banda que eu tinha conhecido recentemente e estava amando. Então continuamos nossas atividades, nos distraindo com a música e conversando coisas aleatórias.



Assistimos alguns filmes e conversamos mais um pouco — para ser mais específica, falamos da vida dos outros e comentamos sobre o Cory, o funcionário do prédio. —, mas a Ste disse que estava na hora de ir para casa, a mãe dela iria sair agora de noite e ela teria que ficar com a irmã.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Me avise antes de ir para Vegas, eu venho me despedir. — ela disse abrindo a porta.

— Ok.

— Até depois, Hayden. — me abraçou.

— Até, Ste. — acenei para mesma.

Ela saiu e eu fechei a porta, porém no momento em que eu ia me sentando no sofá, escutei batidas.

— Esqueceu o quê? — gritei, voltando para porta, abrindo a mesma. Meu sorriso sumiu automaticamente.

— Olá, *amor*!

Capítulo 19

ELE DEU UM PASSO PARA FRENTE E SELOU MEUS lábios brevemente. Eu fiquei sem reação. Não pelo beijo, e sim por ele ter me chamado de amor — tudo bem que já tinha me chamando assim antes, mas eu achei que foi no calor do momento, afinal estávamos no coito, por isso não dei tanta importância.

Zedd estava vestindo *despojadamente*. Calça, jaqueta e tênis pretos, camisa e mochila cinza. Notei um pequeno curativo em sua sobrancelha, e se eu não tivesse com raiva dele por só aparecer agora com essa linda cara de pau, eu terei deixado a minha preocupação evidente.

— O que foi? — perguntou ele.

Balancei a cabeça negando. — Nada.

— Posso entrar?

— Sim. — dei um passo para o lado, e quando ele entrou eu fechei a porta.

Zedd caminhou até o sofá e sentou.

— Vejo que já arrumou tudo. — ele disse, analisando o cômodo.

— Não iria esperar que alguém fizesse por mim. — disse séria, parada no meio da sala.

— Hmm... — ele fechou os olhos e perdeu a cabeça para trás.

Me permiti ficar olhando-o. Meu coração estava batendo forte, e boa parte de mim queria sentar no colo dele e o beijar, mas eu sei que não deveria. Tenho que usar do meu orgulho pelo menos uma vez na vida.

— Eu estou bem! — disse, em alto e bom som, cruzando os braços. Ele abriu os olhos assustado.

— Me desculpa, Hayden! Não quis ser descortês... — o mesmo se ajeitou no sofá e deu dois toques no acento ao lado, para que eu me juntasse a ele, mas eu não fiz.

— Tanto faz. — dei de ombros.

— Eu estou cansado pra merda! — observei o moreno passar a mão no rosto, e seu semblante denunciava que estava realmente cansado, mas não dei o braço a torcer.

— Cansada deveria estar eu, afinal, passei dias com a cara no computador para terminar o que você pediu! — minha voz soou extremamente rude, e ele me olhou confuso.

Então levantou do sofá e se aproximou de mim. No momento em que eu ia dar um passo para trás, ele segurou a minha mão.

— Me desculpa por isso, mas eu disse que tinha pressa. — disse ele, olhando em meus olhos.

Meu coração ficou ainda mais escandaloso e minha boca se abriu contra a minha vontade, pois queria muito beijá-lo.

A culpa não era completamente dele. Eu que estava bagunçando tudo. Eu que estava colocando sentimento onde deveria ser apenas sexo casual.

Zedd era o tipo de homem que venha com cinco minutos de trailer, então eu sabia exatamente onde estava me metendo. E mesmo cogitando em deixar as coisas acontecerem, sabendo que iria quebrar a cara no final, me tornar uma idiota apaixonada de coração partido que não teria nada menos lembranças de nós dois juntos, eu tinha que me importar comigo mesmo. Tinha que me proteger. Que aprender com os meus erros. Não era a primeira vez que o homem (ou mulher) me decepcionada, mas tinha que ser a última.

E na briga interna na minha mente, escolhi um lado para prevalecer —

pelo menos agora —, e então o afastei de mim, empurrando-o de leve pelo peito. Zedd acabou gemendo e fez cara de dor. O que me deixou confusa, porém eu não tive tempo para ponderar se queria me preocupar com ele, pois escutei batidas na porta. Afastei-me completamente do moreno e fui abrir a porta. Era o James e o Dakota, ambos segurando algumas caixas nas mãos.

— Olá, James! — falei sorrindo.

— Olá, Hayden. — ele também sorriu, e eu ainda mais por ver que ele estava me chamando pelo meu nome. — Tudo bem com você?

— Sim. E você?

— Ótimo. O chefe está aí?

— Sim. — dei passagem para eles entrarem e fechei a porta. Óbvio que não falei com o Dakota, eu até ia tentar, mas ele me olhou com uma cara de quem queria me dar um soco, então deixei para lá.

Quando voltei para sala, Zedd já estava no sofá novamente, conversando em sussurros com seus seguranças.

Eu ia para cozinha, para deixá-lo à vontade, mas quando dei o primeiro passo ele me chamou.

— Sim, Zedd? — voltei com minha voz séria.

— Sei que está cansada, mas preciso que faça algo urgente para mim... Juro que não pediria-

— Tudo bem. — disse, o cortando. — É o meu trabalho, não é mesmo?

Ele abriu a boca para proferir algo, mas acho que pensou melhor sobre, pois não disse nada.

— Do que o *senhor* precisa? — perguntei, já treinando para separar as coisas entre mim e ele.

— O quê? — seu olhar expressava dúvida e espanto.

— Por favor, Marshall, diga o que precisa. Eu estou cansada e quero fazer isso logo, e creio que o senhor também.

Seu olhar se manteve assim por um tempo, e visto que não tinha escolha ele assentiu e começou a falar.

— Preciso que tente *hackear* meu celular... Eu pedir para fazerem algo que o impedisse que alguém clonasse o aparelho com minhas informações e que não o grampeassem, mas acho que não foi muito bem feito.

— Celular descartável serve para isso. — falei.

— Não quero ter que trocar de celular a cada dez segundos! — ele falou um pouco exasperado. — E quero ter certeza de que isso é possível. Por favor, tente *hackear*.

— Como quiser, senhor Marshall.

Fui até o meu quarto e peguei meu computador, o localizador de sinal e alguns cabos adaptadores. Em seguida voltando para sala. Sentei na poltrona e arrumei as coisas. Por sorte, o programa para clonar e *hackear* um celular era o mais fácil de fazer, então já estava pronto.

— Preciso de um celular. — falei.

— Têm vários nessa caixa, caso você precise de mais.

— Só vou precisar de um. — falei, fingindo concentração. Não tinha dificuldade nenhuma fazer aquilo.

Abri a caixa que estava na mesa de centro e peguei um aparelho, conectei um cabo USB nele e posteriormente no localizador. Um minuto depois o celular vibrou, mostrando que o processo foi concluído.

— Pronto. — falei.

— Já? — Zedd perguntou surpreso.

— Sim. Isso é bem fácil de fazer, e o programa que colocaram no seu celular é uma porcaria, então te enganaram. — entreguei o celular clonado a ele.

O mesmo tirou o original do bolso e acho que começou a comparar algumas coisas.

— É realmente o meu... Filho da puta! — ele grunhiu irritado. — Sorte dele que já está morto, se não ia pagar bem caro... — disse entredentes.

Engoli seco. A forma com que ele falou foi assustadora.

— Consegue bloquear para que ninguém consiga clonar meu celular novamente? — perguntou apressado, o que me fez ver que aquilo deveria realmente ser importante para ele.

— Acho que bloquear eu não consigo... — falei, e comecei a pensar em uma solução. — Entrar no sistema de segurança é mais fácil que isso. Celular deixa muitas brechas...

— Merda... — ele murmurou, e passou as mãos no rosto para conter a frustração.

Então eu lembrei de uma coisa.

— Acho que tenho uma solução.

— Achismo pra mim não serve, Hayden! — ele falou, e por incrível que pareça foi brando. — Tem muita informação importante no meu celular, e alguém o clonou e conseguiu me ferrar, isso não pode acontecer de novo.

— Eu consigo resolver.

— O que vai fazer?

— Não vou conseguir bloquear, mas consigo fazer com que o celular forneça informações aleatórias para quem tentar cloná-lo e automaticamente redirecionar um telefonema caso tentem grampear.

— Como assim? — perguntou confuso, como se eu tivesse falando em outro idioma.

— Toda vez que você fizer uma ligação, essa chamada será passada para o celular clonado como uma chamada de outro número aleatório, assim como para a pessoa que grampeou o celular.

— Não entendi muito bem, mas vou deixar quieto. Consegue realmente fazer isso?

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim. — disse firme.

— Eu não posso arriscar novamente...

— Não acredita em mim? — perguntei, e fingir estar ofendida, quando se tratava de tecnologia eu era muito boa para meu ego ser ferido com esse tipo de coisa. — Quantas vezes você vai perguntar pra acreditar? — arqueei uma das sobrancelhas.

— Tudo bem. Eu acredito.

— Aposto cem libras que ela não consegue... — escutei a voz do Dakota e automaticamente olhei para trás. Ele estava falando com o James.

— É o que? — perguntei incrédula.

Que mal eu fiz a esse homem?

Ele apenas deu de ombros.

— Não vai apostar contra ele? — perguntei.

— Eu acredito que você consegue. — disse o James.

— Então aposta!

— Não quero que o meu amigo perca o dinheiro dele.

— Ora essa! Ele está duvidando da capacidade da sua amiga aqui, então pode fazer uma aposta maior.

James sorriu.

— Tudo bem. Trezentas libras que ela consegue. — ele disse.

— Quinhentas, que não consegue! — Dakota aumentou.

— Setecentos! — diz James.

— Mil! — Dakota ergue uma das sobrancelhas e sorri.

— Dois mil!

A coisa estava ficando realmente seria. Eu sorri ao ver que tinha acabado de começar uma guerra.

— Ainda está baixo! — coloquei lenha na fogueira. — Tenho certeza que o salário de vocês não é só isso.

— Lance final, cinco mil! — diz James para Dakota, e eles apertam as mãos.

— Acabou de perder cinco mil libras, Dakota! — falei.

— É o que veremos. — ele disse, e foi bem sinistro.

— Vocês estão aí apostando, mas esqueceram do quanto isso é importante para mim. — disse o Zedd, com a voz arrastada.

— Desculpa, chefe. — disse os seguranças.

Voltei para minha posição anterior e peguei o celular do Zedd na mesa.

— Irei deixar o aparelho em modo furtivo. Não vai durar muito tempo, mas já é alguma proteção. — falei, conectando o cabo USB no celular dele e ativando a programação. — Se for mexer no aparelho por agora, por favor, não desconecte. Eu vou ajustar o vírus amanhã e adicional mais números de telefones aleatórios.

— Vírus? — Zedd perguntou, seu semblante era de um pouco assustado agora.

— Não irá fazer mal algum ao seu aparelho e nem a funcionalidade dele, fique tranquilo.

— Ok. Você disse que fez a transferência da minha conta sem deixar rastros, pode fazer isso novamente?

— Eu faço o que mandar Zedd, não precisa pedir. — antes que ele dissesse alguma coisa, fui logo completando. — Preciso do nome e número da conta.

— Precisa mesmo do nome?

— Sim... — mentira, eu só queria saber quem era a pessoa que ele tinha que mandar dinheiro escondido. Minha curiosidade ultrapassa qualquer limite.

— Tudo bem. Precisa de mais alguma coisa?

— Apenas de tempo, senhor Marshall. — desviei meu olhar do dele, prestando a atenção na tela do notebook.

— Por deus, pare com isso! — Zedd falou, mas não alterou o tom de voz.

— Desculpe? — fiz-me de desentendida, e não o olhei.

— Por que está me tratando assim?

— Com respeito?

— Hayden!

— Não há mal algum tratar o padrão, temporário, com respeito e formalidade. — disse firme.

— Hayden, por favor!

— Precisa de mais alguma coisa, Marshall? — perguntei, e dessa vez olhei para ele. Que parecia triste e confuso. — Precisa de mais-

— Preciso que você responda a minha pergunta.

— Eu já respondi. — ele ficou me olhando por um minuto inteiro. E eu tive que me esforçar muito para não ceder.

— Vocês dois... — Zedd levantou do sofá e falou com os seguranças. — Saiam! Voltem para mansão, se eu precisar de alguma coisa eu ligo...

Os homens assentiram e então saíram do meu apartamento. Zedd voltou a me encarar, e o meu nervosismo foi aumentando.

— Vai me falar agora? — ele perguntou, se agachando em minha frente.

— Falar o quê? — perguntei, já sentindo minha voz vacilar.

— O que está acontecendo? Você não é assim...

— Você não me conhece-

— Conheço o suficiente para saber que está mentindo. — ele me cortou.

— Eu não estou mentindo. — disse o mais firme que consegui.

— Está sim. Você ergue a sobrancelha esquerda sem perceber sempre que mente... — ele falou, e sorriu brevemente.

De fato, sobre isso ele tinha razão. Era a mesma coisa que o meu pai dizia quando me perguntava se tinha comido a sobremesa antes do almoço e eu negava.

— Eu presto a atenção em você, Hayden... — ele continuou. — Me diz o que está acontecendo?

Eu não queria ceder, mas o olhar dele estava mexendo comigo... Mais do que o permitido. Visto que iria perder aquele jogo, coloquei o notebook na mesa e levantei da poltrona.

— Eu preciso descansar, Zedd. — falei, mas quando tentei me afastar ele segurou o meu braço e levantou-se.

— Vou ficar louco se não disser o que está acontecendo... — ele se aproximou de mim, deixando seu rosto mais perto do meu, eu podia senti sua respiração pesada. Nossos olhos se encontravam, e eu não soube distinguir o seu semblante. Seus olhos não tinham brilho, estavam escuros e sem vida, como um dia nublado.

Eu não tinha mais saída. Não conseguiria negar por tanto tempo.

Cedi.

— Você fugiu de mim... — minha voz saiu como um sussurro.

Ele negou rapidamente.

— Eu não fugir, *amor!* — então tocou o meu rosto. Acabei fechando os olhos para absorver seu toque, mas os abri rapidamente quando notei tinha trocado algumas sílabas e já estava entregando.

Preciso tirar a dignidade do meu cu e usar!

— Fugiu sim! — disse eu, um pouco mais firme dessa vez. — Eu acordei e você não estava mais na minha cama. Agora aparece aqui dias depois de me ignorar como se não fosse nada de mais pra você... — tirei a

mão dele do meu rosto.

— Eu não...

— Sei que não me deve satisfação!

— Eu não ia dizer isso.

— Mas é a verdade.

— Hayden, não fugir de você. Sair mais cedo para resolver algumas coisas e pretendia voltar à noite, mas recebi uma ligação de emergência e tive que viajar. Os problemas se agravaram por isso eu demorei mais tempo fora. Não podia manter contato com ninguém, pois estava desconfiado que tinham clonado ou grampeado o meu celular, pois o lugar que eu estava é praticamente um esconderijo e eu só combinei de estar lá com a pessoa que tinha telefonado minutos antes de aparecer ali. Não podia arriscar de falar com você e de alguma forma algo ruim te acontecer. — ele voltou com a mão no meu rosto. — Eu não desapareci por mal. Acredite em mim...

Fiquei sem palavras. Estava tão focada em só acreditar que ele estava me ignorando, que por um momento esqueci que ele tinha problemas com mafiosos. Mas isso não respondia todas as minhas dúvidas.

Ele ainda não era o tipo de pessoa pra mim.

— Me desculpa por-

— Não precisa se desculpar. — ele me cortou, e sorriu brevemente. — Tudo bem agora? — assenti. — Vai parar com essa de senhor Marshall? Sei que estava fazendo de pirraça.

Quis sorrir, mas me contive.

— Sim.

— Ótimo. Posso ficar aqui por um tempo? — ele acariciou meu rosto e sua outra mão saiu do meu braço e foi para minha cintura, apertando levemente aquela região.

— Fique o quanto quiser. — meu coração estava quase saltando pela

boca. Nunca desejei tanto uma coisa na minha vida, como estava desejando beijá-lo.

Quando ele me puxou para mais perto, juntando definitivamente o corpo ao meu, cogitei realmente em deixar essa minha vontade de ignorá-lo e manter as coisas apenas profissionais por um tempo e aproveitar ele mais um pouco.

Ter uma despedida.

Dizer adeus ao homem que mais me proporcionou orgasmos em uma só noite e que eu duvido encontrar outro que seja tão majestoso quanto o mesmo.

— Deixe-me dormir com você? — ele pediu.

— Eu preciso descansar. — fiquei incrédula, internamente, como não me esforcei para negá-lo.

— Prometo que só vamos dormir.

— Se só vamos dormir, você pode ficar no sofá.

— Eu quero companhia.

— Sei que tem um apartamento aqui, ligue para alguma de suas garotas, duvido que elas não venham. — me afastei um pouco dele.

— Quem disse que eu tenho um apartamento aqui? — perguntou surpreso.

— Eu sei que é verdade.

— Não estou dizendo que é mentira.

— Então pode ir pra lá e achar alguém para te satisfazer, não vai ser nada novo pra você.

— O quê? Não, eu não quero isso!

Bufei e revirei os olhos.

— O apartamento que tenho aqui não está mobiliado, eu o comprei apenas para grafitar e colocar alguns quadros. Não quis deixar na mansão e

nem no outro apartamento que recebo visitas.

Fiquei um pouco sem reação, mas não sabia se devia acreditar.

— Não sabia que grafitava... — falei.

— Não é o tipo de coisa que eu conto para todo mundo. Irei te levar lá depois... Amanhã, talvez... Me deixe ficar, *amor*...

Ele estava diferente. E isso claramente não ajudava na minha decisão. E cada vez que me chamava de amor, meu coração descompassava.

— Tudo bem. — disse, depois de algum tempo, sem saber se aquela deveria ser a resposta certa.

— É um sim? — ele perguntou, e quando eu assenti ele sorriu.

Seus olhos ganharam brilho, não muito, mas o suficiente para mudar seu semblante pedido.

Ele se afastou de mim e foi até o sofá pegar a mochila.

— Irei tomar um banho antes, tudo bem? — ele perguntou.

— Sim. Precisa de alguma coisa? — *ajuda no banho talvez? Eu estou indecisa, mas se você pedir duas vezes eu vou ceder.*

Ele sorriu, e eu sabia que tinha malícia ali, mas não disse o que pensou.
— Tenho o que preciso aqui.

— Tudo bem. — me virei e fui para o quarto.

Não sei se conseguiria me controlar com ele dormindo na mesma cama que eu.

Eu nem sei se queria me controlar realmente.

— *Meu Deus, me ajuda!* — sussurrei me ajeitando na cama.

Zedd demorou um bom tempo no banheiro. E mesmo eu estando cansada e com sono, não consegui pregar o olho até que ele se deitasse ao meu lado. O moreno murmurou um pouco quando subiu na cama, mas logo senti seu braço na minha cintura e seu corpo atrás do meu.

— Tudo bem? — perguntei, quando ele gemeu, que ao meu ver foi de

dor.

— Eu te acordei? — perguntou, sussurrando.

— Não.

— Ah!

— Mas está tudo bem? — perguntei novamente.

— Sim.

— Ok.

Ele me abraçou ainda mais e deu um beijo no meu ombro.

Como eu queria virar e selar seus lábios.

— Boa noite, amor. — ele disse, com um fiasco de voz.

— Boa noite, Z... — então fechei meus olhos.

Dormir era a melhor solução por enquanto. Tenho certeza que amanhã enfrentaria um novo impasse.

Capítulo 20

ACORDEI COM UM BARULHO VINDO DO BANHEIRO. Ainda era noite e Zedd não estava ao meu lado na cama. Escutei o barulho de novo, dessa vez junto com um gemido abafado, então levantei e caminhei sorrateiramente até o banheiro. Encostei minha orelha à porta e escutei a voz do Zedd.

Gemendo.

Mas não era de prazer — bem que eu queria que fosse, seria uma maravilha escutar os gemidos roucos desse homem agora —, tudo indicava que era dor, assim como os grunhidos que ele dava.

Já aflita, coloquei a mão na maçaneta e girei-a abrindo a porta. Quando entrei no banheiro, vi Zedd sentado no chão. Seu torso estava cheio de marcas vermelhas e arroxeadas.

Eram hematomas.

O mesmo me olhou assustado e logo pegou a camisa ao lado e cobriu o peito.

— Eu não queria te acordar... — ele falou apressado, desviando o olhar do meu.

Eu agachei ao seu lado e segurei a sua mão, movendo a camisa para olhar com clareza seus hematomas. Ele gemeu de novo quando eu fiz.

— O que aconteceu? — perguntei, com uma carga demasiada de preocupação.

— Eu estou bem... — ele disse, ainda sem me olhar, e fez cara de dor.

— Não tem como mentir se eu estou olhando para o problema. O que aconteceu, Zedd?

Ele levantou a cabeça e me olhou. Parecia perdido, e novamente eu pude ver medo em seu semblante.

— Pegaram-me desprevenido e sozinho... Eu não dei conta... — disse ele, depois de um tempo apenas olhando em meus olhos.

— Foi aqui?

— Não. — respondeu rápido.

— Foi onde você estava?

— Sim.

— Sabe quem fez isso? — era a pergunta mais idiota que eu poderia fazer, mas o meu estado de pensamento coerente não estava funcionando perfeitamente olhando para ele naquela situação.

— Sim... Provavelmente alguém à mando do Oliver, já que briguei com ele recentemente. — ele gemeu longamente e colocou a mão na costela.

— Aí meu Deus... Você precisa de ajuda.

— Eu vou ficar bem.

— Se não se medicar não vai. Vem! — segurei-o pelo braço para ajudá-lo a levantar, mas ele negou. — Pelo amor de *Odin*, Zedd, levante!

Ele deu risada, e eu não entendi o motivo.

— O que foi? — perguntei confusa.

— Você falou *Odin*.

— Falei?

— Sim. — ele sorriu.

— Eu não notei... Mas vamos, levante!

— Eu estou bem, só preciso de um tempinho... Já tomei surras piores que essas... Você precisava ver como os outros ficaram. — ele bufou e sorriu.

— Isso não importa para mim e eu não vou deixar você no chão no meu

banheiro gemendo de dor. — disse firme. — Vamos logo! — levantei e pedi a mão dele.

Marshall ficou me olhando por um tempo e eu continuei com meu olhar firme, então ele cedeu e segurou a minha mão. Com um pouco de dificuldade conseguiu levantar.

Coloquei o braço dele em volta do meu pescoço e o ajudei a chegar à cama, onde ficou sentado na ponta.

Acendi as luzes do quarto e fui até o closet buscar o kit primeiro socorros, eu sempre tinha um por causa do meu irmão — e boa parte por mim também, meu corpo parecia que amava o chão, eu vivia caindo por aí —, em seguida voltei para o quarto e me agachei na frente do Zedd.

— Por que não me disse que estava assim ou passou em um hospital antes? — perguntei, pegando algodão e álcool na pequena maleta.

— Eu não queria te incomodar, já vim te encher com mais coisas para fazer.

— Não estaria incomodando. O nosso combinando foi eu fazer o que você pedir, isso aqui não seria um favor. — comecei a limpar um pequeno ferimento que tinha na costela dele, estava sangrando um pouco. Ele gritou, gemeu e xingou. Eu apenas rir. — E por que não foi ao hospital? — perguntei, enquanto ele ainda reclamava da dor.

— Precisava resolver isso do celular logo e... — ele parou de falar, então o olhei. — Queria te ver... Então não me importei em ficar sentindo dor por mais um dia.

Confesso que travei. Ele estava me olhando daquele jeito de novo. O jeito que eu não sabia definir exatamente ou explicar.

E antes que o meu impasse começasse a infernizar a minha mente, voltei a cuidar dos ferimentos dele.

— Deveria ter ido ao hospital, sabe que quanto mais demorar em se

medicar, mais dor irá sentir. E sentir dor não é uma coisa agradável... — falei, tentando manter uma conversa, sabia que o olhar dele estava pesando sobre mim.

— Pelo menos é uma coisa que eu sei que ainda posso sentir... — ergui meu olhar e o vi sorrir brevemente, visto que não tinha humor.

Adiantei as coisas e fiz pequenos curativos em alguns cortes pelo seu torço, passando uma pomada para ajudar na cicatrização e não infeccionar o local.

— Vou ter que providenciar novas tatuagens para cobrir esses cortes aí... — ela falou, quando eu estava fazendo o curativo em suas costas.

— Então é por isso que você faz essas tatuagens? — perguntei.

— Sim e não.

— Explique-se.

— Eu gosto das tatuagens, e fazê-las nesses lugares específicos foram a minha válvula de escape para que minha mãe não fizesse perguntas.

— Entendi. Vai fazer alguma coisa em relação ao Oliver?

— Sim, mas não agora. Eu não vejo a hora de matar aquele filho da puta! — o mesmo fechou o punho. Resolvi não perguntar mais nada sobre, não gostava quando ele ficava sombrio.

— Fique de pé, por favor. — pedi e ele fez. Peguei um anti-inflamatório muscular em spray e apliquei nas costelas dele. — Vai ajudar com as dores. — falei quando terminei.

— Obrigado.

— Já volto. — ele assentiu e eu fui rapidamente até o quarto do meu irmão, pegando uns dos remédios dele, em seguida fui à cozinha e peguei um copo de água, depois voltei para o meu quarto. — Esse remédio vai ajudar com os hematomas. São do meu irmão, mas acho que não tem problema algum um adulto tomar.

— Não vai fazer falta para seu irmão? Eu não quero incomodar, aguento as dores até mais tarde...

— Depois que ele iniciou o tratamento, graças a Deus não precisou mais desses remédios. Tenho certeza que não fará falta. Por favor, tome. — sorri brevemente.

— Tudo bem. — ele pegou o copo e o comprimido na minha mão, então tomou o remédio. — Obrigado por isso, e me desculpe novamente por incomodar.

— Não é incomodo, Zedd, eu já disse... Mais tarde você vai se sentir melhor. Vai precisar ir ao médico ver se não quebrou nenhuma costela, o que eu fiz foi só o básico.

— Esse básico já foi de grande valia para mim... Eu não quebrei nada.

— Como pode ter certeza?

— Já quebrei a costela antes, sei como é a dor, a que estou sentindo não chega nem perto.

— Tudo bem, mas deveria ir por precaução.

— Certo... Obrigado por ser incrível... — ele segurou a minha mão e fez um carinho de leve com o polegar, e sorriu.

— Eu não sou-

— Por favor, não faça isso. — ele me cortou. — Eu acho te acho incrível! E não é só porque sabe dessas coisas de tecnologia... — o mesmo levantou e colocou o copo na cômoda, em seguida segurou a minha outra mão. — Você é linda, engraçada, gentil... E mesmo eu não sendo a melhor das pessoas, ainda se preocupar comigo... — seus olhos estavam nos meus, e como se tivesse sendo hipnotizada eu não conseguia desviar. — Onde mais eu acharia uma mulher que cuidaria de mim assim?

— Qualquer uma poderia fazer isso... A Ellis, por exemplo... — falei, e me arrependi amargamente da última frase. Não sei se deveria culpar o meu

nervosismo ou o meu coração que estava batendo tão forte que desregulava a minha respiração e visto isso eu estava prestes a ter um derrame por falta de oxigenação no cérebro.

— Talvez sim... Mas tenho certeza que ela não me faria isso... — Zedd guiou a minha mão até o lado esquerdo do seu peito, onde eu pude senti o seu coração, que batia tão escandaloso como o meu.

Não consegui proferir nada. Estava em uma mistura de confusão e surpresa.

Minha única reação notória foi uma lufada que saiu da minha boca junto com um *ai meu Deus*.

— Isso só acontece quando estou com você... — ele continuou. — Não estou mentindo. Sabe que eu não preciso disso... E mesmo não tento a certeza do que significa de fato, eu não quero que pare.

— Zedd...

— Por favor, amor...

— Por que está me chamando de amor agora? — perguntei, porque essa a questão que sempre vinha em minha mente quando ele fala *amor*.

— Não gosta? — vi o semblante dele abalar um pouco, e o mesmo tirou minha mão de seu peito.

— Gosto sim... Só quero entender porque começou a me chamar assim.

— Veio espontaneamente, e eu gostei de te chamar assim, por isso mantive... — ele sorriu.

Eu não conseguiria, mesmo sabendo que deveria mover céus e terras para tornar isso possível, eu não conseguiria.

E isso era louco.

Magia negra com certeza explicaria o que este homem estava fazendo comigo.

— Está bagunçando a minha mente, Zedd... — falei, e já querendo me

entregar, sorrir.

— Acredito que você está fazendo o mesmo comigo, Hayden... — o sorriso dele foi tão doce que mexeu com todo o meu corpo, principalmente com o que tinha no meio das minhas pernas.

Que se foda tudo.

Que eu me foda mais uma vez.

Eu não posso me negar a isso.

Não consigo resistir a maldição que será, e é, Zedekiah Marshall.

Indo contra tudo que eu pensava para me proteger de uma catástrofe iminente, me lancei para frente e selei seus lábios macios.

Uma eletricidade percorreu todo o meu corpo, desde a ponta dos pés até os fios de cabelo da cabeça, quando nossas bocas se abriram em sincronia e sua língua quente e molhada tocou a minha. Era um beijo lento e muito bem sincronizado, como se já nos conhecêssemos há bastante tempo.

Zedd levou uma mão até a minha cintura e apertou de leve. Eu já estava sentindo as minhas partes se molharem apenas com a possibilidade de tê-lo dentro de mim agora. Com a mesma mão ele me puxou para mais perto. E quando meu corpo se bateu contra o dele, o mesmo se afastou rapidamente e gemeu levando as mãos até o peito.

— Deus! — ele grunhiu.

— Me desculpa! — falei, um pouco assustada.

— Não, a culpa não é sua, amor... — ele se recompôs e se aproximou de mim, tocando meu rosto e selando meus lábios brevemente. — Não vou conseguir matar a saudade do seu corpo hoje...

Acabei soltando um gemido de reprovação. O que o fez sorrir.

— Não é a única que não gostou disso. — ele olhou para baixo e eu seguir seu olhar.

Pude ver seu pau ereto.

Eu suspirei e salivei — *juro*. Sei que foram só alguns dias sem ele, mas quando você acha o parceiro de cama perfeito, sente falta dele no mesmo instante em que ele sai de você.

— Quer que eu resolva isso pra você? — perguntei, cheia de ousadia e vontade. Aproximei-me dele, o suficiente para ter certeza de que não o machucaria, então pequei seu membro, ainda dentro da calça, e comecei a masturbá-lo.

Ele fechou os olhos automaticamente e deixou um gemido rouco e totalmente sexy escapar dos seus lindos lábios carnudos.

Era o som dos deuses.

E era extremamente prazeroso ter Zedekiah Marshall tão vulnerável assim só pra mim.

— Então, Z? — perguntei novamente.

Ele abriu os olhos para me olhar. — Ah, amor! Se você ficar resolvendo todos os meus problemas assim, vou ficar mal-acostumado... E talvez tenha que te manter em cativeiro para não correr o risco de te perder... — o moreno sorriu e me beijou com vontade.

Óbvio que entendi aquilo como um sim, então me afastei dele e apaguei as luzes, em seguida fui para cama.

Vi Zedd se ajeitar com cuidado, ainda gemia de dor ao se acomodar. Mas eu sabia que ele se sentiria melhor depois.

A cortina da janela estava entreaberta, então entrava um pouco de luz no cômodo, mas uma iluminação se fez presente, ele tinha ligado o abajur ao lado.

Olhei confusa para o mesmo, pensei que tinha acontecido alguma coisa, mas ele se explicou pelo ato.

— Quero olhar pra você... — e então sorriu.

Retribuí o sorriso e levei minhas mãos até sua calça, puxando um pouco

o tecido para baixo e tirando o seu grosso e maravilhoso membro para fora.

Não perdi tempo, me acomodei na cama e inclinei o corpo para baixo, levando minha boca até o seu pênis, passando a língua por toda a sua glândula sem cerimônia.

E logo o vi perder a cabeça para trás e gemer, fazendo-me contrair como som que saía de sua boca. Fui percorrendo com a língua — um longo caminho, diga-se de passagem — até a base do seu pênis. Abocanhei suas *bolas*, já que ele tinha gostado da primeira, não custava nada fazer uma segunda.

Seus quadris começaram a ficar um pouco inquietos, então voltei para seu membro, colocado tudo que eu consegui na boca — sem estar sendo empurrada a força —, e comecei com o vai e vem deixando minha língua livre para passar por toda sua extensão. Fui parando alguns momentos apenas para chupar com força a sua glândula e o escutar gemer rouco mais vezes.

Deus, como eu queria parar e sentar nele. Seria uma maravilha cavalgar agora. Mas não podia, tinha que ter pelo menos um pouco de bom senso — *muito difícil explicar isso para uma libido esquizofrênica* — e me confirmar que ele estava temporariamente indisposto.

Continuei com o vai e vem deixando o ir cada vez mais fundo em minha garganta, acelerando o movimento.

— Mais rápido, amor... — ele disse, entre lufadas. Então eu diminuí a velocidade. Zedd olhou para mim confuso. — Eu estava...

— Eu sei... — brinquei com o membro dele, passando a língua lentamente.

— *Ah cacete...* Você está me punindo por algo, por acaso? — perguntou, perdendo a cabeça para trás de novo.

— Não... Já sei que a culpa não foi sua por não aparecer logo, mas... você só tem o direito de gozar uma vez.

— Sacanagem...

— Aproveita.

Voltei a abocanha-lo e dessa vez fui mais rápido, como ele queria. E não demorou muito para que se derramasse em minha boca. Permaneci ali até ter certeza de que não sairia mais nada, então lentamente tirei meus lábios do seu pênis e ergui o corpo, engolindo o seu esperma.

— Sua boca é tão maravilhosa quanto a sua buceta... — ele falou depois de um tempo, eu estava o olhando se recompor. Eu acabei sorrindo, ele sabia exatamente como deixar minha moral à cima do estimado.

Passei minhas pernas por ele e me inclinei para desligar o abajur, mas quando ia saindo ele segurou as minhas pernas para que eu permanecesse lá.

— Eu quero entrar em você... — Zedd falou, me empurrado pela cintura, para que eu me sentasse em seu colo, porém eu não fiz.

— Você não pode, está machucado.

— Não vai ser uma surra que vai me impedir de foder você! — ele tentou me fazer sentar de novo, e dessa vez eu segurei as suas mãos.

— Zedd...

— Você não quer?

— Acredite, eu quero muito, mais do que o permitido para uma pessoa não ser considerada ninfomaníaca, mas não posso deixar que se machuque mais ainda. — falei sorrindo, tirei as mãos dele na minha cintura e saí de cima.

— Já está me machucando, me negando sexo. — ele fez bico, o que foi fofo.

— Não estou te negando nada. Se contente com o oral, Z... ou melhor, se contente em gozar apenas uma vez... — me ajeitei e deitei ao seu lado.

— Já disse que com você eu não consigo... — ele pegou a minha mão e levou até o seu pau, que estava pulsando.

Afrodite, porque foi dar tanto poder a esse filho...?

— Me deixa entrar em você, amor... — a voz dele soava tão gostava, creio que seria capaz de gozar com mais três *a* que ele proferisse.

— Zedd... — sim, minha voz saiu como um gemido.

— Eu sei que você quer... — senti sua mão tocar a minha intimidade, ainda por cima do meu short, e *automaticamente, necessitadamente e intencionalmente*, comecei a rebolar entre seus dedos para o contado ficar ainda mais gostoso.

— Está bem explícito que eu quero... — falei, ou gemi, não sabia mais distinguir.

— Então eu vou fazer!

Seus dedos saíram de mim, e no exato momento em que ele levantou, praguejou com a dor, deitando novamente.

— Melhor descansar, garoto teimoso. — falei.

— Não vou conseguir dormir sabendo que eu não satisfiz você... É quase um insulto isso.

Aproximei-me dele com cuidado e passei minha perna por cima da sua.
— E quem disse que eu não estou satisfeita?

— Hayden... — ele murmurou.

— Você está aqui, Z... Isso é bom... — dei um beijo em seu ombro.

— Tudo bem... Mas amanhã eu vou te foder, sem falta.

— Você pode tentar... — sorri.

— Eu vou conseguir... — ele pegou minha mão, que estava repousada em seu braço, e levou até seus lábios, beijando o dorso. — Boa noite, amor.

— Boa noite, Z. — peguei o edredom e nos cobrir, apenas até a cintura.

Espero que você tenha um propósito maior para isso Moros.

Fechei os olhos e notei que não consegui parar de sorrir. Mesmo sabendo que no final, seria quase impossível fazer isso novamente.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 21

ACORDEI E NÃO SENTI NINGUÉM AO MEU LADO. Virei-me na cama e vi que realmente estava sozinha. Novamente.

Droga de sono pesado! Eu queria ter acordado quando ele saiu.

Confesso que não estava tão decepcionada quanto da primeira vez, além de ter vários motivos para ele ter saído sem me acordar — afinal, estava sentindo dores —, no fundo eu sabia que não devia esperar que ele ficasse comigo até que eu despertasse do meu doce sono para ser agraciada com um bom dia e sorrir com a cara amassada.

Mas apesar de tudo isso, acabei sorrindo sozinha ao lembrar quando ele levou minha mão até o seu peito e eu pude sentir seu coração acelerado. Não tinha como ele mentir com aquilo — *só se ele fosse mais filho da puta do que já é* —, ele não precisava mentir. Eu era definitivamente nada. Não tinha razão alguma para ele me enganar com sentimentos.

Vamos lá, Afrodite! Você é a deusa do amor, me dá um homem certo, que dure mais de cinco meses comigo, pelo menos uma vez!

Suspirei, revirei os olhos, bufei, gritei e levantei da cama. Fui para o banheiro, tirando a roupa pelo caminho. Escovei os dentes e em seguida entrei no box, ligando o chuveiro na água quente.

Tomei um banho com calma e lavei meus cabelos. Quando terminei, enrolei a toalha no corpo e saí do banheiro. Dei um sobressalto assustada ao ver que o Zedd estava sentado na minha cama.

— *Inferno!* — levei a mão ao coração.

— Você se assusta muito fácil. — ele falou, dando risada. O mesmo estava de calças jeans, uma camisa estampada diferente da noite anterior e descalço. Cheirava bem também, mesmo de longe pude sentir o cheiro do seu perfume amadeirado.

— Você que gosta de me assustar com esse jeito sorrateiro de aparecer!

— Me desculpa. — ainda estava rindo. — Vim te acordar e vi que estava tomando banho, então esperei aqui. Devo ganhar um crédito por não ter te assustado lá dentro, como das outras vezes.

— Tudo bem. Se sente melhor? — eu ainda estava parada perto da porta do banheiro.

— Sim... Ainda sinto umas pequenas dores, mas são quase imperceptíveis.

— Isso é bom. — sorri.

— Obrigado pelo que fez.

— Não precisa me agradecer toda hora. Eu vou vestir a roupa e preparar o café da manhã do meu irmão, aí vou terminar de resolver as coisas do seu celular.

— Ok, mas antes, vem aqui!

Caminhei até ele e o mesmo me puxou para mais perto, ainda sentado na cama, eu fiquei entre suas pernas.

— Acho que estou te devendo uma coisa... — disse ele com o típico sorriso malicioso que me fazia derreter por dentro. Suas mãos foram nas minhas coxas, subindo lentamente.

Deus!

— Não me lembro de dívida nenhuma... — fale suspirando pesadamente, pois suas mãos já estavam chegando lá.

— Eu lembro. Esse tipo de coisa eu não esqueço assim tão fácil.

Zedd arrancou a tolha do meu corpo e jogou-a no chão. Com extrema

agilidade e velocidade, levantou da cama e me jogou na mesma, colando seu corpo no meu e selando meus lábios.

Suas mãos apartavam a minha cintura enquanto sua boca se divertia com a minha, me beijando de forma prazerosa, lasciva e viciante.

Seus lábios saíram dos meus e foram para o meu pescoço, dessa vez o chupando com mais forma.

Ele estava deixando marcas.

Marshall foi fazendo uma trilha de beijos molhados até chegar aos seus seios, onde com muito gosto abocanhou um enquanto seus dedos brincavam com o mamilo do outro. Meus quadris se arqueavam sabendo que em breve ele estaria *lá*. Da minha boca escapavam gemidos entre lufadas.

Depois de revezar entre meus seios, me proporcionando prazer que só ele sabia como aplicar e explorar, e de me deixar encharcada entre as pernas, Zedd foi descendo, beijando lentamente a minha barriga. Arrancando-me gemidos ainda mais altos — essa hora da manhã e eu já estou acordando a vizinhança com meus gritos. *Cristo! Espero que meu irmão não acorde agora.*

Sua língua passou pela minha *vênus* e foi para parte interna da minha coxa, onde ele beijava e mordiscava. Eu já estava a ponto de explodir.

E no exato momento em que sua língua quente passou por mim de forma macia e extremamente molhada, eu levei as mãos na boca para abafar o gemido alto. E ele ficou assim; lambendo-me de baixo para cima, como se eu fosse o sorvete mais gostoso que ele estivesse provando naquele momento.

Olhei para baixo e vi o moreno ajoelhado. Seus olhos encontraram-se com os meus e então ele abocanhou minha intimidade e chupou com força.

Perdi as estruturas.

Joguei a cabeça pra trás, mordendo meus próprios dedos para não fazer muito barulho. Zedd levantou as minhas pernas, apoiando-as na cama e

passou os braços pela minha coxa, me segurando com força. Sua boca ainda me chupava com força e sua língua estava passando exclusivamente pelo meu clitóris, fazendo meu orgasmo se aproximar rapidamente.

— Ah, merda! Eu vou pra *Valhalla*! — murmurei, sem filtro algum do que tinha dito. Senti os lábios de Zedd se moverem para um sorriso

— *Valhalla?* — ele perguntou, parando apenas a intensidade da *chupada*.

— É um majestoso e enorme salão com quinhentas e quatro portas, situado em Asgard, dominado pelo deus Odin... — falei, porque é assim que funciona; falar coisas sem nexo e não pensar com coerência em momentos inapropriados.

Marshall gargalhou.

— Não acredito que você disse isso! — ele me deu um selinho lá, ainda rindo. A risada dele era tão gostosa assim.

— Eu também não... Então só continua aí... — elevei meus quadris.

— Continuo sim, nerd.

Ele ainda estava rindo e seu rosto estava próximo da minha intimidade, então as lufadas chegavam lá, até isso era bom, e me fazia gemer manhosa.

Zedd voltou a me chupar com força e tudo que eu conseguia fazer era me contorcer. *Abençoada seja essa boca e que nunca mais ela vá pra longe de mim novamente*. Minhas pernas tremeram com o sinal do orgasmo iminente. Ele me segurou com mais força, então sua majestosa e habilidosa língua desencadeou o meu longo, intenso e maravilhoso orgasmo, que me fez gritar.

O mesmo ainda continuou me chupando, enquanto eu tentava me afastar e recuperar o fôlego, sem contar que minhas pernas ainda tremiam. Satisfeito, o moreno saiu do meio das minhas pernas e juntou seu corpo ao meu novamente, me beijando.

Beijá-lo com meu gosto da boca dele era bom. Mas eu não mantive o

beijo por muito tempo porque estava sem fôlego de vida pra isso. E ainda sedenta, como uma ninfomaníaca há cinco dias sem sexo, levei minha mão até o seu membro e apertei com força, o que o fez arfar. Mas Marshall simplesmente tirou minha mão de lá e sorriu. Então eu levei minha outra mão até o seu membro, o filho da puta repetiu o processo, e dessa vez subiu em mim e segurou minhas mãos no topo da minha cabeça.

— Seu fogo de ontem já passou? — perguntei.

— Pelo visto passou pra você, não é? — ele ergueu as sobrancelhas, sorrindo.

— Não, aqui é de dias acumulados.

— Não vi nada disso hoje pela madrugada. — retrucou.

— Ora essa! Você estava com dores, não ia dar conta!

O moreno bufou.

— Então é isso? Está me castigando?

— Não. — ele desceu o corpo e passou a língua pelo meu mamilo. Eu, óbvio, gemi. — Mas a moça aqui tem responsabilidades e um irmão de dois anos para cuidar. — disse, me dando um selinho e saindo de cima de mim.

— *Jesus Cristo!* — levantei da cama rapidamente. — A culpa foi sua! — gritei indo para o closet.

— Vai dizer que não gostou? — gritou de volta.

Peguei minhas roupas e voltei para o quarto.

— Dizem que sexo pela manhã melhora o humor... — ele continuou, se jogando na cama.

Eu sorri.

— Então você pretende me estressar? — perguntei, vestindo a calcinha.

— Não... Irei melhorar ainda mais o seu humor... — o mesmo estava com o sorriso malicioso, então levantou da cama e caminhou para porta. — Estamos te esperando na cozinha.

— Estamos? — perguntei confusa.

— Seu irmão acordou quando eu estava na cozinha, fiz o café da manhã dele. — piscou e então saiu do quarto.

Meu sorriso acabou aumentando. Ele estava atencioso e nada intimidador.

— Desse jeito vou querer que você leve mais surras, Marshall... — sussurrei sozinha terminando de me vestir.

Voltei para o closet e peguei meu creme de cabelo, passando uma pequena quantidade nos fios, em seguida passei desodorante e saí do closet. Peguei meu celular no criado-mudo e saí do quarto, indo direto para a cozinha.

Chegando ao outro cômodo, vi meu irmão na cadeira do balcão, ainda de pijamas, e comendo. Passei por ele e dei um beijo em sua testa.

Zedd sorriu para mim e me entregou um prato com torradas e um copo com suco, tinha preparado o café da manhã.

— Obrigada. — eu me sentei e ele em seguida. — Como sabia que ele comia isso pela manhã? — perguntei ao moreno, na tigela do Luckian tinha exatamente o que eu colocava para ele.

— Eu perguntei, ele disse que comia *coisinhas duras* e fruta com leite. Dei risada.

— E como você acertou o que era as *coisinhas duras*?

— Olhei nos armários as possíveis coisas que poderia servi para o café da manhã e que se encaixasse nesse quesito, então achei a granola e perguntei se era isso, ele disse que sim. — Zedd sorri de novo e volta a comer, eu faço o mesmo.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 22

DEPOIS QUE TERMINAMOS NA COZINHA, LEVEI MEU irmão até o banheiro para dar banho nele. Tirei o seu pijama e liguei o chuveiro, guiando-o para debaixo da água.

O pequeno coçou os olhos, sonolento, mas eu não podia o deixar voltar a dormir, prometi para mim mesmo que iríamos sair hoje. E também, ele tinha que comparecer a quimioterapia mais tarde.

— Mamãe, Hay? — ele perguntou, enquanto eu o ensaboava, então eu travei.

Não sabia como explicar que a mãe dele estava morta e que o responsável por isso estava deitado no sofá da minha casa, que o mesmo me deu, e que eu mantenho relações sexuais e trabalho para ele.

Inferno!

— Hay? — meu irmão me chamou de novo. — Mamãe?

— Ela... ela foi... — comecei a pensar no que dizer. Eu não queria mentir para ele, todavia falar a verdade não era possível. Talvez ele me odeie quando estiver mais velho, mas aí eu irei apelar e dizer que foi graças a mim que ele está vivo e contar que a Natasha era um péssimo ser humano e uma péssima mãe. Ou talvez eu conte a versão que a polícia sabe; que um dos seus amantes a matou. — Ela teve que fazer uma viagem inesperada... — falei, visto que foi a única coisa que eu consegui pensar.

— Viagem?

— Sim... E quando você ficar melhor, sem ter que ir curar o *dodói* a gente vai visitá-la... — no cemitério é claro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Cristo! É minha mãe, eu estou sendo insensível.

Mas é a realidade!

— Tá bom! — disse o Luckian, sorrindo.

Desculpa por isso, pequeno. Mas é o melhor pra você não saber a verdade, não iria entender se eu tentasse explicar como me tornei essa merda aqui.

Terminei de ensaboar seu corpo e então liguei o chuveiro novamente para enxaguar, em seguida peguei a toalha e o enxuguei. Saímos do box e fomos para o quarto. Peguei roupas limpas no guarda roupa e o vestir.

— Sabe onde vamos? — perguntei a ele, que balançou a cabeça negando. — Ao parquinho!

O mesmo sorriu e ergueu as mãos, comemorando.

— Ok. Vou terminar de arrumar as suas coisas e já vamos, pode ficar na sala com o Zedd?

— Zedd. — ele assentiu.

— Isso. — e então saiu do quarto correndo. *Só espero que ele não tenha caído no meio do caminho.*

Peguei a mochila que estava na cômoda e então comecei a arrumar as coisas dele, colocando os remédios e roupas limpas. Nesse momento, meu celular tocou e eu tirei do bolso para atender.

Era o meu pai.

E automaticamente eu lembrei que não tinha contado para ele sobre a Natasha. Então a ligação pela terceira vez no mês seria por isso, sem dúvidas.

— Oi, pai. — disse atendendo, minha voz saiu trêmula.

— Oi, Hayden... — arrastou a voz e suspirou. Ele sabia. — Você está bem, filha?

— Sim... Eu acho...

— Eu sinto muito que... Eu sinto muito pela sua mãe. Me informaram o que aconteceu hoje. Você estava lá quando-

— Não, não estava. — respondi rápido.

— Certo. Seu irmão está bem?

— Está sim... — eu suspirei, devido ao silencio que se instalou. — Eu não vou conseguir contar pra ele...

— Calma filha, ele é muito novo para entender essas coisas. Você não precisa contar agora, ok?

— Não posso ficar mentindo pra ele sempre! A Natasha era uma porcaria de pessoa, mas o Luckian, não sei como, gostava dela

— Oliva! Não fale assim da sua mãe. Ele é uma criança, quando você tinha a idade dele também amava a sua mãe.

— O senhor também a amava ... — falei baixo.

— Amava sim. — ele respondeu depois de um tempo. — Mas as coisas são totalmente diferentes.

— Eu sei.

— Você está bem mesmo?

— Sim. — menti, e agradei por ele não está na minha frente agora, senão saberia disso. — Estou tentando me adaptar à nova vida.

— Eu vou tentar adiantar as minhas férias. Em alguns dias irei te ver, filha.

— Quantos dias exatamente?

— Talvez dez ou mais, por quê?

— Bom... Eu... — pelo menos essa mentira já estava mais elaborada e eu não tinha que pensar muito. — Eu consegui um novo emprego.

— Não me contou que tinha perdido o primeiro.

— Eu não perdi, apenas troquei por esse que é melhor.

— Isso é ótimo. E qual a sua função?

— Vou trabalhar na segurança de um cassino.

— Isso é bom! Até que enfim um trabalho que tem a ver com o que você se formou. Ainda não sei como você aceitou ser camareira.

— Achei extremamente humilhante eu ser formada em tecnologia da informação e trabalhar em uma copiadora, pelo amor de Deus!

Ele deu risada. Eu acabei acompanhando, sentia falta de rir com ele.

— Mas eu me lembro muito bem de conseguir duas vezes um emprego pra você na *Microsoft* e você negou.

— Eu seria demitida logo no primeiro dia. Os *softwares* da *Microsoft* não são os melhores.

— Tudo bem, espertinha. Tome cuidado com esse novo emprego, cassinos tem uma fama duvidosa.

— Irei tomar. E pai...

— Sim?

— O emprego não é aqui em Londres...

— Onde então?

— Vegas. — ele ficou mudo ao telefone. — Pai?

— Você está brincando?

— Não. O emprego é realmente em Las Vegas.

— É muito longe pra você, Hayden.

— Eu sei, pai. Mas é um ótimo emprego, perfeito pra mim, eu preciso ficar com ele.

— É em outro país, filha.

— O senhor também está em outro país.

— Não faça isso, Hayden. Sabe que a minha vontade é largar tudo e ficar com você, aí em Londres, mas eu fiz um compromisso e jurei servir, não posso fazer isso.

— Eu sei... — resolvi apelar. — Não posso ficar aqui nessa casa,

acordando todo dia sabendo que minha mãe foi morta a sangue frio na cozinha. — senti meus olhos marejarem, mas eu não estava apelando com isso, ainda tinha um choro entalado na minha garganta. — Eu preciso ir. — falei por fim.

— Tudo bem. Você é de maior, pode decidir o seu caminho. Precisa de alguma coisa para a viagem?

— Não, o meu chefe vai providenciar isso.

— E moradia?

— Ele também vai providenciar...

— *Rmmm...* — ele murmurou, e eu sabia que estava desconfiado. — Segurança de um cassino... Como você conseguiu isso?

— Bom... É... A gente pode conversar sobre isso quanto o senhor estiver de férias!

— Certo. Quando se acomodar em Vegas me ligue para passar o endereço da sua moradia.

— Claro.

— Tente ficar bem, e cuide do seu irmão.

— É o que eu sempre fiz desde que ele nasceu.

— Você é uma ótima irmã. Eu te amo, filha. Espero que os dias passem logo, estou ansioso para te ver.

Sorri. — Eu também, Major. Soube que em Vegas tem muitas feiras de carros antigos, podemos ir lá. — dessa vez falei um pouco mais empolgada.

— Não sabia que ainda gostava disso.

— Nunca parei de gostar.

— Isso é maravilhoso! — eu sabia que ele estava sorrindo como uma criança. — Tenho que desligar, filha.

— Tudo bem, até alguns dias... Te amo, pai.

— Eu também te amo, Hayden, nunca esqueça disso.

— Eu sei. Tchau.

— Tchau. — desligou a chamada.

Suspirei e soltei o ar com força. Eu nem deveria ter contado do cassino para ele, era pra dizer que era garota propaganda da *Versus*. Ele iria achar *super* esquisito, mas eu teria as fotos para provar com mais certeza.

Talvez ainda dê tempo de eu dizer que estava só brincando com ele.

Mandeí mensagem para Ste vim aqui em casa para irmos ao parquinho, e de lá ela levaria o meu irmão para clínica. Terminei de arrumar as coisas do Luckian e então saí do quarto. Encontrei o Zedd brincando com meu irmão na sala. O pequeno estava gargalhando com as cócegas que o moreno estava fazendo.

Era uma cena bonita de se ver. Esquisita, mas bonita. Acabei sorrindo boba.

Zedd não era uma pessoa ruim, só tinha um pequeno lado homicida que aparecia quando estava com raiva. E eu não o culpo muito por isso, afinal, ele tinha pegado a briga do pai por um bem maior. Assim como eu tinha assaltado a casa dele pelo bem do Luckian. *Os fins justificam e determinam os meios*.

Tirando o lado agressivo, ele era uma pessoa normal.

— Ah! Oi, Hayden... — disse Marshall, um pouco sem jeito, quando notou minha presença na sala. — Eu estava brincando com ele...

— Não tem problema. Rir não faz mal algum. — falei, caminhando até poltrona e sentando.

Peguei meu notebook e o celular do Zedd, para terminar de configurar o vírus.

— Eu tive que fazer uma ligação, atrapalhei alguma coisa? — ele perguntou.

— Não. Está tudo no lugar.

— Ok. — o moreno voltou à atenção para o meu irmão, pegando-o no colo e girando com ele. — Oh!

Enquanto os garotos se divertiam, continuei o meu trabalho. Peguei uma lista de números e adicionei no programa do vírus, então comecei a transferir para o celular do Zedd. Depois que processo concluiu, retirei o primeiro programa que colocaram celular e adicionei um extra; que passava a localização errada também.

— Você seria um ótimo pai. — falei, olhando para o moreno que se divertia com o Luckian.

— Não mesmo! — ele respondeu rindo.

— Eu acho que sim. O Luckian adorou você, senão não estaria brincando assim.

— Eu nem gosto de crianças.

Bufei.

— Sabe nem menti.

— Ok... Eu posso até gostar das crianças dos outros, mas tenho certeza que seria uma merda com as minhas.

— Olha a boca! — o repreendi rindo.

— Está vendo? Coitado do meu primogênito!

Continuei rindo e ele me acompanhou.

Voltei à atenção para o notebook e vi que o segundo programa já tinha executado, então desconectei o celular do Zedd.

— Prontinho. — falei. — Pode dizer ao Dakota que ele deve cinco mil ao James.

— Duvido que eles tenham levado a aposta a sério... Você é muito rápida! — Zedd colocou meu irmão no sofá e sentou no chão ao meu lado.

— Coisas de celular são mais fáceis e só foi um vírus que coloquei. — entreguei o celular a ele.

— Ou outros me pediam um dia para fazer qualquer coisa.

— Aí você também só estava contratando pessoas ruins! Tirando o programa pra invadir sistema de segurança, o resto é fácil.

— Fácil pra você, nerd. — ele se inclinou e me deu um selinho. — Obrigado.

Estava começando a duvidar se tinha realmente acordado, porque ele estava um *sonho*. E minha carência estava gritante nesse momento.

— Eu bloqueei a geolocalização também.

— Maravilha!

— Quem quer que tivesse acesso ao seu celular, não tem mais. O vírus expulsou. Mas caso alguém seja tão espero quanto eu e consiga entrar novamente, o vírus vai agir e passar as informações erradas. Então, senhor Marshall, você está devidamente protegido. — falei sorrindo travessa.

— Vamos voltar ao senhor? — ele ergue uma das sobrancelhas.

— Eu até que gostei. — dei de ombros.

— Ah é... — agora estava sorrindo com malícia. — Talvez eu exija isso depois quando você estiver sob minha dominação...

Eu nem sabia qual reação esboçar. Estava surpresa, com medo e excitada.

— Controle-se, tem uma criança na sala. — falei, tentando parecer que não tinha me abalado.

— Ele nem entende nada.

— Não significa que você não tenha que ter modos. Crianças adoram repetir palavras que não sabe o que significa.

— Tudo bem, Olívia.

— Não! — *brandei*.

Ele gargalhou.

— Eu não gosto que me chamem por esse nome.

— É um nome bonito.

— É nome de velha.

— Ora essa! — ele me olhou confuso.

— Não me chame assim, ok?

— Vamos ver se você será uma boa garota... — e lá estava, seu lindo par de olhos castanhos extremamente brilhosos junto com seu sorriso maravilhoso.

Isso não ajudava muito a minha libido.

Ainda mais porque eu queria a boca dele no meio das minhas pernas de novo.

— Vi a mensagem que você mandou. — desse ele, tirando-me do meu devaneio. — Adorei o tom de deboche. — ele soltou um riso anasalado. — O dinheiro é seu.

— Eu não pedi nada, vou mandar de volta pra sua conta.

— Eu não lhe dei nada.

— Ah, tá bom! Porque a *versus* é minha! — falei, com uma carga demasiada de ironia.

O moreno riu.

— Você fez uma campanha para *versus*, eles apenas lhe pagaram o que estava no contrato, problemática! Não tem como você trabalhar sem que eles te paguem, e mesmo sendo meus empregados, vão achar bem estranho se eu mandar cancelar o seu pagamento.

— Entendi. E tem que ser aquilo tudo?

— Sim. Vai receber por mês até o fim do contrato.

— *Meu Deus!*

— E não tente me devolver depois, vou ficar chateado se fizer isso.

— Tudo bem, pra você não vai fazer falta mesmo... — dei de ombros, voltando à atenção para o notebook.

— Não mesmo. — disse ele, sem nenhuma modéstia e sorriu. — Pretende sair?

— Sim, vou levar meu irmão no parquinho. De lá ele vai para clínica e eu volto pra casa.

— Certo. Antes de sair posso te mostrar uma coisa no meu apartamento?

— Se for pra me provar o que você falou ontem, não precisa-

— Não é por isso. — ele me cortou. — Eu quero que você veja. — falou sorrindo.

— Por quê?

— Porque você disse que eu deveria mostrar mais do que só o cara rico. — o sorriso dele aumentou, e eu me peguei sorrindo também.

— Tudo bem. — coloquei o notebook na mesa de centro, deixando que o programa em processo, e levantei.

Peguei a mochila e coloquei nas costas, então carreguei meu irmão no colo.

Zedd levantou do chão e me acompanhou até a porta.

— Você está descalço! — alertei-o quando saímos do apartamento.

— Eu sei. Iria ficar por aqui.

— Ah!

— Importa-se?

— Não, não. Só não bagunce minhas coisas, Marshall. — falei contendo um sorriso.

— Ficarei cheirando suas calcinhas enquanto você está fora.

Tive que gargalhar.

— Perverso!

Entramos no elevador e Zedd apertou o botão para o terceiro andar. Quando o mesmo chegou ao destino, saímos e caminhamos até o apartamento

setenta e três. Marshall parou na porta e tirou as chaves do bolso do seu jeans.

Confesso que estava ansiosa e curiosa. Ele abriu a porta e me deu passagem. Coloquei meu irmão no chão, segurando a mão dele, e entramos.

O apartamento não era mobiliado, como ele disse, e tinha vários quadros enormes e tinta em spray espalhadas pela sala. Eram desenhos bastante expressivos e coloridos.

Mais um talento para enaltecer esse deus.

— São lindos! — falei extasiada, passando a mão por um quadro que estava com o desenho inacabado. — Você é muito bom! — olhei para ele, que estava encostado na porta.

— Gostou mesmo? — ele se aproximou de mim.

— Claro que sim! — minha voz era cheia de empolgação. — São maravilhosos. Você deveria deixar na sua casa para que vissem...

— Não, não. Isso aqui é uma coisa particular... — ele coçou a nuca e me pareceu pensar no que dizer. — Vem, vou te mostrar os outros.

— Tudo bem. — como eu tinha soltado a mão do meu irmão para dedilhar o quadro, ele tinha ido pra longe de mim. — Não toque em nada, Luck! — o mesmo me olhou e assentiu.

Zedd segurou a minha mão e me levou até um quarto, e nada diferente da sala, também estava repleto de quadros enormes, ainda mais bonitos, e nesse cômodo a parede estava grafitada.

— Deus! — exclamei, ainda mais empolgada.

— Esse aqui vai ser seu... — ele moveu alguns quadros do lugar e revelou um inacabado, era de personagens da Marvel.

— Mentira? — perguntei boquiaberta.

— Estou falando sério. Pensei em termina por esses dias, mas aconteceu aquele imprevisto e não deu tempo. Como não tenho nada pra fazer irei

terminar hoje.

— Ah, obrigada! — acabei voando nele e o abraçando. — Melhor presente de todos! — falei sorrindo.

Zedd passou as mãos na minha cintura, e as minhas foram para os seus ombros.

— Se eu soubesse que você ia ficar tão feliz assim, tinha terminado antes. — ele sorriu e me deu um selinho.

— Se eu soubesse que você grafitada, tinha pedido pra fazer um pra mim antes.

— Não sabia se era uma coisa que valia a pena contar...

— Claro que sim! Então, o que mais você sabe fazer? — perguntei, adentrando minha mão esquerda nos fios da sua nuca. O cabelo dele estava maior, e com isso perdendo o corte.

— Não sei. — o mesmo deu de ombros, me fazendo andar até dar de encontro com a mesa.

— Eu sei que você sabe cantar...

— Cantar todo mundo sabe.

Revirei os olhos. — Você sabe cantar bem.

— Acha mesmo?

— Por que duvida tanto?

— Não sei... Acho que porque ninguém me disse isso... Eu faço essas coisas porque gosto.

— Deveria deixar que mais pessoas soubessem disso, assim você veria o quanto é bom. E até ficaria feliz por ter mais pessoas elevando o seu ego.

O moreno sorriu, então me pega pela cintura e me coloca sentada na mesa. Seus lábios foram nos meus, me pegando de surpresa, suas mãos entram na minha camisa, apertando a minha cintura com força.

— Zedd... — gemi em sua boca.

— Sim, *babe*...? — seus lábios saíram dos meus e foram para o meu pescoço. — Não sabe como eu quero tirar a sua roupa e te foder aqui nessa mesa.

Sua voz soou rouca, sexy e totalmente convidativa.

— Adoraria que isso acontecesse, mas não podemos. — falei, afastando-o um pouco de mim.

— Eu sei... — ele sorriu descaradamente e subiu as mãos, indo para os meus seios. — Eu estava com saudades de você... — seus lábios tocaram o meu pescoço novamente. — E do que fazemos de melhor...

— Por que tão bom...? — apoie-me nas mãos e perdi a cabeça pra trás, aproveitando aquela massagem gostosa.

Mas então ele parou do nada. O que me fez perder a força nos braços, porém eu não caí.

— *Inferno!* — murmurei.

— Não podemos agora... — ele disse sorrindo, enquanto eu tentava me recuperar do tesão que começou a ser explorado.

— Então por que está me esquentando? — perguntei, um pouco irritada.

O moreno rir. — Eu adoro o jeito que você fala. — ele me puxou para mais perto.

— Pensei que odiasse meu linguajar suburbano. — retruquei, erguendo uma das sobrancelhas.

— Quando eu não entendo eu odeio mesmo... — o moreno sorri e fica um tempo me olhando, analisando o meu rosto.

— Por que está me olhando assim?

— Porque seu rosto é lindo... E porque eu gosto.

— Do meu rosto?

— De você...

Isso foi o suficiente para o meu coração começar a bater mais forte e mais rápido. Eu podia escutar as batidas frenéticas como se tivesse diretamente em meu ouvido.

Zedd se inclinou para me beijar, mas o momento foi interrompido porque eu escutei um barulho vindo da sala.

— Cristo, meu irmão! — desci da mesa e fui correndo para sala, encontrei o Luckian no chão e todo sujo de tinta. — Luck!

— Caiu, Hay! — ele fez bico.

— Caiu porque você mexeu no que não devia. Agora vou ter que trocar as suas roupas. — levantei-o do chão e segurei a sua mão.

Quando olhei para trás, Marshall já estava na sala.

— Desculpa por isso. — falei.

— Está tudo bem. — disse brando.

— Vai ficar aqui?

— Sim. Vou terminar o seu quadro e depois pegar umas coisas em casa e passar no médico.

— Certo. — assenti.

— Mas irei voltar para dormir com você. — ele completou.

Eu sorri.

— Tudo bem. Até daqui a pouco, Z.

O mesmo se aproximou de mim e me beijou de forma lenta e terrivelmente excitante. Juro que se meu irmão não tivesse ali, teria arrancado as minhas roupas e derrubado esse homem no chão para fodermos em meio a essa bagunça.

Ele terminou o beijo depositando alguns selinhos em meus lábios e então se afastou.

— Até mais tarde, amor. — ele sorriu de forma fofa, o que fez seus olhos se fecharem um pouco.

Afrodite, consulte Atena antes que eu fique ainda mais perdida por esse homem, que claramente não é uma escolha sabiá.

Segurando na mão do pequeno, saímos do apartamento. Fomos para o elevador, e eu apertei o botão para o meu andar.

Assim que saí do elevador e caminhei até o meu apartamento, encontrei a Ste em menção de bater na porta.

— Estou aqui! — gritei.

— Oh! Você saiu sem mim?

— Não. Estava no apartamento do Zedd, ele queria me mostrar umas coisas. O Luckian acabou se sujando com as tintas então vim trocar a roupa dele. — o pequeno dá risada.

— Ah! Oi, lindão. Sapeca você, *hein?*

— Oi, tia Ste! — diz empolgado.

— Então o moço resolveu aparecer? — ela me perguntou.

— Sim. Ontem à noite, depois que você foi embora...

Abri a porta e dei passagem para ela entrar. Fomos direto para o quarto do Luck. Por sorte ele só tinha sujado as roupas, então não precisava de um outro banho.

Tirei as roupas dele e fui no guarda-roupa pegar novas, voltando para o pequeno em seguida.

— Então, o Zedd está bem? Se explicou pelo sumiço?

— Sim é sim. Ele teve problemas com os problemas dele... Acabou viajando para resolver e ficou temporariamente sem usar o celular.

— Ah!

— Levanta os braços. — pedi ao meu irmão, ele fez. Passei a camisa em seus braços para vestir.

— Isso aí é um chupão? — perguntou a Ste do nada, me fazendo dá um sobressalto.

— Não! — menti, e acabei levando a mão no pescoço, o que causou uma leve dor no local.

— Então está mesmo se envolvendo dessa forma com ele... — ela disse, e eu botei decepção em sua voz.

— Não me julgue por isso, por favor. — virei-me para olhá-la.

— Não estou de julgando, Hayden. Apenas me importo com você, e acredito que você merece coisa melhor. Eu te conheço o suficiente para saber que você se apegua muito fácil as pessoas.

— Eu sei muito bem separar sexo casual de compromisso.

— Isso quando você só transa uma vez com a pessoa e ela não é tão boa assim.

Às vezes eu odiava a forma com que ela me conhecia bem.

Virei-me para o meu irmão, terminando de ajeitar sua roupa.

— Não estou esperando nada do Zedd, sei onde estou me metendo.

— Saber onde está se metendo não vai te prevenir de sair magoada com essa história acabar... E se acabar, *né*.

Eu não disse nada. Não sabia o que dizer. Apenas fiquei parada, agachada, olhando para o chão.

— Você sabe até eu te amo, e que é uma irmã para mim... Só estou dizendo isso porque me importo com você.

— Eu sei, Ste... — disse depois de um tempo.

— Só tome cuidado, ok?

— Ok. — olhei para mesma e sorri brevemente.

Capítulo 23

ALGUMAS HORAS DEPOIS, JÁ NO PARQUINHO, DEIXEI MEU irmão brincando com algumas criancinhas e fiquei sentada em um banco, não muito longe de onde ele estava, com a Ste conversando e tomando sorvete.

— Meu pai me ligou hoje. — disse eu.

— Acho que essa regra de uma vez por mês não está valendo mais.

— Bom, dessa vez foi novamente por conta da Natasha...

— Oh, céus! Eu até esqueci o que tinha acontecido com a sua mãe. — ela disse como se fosse o maior dos absurdos.

— Tudo bem. Eu acabei me esquecendo de avisar ao meu pai... Ele vai vim me visitar em alguns dias.

— Em alguns dias você não vai estar em Las Vegas?

— Sim, eu disse a ele. Acabei contando o que não devia, era pra dizer que estava trabalhando como modelo e não que ficaria na segurança de um cassino.

— Misericórdia! O que ele disse?

— Convenhamos que o meu pai acharia mais estranho eu ser modelo fotográfica do que trabalhar em um cubículo cheio de câmeras de um cassino, porém ele deu uma desconfiada por causa do lugar. Mas eu vou desmenti o que eu disse, falando que estava brincando. Sei que é pouco provável que isso aconteça, mas se o meu pai ver essas fotos do catálogo da *versus* eu não vou ter onde enfiar a minha *cara*, e não consigo mentir pra ele.

— A coisa da sobrancelha, *né?* — perguntou ela, rindo.

— Sim. Isso é uma droga!

— Não sei porque eu nunca reparei...

— Porque eu não minto pra você.

— Acabou de mentir.

— Não menti, não! Mentir é diferente de omitir. Tipo se você perguntar se eu estou bem e eu não estiver e falar que sim, aí eu estou omitindo, é mais fácil. E acho que nesses termos minha cara não me denuncia.

Ela murmurou um *rumm* e ficou me olhando com os olhos semicerrados.

— Pare com isso Stephanie! Eu não vou me entregar pra você, nem faço de propósito. Acha que eu quero que saibam que estou mentindo?

— Provavelmente não.

— Obviamente que não. — retruquei.

Ficamos em silêncio por um tempo, então eu me lembrei de um compromisso aleatório. Peguei meu celular no bolso e abri o aplicativo do *instagram*. Ia tirar uma foto do Luckian, mas por motivos de segurança, achei melhor não o expor, então me juntei com a Ste e tirei uma foto.

— Eu devo colocar o lugar onde estou? — perguntei confusa.

— Parece a minha avó mexendo nas redes sociais. — minha amiga gargalhou.

— Você pare com isso, sabe que eu não sou de ficar usando essas coisas. — escrevi uma legenda aleatória e postei a foto. — Prontinho.

Olhei o *direct* e vi que tinha mensagens de pessoas que eu não conhecia, mas por educação iria responder depois, então procurei a única que me interessava; *Dylan Thomas Sprouse*. Mas bufei frustrada por não encontrar nada lá.

— O que foi? — Ste perguntou.

— O Dylan ainda não me respondeu.

— Ah tá! E quando responder, o que você vai fazer?

— Ora essa, marcar um encontro!

— E o Zedd?

— O que tem?

— Você não estar com ele...?

— Claro que não, sou livre e desimpedida. Posso ficar com quem eu quiser.

— Tá bom...

— Pare com isso!

— Eu não estou fazendo nada. — ela deu um riso cínico. — Vou buscar outro sorvete, quer?

— Não, não.

— Ok. — a mesma levantou e foi caminhando em direção ao vendedor de soverte do outro lado do parquinho.

Nesse momento fiquei olhando para o meu irmão, que corria alegremente com outras crianças. Era tão bom vê-lo assim, cheio de vontade para brincar. Antes do tratamento era quase impossível ele ter esse *pique* todo, alguns minutos brincando e ele já ficava cansado, quase apagando, e os hematomas apareciam. Em parte, eu sei que ele estava cansado e que gostaria de dormir, mas que estava feliz tão em brincar que ignorava toda essa vontade.

Meu celular tocou, olhei para o identificador de chamada e vi que era a advogada, atendi rapidamente.

— Olá, Hayden.

— Oi, Beatrice.

— Tenho notícias. O resultado do exame já saiu.

— E? — minha voz saiu trêmula, toda a vida do meu irmão iria depender de qual seria a resposta dela.

— O Senhor D'Ângelo é o pai do Luckian.

Minha respiração ficou presa no peito, e uma súbita vontade de chorar se fez presente.

— Hayden? — a advogada me chamou ao telefone.

— Estou aqui! — falei, e notei que minha voz estava embargada. — Fico feliz com isso... O senhor D'Ângelo já sabe?

— Sim, eu o informei. Em alguns dias os papéis ficaram prontos e ele poderá assumir a paternidade da criança.

— Isso é ótimo. — nenhuma empolgação na minha voz.

— Rodrigues pediu para visitar a criança hoje, pois ficou muito feliz com a notícia.

— Ele já quer levar o meu irmão? — notei um tom de desespero em minha voz.

— Não, querida. Apenas visitá-lo para conversar.

— Ah. Acho melhor que fique pra amanhã, Luckian tem quimioterapia hoje e vai ficar muito cansado quando voltar.

— Tudo bem, irei informá-lo disso.

— Certo.

— Tenha um bom dia, Hayden, até breve.

— Igualmente. Até. — ela desligou a chamada.

Guardei o celular no bolso e fiquei olhando para o meu irmão, resistindo à vontade de chorar.

— O que foi, Hayden? — perguntou a Sté, sentando-se ao meu lado.

— A advogada ligou.

— E o que foi que ela disse pra você ficar assim?

— Que o Rodrigues é o pai do Luckian.

— Isso é ótimo! Não era o que você queria?

— Sim.

— Então por que está triste?

— Porque eu vou ficar longe do meu irmão... — agora eu estava chorando.

— Oh, meu Deus! — ela me abraçou. — Vai ser só até você voltar, Hayden... Você mesmo disse que o Rodrigues falou que você vai poder vê-lo a hora que quiser.

— Eu sei... — afastei-me, limpando as lágrimas.

— Ele vai ficar bem.

— Eu espero que sim... sou uma merda de irmã mais velha.

— Pare de falar isso, você fez um sacrifício enorme por ele... errado, mas ainda assim foi para ajudá-lo. Olhe para o Luckian, quando você o viu tão sapeca e cheio de disposição? — ela sorriu amigável. — Ele vai ficar bem, irei ficar de olho no Rodrigues e te manter informada de tudo.

— Obrigada, Ste! — sorri. — Está quase na hora da quimioterapia dele, vamos. — peguei a mochila e levantei do banco, a Ste me acompanhou. — Luck! — gritei-o, o pequeno veio correndo em minha direção e quase caiu. Tirei a água da mochila e entreguei para ele, quando terminou de beber eu guardei. — Se eu soubesse que você iria suar tanto assim, teria pensando em ir para casa primeiro e depois para clínica. — me agachei, pegando uma toalhinha e limpando seu rosto.

— Dodói? — ele perguntou.

— Sim. — o mesmo fez bico. — Você vai poder vim aqui depois, sabe que tem que se cuidar primeiro. — ele assentiu, mas não desfez o bico.

Entreguei as coisas a Ste e ela pegou o Luckian no colo.

Acompanhei os dois até o carro da Stephanie.

— Até de noite! — dei um beijo no rosto dele, antes que ela o colocasse na cadeirinha.

— Tchau, Hay! — ele acenou.

— Até mais tarde, amiga. — ela entrou com carro.

— Até.

Depois de suspirar longamente, comei a andar de volta para casa. Não era uma caminhada longa — só tinha ido de carro ao parquinho porque era o da Ste — e era bom pra ir pensando no meio do caminho.

Algumas quadras depois dei de cara com uma loja da *versus*. E o Zedd não estava mentindo quando disse que teria um pôster enorme meu estampado na loja, tinha uma *eu* de quase três metros da fachada. Em parte, era assustador, mas também era legal. Não perdi tempo e fui logo tirando uma foto. Enquanto escrevia uma legenda na foto para postar — *estava até gostando dessa coisa de instagram* — senti alguém cutucar o meu ombro. Olhei para trás e reconheci a pessoa, era uma colega do meu antigo trabalho.

— Hayden! — disse ela, me abraçando.

— Olá, Amanda!

— Eu fiquei totalmente desacreditada quando vi essa foto... Você está maravilhosa!

— Obrigada.

— Isso que é uma mudança! De camareira à garota propaganda. Como conseguiu?

— Bom... Digamos que eu conheci o dono e ele... E eu... A gente... — comecei a balbuciar tentando pensar em algo coerente. — Eu conheci a agente de modelos da *versus* e ela disse que eu tinha potencial. Eu conheci o dono e ele aprovou...

— Eu vi uma foto de vocês dois juntos... se beijando!

Engasguei-me com o ar.

— É... a gente está... se conhecendo...

— Que sorte você tem! — ela disse empolgada. — Como eu queria ser você, deve ser maravilhoso ter esse tipo de atenção e trabalho.

— Nem tudo é o que parece, Amanda... — sorri brevemente, e antes que ela questionasse, completei — Tenho que ir, preciso terminar algumas coisas.

— Ah, claro! Não quero atrapalhar sua rotina. Mas antes, eu posso tirar uma foto com você?

Fui pega de surpresa, mas acabei aceitando. Ela se posicionou em um ângulo que pegasse nós duas e o pôster.

— Obrigada, Hayden!

— Por nada. — sorri.

— Depois passe lá no hotel, quando eu amostrar essa foto para aquelas cobras elas vão se engasgar como próprio veneno.

Tive que gargalhar. Eu até sentia saudade do hotel, mas não voltaria para lá de jeito nenhum. Não depois de ir tão longe.

— Quando voltar de viagem talvez eu faça isso. Até depois, Amanda. — nos abraçamos de novo e eu me afastei, voltando a andar.

Capítulo 24

DEPOIS DE UM LONGO BANHO — *desculpe mundo por gastar água assim, mas o meu concerto imitando Rihanna estava muito bom* —, vesti uma camisa grande e fiquei apenas de calcinha. Fiz mais alguns ajustes no programa e configurei o software do meu computador antigo. Depois de tudo eu fui para cozinha fazer o jantar.

A Ste já tinha chegado com o meu irmão, e ele estava dormindo nesse momento. Peguei meu celular e coloquei na minha *playlist* de músicas favoritas, então comecei as minhas atividades.

Distraidamente, enquanto cortava cebola para rechear a carne moída para lasanha e escutava Tove Lo, senti mãos na minha cintura, seguido de um corpo atrás de mim. Dei um sobressalto com um susto, mas me recuperei logo, pois conhecia aquelas mãos.

— *Agora, se estamos falando de corpo... Você tem um perfeito... Então coloque-o em mim... Juro que não vai levar muito tempo... Se você me amar direito... Nós foderemos a vida toda... De novo e de novo e de novo...* — Zedd cantou o refrão da música da forma mais excitante ao meu ouvido.

Larguei a faca na bancada, visto que já estava perdendo as estribeiras. Uma de suas mãos subiu para os meus seios e a outra deslizou para dentro da minha calcinha, tocando com maestria minha intimidade, me fazendo gemer seu nome.

O mesmo me virou se supetão e se ajoelhou na minha frente, segurando pela alça da minha calcinha.

— Zedd! — segurei as mãos dele. — Meu irmão está aqui.

Ele bufou. — Seu irmão tem dois anos, e está mais interessado em dormir do que atrapalhar a minha foda... — ele sorriu. — Eu vou te chupar aqui na cozinha e depois vamos para o quarto...

Eu não disse nada. Não tinha como filtrar palavras com ele me olhando daquela forma; exalando luxúria. O mesmo se desfez das minhas mãos e me fez apoiá-las no balcão, então deslizou minha calcinha pelas minhas pernas, tirando-a do meu corpo. Afastou um pouco as minhas pernas e foi deslizando seus dedos desde o meu pé até a parte interna da minha coxa. Quando chegou perto do meu sexo, deslizou o dedo até a minha entrada, não penetrando, mas brincando com o quanto ela estava molhada. Perdi a cabeça para trás, suspirando pesadamente, já imaginando que o melhor estava por vir.

— Diga-me que sou o único que provoca isso em você? — ele levantou e juntou o corpo ao meu, mas não tirou a mão de lá, continuava brincando, arrancado pequenos gemidos da minha boca.

— Tenho a plena certeza que sim... — respondi.

— Sendo assim, *o que você quiser, eu vou dar...* — ele disse ao meu ouvido, o que fez todo o meu corpo arrepiar.

Zedd se afastou um pouco para puxar minha camisa cima, livrando-a do meu corpo, jogando em um lugar aleatório na cozinha. Seus lábios se direcionaram para o meu seio esquerdo, chupando-o com força, e seu dedo me penetrou no exato momento em que isso aconteceu.

Tive que me controlar muito para não gemer alto.

— Não precisa se controlar, amor... — disse Marshall, tirando os lábios do meu seio e direcionando-os para o meu pescoço, em seguida para os meus lábios, me beijando com avidez. — Pode gritar à vontade, ninguém vai escutar... — dito isso, ele colocou mais um dedo em mim e começou a se mover mais rápido.

Deixei sim um gemido alto espaçar.

Era até humilhante pra mim, pois ele tinha esse poder de dominação e tudo que falava meu corpo obedecia.

— *Jesus cristo!* — exclamei, quando fui pega de surpresa quando o terceiro dedo se juntou a minha tortura.

— Jesus cristo é a figura central do cristianismo, amor, ainda é uma divindade que não deve ser citava em um momento como esse... — ele disse sorrindo.

— Sua boca deveria ser considerada uma divindade... — falei em meio aos gemidos, pois ele ficava alternando na velocidade que seus dedos entravam em mim.

— É? — perguntou, eu estava de olhos fechados, mas sabia que ele estava sorrindo.

— Sim... Seria minha obrigação diária te adorar...

— Louvar entre quatro paredes seria bom pra você? — seus lábios foram para o meu pescoço novamente, e eu estava a um passo de estar a dois passos mais perto do orgasmo.

— Eu seguiria os seus mandamentos...

— Ah, amor! Eu sou o tipo de deus que exige um sacrifício de adoração... — Zedd segurou o meu rosto com a mão livre e eu automaticamente abri meus olhos, o mesmo estava me encarando. Seu olhar era tão brilhante quanto à luz do luar e tão maligno quanto o de um demônio.

— Darei o que você quiser... — disse eu, deixando que meus lábios ficassem entreabertos para que o ar saísse com mais facilidade.

O moreno sorriu, como se o que dissesse fosse exatamente o que ele queria escutar, então completou:

— Seu corpo.

— É todo seu! — respondi tão rápido que acredito ter o pego de

surpresa. Mas ele não disse nada, apenas tomou meus lábios uma última vez antes de ajoelhar-se novamente na minha frente e tirar os dedos de mim.

No exato momento em que seus lábios tocaram meu sexo, tive que me segurar firme na bancada para não cair, pois minhas pernas fraquejaram.

Não tinha palavras para explicar a forma majestosa que Zedd me tocava, era como se ele tivesse um mapa personalizado do meu corpo que mostrava exatamente em que ponto tocar. E desde que me entreguei para ele, o mesmo nunca errou — *só quando entrou comigo com violência, isso aí não tem como gostar, eu ainda me lembro da dor que foi, mas também me lembro dele ter compensado.*

O moreno ergueu uma das minhas penas e a colocou no seu ombro, tendo mais acesso a minha intimidade, chupando com mais vontade, me fazendo não só gemer, mas gritar.

E como um sinal de que a melhor sensação carnal estava por vir, minhas pernas começar a dar pequenos espasmos. Levei minha mão até os longos fios do cabelo do homem à minha frente e sem nenhum pudor empurrei um pouco sua cabeça me entregando definitivamente para ele, rebolando em seus lábios. Em seguida chamando o seu nome para receber de braços — *pernas* — abertos o meu orgasmo, que era sempre intenso.

Zedd desceu a minha perna do seu ombro e me pegou pela cintura, carregando-me, então eu entrelacei minhas pernas em sua cintura. Ainda estava no mundo da lua, tentando controlar a minha respiração.

— Respira, *babe*... — ele disse sorrindo. — Você sabe que ainda nem comecei... — ele me beijou, deslizando sua língua para minha boca, me provocando uma onda de arrepios, mas fui obrigada a me afastar por falta de ar nos pulmões.

— Por que tão bom, Zedekiah Marshall? — perguntei, olhando diretamente em seus olhos.

— Porque é isso que esse deus faz... Lhe proporciona um prazer inenarrável. — ele voltou a me beijar, e dessa vez começou a andar pelo cômodo.

Sorte a minha que eu não tinha ligado o forno, porque não iria querer para o que estava fazendo para desligar as coisas.

Eu não estava ligando para nada que não fosse Zedd dentro de mim.

Só me dei conta de onde estava quando Marshall me jogou na minha cama, seus lábios não saíram dos meus nem sequer por um segundo. Mas o moreno se afastou para começar a tirar a roupa de forma lenta, enquanto seus olhos pesavam sobre os meus.

No exato momento em que ele tirou a camisa, escutei um celular tocar. Ia levantar para pegar o aparelho, porém Zedd foi mais rápido e desligou a chamada.

— Quem era? — perguntei.

— Não importa.

— Se me ligaram é porque queriam falar comigo... — ele negou. — Ora essa! Poderia ser importante.

— A única coisa que importa agora é o meu pau entrando em você... — ele se aproximou de mim e me puxou pelas pernas, me fazendo deitar na cama de novo. — Então seja uma boa garota e faça o seu trabalho.

— Meu trabalho? — perguntei confusa.

— Sim... Gemer. — seu dedo deslizou para dentro de mim, arrancando um gemido manhoso da minha boca, o mesmo sorriu, deixando o seu olhar maligno predominar.

Acho que acabei de invocar o demônio.

Ele tirou o dedo de mim e se afastou, tirando sua calça.

— O bom daqui é que você não pode me amarrar, algemar ou qualquer coisa parecida... — falei mordendo os lábios.

Zedd me olhou automaticamente e seus lábios se moveram para um sorriso malicioso e sinistro.

Sim, eu tinha realmente invocado o demônio.

Incubus, talvez?

Não. Eu não estava emocionalmente fragilizada a esse ponto.

Então o moreno caminhou até a sua mochila que estava em cima de uma cadeira e tirou um par de algemas de dentro.

Eu tinha que abrir a minha boca.

Eu gostava desse tipo de sexo. Gostava mesmo, mas eu preferia quando podia tocá-lo, puxá-lo para mim. Porém, resolvi não contestar. Não faria nada que atrapalhasse esse momento maravilhoso.

Zedd voltou para cama e estendeu a mão, pedindo a minha. Eu, obviamente, entreguei, o mesmo me puxou para que eu ficasse de pé e então me beijou. Quando se afastou, me virou de costas e me empurrou na cama. Fui de cara com o colchão macio. Ele pegou minhas mãos para trás e passou a alga pelo meu pulso e repetiu o processo na outra.

Suas mãos passearam pelas minhas costas nuas, me causando arrepios pelo corpo todo. Zedd desceu até os meus pés onde também passou as outras algemas pelo meu tornozelo.

— Não sei por que você me prende tanto... — falei, contendo o sorriso.
— Parece até que eu vou fugir...

Zedd apenas sorriu e me deu um tapa ardido na bunda. E eu, completamente algemada, ajeitei meu corpo na cama, ficando de quatro.

— Era tão tímida... — ele passou as mãos nos meus glúteos. — Agora está tão ousada...

— Por favor, entre em mim, Zedd... — implorei e senti um dedo me penetrar.

— Assim...?

— Não... — gemi quando ele começou a movimentar o dedo.

— Assim? — perguntou ele, colocando mais um dedo.

— Zedd... — comecei a me mover para frente e para trás em seus dedos.

— Diga o que quer, amor? — sua voz soou rouca e extremamente excitante. — É isso? — ele colocou três dedos em mim. Gemi um pouco mais alto dessa vez.

— *Cristo!* — gemi e recebi um tapão na bunda. — Inferno...

— Diga o que você quer!

— Eu quero o seu pau! — estava quase lá, mas ele tirou os dedos de mim.

— O meu pau?

— Sim! — assenti, e acredito que com desespero.

— E como você quer? — senti sua glândula roçar a minha bunda.

— Rápido... Forte... Indo bem fundo... Do jeito que você sempre faz... — eu não estava mais aguentando aquela tortura.

— Então peça direito.

— Por favor! — implorei.

— Por favor...? — ele arrastou a voz.

— Sim, por favor! — recebi outro tapão na bunda.

— Esqueceu meu nome, *babe*?

— Por favor, senhor Marshall...

— Boa garota... Seu pedido é uma ordem, amor... — dito isso, Zedd puxou-me para ponta da cama e me fez segurar as algemas dos pés.

Seu pau entrou em mim rápido, forte e fundo.

— Ah, merda! — gemi, afundando a cabeça no colchão quando ele começou a me movimentar dentro de mim me segurando pelos pés. — Mais rápido! — pedi.

E ele atendeu.

Não demorou muito para que o meu corpo chegasse ao clímax. Minhas pernas fraquejaram e eu agradeci por já estar deitada, senão teria caído sem dúvidas.

Zedd continuou me estocando, gemendo e batendo na minha bunda. Dos seus lábios escapavam palavras incoerentes e em minutos ele se derramou em mim.

Mas então ele soltou um palavrão completamente irritado e saiu de mim. Eu virei o pescoço para olhá-lo, o moreno estava com a mão na costela.

— O que foi? — perguntei um pouco sem fôlego, ainda não tinha me recuperado.

— Fui com muita sede ao *seu pote*... — ele sorriu. — A dor voltou... mas não se preocupe, eu vou continua.

Ele me estocou forte, o que me fez gritar.

— Só que vai ser um pouco lento... — Zedd completou.

— Se você quiser... — ele começou a se mover lentamente, era torturante ter toda aquela extensão entrando e saindo de mim naquele ritmo.

— Continue.

— Se quiser eu posso fazer o trabalho pesado...

— Pode?

— Você só tem... que tirar isso de mim... — levantei os braços, me referindo as algemas.

— Que tal você fazer com elas?

Ri, diante o absurdo.

— Não tem como. — falei.

— Sendo assim, não.

— Você disse que seria como eu quisesse, senhor Marshall, e eu quero ficar por cima e cavalgar em você... — disse firme e cheia de ousadia.

— Agora você pediu direito.

Zedd saiu de mim e tirou as algemas dos meus pés, em seguida as do meu pulso. Livre das amarras, não perdi tempo e puxei o moreno para cama, subindo nele. Distribuí beijos pelo seu torso e com a mão guiei o seu membro até a minha entrada, deixando que entrasse em mim, indo até o fundo.

— Ah, céus! — gemi. — Assim é bom...

— Eu concordo. Que tal se mexer um pouco?

— *Hrum...* — como não podia apoiar as mãos no seu peito, então as apoiei no colchão. Afastei um pouco as minhas pernas e comecei a subir e descer no seu pau.

E inferno, como era bom fazer isso.

Aumentei a velocidade na medida em que aquilo ia ficando bom para ambos. Eu me contraía em seu pau, perdia a cabeça para trás e gemia alto o suficiente para se escutar no corredor do andar de baixo.

— *Caralho!* — disse Zedd. Eu me inclinei para beijá-lo. E sentindo que já estava perto, fui ainda mais rápido mais minhas investidas. — Porra! Eu vou gozar... — ele disse entre o beijo.

— Então goza comigo, Z... — falei, já sentindo minhas pernas tremerem com o orgasmo iminente.

Marshall segurou minha cintura e sincronizou meus movimentos com dos meus. Deixando aquilo ainda mais prazeroso. Em minutos escutei-o murmurar, em seguida senti seu líquido dentro de mim, e em segundos o orgasmo me tomou conta.

Perdi meu corpo em cima do seu, e me desculpei pelo tombo, já que ele estava com dor.

— Caralho, amor! — disse ele sem fôlego. — Por que você nunca fez isso antes?

— Não sei...

Não demorou muito para Zedd voltar a se movimentar devagar dentro de

mim. De supetão, ele me segurou pela cintura e me jogou na cama, virou-me de costas e entrou com força na minha vagina, me fazendo gritar.

— Inferno de buceta gostosa que eu não consigo parar de foder! — ele falou ao meu ouvido e guiou uma mão pra o meu clitóris, pressionando lá, enquanto me estocava devagar, porém com força.

Sua mão saiu do meu sexo, ele segurou o meu rosto e subiu as pernas para ir mais fundo em mim. Quanto mais eu me contraía mais ele gemia rouco ao meu ouvido e me estocava forte.

Não tive como me segurar e gozei de novo.

— Adoro quando você goza... — Zedd falou me virando de frente. Eu estava quase apagando, minha respiração estava completamente descompassada. — Adoro ver o seu corpo exaustou... Anunciando que eu faço um maravilhoso trabalho, não é *babe*?

Com o pouco de domínio que eu tinha sobre o meu corpo, eu apenas assenti.

— Então goza pra mim mais uma vez...

Seu majestoso e maravilhoso pau voltou para dentro de mim, dessa vez me estocando mais rápido.

Eu não sei de onde arranjei forças para gritar, mas o meu corpo estava tão quente como o fogo do inferno. Minha vagina estava ultrasensível, mas não dava sinais de que queria parar se tê-lo dentro de mim.

Louvado seja Zedekiah Marshall. Amém!

Minhas pernas tremeram, eu gritei, e meu orgasmo chegou.

Com mais algumas estocadas ainda naquela velocidade, Zedd gozou, perdendo o corpo em cima do meu. Seu coração batia *exageradamente* forte e sua respiração estava tão desregulada quanto a minha.

— Não durma minha boa garota... — ele disse saindo de cima de mim. — O seu *deus* ainda nem começou a primeira parte do sacrifício...

Abri os olhos e vi o lindo homem tatuado em pé perto da cama tocando seu pau e sorrindo como um demônio que estava adorando possuir o meu corpo.

Entendi o que ele queria, então, como se minhas forças vitais tivessem voltado magicamente, levantei da cama para saborear um pouco do meu *deus*.

Capítulo 25

ACORDEI COM UM BEIJO EXTREMAMENTE MOLHADO no pescoço e então abri os olhos para encarar o moreno que sorria ao meu lado.

— Bom dia, bela adormecida. — disse ele.

— Bom dia, *meu deus*... — disse com a voz arrastada e sorrindo.

— Tome um banho, estamos te esperando na cozinha. — ele me deu um selinho rápido e levantou da cama.

— Fez o café da manhã de novo?

— Sim.

— Se for pra acordar com toda essa mordomia, eu vou querer que você more comigo...

— Assim minha prioridade seria o meu café da manhã... você. — Marshall sorri com malícia e sai do quarto.

Preguiçosamente levantei da cama e fui para o banheiro. Como já estava sem roupa, apenas coloquei a banheira para encher e joguei sabonete líquido dentro. Escovei os dentes enquanto urinava, depois enxaguei a boca. Ao me olhar distraidamente no espelho, notei o quanto meu pescoço estava marcado e os meus seios também. Amaldiçoei — *e agradei* — ao Zedd por ser tão selvagem no sexo. Em seguida entrei na banheira quando a água atingiu um limite bom e me acomodei. Confesso que queria dormir mais um pouco, porém as responsabilidades não deixariam, então apressei meu banho.

Ao terminar, enrolei uma toalha no corpo e saí do banheiro, indo direto para o closet. Peguei um short de ginástica — a qual eu nunca fiz na minha vida — e uma camisa grande. Não ia para lugar nenhum, então não me dei ao luxo de arrumar o cabelo ou qualquer coisa parecida. Saí do closet e peguei meu celular no criado mudo. Vi que tinha uma ligação perdida de ontem, era da advogada. Ia ligar para Beatrice, mas vi que tinha uma mensagem dela informando que o senhor Rodrigues viria às duas horas visitar o Luckian, se eu confirmava. Respondi a mensagem dizendo que tudo bem. Coloquei o celular no bolso e saí do quarto indo direto para a cozinha.

E novamente meu irmão estava tomando café e Zedd me esperando para começar o dele.

— Obrigada. — disse quando ele me entregou o prato, sorrindo brevemente, e me sentei ao seu lado.

— O que foi? — perguntou Marshall.

— O quê?

— Você está triste.

Ora essa!

— Eu estou bem... — ele me olhou com cara de quem sabia que eu estava mentindo. *Maldita hora em que ele descobriu essa droga da minha sobancelha!* — O senhor Rodrigues vai vim visitar o Luckian hoje... — falei baixo para que meu irmão não escutasse. — Ele é o pai.

— Não deveria ficar feliz por isso, agora ele tem um pai.

— E estou... mas eu amo meu irmão, não queria ficar longe dele.

— Não estou te pedindo pra morar o resto da vida em Vegas, nem eu moro lá. É temporário, você vai poder voltar.

— Eu sei... Não consigo não sentir o que estou sentindo.

Zedd virou meu rosto para ele, fazendo-me o olhar.

— Você não está abandonando ele, ok? — ele disse. — Pense que está

dando uma vida melhor...

— Tudo bem. — assenti.

— Ótimo. Agora come e para com essa cara de derrotada que não me dá *tesão* nenhum. — ele não foi ríspido, e era incrível a capacidade que Zedd tinha de levar tudo para o lado sexual em segundos.

Suspirei e comecei a comer, visto que era minha única opção.



Depois de algumas horas, arrumei o Luckian e deixei-o na sala assistindo desenho, enquanto esperava o senhor Rodrigues aparecer. Nesse meio tempo Zedd tinha saído para resolver algumas coisas e depois voltou com o quadro que estava fazendo para mim completo. Depois de pronto ele tinha ficado ainda mais maravilhoso.

— Você é sensacional! — disse a ele, beijando-o em seguida, e depois pedi para que o colocasse na sala, para assim que alguém chegasse fosse a primeira coisa que vissem.

E agora eu estava sentada entre suas pernas encostada em seu torso terminando de digitar os códigos dos programas de segurança.

— Estou à meia hora tentando entender algo nessa tela e até agora nada! — o moreno falou, e riu, eu o acompanhei. — Não sei como conseguem...

— Assim como você domina aquela arte... — eu apontei para o quadro. — eu domino essa. É questão de concentração e um dom nato para a coisa.

— Concentração...? — senti a mão dele tocar a minha cintura e em seguida deslizar para dentro do meu short.

— Zedd... — acabei gemendo quando sua mão começou a passar por cima da minha intimidade ainda por cima do tecido da calcinha. — Pare com isso, meu irmão está ali! — disse, mas não tirei a mão dele de lá, apenas segurei o notebook com mais força, pois devido a posição ele iria se espatifar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

no chão.

— *Shiiii!* — ele sussurrou ao meu ouvido. — Seu irmão está concentrado assistindo e estamos atrás dele, não vai ver nada. — o mesmo passou a mão para dentro da minha calcinha com agilidade. — Agora se concentre, *babe*, você me custou dois milhões e meio, faça o seu trabalho! — seus dedos habilidosos começaram a se mover em movimentos circulares.

Tive que levar a mão na boca, para abafar os gemidos que queriam escapar.

— Zedd... Por favor... — eu nem sabia por qual motivo estava implorado. Eu não queria que ele parasse, mas deveria.

— Volte ao trabalho, Hayden...

— Não tem como com você aí... — falei pausadamente, porque tinha que me concentrar para não gemer alto. — Me leva logo para o quarto!

— Não. — disse simplesmente. Eu quis muito me virar e meter um soco bem dado em sua cara, mas graças ao meu bom senso e um lembrete de que ele já socou a minha cara, eu fiquei quieta. — Se parar de fazer o que está fazendo, eu paro aqui também. — dito isso ele parou o movimento.

Technical Boy, me ajuda aqui!

Voltei as mãos para o computador e o moreno no mesmo momento voltou a mover os dedos.

Não dava para manter o foco.

— Que se foda! — murmurei levantando do sofá e sentando na outra ponta. — Eu gosto de sexo, mas no momento vou gostar mais de terminar essa merda aqui. — falei um pouco frustrada.

Zedd apenas riu e levou os dedos na boca, chupando-os.

Caralho!

Parei de olhar para o mesmo, voltando à atenção para o notebook, a fim de manter o meu profissionalismo.

O celular do Marshall tocou, ele olhou para o identificador de chamada e nesse momento seus olhos escureceram num tom de obsidianas. O moreno levantou do sofá e foi para sabe-se lá Deus para qual cômodo. Pelo visto era sério. Continuei com os códigos e minutos depois escutei batidas na porta.

Sabia exatamente quem era.

Coloquei o notebook na mesa de centro, ajeitei a minha roupa e caminhei lentamente até a porta, abrindo a mesma e dando cara com o senhor Rodrigues, acompanhando de uma mulher loira e muito bonita.

— Olá, Hayden! — disse ele empolgado. — Essa é Hazel, minha noiva.

— Olá. — falei, forçando ao máximo um sorriso sincero.

— Olá, querida. É um prazer te conhecer. — disse a mulher docemente.

— Entrem por favor. — dei passagem para os dois, que entraram. — Ele está ali... — apontei para o Luck, que não moveu um músculo, continuou olhando para a TV.

O Rodrigues logo se aproximou do menino, apresentando-o a sua noiva. A fim de dar privacidade para eles e não chorar ali, peguei meu notebook e informei que ficaria na cozinha caso eles precisassem de qualquer coisa. Sentei na cadeira do balcão e, sem muita vontade, voltei ao trabalho.

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas foi o suficiente para terminar tudo que tinha que fazer, confesso que quis gritar de alegria. Foi o trabalho mais cansativo e feito em tempo recorde de toda a minha vida. Fiz um teste entrando no sistema de câmeras do prédio e vi que realmente funcionada.

— Obrigada, *Technical Boy*, por me agradecer com um pouco da sua sabedoria! — falei sozinha, fechando o notebook. E nesse momento Zedd apareceu na cozinha.

— Eles já chegaram? — ele perguntou.

— Sim.

— Ah... — o mesmo sentou ao meu lado.

— Terminei. — falei, depois de um tempo, fiquei incomodada com o silêncio.

— Isso é bom. — ele sorriu brevemente.

— Algum problema? — perguntei preocupada, ele não estava com um semblante muito bom.

— Sim... Vamos ter que ir para Vegas amanhã...

— Sêrio?

— Sim. Me desculpe por isso, sei que está resolvendo isso do seu irmão e o pai.

— Tudo bem... Está mais do que claro que o Rodrigues quer levar logo o Luckian para casa dele. Bom, vou informá-lo disso, talvez ele seja melhor em explicar esse tipo de coisa à criança.

Levantei da cadeira e senti Zedd segurar a minha mão e me puxar para mais perto, o mesmo tomou meus lábios em um beijo lento, e então se afastou.

Eu não entendi nada, e ele também não disse nada. Eu assenti confusa e caminhei para sala. Vi meu irmão gargalhando com as cócegas que a Hazel fazia nele — bom, isso era uma prova de que ele também tinha gostado dela.

— Senhor D'Ângelo? — chamei-o, o mesmo levantou-se e se aproximou de mim.

— Apenas Rodrigues, Hayden.

Assenti.

— Algum problema? — ele perguntou.

— Não sei se é exatamente um problema... Eu...

— Se acha que ficamos tempo demais, podemos voltar outro dia, sem problema. A Hazel queria conhecer o Luckian antes que eu assinasse os papeis...

— Não, não é isso. É que eu terei que viajar à trabalho amanhã, não

posso levar o Luckian, e não posso deixar ele com outra pessoa que não seja da família... Sei que ainda não assinou nada, mas acredito que não seja problema algum, judicialmente, ficar com ele enquanto isso. De qualquer forma ele vai morar com você mesmo... — disparei falando.

— Está falando sério? — ele perguntou animado.

— Mais do que eu gostaria... — tentei forçar um sorriso, mas não consegui.

— Eu ficaria extremamente feliz em levá-lo para minha casa. E você sabe que vai poder visitá-lo sempre que quiser! Não quero que fique longe do seu irmão.

— Obrigada. — senti meus olhos marejarem e um nó de choro se formar em minha garganta. Olhei para mulher que brincava com a criança. Ela falava com muita atenção e sua voz era doce e passava uma tranquilidade que eu nem sabia explicar, mas era boa.

O Luckian olhava para ela e sorria como se já a conhecesse há muito tempo, eu nunca tinha o visto olhar para Natasha assim, e no fundo senti um pouco de inveja do pequeno, ele teria uma mãe adotiva maravilhosa, a mãe que eu gostaria de ter. E talvez, só talvez, minha vida não teria tomado esse rumo.

— Hazel é maravilhosa com crianças. — disse o Rodrigues. — Ela falou um pouco com o Luckian sobre eu ser o pai dele, não falamos nada sobre a mãe, só queríamos que ele fosse se acostumando com a ideia...

— Tudo bem... Acha que ela consegue convencê-lo de ir com vocês? Eu não vou conseguir falar... — nunca pensei que seria tão forte em prender um choro.

— Não quer mais um tempo com ele? Vejo que o ama muito...

— Gostaria de ter mais tempo, mas é bom que eu resolva essa pendência logo, assim poderei voltar e ver como vocês estão. — sorri, me esforçando

mais dessa vez.

— Tudo bem. — ele sorriu e assentiu. — Hazel tem um dom incrível com crianças, acredito que ele venha com a gente se ela pedir.

— Isso é bom. Irei arrumar as coisas dele enquanto vocês conversam. — apressei-me em sair da sala, visto que já estava querendo derramar lágrimas, e fui para o quarto do pequeno.

Não sabia nem por onde começar, apesar de não fazer diferença alguma. Eu estava nervosa, feliz e ao mesmo tempo triste. Mas tentei me focar em que eu estava novamente fazendo o melhor para ele.

E sozinha ali, me permiti chorar.

Não só pelo Luckian, e sim por tudo. Pela droga de mãe que eu tive, pelo meu pai estar longe, e eu senti muito a sua falta, e por ter que ficar longe da pessoa a qual eu mais dediquei a minha vida.

Apenas chorei.

A despedida não foi fácil, mas eu tinha conseguido me manter firme ao dar o último abraço — *temporário* — em meu irmão, me despedindo do mesmo e prometendo que nos veríamos em breve. O Rodrigues não tinha mentido quando disse que a noiva era boa com crianças, era como se ela tivesse encantado o meu irmão, ele a abraçava, repousando a cabeça em seu ombro como se o fato de conhecê-la há algumas horas não passasse de um detalhe insignificante.

— Irei cuidar muito bem dele, querida! Não se preocupe... — disse ela, me abraçando em seguida.

Assenti sorrindo, dessa vez sem dificuldade.

— Até depois, Luck! — disse, dando um beijo em sua testa.

— Triste não, Hay! — ele disse.

— Não estou triste. — falei sorrindo e o beijando novamente.

Ele assentiu e sorriu.

Observei o Rodrigues pegar as malas com as coisas do Luckian e ajeitá-las nas mãos. Acompanhei-os até o elevador.

— Irei passar por e-mail os horários das consultas e a rotina que tinha com as refeições dele. — falei quando eles entraram no elevador.

— Tudo bem. Cuidaremos bem dele, Hayden. — disse o Rodrigues.

— Eu sei. — acenei uma última vez antes das portas se fecharem.

Então, demasiadamente triste, porém feliz pelo meu irmão, voltei para o meu apartamento.

Encontrei o Zedd sentado no sofá, o mesmo levantou assim que me viu e me abraçou forte.

— Tudo bem? — ele perguntou, folgando um pouco os braços ao meu redor, então ergui o rosto.

— Sim. Ele vai ficar bem, a Hazel me pareceu uma mulher maravilhosa.

Ele sorriu.

— Que tal tirar essa cara triste então?

— Não sei se vou conseguir por agora.

— E se eu te oferecer três orgasmos? — ele sorriu descaradamente. Não tive como não sorrir de volta, ele era o cúmulo da perversão.

— Que tal depois? — falei tentando me afastar, mas ele me pegou pelas pernas, me carregando. — Zedd!

— Ok, você não vai ter *querer!* — ele começou a caminhar para o quarto. — Agora serão cinco. E se reclamar eu aumento pra dez! Você vai estar amarrada mesmo, vou continuar te fodendo e chupando até que esvaeça... — seu sorriso foi o mais malicioso, demoníaco e libidinoso de todos, o que fez minha libido acordar de seu cochilo pós foda alucinante da noite anterior.



No quarto, o único som que ecoava naquele cômodo era os gemidos do Zedd e os meus gemidos altos, meu gritos quando ele acertava em cheio o meu ponto sensível ou puxava meus cabelos fazendo com que minha cabeça se inclinasse para trás, enquanto ia fundo dentro de mim, fazendo meus olhos revirarem e meu corpo clamar por mais um orgasmo.

Capítulo 26

ACORDEI COM DORES NAS PERNAS E COM UM ardor miserável na vagina, que foram automaticamente — *temporariamente* — esquecidas quando olhei para o lado e vi o moreno dormindo. Dessa vez eu não entrei em pânico e saí correndo da cama, estava feliz por ele ter ficado.

Novamente, seu semblante era sereno e tranquilo. Não resistir à vontade de dedilhar o seu torso dessa vez, então me apoiei no cotovelo esquerdo, ergui um pouco o corpo e levei a mão até ele. Passei meus dedos pela tatuagem no meio do peito. Não sabia identificar com certeza o que era aquilo, parecia três desenhos em um só; uma mistura de touro, algo que eu não sabia descrever e o crânio de um bode demoníaco que juntas formavam algo bem sinistro digno de capa de CD de rock. Mas as assas que complementavam essa tatuagem era realmente assas normais, o seu contorno era bem escuro. Em seu ombro direito tinha uma cobra e um pouco mais abaixo uma caveira. Fui descendo entre as diversas tatuagens do seu braço e parei em sua mão, na outra ele tinha uma linda mandala e nessa tinha escrito a palavra "*love*". Fui traçando a fina linha do desenho, então seus dedos se moveram e sua mão pegou a minha.

Rapidamente olhei para cima, Zedd sorria, piscando algumas vezes, ainda com a *cara* de sono.

— Bom dia, *babe*... — ele disse, com um fiasco de voz por sinal.

— Bom dia, Z.

O mesmo bocejou, se espreguiçou na cama e murmurou que estava

cansado pra merda.

— O que estava fazendo? — ele perguntou.

— Apenas olhando suas tatuagens. Não queria te acordar.

— Tudo bem, de qualquer forma eu teria que acordar mesmo. — ele fechou os olhos novamente.

— Pelo visto você está cansado... — falei, contendo o sorriso, mesmo sabendo que ele não estava vendo.

— Você me cansa... — disse ele sonolento.

— Ora essa! — disse incrédula e tive que rir. — Você que não aguenta esse pau quieto.

Zedd abriu os olhos e me pegou de supetão pela cintura, me fazendo deitar em cima dele.

— A sua buceta quem algo que atrai o meu pau e faz com que ele queira sempre ficar dentro de você... — sua voz saiu rouca e arrastada o que me fez suspirar e me contrair. Senti o seu membro pulsar embaixo de mim.

Ah, inferno! Eu não aguento mais sexo agora.

Tratei de mudar de assunto.

— Qual foi a sua primeira? — apontei para tatuagem em seu pescoço.

— Sabe que eu não lembro... Acho que no dia acabei fazendo três de uma vez.

— *Hmm...* E qual foi a sua última?

— As assas, elas eram menores, eu pedi para aumentar depois de modificar o desenho no meio.

— Arrepende-se de alguma?

— Isso é uma entrevista, Olívia? — ele sorriu.

Bufoi irritada.

— Pare com isso! — tentei sair de cima, mas ele me segurou com mais força.

— Calma! — ele ainda estava rindo. — Todas que eu me arrependi eu cobri.

— *Rmm*. — murmurei.

— Mais alguma pergunta, moça?

— Não.

— Tudo bem. E você, gosta de tatuagens assim como gosta de caras tatuados?

Eu sorri.

— Gostar, eu gosto... Tenho várias fotos no celular só esperando a oportunidade de eu *dar a louca* e fazer.

— Por que tem que *dar a louca*?

— Tenho medo. Deve doer muito.

— Na verdade não dói, não.

— Ah, tá bom! — disse irônica. — Você tem tanta tatuagem que duvido sentir mais alguma coisa!

— Estou falando sério. Eu não senti dor quando fiz as primeiras.

— Você não lembra nem qual foi, vai saber se doeu ou não.

— Tudo bem... — o moreno revirou os olhos. — Eu posso te levar para fazer uma.

— Só se eu fizer sedada.

O mesmo gargalhou. E até sua risada tinha saído rouca.

— Você não pode fazer esse tipo de coisa desacordada. — ele disse.

— Por que não?

— Porque se o seu corpo reagir negativamente ninguém vai saber, aí você vai morrer por fazer uma simples tatuagem.

— Que horror! Agora que não faço de maneira alguma.

Marshall virou-se na cama comigo, ficando por cima e arrancando o lençol do meu corpo.

— Não acredito que está com medo de algumas agulhadas. — disse ele, já se ajeitando entre as minhas pernas.

Insaciável, meu Odin!

— Sim, estou. E, por favor, não entre em mim!

— Não? — e mais uma vez seu olhar expressou dúvida e espanto.

— Não. Estou completamente dolorida, então a menos que você não queira entrar em mim nunca mais, acho bom me dar um tempo. — disse, mais para mim do que para ele, seu pau estava roçando na minha entrada e nesse momento eu estava clamando todos os deuses para me dar força e resistir à vontade de mover meus quadris para que ele entrasse em mim.

Eu tenho que ter amor e cuidado pela minha vagina.

— Tudo bem. — ele disse, e fez um biquinho. Ficou me olhando por um tempo e depois passou a mão pelo meu busto, brincando com meu mamilo, fazendo o mesmo que enrijecer em seus dedos. — Vai ter que usar maquiagem aqui... — ele passou os dedos pelas marcas dos chupões entre os meus seios.

— Sem necessidade, apenas não irei usar uma roupa decotada.

— Aí é que está, o seu vestido é decotado.

— Meu vestido? — perguntei completamente confusa.

— Sim. Hoje à noite, em Vegas.

— Ah. Você vai sempre escolher as minhas roupas quando eu for aparecer em público?

— Sim. — disse simplesmente.

— Por quê?

— Por que sim. — Zedd me deu um beijo na bochecha e levantou. — Precisa arrumar as suas coisas, só o básico, vai ter tudo novo lá. Odeio bagagens.

— Maravilha, vou sair só com a roupa do corpo, então. — podia-se

sentir o cheiro da minha ironia lá primeiro andar.

— Ótimo. — ele sorriu. — Não esqueça seus documentos! — e foi para o banheiro.

Às vezes eu tinha vontade de dar um soco na linda cara dele.

Preguiçosamente, levantei da cama e peguei uma mochila de tamanho razoável no closet. Separei algumas coisas que queria levar, aparelhos que iria precisar e meus documentos, arrumando tudo na mochila. Quando Zedd saiu do banheiro, completamente pelado, eu já tinha terminado.

— Vamos para a mansão primeiro, pode se arrumar lá. Preciso resolver algumas coisas antes. — ele disse, caminhando até sua mochila e tirando a roupa de dentro.

— Ok. — peguei minha roupa normal que já tinha separado, pois cogitei essa possibilidade. Deixei-o se vestindo no quarto e fui para banheiro tomar banho.



Eu já estava na mansão tinha algumas horas. Assim que chegamos, o Zedd foi para o escritório resolver as coisas dele e me deixou livre pela casa. Fiquei um tempinho conversando com a Ste — pedi para que fosse me visitar, já que o Zedd não me deixou ir até a casa dela —, quando o James pediu para que eu me arrumasse, pois iríamos sair em alguns minutos, ela foi embora.

Então eu fui para o *meu* quarto, tomei um belo banho, fiz uma maquiagem maravilhosa — assim como tive que passar no meu busto, pois o gelo não amenizou a vermelhidão das marcas —, escovei meus cabelos e fiz um penteado que tinha acabado de aprender no *youtube*.

Quando terminei, saí do banheiro e fui para o quarto. Na cama tinha uma capa em cetim com *a logo* a da *versus* estampando. Logo eu soube que se tratava do vestido da coleção de gala.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Desci o zíper da capa, revelando um lindo vestido; tinha um tom de verde musgo e era coberto por pedraria bordadas à mão, seu comprimento era longo e a parte de baixo era transparente, entretanto tinha o bordado de pedraria para cobrir certas partes.

Com cuidado, tirei-o da capa, como se tivesse tocando na pedra mais preciosa desse mundo — eu tinha certeza que aquele vestido custava mais do que eu roubei do Marshall —, e comecei a vestir. Zedd não mentiu quando falou sobre o decote, ele ia até a minha cintura.

Fui até um espelho que tinha no quarto e me olhei por completo. Eu estava maravilhosa. Poderia facilmente *me pegar* agora. Minha autoestima estava até escorrendo pelo meu corpo.

Fiquei um pouco viciada no *instagram*, eu admito, pois peguei meu celular para tirar uma foto. Escutei batidas na porta e dei permissão para quem quer que fosse entrar.

— O chefe está te esperando na sala! — Dakota, *com seu ódio evidente por mim*, me gritou.

— Já estou indo. — falei, se eu não tivesse medo dele teria o gritado também.

Olhei-me uma última vez no espelho, ajeitei o meu decote e calcei meus saltos, então caminhei para porta, saindo do quarto. Comecei a andar em direção à sala, o segurança estava logo atrás de mim. De supetão, fui puxada para trás pelo braço.

— Que porra! — gritei com o susto.

— Você se acha muito esperta, não é? — disse Dakota, com um tom de voz muito ameaçador.

— O quê? — perguntei confusa e com medo.

— Você se acha muito esperta só porque tem uma buceta no meio das pernas e o chefe adora carne nova!

— Por que está dizendo isso?

— Porque você não passa de uma garota idiota que deu sorte, mas em Vegas é diferente... Você é fraca! Não vai durar uma semana viva. E quando morre, espero que não leve o Zedd junto! Está aqui por uma única razão, lembre-se disso quando ele estiver te fodendo! — ele largou o meu braço com brutalidade e me deixou sozinha no corredor.

Eu fiquei apavorada. Não conseguia ver nada além de fúria em seu olhar, e estava sem entender o motivo disso. Por um momento quis chorar. Eu estava realmente ali por uma razão. Estava viva por uma razão. Zedd precisa de mim, e eu tinha que fazer a minha parte do combinado.

Todavia, visto que as palavras do Dakota ficaram em minha cabeça, dizendo que eu era fraca, engolir meu choro, tentei deixar o meu semblante o menos identificável possível e comecei a andar.

Eu ia mostrar para porra daquele homem, com droga de nome de mulher, que eu não era fraca, que eu iria conseguir fazer o que quer que o Zedd me pedisse e sairia viva dessa merda toda viva.

Ao chegar aos degraus da sala, vi Zedd no final da escada. Ele sorriu assim que seus olhos se encontraram com os meus. Ainda estava nervosa com o ocorrido minutos atrás, mas tinha que disfarçar, se ele me perguntasse algo sobre, saberia que eu estava mentindo. E pela graça de Deus, Dakota não estava lá.

— Você está terrivelmente maravilhosa! — o moreno falou, quando eu terminei de descer os degraus e pegou a minha mão. — *Porra!* — ele exclamou, sorrindo ainda mais e me puxou para perto. Ele estava em um lindo terno listrado preto e cinza, seus cabelos estavam lindamente penteados para trás e sua barba estava feita. Cheirava a perfume amadeirado. — Está me deixando de pau duro...

— Devido às circunstâncias, você me provou que não precisa de muito

para isso acontecer.

— Com você, não mesmo. — ele se inclinou e me deu um selinho demorado. — Tenho uma coisa pra você... — o mesmo se afastou e colocou a mão no bolso da calça, tirando uma caixinha de lá.

Se a ideia não fosse tão absurda, eu teria entrado em desespero.

Zedd abriu a caixinha, revelando um lindo anel. Pedindo a minha mão esquerda, ele colocou o anel do meu anular.

— Está me pedindo em casamento, Marshall? — perguntei rindo, de nervoso. Tenho que duvidar um pouco desse homem por ele ter um estado de espírito muito duvidoso.

— Minha intenção de assumir um compromisso não chega a esse ponto... É apenas um presente, achei que seria melhor que um colar.

— Eu adorei. — estendi a mão para olhar o anel detalhadamente. Minha mente me alertava que a pedrinha no meio era claramente um diamante. — Muito obrigada!

— Por nada. E eu gostaria que não o tirasse do dedo...

— Ok.

— Em momento algum.

— Agora ficou estranho.

— Apenas faça isso, Hayden. — ele pediu, um pouco sério.

— Ok. — assenti.

Marshall pegou a minha mão e saímos da mansão. Do lado de fora tinha um carro em preto fosco estacionado, sorri — *talvez um pouco demais* — ao reconhecer o modelo.

— Pelo visto você sabe qual é... — disse Zedd, notando a minha felicidade.

— Sim. Camaro 69.

— Exatamente. Sabe chegar em *Hartmann*?

— Acho que não...

— Tudo bem. — Zedd acenou para a *Range Rover* que estava atrás. Entregou-me a chave e abriu a porta do carro, sentando no banco carona. — Segue o Sokovia.

— Vai me deixar dirigir? — perguntei, um pouco surpresa e muito animada.

— Sim, *babe*. Vamos ver se eu consigo resistir e não bater uma enquanto olho pra você digerindo essa *belezinha*.

Tentei ignorar o absurdo que ele falou, mas foi impossível graças ao seu sorriso libidinoso.

Dei a volta e entre no carro. Dirigindo dois clássicos em menos de um mês, se eu morrer pelo menos realizei um sonho. Tirei meus altos e liguei o carro, o ronco do motor era música para os meus ouvidos.

— Vê se não goza... — disse Zedd, prendendo o riso.

— Vou deixar isso pra você. — retruquei divertida.

James tomou a frente e começou a dirigir, então eu o segui.

Eu, com minha ingenuidade diante do quanto Zedd era rico, só me dei conta que não estávamos indo para o aeroporto quando avistei um jatinho vermelho com detalhes em preto e dourado, com as letras ZM estampadas na calda e sozinho na pista de voo.

Quando saí do carro, calçando os saltos novamente, minhas mãos começaram a suar. Eu tinha medo desse tipo de meio de transporte — talvez devesse definir como pavor, já que nunca entrei em um.

— Tudo bem? — Zedd perguntou, segurando a minha mão.

— Sim... — respondi um pouco nervosa. — Eu só espero que não caia...

Ele deu risada. — Vai ficar tudo bem.

Eu assenti e ele me levou para dentro do jatinho, que era ainda mais

lindo por dentro. Cheirava a um móvel recém comprado, e todos os detalhes em bege deixava tudo ainda mais elegante. Marshall me guiou até uma cadeira no fundo e pediu para que eu me sentasse. Assim eu fiz. Ele sentou ao meu lado e ficou segurando a minha mão.

— Ficarei aqui com você até decolar, ok? — disse ele. — Terei que fazer umas chamadas por vídeo e ligações durante a viagem.

— Ok. Quanto tempo vai durar?

— Algumas horas.

— *Jesus cristo...* Posso beber para ficar inconsciente?

O homem ao meu lado gargalhou. Eu estava falando sério.

— Estamos indo para um evento, Hayden. Não posso deixar que beba.

— *Droga!* — murmurei.

Alguns minutos depois fui informada que o jatinho iria decolar. Não tinha palavras para descrever o quanto estava apavorada, por um momento até senti pena da mão do Zedd, pois eu estava apertando com muita força.

Fechei os olhos com força sentindo meu coração ir parar na boca. Deus, era uma sensação horrível.

— Tudo bem? — Zedd perguntou, eu apenas assenti. — Pode abrir os olhos agora. — neguei e ele deu risada. — Tudo bem. Se quiser vomitar, aqui... — ele colocou minha mão em um compartimento na poltrona à minha frente. — tem saquinhos pra isso, ok? — assenti novamente. — Responda com palavras, Hayden.

Revirei os olhos — *de olhos fechados*.

— Ok. — falei.

— Ótimo. Estarei ali se precisar de algo.

Sua mão saiu da minha e eu não o senti mais ao meu lado, todavia não abri os olhos. Eu só queria pisar em terra firme o mais rápido possível.



Não sei quantas horas tinham se passado, mas eu já tinha feito de tudo; escutei música, assistir filme, tentei dormir, Zedd me deixou tomar uma taça de vinho enquanto conversava em francês com sei lá quem, comi uma comida muito gostosa — *não me pergunte da onde veio, apenas fui servida* —, mas nada disso ajudou na agonia que eu estava sentindo de estar no ar. Seria tão mais fácil se eu apenas desmaiasse.

— Hayden? — Zedd me chamou. Abri os olhos e o vi se aproximar.

— Oi.

— Ainda não relaxou?

— Obviamente que não. Diga-me que isso já está acabando?

— Está sim, faltam apenas alguns minutos... — então o mesmo se ajoelhou na minha frente e subiu meu vestido.

— O que está fazendo? — perguntei confusa.

— Vou fazer você relaxar o resto da viagem... — ele me puxou mais pra frente e colocou as mãos no fecho do meu *body*.

— Está louco! Alguém pode aparecer. — tentei tirar as mãos dele de lá.

— Se alguém ousar me interromper eu juro que o jogo desse jatinho. Agora cala a boca, relaxa e goza... — ele abriu o fecho e sem perder muito tempo levou sua boca até o meu sexo, onde com nada mais que maestria começou a me chupar.

Eu nem sabia se podia fazer barulho, mas não quis ligar para minha boca no momento, e sim para dele, que estava fazendo-me esquecer de onde estava.

Depois que eu gozei pela quarta vez, revezando entre sua boca e seus dedos, Zedd saiu do meio das minhas pernas, ajeitando meu *body* e descendo meu vestido. O moreno me deu um selinho, e sorrindo disse:

PERIGOSAS

— Bem-vinda a Las Vegas, amor!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Continua em: Parte Dois – Welcome to fabulous Las Vegas.

All the Love, Larissa Chagas

*Avalie esse livro na
Amazon, mande o print
para o email
(larischagassty@gmail.com)
e ganhe os marcadores,
desse livro e todos
disponíveis da autora.*

PERIGOSAS - SIMI - Apollymi

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)